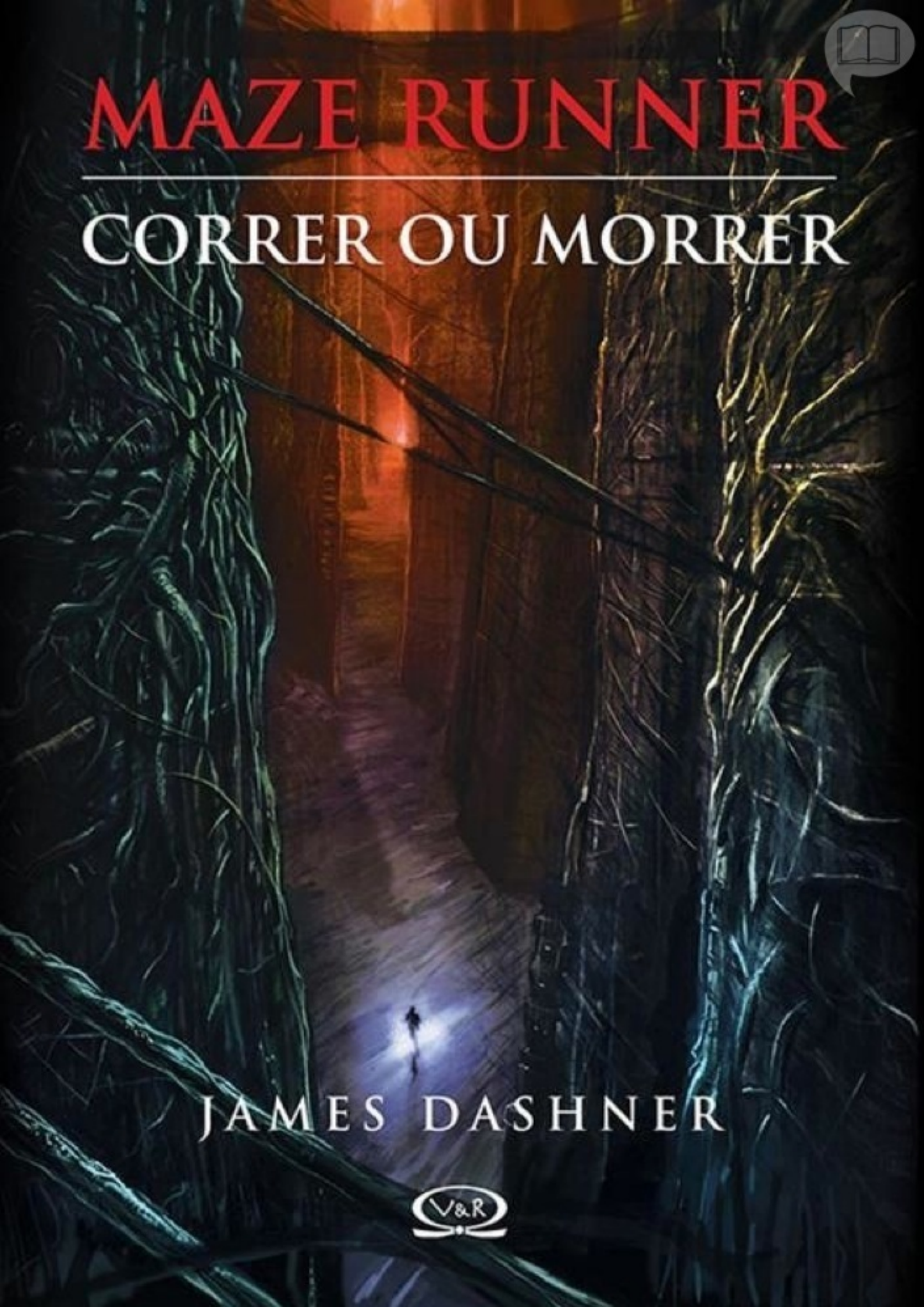

MAZE RUNNER
CORRER OU MORRER
JAMES DASHNER
V&R

Ao acordar dentro de um escuro elevador em movimento, a única coisa que Thomas consegue lembrar é de seu nome. Sua memória está completamente apagada. Mas ele não está sozinho.

Quando a caixa metálica chega a seu destino e as portas se abrem, Thomas se vê rodeado por garotos que o acolhem e o apresentam à Clareira, um espaço aberto cercado por muros gigantescos. Assim como Thomas, nenhum deles sabe como foi parar ali, nem por quê. Sabem apenas que todas as manhãs as portas de pedra do Labirinto que os cerca se abrem, e, à noite, se fecham. E que a cada trinta dias um novo garoto é entregue pelo elevador. Porém, um fato altera de forma radical a rotina do lugar – chega uma garota, a primeira enviada à Clareira. E mais surpreendente ainda é a mensagem que ela traz consigo.

Glossário

E eles são como a polícia local.

Beetle Blades: escaravelhos robôs, a fauna do lugar. Agem como espiões.

Eles tem escrito a palavra “malvado” na sua carapaça.

Bricknick: sem tradução.

Creators: criadores.

Deadheads: sem tradução, área da clareira onde está o cemitério.

Gladers: Habitantes da clareira.

Greenbean: sem tradução, se refere a crianças que vivem no local e que são novatos.

Greenie (Fedelho): sem tradução, bem como a vagem.

Grievers (verdugos): sem tradução, são as criaturas que vagueiam pelo labirinto á noite.

Homestead: sem tradução, parte da Glade (clareira). É um edifício onde dormem e onde fica o banheiro.

Guardian: Os encarregados são responsáveis pela regulamentação das profissões na clareira.

Klunk: idiota,imbecil, merda.

Runners: são aqueles que percorrem o labirinto.

Shank (trolha): sem tradução, é um insulto, uma praga criada pelos garotos.

Shuck-face (Cara de mértila): sem tradução, é também um insulto.

Slammer (Amansador)(Amansador): prisão, localizada em Homestead.

Slicers (Fatiadores): sem tradução, são responsáveis por abater os animais.

Slinthead: sem tradução, que seria uma espécie de insulto.

Sloopers: sem tradução são os encarregados da limpeza em todo o lugar. É

o trabalho menos valorizado.

The Box: O elevador, a caixa, por onde as provisões e os garotos chegam.

Transformação: é o que acontece aos garotos quando eles são atacados pelos Enlutados ou grievers (verdugos).

The Cliff: O precipício.

The Glade: Habitantes da clareira.

The Hole: o buraco.

The Maze: o labirinto.

Trackhoe: sem tradução, encarregado do trabalho pesado, como a abertura valas e esse tipo de coisa.

A clareira é dividida em quatro áreas Deadheads: o cemitério.

Blood House: onde estão os animais se reproduzem e onde eles são abatidos.

Homestead: onde fica o banheiro e os dormitórios.

Gardens: onde ficam as plantações e de onde tiram a água.

1

Ele começou sua nova vida pondo-se em pé, envolvido pela escuridão fria e pelo ar poeirento e rançoso.

Um tremor súbito abalou o piso sob os seus pés, metal rangendo contra metal. O movimento inesperado o derrubou, e ele recuou engatinhando, o suor brotando em gotas da testa, apesar do ar frio. Suas costas se chocaram contra uma rígida parede metálica; ele esgueirou-se colado nela até chegar a um canto do compartimento.

Mergulhando em direção ao chão, encolheu as pernas bem de encontro ao corpo, esperando que os olhos se acostumassem logo à escuridão.

Com mais um solavanco, o compartimento moveu-se bruscamente para cima, como um velho elevador num poço de mina.

Sons ásperos de correntes e polias, como os ruídos de uma velha usina de aço em funcionamento, ecoaram pelo compartimento, abalando as paredes com um lamento vazio e distante. O elevador sem luz oscilava para frente e para trás na subida, o que azedou seu estômago até lhe causar náuseas; um cheiro semelhante ao de óleo queimado invadia-lhe os sentidos, fazendo-o sentir-se pior. Teve vontade de chorar, mas as lágrimas não vinham; só lhe restava ficar ali sentado, sozinho, esperando.

- O meu nome é Thomas, pensou.

Essa era a única coisa de que conseguia se lembrar sobre a própria vida.

Não entendia como podia ser possível. A mente funcionava sem falhas, tentando entender onde se encontrava e qual era a situação.

Informações desencontradas inundaram-lhe os pensamentos, fatos e imagens, lembranças e detalhes do mundo e de como as coisas eram.

Imaginou a neve sobre as árvores, descendo por uma estrada coberta de folhas, comendo um hambúrguer, a lua lançando o seu brilho pálido sobre uma planície gramada, nadando em um lago, uma praça movimentada da cidade com centenas de habitantes preocupados com os próprios problemas.

E ainda assim não sabia de onde vinha, ou como fora parar naquele elevador escuro, ou quem eram os seus pais. Nem sequer se lembrava do

próprio sobrenome. Imagens de habitantes vieram de repente ao pensamento, mas não reconheceu ninguém, os rostos substituídos por manchas de tonalidades fantasmagóricas. Não era capaz de se recordar de ninguém que conhecesse nem de uma única conversa.

O compartimento continuava a subir, sacolejando; Thomas já não se importava com o incessante rangido das correntes que o puxavam para cima. Um longo tempo se passou. Os minutos viraram horas, embora fosse impossível saber com certeza o tempo transcorrido, já que cada segundo parecia uma eternidade. Não!

Ele era mais esperto que aquilo.

Confiando nos próprios instintos, concluiu que estivera subindo por cerca de meia hora.

Por mais estranho que parecesse, sentiu como se o medo fosse desaparecendo, tal qual um enxame de mosquitos levado pelo vento, deixando em seu lugar uma intensa curiosidade.

Queria saber onde estava e o que estava acontecendo.

Com um rangido seguido de um novo tranco, o compartimento ascendente estancou, a súbita transformação tirou Thomas de sua posição encolhida e o jogou sobre o chão duro. Quando conseguiu se levantar, sentiu que o lugar balançava cada vez menos, até que finalmente parou.

Tudo mergulhou no silêncio.

Um minuto se passou. Dois. Ele olhava em todas as direções, mas via apenas a escuridão; apalpou as paredes de novo, procurando um jeito de sair. Porém não havia nada, apenas o metal frio. Gemeu de frustração; o eco de sua voz amplificou-se no vazio, como o lamento fantasmagórico da morte. Os ruídos foram sumindo aos poucos e o silêncio retornou.

Ele gritou, clamou por socorro, esmurrou as paredes.

Nada.

Thomas recuou para o canto outra vez, cruzou os braços e estremeceu.

Então o medo voltou. Sentiu um frêmito de preocupação no peito, como se o coração quisesse escapar, fugir do corpo.

- Alguém... me... ajude! - gritou, cada palavra rasgando-lhe a garganta.

Um rangido estridente acima da sua cabeça o sobressaltou e, engolindo

em seco assustado, olhou para cima.

Uma linha reta de luz apareceu no teto do compartimento, e Thomas ficou observando enquanto ela se alargava. Um som pesado e desagradável revelou portas duplas de correr sendo abertas à força. Depois de tanto tempo na escuridão, a luz feria-lhe os olhos; ele desviou o olhar, cobrindo o rosto com as mãos.

Ouvia ruídos acima - vozes, e o medo comprimiu-lhe o peito.

- Vejam só aquele shank (trolha).

– Quantos anos será que ele tem?

- Parece mais um idiota de camiseta.

- Idiota é você, cara de mértila.

- Meu, que cheiro de chulé lá embaixo!

- Tomara que tenha gostado do passeio só de vinda,Greenie (Fedelho).

- Não tem bilhete de volta, meu irmão.

Thomas foi tomado por uma onda de confusão, dominado pelo pânico.

As vozes eram estranhas, como se tivessem eco; algumas palavras eram totalmente desconhecidas – outras pareciam familiares. De olhos semicerrados, fez um esforço para enxergar na direção da luz e daqueles que falavam. A princípio só conseguiu ver sombras se movendo, mas elas logo ganharam a forma de corpos - habitantes inclinados sobre a abertura no teto, olhando para baixo na sua direção e apontando.

E então, como se as lentes de uma câmera tivessem encontrado o foco, as faces tornaram-se nítidas. Eram garotos, todos eles - alguns mais novos, outros mais velhos. Thomas não sabia o que esperar, mas ver aqueles rostos o confundiu. Eram apenas adolescentes. Garotos. Alguns dos seus temores desapareceram, porém não o bastante para acalmar o coração acelerado.

Alguém jogou uma corda lá de cima, a extremidade amarrada em um grande laço. Thomas hesitou, depois enfiou o pé direito no laço e agarrou-se à corda enquanto era içado. Mãos estenderam-se para baixo, uma porção delas, alcançando-o, agarrando-o pelas roupas, puxando-o para cima. O mundo pareceu girar, uma névoa rodopiante de rostos, cores e luz.

Uma tempestade de emoções fez seu estômago se contrair, contorcer,

revirar; ele queria gritar, chorar, vomitar. Quando o puxaram pela borda áspera da caixa escura o coro de vozes silenciou, mas alguém falou. E

Thomas teve certeza que nunca esqueceria aquelas palavras.

- Legal conhecer você, shank (trolha) - Disse o garoto. - Bem-vindo à clareira.

2

As mãos que o puxaram só pararam de se agitar ao seu redor quando Thomas se levantou e sacudiu a poeira da camisa e das calças.

Ainda atordoado pela claridade, hesitou um pouco. Estava morrendo de curiosidade, mas sentia-se muito enjoado para observar o local mais atentamente.

Seus novos companheiros não disseram nada quando rolou a cabeça de um lado para o outro, tentando assimilar tudo.

Enquanto dava uma volta em torno de si mesmo, os outros garotos riam-se dele e o encaravam; alguns estenderam a mão e cutucaram-no com o dedo. Deviam ser pelo menos uns cinquenta ao todo, as roupas sujas e amassadas, como se tivessem interrompido algum trabalho pesado, um garoto diferente do outro, de vários tamanhos e raças, e cabelos de comprimentos variados. De repente, Thomas sentiu-se atordoado, os olhos indo e voltando dos garotos para aquele lugar bizarro em que se encontrava.

Estavam em um vasto pátio, várias vezes maior do que um campo de futebol, cercado por quatro muros enormes de pedra cinzenta, cobertos por uma hera espessa que se espalhava em manchas desiguais. As paredes pareciam ter mais de cem metros de altura e formavam um quadrado perfeito ao redor daquele espaço. Cada lado era dividido exatamente ao meio por uma abertura tão alta quanto os próprios muros e que, até onde Thomas conseguia ver, levava a passagens e corredores compridos que se estendiam a perder de vista.

- Olhem só o Novato - zombou uma voz fanhosa, que Thomas não conseguiu distinguir de onde vinha. – Vai acabar quebrando o pescoço inspecionando seu novo alojamento.

Vários garotos riram.

- Feche essa matraca, Gally - interveio uma voz mais grave.

Thomas procurou identificar alguém em meio às dezenas de estranhos ao seu redor. Sabia que devia parecer muito deslocado - sentia-se como se tivesse sido drogado. Um garoto alto, de cabelo louro e queixo quadrado, franziu o nariz na sua direção, o rosto inexpressivo. Um outro, baixinho e

rechonchudo, inquietava-se, oscilando para frente e para trás em pé, fixando Thomas com os olhos arregalados. Um jovem asiático, corpulento e musculoso, cruzou os braços enquanto analisava Thomas, a camisa justa e de mangas arregaçadas exibindo os bíceps. Um rapaz de pele escura franziu as sobrancelhas - o mesmo que lhe dera as boas-vindas.

Vários outros o observavam.

- Onde estou? - quis saber Thomas, surpreso ao ouvir a própria voz pela primeira vez até onde conseguia se lembrar. Ela soava um pouco estranha... mais aguda do que tinha imaginado.

- Um lugar nada bom. - A resposta partiu do rapaz de pele escura. -

Agora procure relaxar e acalmar-se.

- Que tipo de encarregado ele vai dar?

- gritou alguém de trás do grupo.

- Já disse, cara de mértila (shuck-face) - uma voz estridente respondeu. - Ele é um idiota, logo será um Slopper... Não tenho a menor dúvida quanto a isso. - O garoto riu como se tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

Uma vez mais, Thomas sentiu uma pressão de ansiedade no peito -

eram tantas palavras e expressões que não faziam sentido. Shank (trolha), encarregado. Slopper. Elas saíam tão naturalmente da boca dos garotos que parecia estranho ele não entender.

Como se a sua perda de memória tivesse roubado um pedaço da sua compreensão - não entendia nada.

Diferentes emoções se chocavam em sua cabeça, atordoando a mente e sufocando o coração. Confusão.

Curiosidade. Pânico. Medo. Mas todas essas emoções eram permeadas por uma sombria sensação de desamparo absoluto, como se o mundo tivesse acabado para ele, como se tivesse sido arrancado de sua memória e substituído por algo sinistro. A sua vontade era sair correndo e se esconder daquela gente.

O garoto de voz fanhosa voltara a falar: ...ou nem mesmo isso; aposto o meu fígado. - Thomas ainda não conseguia ver o rosto dele.

- Eu disse, calem a matraca! - gritou o rapaz de pele escura. -

Continuem tagarelando e o próximo vai ser partido ao meio!

Aquele devia ser o líder, concluiu Thomas. Detestando a maneira como caçoavam dele, procurou se concentrar em avaliar o lugar que o rapaz chamara de clareira.

Adiante havia um pátio cujo chão era composto de enormes blocos de pedra, muitos deles rachados e entranhados de grama e ervas daninhas crescidas. Perto de um dos cantos do quadrado, uma estranha construção de madeira, meio decadente, contrastava completamente com as pedras acinzentadas. Era cercada por algumas árvores, as suas raízes parecidas com mãos encarquilhadas embrenhando-se no chão rochoso em busca de alimento. Em outro canto do conjunto via-se uma espécie de plantação - de onde se encontrava, Thomas reconheceu uns pés de milho, alguns tomateiros, árvores frutíferas.

Do outro lado do pátio, alinhavam-se currais de madeira, em que eram guardados ovelhas, porcos e vacas. Um bosque amplo ocupava todo o último canto; as árvores mais próximas parecendo um tanto enrugadas e à beira da morte. O céu acima deles não tinha nuvens, era muito azul, mas Thomas não viu nem sinal do sol, apesar da claridade do dia. As sombras difusas dos muros não revelavam a hora nem a direção dos raios solares -

podia ser de manhã cedo ou final de tarde. Ele respirou fundo, numa tentativa de acalmar os nervos, e uma mistura de cheiros o invadiu. Lixo recente, estrume, perfume de pinheiros, um aroma podre e adocicado. De algum modo sabia que aqueles eram os cheiros de uma fazenda.

Thomas voltou-se para os seus captores, sentindo-se pouco à vontade, mas ao mesmo tempo desesperado para fazer perguntas.

“Captores”, pensou. Depois refletiu: “Por que essa palavra surgiu na minha cabeça?”

Correu os olhos pelos rostos, apreendendo cada expressão, avaliando-os Os olhos de um garoto, faiscando de ódio, o gelaram. O

garoto parecia tão cheio de raiva que Thomas não se surpreenderia se ele avançasse na sua direção com uma faca. Tinha o cabelo preto, e, quando os seus olhares se encontraram, o garoto abanou a cabeça e virou-se, aproximando-se de um poste de ferro todo besuntado, com um banco de madeira ao lado. Uma bandeira multicolorida pendia inerte do alto do poste, sem vento que revelasse o seu desenho.

Assustado, Thomas ficou mirando as costas do garoto até ele se virar para sentar-se no banco. Thomas rapidamente desviou o olhar.

De repente, o líder do grupo – talvez tivesse uns dezessete anos – deu um passo à frente. Usava roupas comuns: camiseta preta, jeans, tênis, relógio digital. Por alguma razão, Thomas surpreendia-se com as roupas que via; era como se cada um devesse estar usando algo mais ameaçador -

como um uniforme de prisão. O rapaz moreno tinha o cabelo cortado curto, o rosto bem barbeado. Mas além das sobrancelhas sempre franzidas, não aparentava nada que causasse medo.

- É uma longa história, shank (trolha) - disse o rapaz. - Pouco a pouco, você vai descobrir... Vou conversar com você amanhã, no Passeio. Até lá, procure não quebrar nada. -

Estendeu a mão. - Meu nome é Alby.

- Ficou esperando, sem dúvida, para apertarem as mãos.

Mas Thomas não apertou a mão dele, os movimentos inibidos por um instinto desconhecido. Sem dizer nada, deu as costas a Alby e encaminhou-se até a árvore mais próxima, onde deixou-se afundar no chão, apoiando as costas de encontro à casca rugosa. Voltou a ser dominado por uma onda de pânico, forte quase a ponto de parecer insuportável.

Mas respirou fundo e fez um esforço para aceitar a situação. “Deixa rolar”, pensou. “Não vai adiantar nada me entregar ao medo.”

- Então me conte - gritou depois, lutando para não entrecortar a voz.

- Conte a longa história.

Alby olhou de relance para os amigos mais próximos e rolou os olhos para o alto. Thomas examinou o grupo outra vez. Quase acertara na primeira estimativa - devia haver, provavelmente, uns cinquenta a sessenta deles, variando de garotos entrando na adolescência a jovens adultos, como Alby, que parecia ser um dos mais velhos. Naquele instante, com um frio na barriga, Thomas percebeu que não fazia a menor ideia de quantos anos ele próprio tinha. Sentiu um aperto no coração ao pensar nisso - estava tão perdido que nem sequer se lembrava da própria idade.

- Falando sério – insistiu, abandonando a pose de valente. - Onde é que eu estou?

Alby aproximou-se e sentou, cruzando as pernas; o bando de garotos o

acompanhou e se aglomerou atrás. As cabeças se destacavam aqui e ali, os garotos inclinando-se em todas as direções para enxergar melhor.

- Se não estiver com medo - falou Alby, então não é humano. Aja de maneira diferente e vou atirá-lo do precipício, porque isso significaria que é um louco.

- precipício? - repetiu Thomas, o sangue fugindo-lhe da face.

- Shank (trolha) - disse Alby, esfregando os olhos. - Agora não dá pra gente conversar sobre isso, está entendendo?

Não matamos shank (trolhas) como você aqui, eu garanto. Só tente evitar ser morto, dê um jeito de sobreviver, sei lá.

Ele fez uma pausa e Thomas concluiu que o seu rosto devia ter empalidecido ainda mais ao ouvir a última parte.

- Cara - recomeçou Alby, depois passando as mãos pelo cabelo curto e soltando um longo suspiro. - Não sou muito bom pra essas coisas...

você é o primeiro Novato(Greenbean) desde que Nick foi assassinado.

Thomas arregalou os olhos enquanto outro jovem se aproximou e deu um tapinha de brincadeira na cabeça de Alby.

- Espere pelo maldito Passeio, Alby – sugeriu ele, a voz grossa com um sotaque estranho. - O garoto vai ter um ataque do coração, e nem ouviu toda a história ainda. - Ele inclinou-se e estendeu a mão para Thomas. -

Meu nome é Newt, Fedelho, e seria bem legal pra todo mundo se desculpasse o nosso novo líder “tenho-uma-merda-no-cérebro” aqui.

Thomas estendeu a mão e apertou a do rapaz - ele parecia muito mais amigável do que Alby. Newt era mais alto do que Alby também, mas devia ser cerca de um ano mais novo. Seu cabelo era louro e comprido, caindo em ondas sobre a camiseta. As veias se dilatavam nos braços musculosos.

- Engula essa língua, cara de mértila(shuck-face (Cara de mértila) -

grunhiu Alby, puxando Newt para sentar-se ao seu lado. - Pelo menos ele consegue entender metade das minhas palavras. - Ouviram-se risinhos esparsos. Depois todos se juntaram atrás de Alby e Newt para ouvir o que eles estavam dizendo, diminuindo ainda mais o espaço.

Alby abriu os braços com as mãos espalmadas para o alto.

- Este lugar se chama clareira, certo?

É onde moramos, onde comemos, onde dormimos... chamamos a nós mesmos de os Habitantes da clareira. Isso é tudo o que você...

- Quem me mandou para cá? - Thomas o interrompeu, o medo cedendo à raiva. - Como...?

Mas Alby era mais rápido e, antes que Thomas pudesse terminar, agarrou-o pela gola à medida que se inclinava para a frente, apoiado sobre os joelhos.

- Levante-se, shank (trolha), levante-se!

- Alby ficou de pé, levando Thomas consigo.

Thomas finalmente conseguiu se levantar, de novo totalmente assustado.

Encostou-se na árvore, tentando livrar-se de Alby, mas ele permaneceu na sua frente.

- Sem interrupções, garoto - bradou. - Seu mocorongo, se eu lhe contasse tudo, você morreria de medo, bem depois de se cagar nas calças.

Os Embaladores(Baggers) o levariam e você não serviria mais de nada pra gente!

- Eu nem sei do que você está falando - respondeu Thomas devagar, impressionado ao perceber como sua voz soava serena.

Newt estendeu os braços e segurou Alby pelos ombros.

- Alby, pega leve. Está mais o assustando do que ajudando, sabia?

Alby soltou a gola de Thomas e deu um passo para trás, o peito arfando, a respiração tensa.

- Não tenho tempo para ser legal, Novato. A vida anterior acabou, uma nova começa. Aprenda logo as regras, ouça, não fale. Está me entendendo?

Thomas olhou para Newt, buscando ajuda. Tudo dentro dele se remexia e doía; as lágrimas, querendo brotar, faziam os olhos arder.

Newt acenou com a cabeça.

- Greenie (Fedelho), você entendeu o que ele disse, certo? -

Acenou de novo.

Thomas fungou, querendo esmurrar alguém. Mas simplesmente cedeu.

- Entendi.

- Bom isso - admitiu Alby. - Primeiro Dia. Isso é o que hoje é para você, shank (trolha). A noite está chegando, os runners (corredores) voltarão logo.

A caixa veio tarde hoje, não temos tempo para o Passeio. Amanhã de manhã, logo depois de acordar... - Ele se virou para Newt. - Arranje uma cama para ele, faça com que durma.

- Bom isso - concordou Newt.

Alby olhou mais uma vez para Thomas, os olhos semicerrados.

- Em poucas semanas, você estará feliz, shank (trolha). Estará feliz e ajudando.

Nenhum de nós tinha noção de nada no primeiro dia, assim como você. A nova vida começa amanhã.

Alby voltou-se e abriu caminho pelo meio do grupinho, depois se encaminhou para a decadente construção de madeira no canto. A maioria dos garotos se dispersou, cada um lançando a Thomas um olhar demorado antes de se afastar.

Thomas cruzou os braços, fechou os olhos e respirou fundo. O

vazio que tomara conta do seu ser rapidamente era substituído por uma tristeza aguda. Aquilo era demais – onde estava? Que lugar era aquele?

Seria algum tipo de prisão? Nesse caso, por que fora mandado para lá, e por quanto tempo? Os garotos falavam de um jeito estranho, e nenhum deles parecia se importar se ia viver ou morrer. Outra vez, as lágrimas ameaçaram encher-lhe os olhos, mas ele se recusou a deixar que viessem.

- O que foi que eu fiz? - sussurrou, ainda que suas palavras não se dirigissem a ninguém. - O que foi que eu fiz... por que me mandaram para cá?

Newt deu-lhe um tapinha no ombro.

- Greenie (Fedelho), isso que está sentindo todos nós já sentimos.

Todos tivemos o primeiro dia, ao sair daquela caixa escura. As coisas

são ruins, são mesmo, e ficarão muito piores para você em breve, essa é a verdade. Mas, depois de algum tempo, vai se sentir mais conformado e satisfeito. Posso garantir que você não é um maldito maricas.

- Isto aqui é uma prisão? - quis saber Thomas; vasculhou na escuridão dos seus pensamentos, procurando uma falha cometida no passado.

- Já terminou com as perguntas? - replicou Newt. - De qualquer maneira, as respostas não são boas para você, ainda não. O melhor é se acalmar agora, aceitar a transformação... Amanhã vai ser outro dia.

Thomas não disse nada, baixou a cabeça, os olhos pregados no chão rochoso, rachado. Uma fileira de ervas de folhas miúdas corria pela borda de um dos blocos de pedra, com florzinhas amarelas abertas como se buscassem o sol que há muito desaparecera atrás dos muros enormes da clareira.

- O Chuck vai ser bom para você - disse Newt. - Ele é um shank (trolha) pequeno e um pouco gordo, mas no fundo é um cara legal. Espere aqui, volto logo.

Newt mal acabara de falar quando um grito lancinante atravessou o ar de repente. Sonoro e arrepiante, um gemido que mal parecia humano ecoou pelo pátio de pedras; todos os garotos em seu campo de visão voltaram-se para olhar na direção de onde partira. Thomas sentiu o sangue gelar nas veias ao perceber que o som horrível viera da construção de madeira.

Até mesmo Newt parara assustado, a testa franzida de apreensão.

- Inferno - disse ele. - Será que os malditos Socorristas não conseguem controlar aquele garoto por dez minutos sem a minha ajuda?

- Abanou a cabeça e deu um chutinho no pé de Thomas. -

Encontre o Chuck, diga que ele está incumbido de arranjar um lugar para você dormir. - Então voltou-se e saiu correndo rumo à construção.

Thomas escorregou de encontro ao tronco rugoso da árvore até senta-se novamente no chão. Encolheu-se, apoiando as costas contra a madeira.

Fechou os olhos, só querendo acordar daquele pesadelo horrível.

3

Thomas ficou ali sentado por vários minutos, esgotado demais para se mexer. Finalmente, obrigou-se a olhar para o edifício decadente.

Um grupo de garotos aglomerava-se do lado de fora, olhando ansiosos para as janelas superiores como se esperassem que um monstro horrendo saltasse para fora em meio a uma explosão de vidros e madeira.

Um tilintar metálico entre os galhos acima chamou-lhe a atenção, atraindo seu olhar; um raio de luz prateada e vermelha capturou seus olhos imediatamente antes de desaparecer do outro lado do tronco.

Ele se levantou e deu a volta na árvore, esticando o pescoço em busca de um sinal do que acabara de ouvir, mas só encontrou galhos nus, cinzentos e marrons, abrindo-se em forquilhas como dedos esqueléticos - e parecendo vivos.

- Isso era um daqueles escaravelho robôs mecânicos - disse alguém.

Thomas virou-se para a direita e encontrou um garoto em pé ao seu lado, baixo e rechonchudo, olhando na sua direção. Ele era bem jovem -

provavelmente o mais novo de todo o grupo, pelo menos dos que ele conhecera até então, talvez com uns doze ou treze anos de idade. O cabelo castanho caía-lhe sobre as orelhas e o pescoço, roçando os ombros.

Os olhos azuis brilhavam num rosto triste, fofo e corado.

Thomas fez um sinal para ele com um movimento de cabeça.

- Um escaravelho... o quê?

- Um escaravelho robô - repetiu o garoto, apontando para o alto da árvore.

- Não fazem mal nenhum, a menos que você seja burro o bastante para encostar num deles. - Fez uma pausa. ...shank (trolha). - Não se sentiu à vontade dizendo essa última palavra, como se não tivesse entendido direito a gíria da clareira.

Outro grito, dessa vez longo e arrepiante, rasgou o ar, e Thomas sentiu o coração parar. O medo espalhava-se como uma capa gelada sobre a sua pele.

- O que está acontecendo lá? - perguntou, apontando para o edifício.

- Sei lá - o garoto rechonchudo respondeu; a sua voz ainda tinha os agudos esganiçados da infância. - O velho Ben está lá, sofrendo como um cão. Eles o pegaram.

- Eles? - Thomas não gostou do tom malicioso com que o garoto pronunciara a palavra.

- É.

- Quem são Eles?

- Melhor que você nunca descubra - respondeu o garoto, parecendo à vontade demais na situação. Ele estendeu a mão. - Eu sou Chuck. Eu era o Novato até você aparecer.

"É esse o meu guia esta noite?", pensou Thomas. Mal conseguia superar o mal-estar extremo e agora já começava a se irritar. Nada fazia sentido; a cabeça doía.

- Por que todo mundo está me chamando de Novato? - quis saber, ao apertar rapidamente a mão de Chuck, logo soltando-a.

- Porque você é o mais novo Calouro. - Chuck apontou para Thomas e riu. Outro grito partiu da casa, como se viesse de um animal faminto sendo torturado.

- Como pode estar rindo? - revoltou-se Thomas, horrorizado com o ruído. - Parece que alguém está morrendo lá.

- Ele vai ficar bem. Ninguém morre se conseguem trazê-lo a tempo para aplicar o Soro. É tudo ou nada.

Morto ou vivo. Só que dói bastante.

Thomas pensou depressa.

- O que dói bastante?

Chuck desviou o olhar como se não soubesse ao certo o que dizer.

- Hã... ser picado pelos grievers (verdugos) Chuck deu de ombros, depois desviou o olhar e rolou os olhos para o alto.

Thomas suspirou frustrado e abandonou-se de encontro à árvore.

- Parece que você sabe pouco mais do que eu - disse, mas com certeza

aquilo não era verdade. A sua perda de memória era estranha.

Conseguia se lembrar de muita coisa da vida, porém faltavam os dados específicos, os rostos, os nomes. Como um livro intacto, mas em que faltasse uma palavra a cada dez, tornando a leitura cansativa e confusa.

Ele nem sequer sabia a própria idade.

- Chuck, quantos... quantos anos você acha que eu tenho?

O garoto olhou-o de cima a baixo.

- Eu diria uns dezesseis. E para o caso de estar em dúvida... um metro e oitenta... cabelos castanhos. Ah, e feio como um churrasquinho de fígado torrado. - Ele deu uma risada.

Thomas estava tão atordoado que nem ouviu a última parte.

Dezesseis?

Tinha dezesseis anos? Sentia-se muito mais velho do que isso.

- Está falando sério? - Fez uma pausa, procurando as palavras. -

Como... - Nem mesmo sabia o que perguntar.

- Não se preocupe. Vai ficar meio chapado nos primeiros dias, mas logo vai se acostumar com o lugar. Eu me acostumei. Vivemos aqui, só isso. Melhor do que viver num monte de klunk (merda). - Ele deu uma piscada, como que prevendo a próxima pergunta de Thomas. - Klunk é outra palavra para cocô. O cocô faz klunk quando cai no vaso...

Thomas olhou para Chuck, incapaz de acreditar que estava tendo aquela conversa.

- Legal - era tudo o que conseguiu dizer. Levantando-se, passou por Chuck em direção ao edifício decadente; choça seria um nome melhor para aquele lugar. Parecia ter três ou quatro andares de altura e estar prestes a desabar a qualquer momento - um amontoado maluco de troncos e tábuas presos com cordas, as janelas parecendo ter sido dispostas a esmo, os imensos muros de pedra cobertos de hera elevando-se por trás. Enquanto atravessava o pátio, o cheiro penetrante de uma fogueira e de algum tipo de carne assada fez o seu estômago contrair. Saber agora que os gritos vinham apenas de um garoto com dores era um certo alívio para Thomas. Até pensar no que causara a dor...

- Qual é o seu nome? - indagou Chuck atrás dele, correndo para

alcançá-lo.

- O quê?

- O seu nome! Ainda não nos contou... e sei que isso você deve se lembrar muito bem.

- Thomas. - Ele mal ouviu a si próprio... os seus pensamentos corriam em outra direção. Se Chuck estivesse certo, acabara de descobrir uma ligação com os outros garotos. Um padrão comum de perda de memória. Todos se lembravam do próprio nome. Por que não do nome dos pais? Por que não do nome dos amigos? Por que não do sobrenome?

- Legal conhecê-lo, Thomas – falou Chuck. Não precisa se preocupar, vou tomar conta de você. Cheguei há um mês e conheço tudo isso aqui. Você pode confiar no Chuck, certo?

Thomas estava quase chegando à porta da frente da choça e ao pequeno grupo de garotos aglomerados ali quando era tomado por um repentino e surpreendente acesso de raiva.

Virou-se para encarar Chuck.

- Você nem consegue me contar nada.

Não diria que isso é tomar conta de mim.

Ele se voltou em direção à porta, com a intenção de entrar e encontrar algumas respostas. De onde tirara a coragem e a determinação súbitas não fazia a menor ideia.

Chuck encolheu os ombros.

- Nada do que eu disser vai fazer você se sentir melhor - falou. -

Basicamente, ainda sou um Novato também. Mas posso ser seu amigo...

- Não preciso de amigos - Thomas o interrompeu.

Chegou à porta, uma lousa de madeira sombria e desgastada pelo sol, então abriu-a para ver vários garotos de expressão séria esperando ao pé de uma escada torta, os degraus e corrimãos retorcidos e virados em todas as direções. As paredes da entrada e do corredor eram forradas com papel escuro já descascando em alguns pontos. Os únicos elementos decorativos à vista eram um vaso empoeirado sobre uma mesa de três pernas e um retrato em preto e branco de uma mulher idosa usando um vestido branco fora de moda. Aquilo lembrou a Thomas uma casa mal-assombrada de um

filme ou coisa parecida. Faltavam até mesmo tábuas do assoalho.

O lugar recendia a poeira e bolor – um grande contraste com os aromas agradáveis do lado de fora. Luzes fluorescentes piscantes brilhavam no teto. Não tinha pensado nisso ainda, mas ficou se perguntando de onde vinha a eletricidade em um lugar como a clareira. Olhou para a senhora na fotografia. Teria morado ali um dia? Teria cuidado daqueles habitantes?

- Ei, olhem, é o Novato - falou um dos rapazes mais velhos.

Sobressaltado, Thomas percebeu que era o garoto de cabelos pretos que lhe dirigira aquele olhar sinistro na chegada. Parecia ter uns quinze anos, era alto e magro. O nariz, do tamanho de um pequeno punho, lembrava uma batata deformada.

- Esse shank (trolha) provavelmente deve ter cagado nas calças quando ouviu o velho Ben gritar como uma menina. Está precisando trocar a fralda,shuck-face (Cara de mértila) (cara de mértila)?

- O meu nome é Thomas. - Tinha de se safar daquele cara. Sem mais palavras, encaminhou-se para a escada, só porque ela estava próxima, só porque não tinha a menor ideia do que fazer ou dizer. Mas o importuno postou-se na sua frente, levantando a mão.

- Alto lá, Fedelho. - Apontou com o dedo para o andar de cima. -

Os Novatos não têm permissão para ver alguém que foi... pego. Newt e Alby não deixam.

- Qual é o seu problema? - reagiu Thomas, tentando não revelar o medo na voz, tentando não pensar no que o garoto quisera dizer com pego.

- Nem mesmo sei onde estou. Só estou procurando ajuda.

- Escute aqui, Novato. - O garoto enrugou a face, cruzando os braços.

- Já vi você antes. Alguma coisa cheira mal em você e vou descobrir o que é.

Uma onda de calor percorreu as veias de Thomas.

- Nunca vi você em toda a minha vida.

Não faço ideia de quem você é, e não me interessa saber -desfechou. Mas de fato como ele saberia?

E como aquele garoto podia lembrar-se dele?

O valentão soltou uma risadinha misturada com um bafo de catarro.

Depois ficou sério, cerrando as sobrancelhas.

- Eu.. vi você, trolha. Não há muitos neste lugar que podem dizer que foram ferroados. - Ele apontou para o alto da escada. - Eu fui. E sei o que o Ben está passando. Já estive lá. E vi você durante a transformação. -

Estendeu a mão e bateu no peito de Thomas. - E aposto a sua primeira refeição do Frypan que o Ben vai dizer a mesma coisa também.

Thomas recusou-se a desviar o olhar, mas decidiu não dizer nada.

O pânico começava a devorá-lo de novo.

Será que as coisas nunca iam parar de piorar?

- Os grievers já o fizeram molhar as calças? - o garoto indagou com um sorriso irônico. - Está um pouquinho assustado agora? Não quer ser ferroado, né?

Lá vinha aquela palavra de novo.

Ferroado. Thomas tentou não pensar nela e apontou para a escada, de onde os gemidos do garoto doente ecoavam pelo prédio.

- Se o Newt está lá em cima, então quero falar com ele.

O garoto não disse nada, limitou-se a olhar para Thomas por vários segundos. Então balançou a cabeça.

- Quer saber? Você está certo, Tommy?

Eu não devia me preocupar tanto com os Calouros. Suba lá e tenho certeza de que Alby e Newt vão deixar você por dentro de tudo. Sério, pode ir. Me desculpe.

Deu um tapinha nas costas de Thomas e afastou-se para o lado, fazendo um gesto em direção à escada. Mas Thomas sabia que o garoto estava tramando alguma coisa. Não é porque alguém perde parte da memória que se transforma em um idiota.

- Qual é o seu nome? - indagou Thomas, para ganhar tempo enquanto decidia se deveria subir ou não.

- Gally. E não se deixe enganar por ninguém. Sou eu quem realmente manda aqui, não as duas velhotas shank (trolha) lá em cima. Eu.

Pode me chamar de Comandante Gally se quiser.

- Sorriu pela primeira vez; os dentes combinando com o nariz desagradável. Faltavam uns dois ou três e nenhum deles nem de longe se aproximava de algo de cor branca. A respiração que ele deixou escapar era o bastante para Thomas sentir o bafo, fazendo-o lembrar-se de algo horrível na memória que não conseguia identificar. Aquilo fez o seu estômago revirar.

- Tudo bem - disse, com tanto nojo do garoto que teve vontade de gritar e dar-lhe um murro na cara. - Comandante Gally então. - Fez uma continência exagerada, sentindo uma descarga de adrenalina ao perceber que havia passado do limite.

Umas risadinhas escaparam do grupo e Gally olhou em volta, com o rosto vermelho. Voltou a encarar Thomas, a raiva encrespando as suas sobrancelhas e enrugando o nariz monstruoso.

- Apenas suba a escada - falou Gally.

- E fique longe de mim, cabeção.

- Apontou de novo para o alto, mas não tirou os olhos de Thomas.

- Ótimo. - Thomas olhou ao redor uma vez mais, embaraçado, confuso, com raiva. Sentia o calor do sangue no rosto. Ninguém esboçou Ninguém se moveu para detê-lo como ele Gally que havia sido solicitado, exceto Chuck, que estava parado na porta da frente balançando a cabeça.

- Você deveria, disse o garoto. Você é novato, você não pode subir.

- Vai, Gally disse com um suspiro. - Sobe.

Thomas lamentou ter chegado lá, em primeiro lugar, mas queria falar com o tal do Newt.

Ele começou a subir as escadas. Cada etapa estava reclamando do seu peso, poderia ter parado por medo de cair pela madeira podre, se não fosse porque tivesse deixado uma situação muito embaraçosa lá embaixo.

Subiu, estremecendo, fazendo uma careta com cada um estalo ouvido.

As escadas chegaram a um destino que virava à esquerda, em seguida, terminou em uma antiga passagem que levava a várias habitações.

Apenas uma porta tinha luz que saía pela ranhura de dentro.

- transformação! Gally gritou de baixo. Vai buscá-lo, shuck-face (Cara de mértila)!

Como se o desafio teria dado a Thomas alguma coragem, caminhou para a porta iluminada, ignorando as tábuas do assoalho e as risadas de que vinham de baixo ignorando o ataque não conseguia entender as palavras, suprimindo os terríveis sentimentos que lhe causavam, pegou na maçaneta, a girou e abriu a porta.

Dentro da habitação, Newt e Alby estavam inclinados sobre alguém em uma cama.

Thomas se aproximou para ver o que todo o alarido era, mas quando tinha uma visão clara da condição do paciente, seu coração gelou.

Ele teve conter a bile que subiu em sua garganta.

O que ele viu foi rápido, por só alguns segundos, mas era o suficiente para o perseguir para sempre. Uma figura torcida e pálida em agonia, com o peito nu e repulsivo. Tenso e sequências rígidas de um verde doentio dobraram o corpo do garoto e apêndices, como cordas sob sua pele.

Contusões o cobriam, manchas vermelhas e arranhões ensanguentados. Seus olhos injetados de sangue saíam de suas órbitas, movendo-se para a frente e para trás do seu lugar. A imagem ficou gravada na mente de Thomas e antes de que Alby ficasse em pé bloqueando a sua visão, mas não os gemidos e gritos, empurrando Thomas para fora do quarto, logo fechando a porta atrás deles.

- O que você está fazendo aqui, Novato? Alby exclamou, fechando os lábios com raiva, suas os olhos abem abertos.

Thomas sentiu-se débil. - Eu, uh, eu quero respostas, ele murmurou, mas não conseguiu Colocar força em suas palavras e se sentiu vencido por dentro.

O que aconteceu com esse cara? Thomas inclinou-se no corrimão do corredor e viu o chão, não sabia ao certo o que fazer agora.

- Desça esse seu rabo para aquelas escadas, agora, ordenou Alby. -

Chuck você ajude-o. Só vou ver você de novo amanhã de manhã. Caso contrário você não vai viver pra ver outro de novo estando vivo, me entendeu?

Thomas se sentiu humilhado e assustado. Era como se tivesse reduzido

ao tamanho de um rato. Sem dizer uma palavra, empurrou Alby para passar e foi para as escadas, indo tão rápido quanto podia.

Ignorando a opinião de todos abaixo, especialmente a de Gally, saiu pela porta, puxando o braço Chuck ao fazê-lo.

Thomas odiava esses habitantes. Em tudo. Menos a Chuck. Leveme para longe de esses caras - Thomas disse, e percebeu que o Chuck realmente era o único amigo tinha neste mundo.

- Claro, respondeu Chuck, com sua voz animada, como se estivesse feliz de que precisassem dele. Mas primeiro vou conseguir comida pra você com Frypan.

- Eu não sei se posso comer de novo, não depois que ele tinha acabado de ver.

- Sim, sim, você vai, eu vou te ver na mesma árvore como antes, em 10 minutos.

Thomas estava mais do que feliz em deixar a casa, e voltou para a árvore.

Já bastava pra ele saber o que era viver ali e já queria que aquilo tudo terminasse. Ele desejava com toda a força, recordar alguma coisa sobre a sua vida passada. Alguma coisa sobre, sua mãe, ou seu pai, sua escola, algum passatempo, ou alguma menina.

Ele piscou várias vezes, tentando tirar a imagem de dentro de sua mente.

A transformação, Gally tinha chamado de a transformação.

Não fazia frio, mas Thomas sentia arrepios.

4

Thomas inclinou-se contra uma árvore enquanto aguardava por Chuck.

Estudava a clareira. Este novo local de pesadelos onde ele parecia destinado a viver.

As sombras das paredes tinham se alongado consideravelmente, e subiam as encostas da pedra com a frente cobertas com grama do outro lado.

No mínimo isso ajudou Thomas a saber as direções, o pequeno edifício de madeira no canto noroeste, mergulhado na sombra que ia escurecendo. Um bosque no sudoeste, a fazenda, onde alguns trabalhadores ainda caminhavam pelos campos, espalhados por todo o local ao nordeste da clareira.

Os animais estavam, no canto sudeste, rugindo, cantando e berrando.

Exatamente no meio do pátio, o obscuro buraco da caixa ainda estava aberto, como se o convidasse a saltar dentro e voltar a casa. Ali perto, talvez a cerca de 6m ao sul, estava um grande edifício feito de blocos de concreto bruto, com uma ameaçadora porta de aço, sendo a sua única entrada. Não havia janelas. Uma enorme maçaneta redonda que parecia um volante de aço ensinava a única maneira de abri-la,exatamente como algo dentro de um submarino.

Apesar do que ele tinha acabado de ver, Thomas não sabia o que mais sentia se era curiosidade de saber o que estava dentro,ou o medo que sentia ao descobrir.

Thomas teve que por a atenção para as 4 grandes aberturas do portão principal no meio das paredes principais da clareira, quando Chuck chegou, com um par de sanduíches em suas mãos, acompanhado de maçãs e duas taças de metal com água. O alívio que tomava conta de Thomas o surpreendeu não estava inteiramente sozinho neste lugar.

- Frypan não estava muito feliz de que invadissem a sua cozinha antes do jantar, disse Chuck, sentado ao lado da árvore, fazendo um gesto para que Thomas fizesse o mesmo. Ele o fez, levou o sanduíche, mas ele hesitou, a imagem monstruosa viva do que havia visto na cabine voltava à sua mente. No entanto, logo sua fome ganhou força, e deu uma enorme

mordida no sanduíche.

O maravilhoso sabor do presunto, queijo e maionese enchiam sua boca.

- Oh, homem, Thomas murmurou com a boca cheia. Eu estava morrendo de fome.

- Eu te disse – falou Chuck enquanto mordia o sanduíche.

Depois de mais outras mordidas, Thomas finalmente perguntou o que o estava preocupando.

- O que há de errado com Ben? Já nem sei se é humano.

Chuck se virou para ver a casa. Eu não sei bem, murmurou distraído, não o vi.

Thomas sabia que o garoto não estava sendo honesto, mas decidiu não pressioná-lo, -Bem, se não quiser vê-lo, acredite em mim, ele continuou a comer, mastigava as maçãs enquanto estudava as enormes rachaduras nas paredes. Apesar de ser difícil distingui-lo desde onde estava sentado, havia algo estranho nas margens das pedras da saída para os corredores de fora. Sentiu uma desconfortável vertigem vendo as enormes paredes maciças, como se estivesse flutuando sobre elas em vez de estar em sua base.

- O que tem lá fora? Ele perguntou, finalmente quebrando o silêncio. É isto aí parte de um castelo ou algo assim?

Chuck vacilou e ficou inquieto. -Hum, ele nunca havia estado fora da clareira.

Thomas fez uma pausa. - Ele está me escondendo alguma coisa, disse ele, finalmente, passando sua última mordida e tomou um grande gole de água.

A frustração por não obter respostas de alguém, estava começando a acabar com seus nervos, pensando apenas no pior da situação, ou se tivesse respostas, não saberia se ele estivesse falando a verdade.

Por que vocês são tão cheios de segredos?

- É assim que tem que ser, as coisas aqui são estranhas, a maioria de nós não sabemos tudo, ou mesmo a metade de tudo.

A Thomas lhe incomodava o fato de que Chuck não parecia irritado com que ele tinha acabado de dizer. Se mostrava indiferente, sem perceber que

estivessem roubando sua vida. O que teria acontecido com esses habitantes? Thomas se levantou e começou a caminhar para a abertura.

- Bem, ninguém disse que não poderia dar uma olhada. Precisava saber alguma coisa ou iria ficar louco.

- Ei, espere! Chuck gritou, correndo para alcançá-lo. Tome cuidado, esses cachorros estão prestes a fechar. Ele parecia sem fôlego.

- Fechar? Thomas repetiu. Do que você está falando?

- As portas, tonto.

- portas? Eu não vejo nenhuma porta.

Thomas sabia que Chuck não estava inventando, sabia que estava faltando alguma coisa que era óbvia. Ele começou a sentir-se desconfortável e reduziu o passo, já não ia tão ansioso para chegar às muralhas.

- Como é que você chama aquelas enormes aberturas? Disse Thomas apontando para as enormes aberturas nas paredes, que estavam a apenas alguns metros agora.

Eu chamaria aberturas enormes, disse Chuck, tentando se acalmar do desconforto,com sarcasmo e decepcionado de que não estivesse funcionando.

- Bem, são portas e fecham cada noite.

Thomas fez uma pausa, pensando que Chuck deveria ter dito algo errado. Olhou para cima e de lado a lado, olhou para as enormes lajes de pedra, enquanto desconforto se transformava em dor. - O que você quer dizer com “se fecham”?

- Você vai ver por si mesmo em um minuto, os runners vão voltar em breve, e essas enormes paredes se moviam até que os buracos se fechassem.

- Você está doente da cabeça, murmurou Thomas. Não podia ver como as imensas muralhas pudessem se mover, ele estava tão certo disso que relaxou, pensando que Chuck estava fazendo uma brincadeira.

Eles chegaram na enorme abertura que levava para fora da trilha de pedra.

Thomas abriu a boca, sua mente se esvaziou de todos os pensamentos

ao ver tudo mais de perto.

- Este é chamado de o portão leste, disse Chuck, como se revelasse com orgulho uma obra ele havia feito.

Thomas só escutava, espantado por ver quão grande que era quando via mais de perto.

Pelo menos tinha uns 6m de altura a abertura na parede chegava até o topo.

As ombreiras que enfeitavam a porta eram lisas, com exceção de um estranho padrão repetido em ambos os lados. No lado esquerdo do portão oriental, buracos profundos de vários centímetros de diâmetro o espaço daria quase 30 centímetros e eram esculpidas na pedra, começando no chão e continuava até em cima.

No lado direito da porta, barras de 30 centímetros de largura saíam da borda da parede, também de vários centímetros de diâmetro, no mesmo padrão dos buracos no outro lado, o seu propósito era óbvio.

- Você está brincando? Perguntou Thomas, com o desgosto voltando a invadir as suas entranhas. Você não estava brincando? As paredes realmente se movem ?

- O que mais poderia ter dito?

Thomas teve dificuldades para que sua mente pudesse processar essa possibilidade. - Eu não sei. Pensei que haveria uma porta que se fechasse ou uma pequena parede que deixasse de ser grande, como podem estes muros se mexer? Eles são enormes e parecem ter estado aí por milhares de anos. E a ideia de que essas pedras se fechavam e o deixassem preso,dentro desse lugar chamado de a clareira era aterrorizante.

Chuck levantou os braços, claramente frustrado. Eu não sei, só se movem, com um barulho terrível, o mesmo acontece com o labirinto, as paredes se movem a cada noite também.

A atenção de Thomas se voltou de repente, para um detalhe e se virou de novo para ver Chuck. - O que você está dizendo?

- Hã?

- Você acabou de dizer labirinto, você disse que o mesmo aconteceu no labirinto.

O rosto de Chuck ficou vermelho.

- Estou rindo de você, eu desisto. E voltou para árvore que tinha acabado de deixar.

Thomas o ignorava, mais interessado do que nunca na região periférica da clareira. Um labirinto? Antes dele, através do portão leste, podia ver passagens que conduziam à esquerda, a direita e até em frente, e as paredes destes eram parecidas com as paredes que rodeavam a clareira, o chão era feito de blocos imensos iguais os do pátio. A grama parecia ainda mais grossa lá. À distância, mais aberturas no caminho que conduziam a outros caminhos, e ainda, talvez centenas de metros na passagem em linha reta chegava a um beco sem saída.

- Parece um labirinto, disse Thomas sussurrando, quase se rindo, como se as coisas não pudessem se tornar ainda mais estranhas. Eles tinham apagado sua memória e o tinham posto em um enorme labirinto.

Parecia tudo tão louco, quanto engraçado.

Seu coração parou por um segundo, quando um rapaz apareceu dando uma volta em uma esquina em frente a ele, entrando no caminho principal da passagem desde uma das passagens a direita, correndo na direção dele e da clareira. Coberto de suor, o rosto vermelho,a roupa pegando em seu corpo, o rapaz não parou, apenas observava Thomas, enquanto o passava. Ele se dirigiu diretamente para o edifício de concreto que ficava perto da caixa.

Thomas se voltou-para ver para ver o rapaz enquanto passava, com os seus olhos colados no corredor exausto, inseguro de porque este novo acontecimento o surpreendia tanto, porque os habitantes não o deixariam explorar o labirinto? Então ele percebeu que os outros entravam pelas outras três aberturas todos correndo e olhando tão ásperos pro garoto, que se sentiu assustado. Não poderia haver nada de bom no labirinto se estes garotos voltavam tão assustados e magoados.

Notou com curiosidade, como eles se reuniam diante da enorme porta de aço do edifício, um dos garotos virou a enferrujada maçaneta, que rangia com o esforço, Chuck havia dito algo sobre os runners antes, o que haviam estado fazendo lá fora?

A enorme porta aberta se abrira finalmente, e com um forte som de metal contra metal,os garotos a abriram mais. Desapareciam quando

entraram, fechando-a por detrás deles com um forte clonk. Thomas olhava, sua mente trabalhava para ter uma possível explicação para o que ele tinha acabado de ver.

Nada, mas algo próximo dessa espantosa e velha construção antiga lhe davam calafrios e um arrepio alarmante.

Alguém puxou-o pela manga, deixando longe seus pensamentos, Chuck estava de volta.

Antes de que Thomas pudesse pensar, as questões estavam saindo de sua boca.

- Quem são eles e o que eles fazem? O que é aquele prédio? Virou-se apontou para a porta do leste. E por que eles vivem em um labirinto?

Sentia uma crescente insegurança que fez com que sua cabeça se partisse com a dor.

- Não diga mais nada, disse Chuck, com uma nova autoridade preenchendo sua voz. Acho que você deveria ir para a cama mais cedo, você precisa de descanso, ah! -Ele parou e levantou um dedo, apontando para sua orelha direita. Está prestes a acontecer.

- O quê? Thomas perguntou, surpreso que Chuck estivesse agindo como um adulto em vez de ser o garoto desesperado por um amigo que havia sido apenas uns momentos antes.

Um forte barulho cortou o ar, fazendo Thomas saltar, era seguido por um terrível esmagamento. Thomas cambaleou para trás e caiu no chão, parecia que toda a terra tremia, olhou em volta, em pânico. As paredes estavam se fechando, as paredes na realidade estavam se fechando, o atrapalhando dentro da clareira. A sensação de claustrofobia varreu ele, comprimindo seus pulmões, como se enchessem de água.

- Tranquilo novato-gritou Chuck acima do barulho. São apenas as paredes.

Thomas apenas o ouvia, também fascinado, muito chocado porque as portas foram fechadas. Ele se levantou e deu alguns passos tremendo para trás para ver melhor, achando difícil acreditar no que seus olhos viam.

A enorme parede de pedra no seu lado direito parecia ter violado todas as leis da física enquanto se deslizava pela terra, espalhando faíscas e poeira, enquanto batiam pedra com pedra O som o tinha balançado

estremecendo seus ossos. Thomas percebeu que apenas essa parede se movia, virando à esquerda, pronta para ser selada com suas barras salientes deslizando-se nos buracos gravados.

Ele viu ao seu redor a outras aberturas. Ele sentiu a cabeça girando mais rápido do que o seu corpo, e seu estômago saltou com a vertigem. Nos quatro lados da clareira de apenas as paredes da direita moviam-se,para a esquerda, fechando o buraco das portas.

Impossível, ele pensou. Como podem fazer isso? Suprimiu o desejo de correr lá, e passar entre as placas de pedra antes de ser fechado, deixando a clareira, mas ganhou um senso comum, o labirinto tinha mais incógnitas do que a situação lá dentro.

Ele tentou imaginar em sua mente como a estrutura funcionava.

Enormes paredes de pedra, centenas de metros de altitude, movendo-se como portas de vidro deslizante, uma imagem de sua vida passada chegava aos seus pensamentos. Tentou agarrar-se à memória, reter, completar o quadro com o rosto, nomes, lugares mas desapareceu na escuridão. Uma pontada de tristeza se juntou a seus outras emoções.

Ele viu como a parede da direita chegava ao final de seu caminho, suas barras encontrando a sua marca e entrar sem impedimentos, o eco de uma explosão ecoava na clareira quando as 4 portas foram fechadas a noite.

Thomas sentiu um momento final de medo, um pequeno sentimento de terror através de seu corpo, em seguida, desapareceu.

Uma sensação de calma surpreendentemente acalmou seus nervos, e soltou um longo suspiro de alívio.

- Uau, disse ele, sentindo-se tolo pela grande declaração.

- Não é nada, como diria Alby, - Chuck murmurou. - Você se acostuma depois de um tempo.

Thomas olhou em volta, novamente, a sensação do lugar era completamente diferente agora que as paredes estavam fechadas e sem saída. Ele tentou pensar no propósito disso, e não sabia qual opção era a pior, estavam sendo bloqueados ou estavam sendo protegidos de algo lá fora. O pensamento terminou com o seu pequeno momento de calma, colocando em sua mente um milhão de possibilidades do que poderia viver no labirinto, todas aterrorizantes. O medo se apoderou dele novamente.

- Venha, disse Chuck puxando a manga de Thomas pela segunda vez. Acredite em mim, quando chegar a noite você vai querer estar em sua cama.

Thomas sabia que ele não teria outra escolha, fez o seu melhor para reprimir a tudo o que sentia e o seguiu.

5

Eles terminaram na parte de trás de Homestead, isso era o que Chuck chamava a estrutura inclinada de madeira e janelas -em uma sombra escura entre o e da parede edifício de pedra atrás dela.

- Para onde estamos indo? Perguntou Thomas, ainda sentindo o peso de ver as paredes perto pelo pensando no labirinto, na confusão,no medo. Disse a si mesmo para parar ou iria enlouquecer.

Tentando captar o senso de normalidade, fez uma fraca tentativa de uma piada. Se você estiver procurando por um beijo de boa noite, esqueça.

Chuck não perdeu o ritmo.

- Cale a boca e fique por perto.

Thomas suspirou e encolheu os ombros antes de seguir os jovens sobre a parte posterior do edifício. Na ponta dos pés foram até chegar a uma pequena janela empoeirada, um feixe de luz brilhava suave através da pedra e da hera. Thomas ouviu alguém se movendo em seu interior.

- No banheiro, sussurrou Chuck.

- Por quê? A fio escarlate da preocupação passava na pele de Thomas.

- Adoro fazer isso para os habitantes.

Isso me dá um grande prazer, antes de dormir.

- Fazer o quê? Algo em Chuck disse Thomas, não soava nada bem.

Talvez devesse...

- Cale a boca e assista. Chuck tranquilamente escalou uma grande caixa de madeira que estava colocada logo abaixo da janela. Ele se inclinou com a cabeça para se colocar logo abaixo de onde a pessoa no interior seria capaz de vê-lo.

Em seguida, estendeu a mão e bateu ligeiramente no vidro.

- Isso é besteira, disse Thomas em voz baixa. Não poderia haver pior momento para fazer uma piada, Newt ou Alby poderiam estar lá. Não quero ter problemas... Acabei de chegar!

Chuck reprimiu uma risada colocando a mão à boca. Ignorando

Thomas, estendeu a mão e bateu na janela.

Uma sombra cruzou a luz, então a janela se abriu. Thomas passou a se esconder, pressionando a si mesmo na parte traseira do edifício, o mais rápido que pôde. Simplesmente não podia acreditar que tinha sido levado a desperdiçar uma piada sobre alguém. O ângulo de visão a partir da janela o protegia no momento mas sabia que ele e Chuck seriam vistos se ele que estava ali aparece-se com a cabeça para fora para obter uma melhor visão.

- Quem é! Gritou o rapaz que estava no banheiro, sua voz era áspera e misturada com ira. Thomas teve que segurar um suspiro, quando ele percebeu que era Gally agora ele já reconhecia a sua voz.

Sem prévio aviso, Chuck enfiou a cabeça para fora da janela e gritou a plenos pulmões. Um forte golpe de dentro revelou que o truque havia funcionado e a ladainha de palavrões, em seguida, os fez pensar que Gally não estava muito feliz com isso.

Thomas foi tomado de uma estranha mistura de horror e vergonha.

- Eu vou matar você, cara pelada! gritou Gally, mas Chuck já estava fora da caixa e correndo para a clareira. Thomas gelou quando ouviu Gally abrir a porta por dentro e sair correndo para fora do banheiro.

Thomas finalmente saiu de seu estado de torpor e se foi logo atrás, de seu novo-e único amigo. Havia virado a esquina justo quando Gally chegou gritando fora de Homestead, parecendo uma besta feroz perdida.

Imediatamente apontou para Thomas. - Vem aqui! - Ele gritou.

O coração de Thomas se afundou em sinal de rendição. Tudo parecia indicar que iria receber um soco no rosto. - Não foi eu, eu juro-ele disse, embora ainda estivesse de pé, o tamanho do garoto enquanto crescia e se deu conta que Que não deveria ficar tão aterrorizado depois de tudo.

Gally não era tão grande, Thomas na realidade podia segurá-lo se tivesse que fazer.

- Não foi você? Gally rosnou. Ele calmamente se aproximou de Thomas e parou na frente dele. Então, como você sabe que algo não era feito?

Thomas não disse nada. Ele estava definitivamente incomodado, mas não com tanto medo,como no momento anterior.

- Eu não sou um idiota, Greenie (Fedelho) - cuspiu Gally. - Eu vi a cara

gorda do Chuck na janela.

Ele apontou novamente, desta vez diretamente no peito de Thomas. É melhor você se decidir rapidamente a quem você quer como amigo e a quem que você quer como inimigo, você está me ouvindo? Uma piada mais parecida com essa, sem se importar se sua ideia fosse estúpida ou não, e aqui vai correrá sangue.

Você tem amigos, novato? Mas antes que Thomas pudesse responder Gally já tinha virado para ir embora.

Thomas queria apenas este episódio fosse embora. - Desculpe, ele murmurou, fazendo uma cara que soava muito estúpida.

- Te conheço, disse Gally sem olhar para trás. Eu te vi na transformação, e eu vou descobrir quem você é.

Thomas observou como o agressor desapareceu de novo para na Homestead.

Não lembrava muito, mas algo lhe dizia para que nunca ter de aborrecer alguém com tanta força. Ele ficou surpreso o quanto ele realmente odiava o tipo. Na verdade, Na verdade realmente o odiava. Ele se virou para ver Chuck lá de pé, olhando para baixo, claramente perturbado.

- Obrigado, amigo. Desculpe... se eu soubesse que fosse Gally, nunca o teria feito, eu juro.

Surpreendo a si mesmo, Thomas riu. Uma hora atrás, ele pensava que nunca ouviria um som como este sair de sua boca.

Chuck olhou ao redor e Thomas lentamente abriu um sorriso desconfortável.

- O quê?

Thomas negou com a cabeça. - Não sinta.

Sim... se eu o merecesse, e eu nem sequer sei o que é um shank (trolha).

Isso foi incrível. Ele se sentia muito melhor.

Um par de horas mais tarde, Thomas estava deitado em um saco de dormir ficou junto a Chuck em uma cama de capim perto dos jardins. Era um grande campo que não tinha visto antes, quando alguns do grupo

escolheram como ponto de dormir. Thomas pensou que era estranho, mas aparentemente não parecia haver espaço suficiente em Homestead. Pelo menos fazia calor.

O qual o fez pensar pela enésima vez onde eles estavam. Sua mente tinha tido um momento difícil para captar os nomes de lugares, países ou governantes ou lembrar, como se organizava o mundo. E nenhum dos filhos na clareira não tinham nem ideia, ou pelo menos se tivessem não compartilhavam.

Ele ficou em silêncio por mais tempo, olhando as estrelas e ouvindo leve zumbido de várias conversas que foram obtidas durante a clareira. O

sono se sentia a quilômetros de distância, e ele não conseguia livrar-se do desespero e o pessimismo que atravessava o seu corpo e a sua mente, a alegria temporária da piada de Chuck para Gally havia desaparecido há muito tempo. Tinha sido um interminável e estranho dia.

Era assim tão... estranho. Lembrou-se de um monte de pequenas coisas da vida: comer, vestir, estudar, brincar, imagens gerais da composição do mundo. No entanto, qualquer detalhe que poderia preencher a imagem para criar uma memória verdadeira e completa e havia desaparecido de alguma forma. Era como assistir a um imagem através de um pé de água barrenta. Mais do que qualquer outra coisa, talvez, se sentia triste....

Chuck interrompeu seus pensamentos.

- Bem, Greenie (Fedelho), você sobreviveu ao primeiro dia - Dificilmente.

Não agora, Chuck, queria dizer. Não estou de bom humor.

Chuck se levantou - para inclinar-se sobre no cotovelo, olhando para Thomas. - Você vai aprender muito nos próximos dias, e começar a se acostumar com as coisas. Legal né ?

- Hum, sim, legal, eu acho. Onde é que vinham todas essas palavras e frases estranhas e, afinal? Parecia como se eles tivessem qualquer outro idioma e tivesse se fundido com o seu.

Chuck caiu com um som pesado. Eu não sei... Eu só estive aqui um mês. Lembra-se?

Thomas se perguntava se Chuck, sabia mais do que aparentava. Era um cara esquisito, engraçado, e parecia inocente, mas o que poderia se dizer?

Realmente era tão misteriosos quanto tudo na clareira.

Alguns minutos se passaram, e Thomas sentiu o dia finalmente alcançá-lo, uma ponta de sono cruzava sua mente.

Mas, como uma mão que estivesse empurrando o seu cérebro e, em seguida, logo se ia, um pensamento lhe veio á cabeça.

Um que não esperava, e ele não tinha certeza de onde ele veio.

De repente, da clareira, as paredes do labirinto... tudo parecia familiar.

Cômodo. Uma onda de tranquilidade espalhou-se através de seu peito, e pela primeira vez desde que se encontrava ali, não sentia que a clareira era o pior lugar no universo.

Calmo, sentiu os olhos se ampliarem, sua respiração parou por um longo tempo.

O que aconteceu? Pensou. O que mudou?

Ironicamente, a sensação de que as coisas iriam ficar bem, lhe causavam um pouco de desconforto.

Sem compreender todavia como, ele sabia o que tinha que fazer.

Não entendia. A sensação de epifania era estranha, estrangeira e familiar ao mesmo tempo.

Mas se sentia... bem.

- Eu quero ser um daqueles caras que vão lá fora, disse ele em voz alta, sem saber se Chuck ainda estava acordado. Quero ir para dentro do labirinto.

- Hã? Foi a resposta de Chuck. Thomas pôde ouvir um tom de raiva em voz.

- runners, disse Thomas, desejando saber de onde vinha. O que seja que estejam fazendo lá fora, eu também quero fazer.

- Não faço ideia do que você esteja falando, murmurou Chuck, -vai dormir e ele capotou de sono.

Thomas sentiu uma nova onda de confiança, embora ele realmente não soubesse o que estava falando. - Eu quero ser um corredor.

Chuck se virou e levantou-se em seu cotovelo. - Pode esquecer esse seu

pequeno devaneio por agora.

Thomas se perguntou o porquê da reação de Chuck, mas seguiu em frente. - Não tente...

-Thomas. Novato. Meu novo amigo.

Esqueça isso.

- Eu vou dizer de manhã a Alby. - Um corredor, pensou Thomas.

Eu nem sequer sei o que isso significa.

Será que fiquei completamente louco?

Chuck dormiu com um sorriso. - Você é um pedaço de merda. -Vá dormir. Mas Thomas não conseguiu. - Há algo lá fora... que parece familiar.

- Volte... a... dormir.

Em seguida, esse pensamento tomava conta de Thomas, quando sentiu como se várias peças de um puzzle (quebra cabeças) houvessem se reunido. Não sabia qual seria a imagem final, mas as palavras seguintes, quase fizeram com que ele pensasse ter vindo de outra pessoa.

Chuck, eu... acredito ter estado aqui antes.

Ele ouviu o seu amigo se sentar, tomando fôlego. Mas Thomas se virou e se recusou a dizer outra palavra, preocupado com a desordem que teve com que este novo sentido o tivesse encorajado, erradicando a calma tranquilizadora que enchia o seu coração.

O sono chegou e com muito mais facilidade do que ele esperava.

6

Alguém sacudiu Thomas para acordar, seus olhos se abriram rápido para ver uma cara muito perto da dele, tudo ao redor ainda estava escuro de madrugada. Abriu a boca para poder falar, mas uma mão fria tomou medidas para impedi-lo, ele entrou em pânico, até que viu quem era.

- Shh, Greenie (Fedelho). Não quer ser o Wakin Chuckie agora, né?

Era Newt, o garoto parecia ser o segundo no comando.

Embora Thomas ficasse surpreso, qualquer alarme desapareceu de imediato. Não pode evitar mas se sentiu curioso, querendo saber o que esse garoto queria com ele.

Thomas assentiu com a cabeça, fazendo todo o possível para dizer que sim com os olhos, até que finalmente Newt retirou sua mão, e depois se inclinou para trás.

- Vamos Greenie (Fedelho) - sussurrou o garoto, e ajudou a Thomas se por em pé, era tão forte que ele sentiu que poderia arrancar o seu braço. Eu suponho que eu te acordei antes do despertador.

Agora, o sono tinha desaparecido completamente da mente de Thomas, - Ok, - disse ele, estando pronto para seguir. Sabia que ainda não podia confiar em ninguém, mas ganhou a curiosidade, rapidamente colocou os sapatos.

- Para onde estamos indo?

- Siga-me e fique por perto.

Atravessaram os corpos adormecidos, Thomas quase tropeçou várias vezes, ele pisou na mão de alguém,ganhando um agudo grito de dor à transformação de um golpe na panturrilha.

- Desculpa, sussurrando, ignorando o olhar de Newt.

Uma vez que eles estavam fora da zona da relva, entrando no solo do pátio de pedra cinzento, Newt começou a correr indo para a parede ocidental, Thomas hesitou por um momento, perguntando por que eles tinham que correr, mas correu e seguiu o mesmo passo.

A luz era fraca, mas qualquer impedimento se confundia como uma sombra obscura, mas foi capaz de abrir passo rapidamente. Ele parou

quando o Newt o fez, assim como a parede se elevou acima deles como um arranha-céu.

Thomas notou umas pequenas luzes vermelhas, aqui e lá ao longo do movimento da parede, movia-se, parava,apagava e acendia de novo.

- O que é isso? - Ele sussurrou tão alto quanto ele ousou, se perguntando se a sua voz parecia tão frágil como sentia que fosse.

Newt ficou apenas alguns metros na frente da espessa cortina de hera na parede. - Se caso for necessário você saber, você saberá, Greenie (Fedelho).

- Bem, é um bocado estúpido me mandar para um lugar onde nada faz sentido e não responder às minhas perguntas. - Thomas fez uma pausa, se surpreendeu com ele mesmo. Shank (trolha) - Ele disse, acrescentando todo o sarcasmo que podia naquela sílaba.

Newt deu uma gargalhada, mas rapidamente parou.

- Eu gosto de você, Greenie (Fedelho).

Agora cale a boca e deixe-me mostrar algo.

Newt avançou, e mergulhou suas mãos na hera espessa, vinha estendendo vários cipós longe da parede, para aliviar uma janela de cerca de dois metros de largura.

Estava escura como se fosse pintada de preto.

- O que estamos procurando? - Thomas sussurrou.

- Espere um momento e você saberá em breve.

Um minuto se passou, depois dois, e vários mais. Thomas se perguntou como Newt podia permanecer imóvel, apenas olhando fixamente para o nada além de escuridão.

Então, tudo mudou.

Umas estranhas luzes brilhavam através da janela, isso fez com que o corpo e rosto o Newt brilhasse com as cores das luzes, Thomas tentou ver o que estava acontecendo do outro lado. O terror crescia em sua garganta.

- O que está acontecendo? Pensou.

-Lá fora está o labirinto – sussurrou Newt. Tudo o que fazemos ao longo de nossas vidas, Greenie (Fedelho), gira em torno do labirinto. Cada

segundo adorável de cada dia adorável eram gastos em honra ao labirinto, tentando resolver algo que não nos mostra que tenha uma maldita solução, você sabe? E nós queremos mostrar o porquê não é algo quem você pode jogar. Lhe mostrar por que se preocupar quando fecham todas as noites. E

te mostrar por que você nunca, jamais, pode colocar seu traseiro burro lá fora.

Newt deu um passo para trás, segurando a hera. Ele fez um sinal a Thomas para que tomasse seu lugar e olhar pela janela.

Thomas o fez, inclinando-se para frente até que seu nariz tocou a superfície fria do vidro. Demorou um segundo para que os seus olhos se concentrassem no objeto em movimento do outro lado, para olhar além da sujeira e da poeira e ver o que Newt queria lhe mostrar. E quando o fazia, sentiu que sua garganta se fechava como se o ar fosse sólido.

Uma criatura grande, do tamanho de uma vaca, se retorcia e borbulhava na terra no corredor lá fora. Ele escalou a parede oposta e, em seguida se lançou contra a janela do grosso vidro com um som alto. Thomas gritou antes que pudesse parar, se afastou da janela, mas a coisa se recuperou atrás, deixando o vidro em bom estado.

Thomas aspirou para relaxar e se curvou-se novamente. Estava muito escuro para distinguir claramente, mas as luzes brilhavam de uma fonte desconhecida, revelando borrões de peça de prata e carne brilhante.

Apêndices de instrumentos malvados saíam de seu corpo como braços: uma lâmina de serra, um conjunto de tesouras com hastes longas, cuja finalidade só pode ser adivinhada.

A criatura era uma mistura horrível de animal e máquina, e pareceu dar-se conta que estava sendo observado, ele parecia saber o que havia dentro das muralhas da clareira era como se ele quisesse entrar,e se dar uma festa de carne humana.

Thomas sentiu um terror frio florescer no peito, que se expandiu como um tumor, tornando-se difícil respirar.

Mesmo com a memória limpa, tinha certeza de que realmente nunca tinha visto nada tão horrível.

Ele deu um passo para trás, a coragem que ele tinha sentido durante a tarde tinha ido.

- Que coisa é essa? Ele perguntou.

Algo em seu coração estava tremendo, e ele se perguntou se ele poderia voltar a comer novamente.

- Os chamamos de grievers (verdugos), -disse Newt, um defeito desagradável, não é? Somente se sinta feliz que eles só saem à noite, assim agradeça por esta parede.

Thomas ingeriu, se perguntando em como poderia chegar lá. Seu desejo de se tornar um runner havia recebido um grande golpe. Mas ele teve que fazê-lo. De alguma forma ele sabia que tinha que fazê-lo. Era uma coisa tão estranha de sentir, especialmente depois do que acabara de ver.

Newt olhou para a janela, distraído.

- Agora você sabe o que se esconde no labirinto de sangue, meu amigo. Você sabe agora que esta não é uma piada. Você foi enviado para a clareira, Greenie (Fedelho), e vamos ter de sobreviver e ajudar a fazer o que fomos enviados aqui para fazer.

- E o que é isso? Perguntou Thomas, apesar de estar surpreso com a resposta.

Newt virou para olhar para ele. Os primeiros vestígios da aurora tinham se deslizado sobre eles e Thomas pode ver cada detalhe do rosto de Newt, sua pele firme, com a testa enrugada.

- Encontrar a saída, Greenie (Fedelho), disse Newt. Resolver o labirinto e encontrar nosso caminho para casa.

Cerca de duas horas depois, as portas se abriram com ruídos e grunhidos e sacudiu a terra, até que foram totalmente abertas. Thomas sentou-se à mesa de piquenique que resistia e se inclinava para fora da cidade de Homestead, tudo o que podia pensar era nos grievers (verdugos), de qual poderia ser seu objetivo, e o que eles estavam faziam lá fora durante a noite. Como seria, ser atacado por algo tão terrível.

Ele tentou tirar a imagem de sua cabeça, pensar outra coisa.

runners.

Eles tinha acabado de sair sem dizer uma palavra a ninguém, demorando muito tempo no labirinto.

Imaginou-os, enquanto pegava ovos e bacon com um garfo, para não

falar com ninguém, nem sequer com Chuck, que comia em silêncio ao lado dele. O pobre garoto estava exausto de tentar iniciar uma conversa com Thomas, que se recusa a responder. Tudo o que queria era ser deixado sozinho.

Só não entendia, seu cérebro estava sobrecarregado tentando compreender a incredulidade de tudo isso. Como poderia um labirinto,com paredes tão maciças e altas, ser tão grande que dezenas de garotos não tinham sido capazes de resolvê-lo? Como pode existir tal estrutura? E o mais importante além disso, por quê? Qual poderia ser o propósito de tal coisa? Por que estavam todos lá? Há quanto havia estado lá?

Por mias que a sua mente o evitasse ainda continuava voltando a imagem do terrível griever (verdugo). Seu irmão fantasma parecia saltar para ele toda vez que esfregava os olhos.

Thomas sabia que era um garoto esperto, de alguma forma o sentia em seus ossos. Mas nada daquele lugar fazia sentido. Exceto por uma coisa.

Presumia-se que devia ser um runner.

Por que era tão difícil? E mesmo agora, depois de ver que viviam no labirinto?

Um toque em seu ombro o tirou de seus pensamentos, ele olhou para cima para ver Alby atrás dele, de braços cruzados. Você teve uma visão agradável das janelas esta manhã? Alby disse.

Thomas estava de pé, esperando o tempo de resposta viesse ou talvez querendo uma distração para os seus pensamentos pessimistas - Já é o suficiente para querer aprender coisas deste lugar, disse ele, esperando não provocar o temperamento que havia causado no dia anterior com este cara.

Alby assentiu. - Você e eu Shank (trolha). O tour começa agora.

Ele começou se mover, mas depois parou, levantando um dedo.

Nada de perguntas,só depois de chegarmos ao final, está me entendendo? Eu não tenho tempo para falar com você dia todo.

- Mas... -Thomas parou quando as sobrancelhas de Alby dispararam para cima. Por que o garoto tinha que ser um idiota? . Mas diga-me tudo, quero saber tudo. – Tinha decidido ontem à noite para não dizer a ninguém quão familiar achava o lugar, a sensação estranha de que havia

estado aqui antes, que era capaz de se lembrar de coisas sobre ele.

Compartilhar isso pareceu uma ideia muito ruim.

- Te direi o que você quer saber, Greenie (Fedelho). Venha.

- Eu posso ir? Perguntou Chuck desde a mesa.

Alby estendeu a mão e beliscou sua orelha.

- Oww! Chuck gritou.

- Acaso você tem trabalho slinthead?

Perguntou Alby. Muito sloopin que fazer?

Chuck revirou os olhos e depois olhou para Thomas.

- Divirta-se.

- Vou tentar, de repente ele sentiu pena de Chuck, esperando que os habitantes tentassem tratar Melhor o garoto, mas ele não podia fazer nada. É hora de ir.

Ele saiu com Alby, esperando que o Tour houvesse começado oficialmente.

Isto indicava que Chuck era um Slopper, que esse era o seu ofício na clareira.

7

Começaram na caixa, que estava fechada neste momento, as portas duplas de metal no solo foram cobertas com tinta branca, tinha sido descolorida e estava rachada. O dia havia melhorado consideravelmente, variando nas sombras se estendia na direção oposta a que Thomas tinha visto ontem. Não tinha visto o sol, mas parecia que ele estava prestes a explodir por cima muro do leste a qualquer momento.

Alby apontou para a porta. - Isso aqui é a caixa. Uma vez por mês temos um novato como você, nunca falha. Uma vez por semana, temos suprimentos, roupas, comida. Não é que precisamos de um pouco mais...

nós precisamos de muito para passar as nossas vidas na clareira.

Thomas assentiu com a cabeça, seu corpo todo se queimou com o desejo de fazer perguntas. Preciso de uma fita para colocar sobre a minha boca, ele pensou.

Nós não sabemos nada sobre a caixa, você me segue? Continuou Alby. De onde ele veio,como ele chegou aqui, quem está no comando. Os shank (trolhas) que nos enviaram aqui não nos disseram nada. Temos toda a eletricidade que precisamos, cresce e aumenta a maior parte dos nossos alimentos, compram roupas e outras coisas.

Tentamos enviar um Greenie (Fedelho) slinthead de volta para a caixa, uma vez... a coisa(caixa) não se moveu dalí até que o tirarmos.

Thomas se perguntou o que havia sob a porta quando a caixa não estava lá, mas conteve a língua.

Eu me senti como uma mistura de emoções: a curiosidade, frustração, admiração, todos misturados com horror por ver o griever (verdugo) nessa manhã.

Alby continuou falando, sem se preocupar em olhar nos olhos de Thomas. - A clareira se divide em quatro seções.

Ele levantou os dedos, enquanto contava os próximas quatro palavras. - Os Jardins, a Blood House, a Homestead e as Deadheads. Você entendeu?

Thomas hesitou, depois confirmou com a cabeça, confuso.

As pálpebras de Alby brevemente vibraram enquanto ele continuava,

parecia que ele poderia pensar em mil coisas que preferia estar fazendo naquele momento.

Sinalizou o canto nordeste, onde havia campos e pomares. - Os …

Jardins onde eles cultivavam. A água é bombeada através de tubos no campo, sempre foi assim, ou estaríamos mortos de fome a muito tempo.

Nunca chove aqui. Nunca. Ele apontou para o canto sudeste, para aos currais e celeiros. Blood House, onde criamos e abatemos os animais.

Ele apontou para uma moradia deplorável. A Homestead, um lugar estúpido que é duas vezes maior que quando cheguemos aqui, porque quando eles ampliaram-na quando nos mandaram madeira e barro. Não é bonita, mas funciona. A maioria de nós dormimos fora de qualquer maneira.

Thomas sentiu-se tonto. Tantas perguntas passaram por sua mente que ele não conseguia manter a calma.

Alby disse que o canto sudoeste, de frente para a área de floresta com várias árvores doentes e os bancos.

- Isso é o que chamamos de Deadheads. Há um cemitério virando a esquina, nas árvores mais densas.

Não muito mais. Você pode ir lá para se sentar e relaxar, passar o tempo, ou o que seja. Ele limpou a garganta, como se mudasse de assunto.

Você vai passar as próximas duas semanas de trabalho um dia com cada um dos diferentes encarregados de trabalho até sabermos o que você faz melhor.

Slopped, Bricknick, Bagger, Trackhoe… algo com quem Você se dá bem, sempre tem. Venha.

Alby caminhou até a portão Sul, localizado entre o que chamou de Deadheads e da Blood House. Thomas seguiu-o, franzindo o nariz, sentindo um súbito cheiro de terra e esterco de animal nos currais.

- Cemitério? pensou. Por que eles precisam de um cemitério em um lugar cheio de adolescentes? Isso o preocupava mais do que não conhecer algumas das palavras que Alby. Dizia palavras como - Slopper e Bagger, que não parecia tão boas. Ele estava prestes a interromper Alby enquanto ele estava saindo, mas optou por manter a boca fechada.

Frustrado, ele voltou sua atenção para os currais na área da Blood House.

Várias vacas mordiscavam e mastigavam em um verde vale cheio de feno. Os suínos em uma poça de lama, ocasionalmente, movendo a cauda, apenas sinalizando de que eles ainda estavam vivos. Outros currais tinham rebanhos, e haviam galinheiros e gaiolas de perus também. Os trabalhadores estavam ocupados na área, como se tivessem passado suas vidas em uma fazenda.

- Como eu me lembro desses animais? - Thomas perguntou.

Nenhum deles parecia novo ou interessante, ele sabia como eles eram chamados, o que normalmente comiam, ou que aspecto tinham. Por que essas coisas ainda permaneciam em sua memória, mas onde tinha visto animais antes, ou com quem? Sua perda de memória era desconcertante em sua complexidade.

Alby disse que o grande celeiro no canto de trás, a tinta vermelha era desbotada em uma cor de ferrugem maçante.

- É onde realizam o trabalho dos Slicers (Fatiadores).

Coisas desagradáveis de se fazer, É o que são. Se você gosta de sangue, Você pode ser um Fatiador (Slicer).

Thomas balançou a cabeça. Fatiadores não soa bem. Enquanto seguía caminhando, concentrou sua atenção no outro lado da clareira, a seção que Alby havia chamado de Deadheads. As árvores ficaram menores e mais densas por trás da esquina da rua estava mais vivas e cheia de folhas.

Sombras escuras enchiam a profundidades da zona da mata, apesar da hora do dia. Thomas olhou forçando os olhos para ver que o sol finalmente era visível, e que ainda se via uma cor laranja, mais laranja do que deveria ser.

Tinha dito que se tratava de um estranho exemplo, mais um, da memória seletiva de sua mente.

Ele voltou seu olhar para a Deadheads, e um disco brilhante ainda flutuando em sua visão.

Ele piscou para clarear, de repente, ele viu novamente as luzes vermelhas, piscando e deslizando através do bosque obscuro. Que são essas coisas?

Ele perguntou, irritado por Alby não ter respondido antes. O

segredo que faziam era muito chato.

Alby parou de andar, e Thomas ficou surpreso ao ver que tinham chegado à portão Sul, tanto entre as paredes de saída elevou-se acima deles.

As grossas lajes de pedra cinza eram rachadas e cobertas de hera, tão antigas como nada do que Thomas pudesse imaginar.

Ele esticou o pescoço para ver a parte superior das paredes acima, sua mente girando dando voltas,e com uma sensação estranha que estava olhando para baixo, não para cima.

Ele cambaleou um passo para trás, surpreendido novamente pela estrutura da sua nova casa e, finalmente, voltou-se para concentrar-se em Alby, que estava de costas para a saída.

- Ali está o labirinto. Alby, apontou um dedo por cima do ombro parado.

Thomas olhou naquela direção através da abertura na parede servia como um ponto de partida da clareira. Os runners lá fora eram muito semelhantes já tinha visto da janela da porta oriental cedo naquela manhã.

Este pensamento lhe deu um arrepio,

ele se perguntou se um griever (verdugo) poderia vir correndo em relação a eles a qualquer momento. Ele deu um passo para trás antes de perceber o que ele estava fazendo. Calma, se repreendeu, envergonhado.

Alby continuou. - Dois anos é o que eu tenho aqui. Ninguém aqui tem mais tempo que eu. Os poucos que vieram antes de mim já estão mortos. - Thomas sentiu os olhos arregalarem, e seu coração se acelerou.

Dois anos em que estamos tentando resolver este enigma, sem sorte. As malditas paredes se mexem para fora à noite, bem como essas portas aqui. Sabia que isso não seria fácil, não é fácil de forma alguma.

- Ele balançou a cabeça em direção ao prédio de concreto em que os runners haviam desaparecido na noite anterior.

Outra pontada de dor cortou Thomas ao meio,havia demasiadas coisas a ser calculadas de uma só vez. Haviam estado aqui há dois anos? As paredes do labirinto se moviam? Quantos morreram? Ele deu um passo à frente, querendo ver o labirinto em si, como se as respostas estivessem

impressas nas paredes no lado de fora. Alby estendeu a mão e empurrou Thomas no peito, ele tropeçou e caiu para trás. - Você não irá lá, shank (trolha).

Thomas teve que suprimir o seu orgulho. - Por que não?

- Você acha que Newt te enviou antes de acordar, só por diversão?

Esta é a regra número um, o que nunca será perdoado se quebrar.

Não Ninguém, ninguém, é autorizado a entrar no labirinto, exceto os runners. Passar essa norma, e se caso,você não for morto por um griever (verdugo), nós mesmos te matamos, entendeu?

Thomas assentiu com a cabeça, resmungando por dentro, tinha certeza que Alby estava exagerando. Esperando que estivesse fazendo. De qualquer maneira, se tinham alguma dúvida sobre o que Chuck lhe havia dito uma noite antes, agora ela tinha desaparecido completamente. Eu queria ser um runner.

Seria um runner. No fundo eu sabia que tinha de ir até lá, no labirinto.

Apesar da tudo o que tinha aprendido e testemunhou em primeira mão, e que o chamava, tanto quanto a fome ou a sede.

Um movimento na parede esquerda do portão Sul chamou sua atenção.

Surpreso, ele reagiu rapidamente, olhando bem a tempo de pegar um vislumbre prateado. Um pedaço de hera se balançou enquanto a coisa se desprendia dela.

Thomas apontou para cima na parede. - Que foi isso? Ele perguntou antes pudesse ser fechada de novo.

Alby não se preocupou em olhar. - Vai ficar fazendo perguntas até o final, shank (trolha). Quantas vezes eu tenho que te dizer? Ela fez uma pausa e soltou um suspiro.

escaravelhos robô é como os criadores os chamam. É melhor você não...

Foi interrompido por um alarme crescente, uma chamada que soava em todas as direções. Thomas apertou os ouvidos com as mãos, olhando em volta quando a sirene soou, com o coração a ponto de sair de seu peito.

Mas quando ele se concentrou novamente em Alby, ele se deteve.

Alby não estava agindo com medo, parecia... confuso. Surpreso. O

alarme tocou no ar.

- O que está acontecendo? Perguntou Thomas. O alívio inundou seu peito já que seu guia não parecia pensar que o mundo estava chegando ao seu fim, mas ainda assim,Thomas estava cansado de ser golpeado por ondas de pânico.

- Isso é estranho, foi tudo que Alby disse ao escanear a clareira, com os olhos entreabertos. Thomas percebeu que os habitantes nos currais da Blood House ao olhar ao redor, pareciam muito confusos. Um gritou para Alby, um tipo baixo e magro.

- O que há de errado ?Perguntou o garoto, olhando para Thomas por alguma razão.

Eu não sei, murmurou Alby de volta com a voz distante.

Mas Thomas não pode aguentar mais. - Alby! O que está acontecendo?

- A caixa, shuck-face (Cara de mértila), a caixa! - Foi tudo o que Alby disse antes de partir para o centro da clareira em um ritmo rápido que quase pareceu pânico para Thomas.

- O que é isso? - Perguntou Thomas, correndo para alcançá-los.

Me falem!

Ele queria gritar.

Mas Alby não respondeu, mas foi mais lento, e quando se aproximaram da caixa Thomas percebeu que dezenas de garotos corriam pelo pátio.

Viu Newt e - o chamou, tentando reprimir o medo crescente, dizendo para si mesmo que as coisas iriam ficar bem, que tinha que ter uma explicação razoável.

- Newt, o que está acontecendo!

- Gritou.

Newt olhou para ele, acenou com a cabeça e ficou, estranhamente calmo no meio do caos. Ele deu um tapinha nas costas de Thomas. - Isso significa que um maldito Novato está vindo na caixa. Ele fez uma pausa como se esperasse que Thomas ficasse impressionado. Agora mesmo.

- Então o quê? - Quando Thomas olhou Newt mais de perto, ele percebeu que o que havia confundido com calma era na realidade

incredulidade, talvez até mesmo emoção.

- Então, o quê? - Respondeu Newt, com o seu queixo caído ligeiramente.

Greenie (Fedelho), - Nunca tivemos dois novatos aparecendo no mesmo mês, muito menos por dois dias consecutivos.

E com isso, saiu correndo para a Homestead.

8

O alarme finalmente parou, depois de tocar durante dois minutos completos.

Uma multidão se reuniu no pátio ao redor das portas de aço através das quais Thomas ficara surpreso ao saber que tinha acabado de chegar no dia anterior.. Ontem? Pensou... Realmente foi ontem?

Alguém tocou-lhe no cotovelo, então se virou para ver Chuck do seu lado novamente.

- Como você está, shank (trolha)?

Questionou Chuck.

- Estou bem, agora mais do que nunca, ele estivesse mais longe da verdade.

Ele apontou para a portas da caixa. Porque todo mundo está tão nervoso? Não foi assim, quando todos vocês chegaram aqui?

Chuck deu de ombros. Eu não sei... Eu acho que sempre tem sido muito irregular. Um por mês, todos os meses, no mesmo dia. Talvez quem quer que esteja no comando, percebeu que foi senão um puta de um grande erro ter te mandado, e mandou um outro alguém para te substituir. - Ele deu uma gargalhada quando cutucou Thomas nas costelas, era uma gargalhada que inexplicavelmente veio a calhar ainda mais em Thomas.

Thomas lançou um olhar em seu novo amigo de irritação. - Você é irritante. - É sério.

- Sim, mas somos amigos agora, certo?

- Chuck ria o tempo todo como uma espécie de grunhido estridente.

- Parece que você não me deixa muita escolha nisso. - Mas a verdade é que precisava de um amigo, e Chuck parecia apropriado.

O garoto cruzou os braços, parecendo muito satisfeito. - Eu estou contente que nós sejamos amigos, Greenie (Fedelho).

Todo mundo precisa de um parceiro aqui.

Thomas agarrou Chuck pelo pescoço, brincando com ele. - Bem, companheiro, em seguida, pode me chamar pelo meu nome. Thomas. Ou eu

vou te jogar no buraco depois que a caixa ir. - Isso provocou um pensamento em sua mente quando ele soltou Chuck. Espere um minuto, vocês já...?

- Sim já tentamos. - Chuck o interrompeu antes que Thomas pudesse terminar.

- Tentaram o quê?

- Descer na caixa depois dela fazer uma entrega, disse Chuck. Não vontade. Não vá para baixo até que esteja completamente vazia. Thomas lembrou quando Alby havia dito isso antes. - Eu sei, mas que tal...?

- Já tentamos.

Thomas teve que suprimir um gemido … e tornou-se um tanto irritante. - Cara, é difícil falar com você. Tentaram o quê?

Atravessar o buraco depois de a caixa descer. Não podemos. As portas se abrem, mas só há vazio, escuridão, o nada. Nenhuma corda, nenhum cabo, nada.

Nada se pode fazer.

Como pode ser isso? - E que tal...?

- Já tentamos.

Thomas gemeu neste momento. - Tudo bem, o quê?

- Nós jogamos algumas coisas no buraco.

Nunca ouvimos elas baterem no solo.

Caem e caem durante um longo tempo.

Thomas fez uma pausa antes de responder, não querendo ser interrompido novamente. - Quem é você? Um leitor de mentes? Ele puxou o sarcasmo tanto quanto pode, no Comentário.

- Sou simplesmente brilhante, e isso é tudo. Chuck disse piscando um dos olhos.

Chuck nunca, pisque para mim novamente. -Thomas disse com um sorriso. Chuck era um pouco chato, mas havia algo nele que faziam as coisas parecerem menos terríveis.

Thomas respirou fundo e olhou para a multidão ao redor do buraco.

Então, quanto tempo demora para chegar a entrega?

- Geralmente, leva cerca de meia hora após o alarme. -Thomas pensou por um segundo. Deve haver algo que não haviam tentado. Você tem certeza sobre o buraco? Alguma vez você já...? Ele fez uma pausa, esperando pela interrupção mas nenhuma veio. Alguma vez você já tentaram fazer uma corda?

- Sim, eles tentaram com um cipó feito com hera. A mais longa que poderiam fazer. Vamos apenas dizer que que a pequena experiência não terminou nada bem. - O que você quer dizer? - E agora?

Thomas pensou.

- Eu não estava aqui, mas eu ouvi que o cara que tinha acabado de se ofereceu para fazer isso desceu cerca de dez metros quando algo voou através do ar e cortou ele ao meio.

- O quê? - Thomas riu. Não acreditava nisso nem por um segundo.

- Oh, sim, um cara inteligente? Eu vi os ossos do tipo. Estavam cortados ao meio como se tivesse sido uma faca na manteiga. Eles os colocaram em um ataúde para lembrar os habitantes para que não fossem tão estúpidos.

Thomas esperou que Chuck começasse a rir ou sorrir, pensando que tinha de ser uma piada... Quem nunca tinha ouvido falar de alguém sendo cortado pela metade? Mas nunca o riso veio.

- Você está falando sério?

Chuck só ficou olhando. - Eu não estou mentindo, Greenie (Fedelho)... quer dizer, Thomas. Venha vamos abordá-los e ver quem sabe sobre isso.

E eu não posso acreditar que apenas você tenha que ser o Grennie por um dia.

Enquanto caminhavam, Thomas fez uma pergunta que não tinha feito ainda. - Como você sabe que não são só boatos ou algo assim?

-O alarme não toca quando isso acontece, disse Chuck simplesmente - Os suprimentos sobem ao mesmo tempo a cada semana.

- Ei, olhe.

-Chuck parou e apontou para alguém na multidão. Era Gally, olhando para eles.

Olha isso, disse Chuck. Ele realmente não te ama, cara.

- Sim, disse Thomas. Eu já tinha notado. - E o sentimento era mútuo.

Chuck cutucou Thomas e retomou sua caminhada em direção à borda da multidão, então, esperaram em silêncio,quaisquer perguntas feitas por parte de Thomas,haviam sido esquecidas. Tinha perdido a vontade de falar depois de ver Gally.

Mas Chuck aparentemente não. - Por que você não vá perguntar a ele,qual é o problema? Ele perguntou, tentando soar rude.

Thomas se considerava bastante corajoso, mas pareceu, no momento ser a pior ideia da história. - Bem, para começar, ele tem muitos mais aliados que eu. Não é uma boa pessoa com quem se possa brigar.

- Sim, mas você é mais esperto. E eu aposto que você também é mais rápido.

- Você pode ganhar dele e todos os seus companheiros.

Um dos garotos que estava diante deles, olharam para trás por cima do ombro, com a raiva atravessando seu rosto.

Deve ser um dos amigos de Gally, Thomas pensou. - Ei você pode fechar a boca?

Chuck assobiou.

Uma porta se fechou detrás deles, Thomas se virou para ver Alby e Newt saindo de Homestead. Ambos pareciam exaustos. Ver eles, nesse momento trouxe Ben de volta à sua mente, junto com a horrível imagem dele se contorcendo na cama.

Chuck, me diga o que é esse negócio de transformação ? O que eles estão fazendo lá com aquele pobre garoto o Ben ?

Chuck deu de ombros. Eu não sei os detalhes. Os grievers (verdugos) te fazem coisas ruins, fazem todo o seu corpo passar por algo terrível. Quando terminam, você fica … diferente. Thomas percebeu sua chance de finalmente conseguir uma resposta sólida. - Diferente? O que você quer dizer? E o que isso tem a ver com os grievers (verdugos)? É isso o que Gally entende por ser - ferroado- ?

- Shhh. Chuck segurou um dedo frente a sua boca.

Thomas quase berrou de frustração, mas ficou em silêncio. Era de se

esperar que Chuck o dissesse mais tarde, ele querendo ou não. Alby e Newt haviam alcançado a multidão haviam corrido na frente parando em frente do portão principal que levava para a caixa. Todo mundo se acalmou e pela primeira vez, Thomas notou o som do aumento do arrasto do elevador(A caixa) subindo, lembrá-lo de sua própria jornada de pesadelos no dia anterior. A tristeza o cobriu, quase como se estivesse revivendo aqueles poucos minutos terríveis e acordar no escuro depois da perda de memória. Ele sentia pena de quem fosse o novo garoto, que teria que passar pelas mesmas coisas.

Um estranho som abafado anunciou que o elevador tinha chegado.

Thomas olhou para a frente em como Newt e Alby tomavam suas posições em lados opostos das portas de metal em frente... e abriu apenas uma fresta no meio do metal quadrado. simples ganchos de mão foram colocados em ambos os lados, e juntos eles abriram. Com um som estridente, os portões foram abertos, e uma lufada de pó de pedra ao redor subiu no ar.

Silêncio total caiu sobre os habitantes da clareira. Enquanto Newt se inclinava para obter uma melhor visão do interior da caixa, devaneios de como o balir de uma cabra ecoou do outro lado do pátio. Thomas inclinou-se até onde ele pode, na esperança de obter um vislumbre do recém-chegado.

Com um safanão, Newt se lançou para trás novamente para uma posição vertical, e seu rosto mostrou confusão. - Merda...- ele sussurrou, olhando em torno de nada em particular.

Até então, Alby tinha conseguido uma visão muito boa também, e mostrou uma reação semelhante. - Não pode ser, ele murmurou, quase em transe.

Um coro de perguntas enchiam o ar quando todos começaram a se inclinar para para a frente a olhar através da pequena abertura. O que eles estão vendo lá? Se perguntou Thomas. O que eles estão vendo? Ele sentiu uma pequena lasca de medo semelhante ao que havia experimentado naquela manhã, quando ele deu um passo para janela para ver o griever (verdugo).

- Espere! Alby exclamou, calando todos. Apenas esperem!

- Bem, o que há de errado? Alguém gritou.

Alby se deteve. - Dois novos em dois dias, disse ele, quase num sussurro. Agora isso.

Por dois anos, nada de diferente, e agora isso... - Então, por alguma razão, ele olhou diretamente para Thomas. O que está acontecendo aqui, Greenie (Fedelho)?

Thomas olhou para trás, confuso, seu rosto ficando vermelho e brilhante, e as suas entranhas se revolvendo. - Como é que eu vou saber?

- Por que vocês simplesmente não nos dizem que inferno tem ai dentro, Alby? Gritou Gally. Houve mais murmúrios e uma onda de habitantes estava empurrando-os para a frente.

- Calem-se! Alby gritou. Diga Newt.

Newt olhou para a caixa novamente, e em seguida, se dirigiu à multidão seriamente. - É uma menina, disse ele.

Todo mundo começou a falar imediatamente, Thomas apenas entendia pedaços aqui e ali.

- Uma menina?

- Como o senhor vê?

- Qual a idade?

Thomas estava se afogando num mar de confusão. Uma menina?

Ele não tinha sequer pensado sobre o porquê de a clareira ter apenas garotos e nenhuma menina.

Não teve a oportunidade de pensar, realmente. Quem é ela? Ele perguntou.

- Por que...?

Newt fez sinal de silêncio novamente.

- E essa não é nem a maldita metade do assunto, ele disse depois apontou para o piso da caixa.

Eu acho que ela está morta.

Um par de rapazes pegou algumas cordas feitas de cipó de hera, e Alby e Newt a baixaram para a caixa para poder recuperar o corpo da menina. Um humor de golpe reservado tinha caído sobre a maioria dos habitantes

do clareira, que se agrupavam com rostos sombrios, chutando pedras soltas e não diziam muito sobre o que acontecia. Ninguém queria admitir que mal podiam esperar para ver a menina, mas Thomas assumiu que todos estavam igualmente curiosos sobre o que era. Gally era um dos caras que segurava as cordas, pronto para levantar a menina, Newt e em seguida Alby para a puxar da caixa. Thomas olhou de perto. Seus olhos estavam cheios com algo obscuro... quase como um fascínio mórbido. Era algo que fez com que Thomas, de repente se sentisse mais assustado do que tinha sentido minutos antes.

Do fundo do túnel veio a voz de Alby gritando que eles estavam prontos, e Gally e um par dos outros garotos começaram a puxar a corda.

Poucos grunhidos mais tarde, o corpo da menina era levado em toda a borda da porta para o colocar em um dos blocos de pedra que formam o assoalho da clareira. Todo mundo correu imediatamente para a frente, formando uma multidão em torno dela, uma excitação estava pairando e era palpável no ar. Mas Thomas permaneceu atrás. O silêncio misterioso lhe deu arrepios, como se tivessem acabado de abrir um túmulo.

Apesar de sua própria curiosidade, Thomas não se preocupou em tentar forçar a sua entrada através da multidão para conseguir um olhar, a multidão se espremia muito. Mas ele a tinha visto antes de ter a visão bloqueada. Era magra, mas não muito pequena. Talvez ela tivesse 1 metro e meio de altura, mas como ele poderia adivinhar?

Parecia ter quinze ou dezesseis anos de idade, e seu cabelo era preto. Mas o que realmente se destacou nela era sua pele: pálida, branca como pérola.

Alby Newt e saíram da caixa depois dela, em seguida, abriram caminho para o corpo da menina, com a multidão se reagrupando detrás deles, cortando a vista de Thomas. Apenas alguns segundos depois, o grupo se separou novamente, e Newt apontava diretamente para Thomas.

- Greenie (Fedelho), venha aqui, disse ele, sem se preocupar em ser educado com ele.

O coração de Thomas saltou de sua garganta, suas mãos começaram a suar.

Pra que precisavam dele? As coisas simplesmente começariam a piorar e piorar. Foi forçado a seguir andando, tentando parecer inocente, sem

agir como alguém que fosse culpado e tentando parecer inocente. Oh, acalme-se, ele disse. Você não fez nada de errado. Mas tinha a estranha sensação de que talvez ele o tivesse feito sem perceber.

Os caras que formavam caminho até Newt, e para menina olhavam para ele enquanto caminhava em direção dela, como se ele fosse responsável pela bagunça com o labirinto,a clareira e os grievers (verdugos). Thomas se recusou a fazer contato visual com qualquer um deles, com medo de parecer culpado.

Ele se aproximou de Newt e Alby, que estavam ajoelhados ao lado da menina.

Thomas, não querendo encontrar seus olhares, se concentrou nela, apesar de sua palidez ela era muito bonita. Mais do que bonita. Era linda.

Cabelo sedoso, pele impecável, lábios perfeitos, pernas longas. Ele se sentiu um doente por pensar assim sobre uma menina morta, mas não podia desviar o olhar. Não será assim por um longo tempo pensou, sentiu uma agitação no meu estômago. Ela começará a apodrecer rapidamente.

Ele ficou surpreso ao ter tal pensamento mórbido.

- Você conhece esta menina, Shunk? Alby-perguntou, quebrando o silêncio pesado.

Thomas ficou abalado com a pergunta. - Se eu a conheço ? Claro que não.

- Não conheço ninguém. Exceto vocês.

- Isso não é...- Alby começou, então, se levantou com um suspiro de frustração.

- Quero dizer, se te parece familiar.

- Você tem alguma sensação de já te la visto antes?

-Não. Nada. Thomas mudou o seu olhar para seus pés, depois novamente para a menina.

Alby franziu a testa. - Você tem certeza? - Olhou como se não acreditasse em uma só palavra do que Thomas dizia, e parecia irritado.

- Como ele pode pensar que eu tenho algo a ver com isso? Thomas pensou.

Encontrou o olhar fixo de Alby e disse da única maneira que podia dizer. - Sim.

- Por quê?

- Droga, murmurou Alby, olhando para a garota novamente. Não pode ser uma coincidência. Dois dias, dois novos, um vivo, uma morta.

Então as palavras de Alby começaram a fazer sentido e o pânico eclodiu em Thomas. - Você não acha que eu...- ele não pode nem mesmo terminar a frase.

- Fique tranquilo, Greenie (Fedelho), disse Newt. Nós não estamos dizendo que você a matou.

A mente de Thomas estava girando. Ele tinha certeza de que nunca a tinha visto antes... mas em seguida, uma pequena insinuação de dúvida arrastava em sua mente. - Eu juro ela não me parece familiar em nada, ele disse. Havia tido acusações suficientes.

- Você não...?

Antes que Newt pudesse terminar, a menina se moveu e ficou sentada. Ele sentiu um alivio enorme, os olhos dela se abriram e piscavam, olhando a multidão ao redor que a cercava.

Alby gritou e caiu para trás. Newt engasgou e pulou, dando um passo para longe dela.

Thomas não se moveu, o seu olhar estava fixo na garota, paralisado pelo medo.

Seus olhos azuis brilhando e olhando para lá e para cá, tendo respirações profundas. Os lábios rosados tremiam quando ela dizia algo baixinho entre os dentes uma e outra vez, de uma forma que era indecifrável. Então disse uma frase, com sua voz rouca e tempestuosa, mas clara.

- Tudo vai mudar agora.

Thomas olhou para ela fixamente quando os olhos da menina olharam para cima, quando ela caiu no solo. Sua mão direita se moveu no ar quando ela caiu, permanecendo rígida, depois disso, apontava para o céu.

Segurava firmemente um pedaço de papel amassado.

Thomas tentou se mexer, mas sua boca estava demasiado seca.

Newt correu para frente e abriu os dedos da menina, pegando o papel. Com as mãos trêmulas, o abriu, em seguida, caiu de joelhos, deixando a nota no chão. Thomas veio por trás dele para poder ver.

Estavam rabiscadas no papel em grandes e letras negras e havia no papel cinco palavras escritas:

Ela é a última.

Nunca.

9

Um raro momento de completo silêncio pairava sobre a clareira.

Era como se um vento sobrenatural tivesse se espalhado pelo lugar e absorvido todo o som.

Newt tinha lido a mensagem em voz alta para aqueles que não puderam ver o papel, mas ao invés de explodir em confusão, os habitantes da clareira, ficaram chocados.

Thomas esperava gritos, perguntas, argumentos. Mas ninguém disse uma palavra, todos os olhos estavam grudados na menina, agora como se estivesse dormindo, seu peito subindo e descendo com a profundidade de suas respirações. Ao contrário de sua conclusão original ela estava muito viva.

Newt levantou-se e Thomas esperou por uma explicação, uma voz, uma razão, uma calma presença. Mas tudo que ele fez foi amassar o bilhete na mão, fazendo as veias saltarem de sua pele, enquanto o pressionava, e Thomas teve um aperto coração no coração. Não estava seguro, mas a situação tornou desconfortável.

Alby colocou as mãos em volta na boca.

- Med-jacks!

Thomas se perguntou o que significava essa palavra, ele sabia que a tinha ouvido antes mas então, levou um forte esbarrão em um lado. Dois rapazes mais velhos foram abrindo caminho através da multidão, um era alto, com um corte de cabelo no estilo militar o nariz era do tamanho de um limão grande. O outro era baixo e realmente tinha cabelos grisalhos ganhando o lado do cabelo preto de sua cabeça. Thomas só podia esperar que houvessem dado algum sentido de tudo isso.

- Então o que fazemos com ela?

Perguntou o mais alto, o tom de sua voz era muito mais grave do que Thomas havia esperado.

- Como eu poderia saber? Alby disse.

Vocês shank (trolhas) são os Med-jacks pelo que sei.

Med-jacks, Thomas repetiu em sua cabeça, e uma luz se apagando.

Devem ser os mais próximos dos médicos por aqui. O mais baixo já estava no chão, ajoelhado ao lado da menina, olhando para o seu pulso e curvando-se para ouvir os batimentos cardíacos dela.

- Quem disse que Clint tinha chegado primeiro ? - Alguém gritava na multidão. Havia vários murmurinhos de riso. Eu sou o próximo!

- Como vocês podem brincar aqui?

Thomas pensou. A menina está quase morta.

Ele se sentia mal por dentro.

Alby os entreolhou, detendo um sorriso com a boca que não parecia ter algo a ver com humor. - Se alguém tocar nessa garota,disse Alby, vai passar a noite dormindo com os grievers (verdugos) lá no labirinto.

Será Banido sem perguntas. Ele fez uma pausa, girando lentamente em círculo, como se cada pessoa pudesse ver o rosto dele,será melhor que ninguém a toque! OUVIRAM NINGUÉM!

Era a primeira vez que Thomas tinha gostado de ouvir algo saído da boca Alby.

O rapaz mais baixo que tinha sido referido como um Med-jacks, Clint, havia escutado corretamente, quando ele se levantou de seu exame. -

Ela parece estar bem. A respiração está Ok, a frequência cardíaca está normal.

Embora um pouco lenta. Sua saúde acho que é tão boa quanto a minha, mas eu diria que ela está em um estado de coma. Jeff, vamos levá-la para Homestead.

Seu parceiro, Jeff, se aproximou para agarrá-la pelos braços, enquanto Clint pegava em seus pés. Thomas queria poder fazer algo mais do que ver cada segundo se passar, duvidava cada vez mais que o que tinha dito antes fosse verdade. Ela lhe parecia familiar, sentiu uma conexão com ela, embora fosse impossível de captar em sua mente. A ideia o deixou nervoso, e olhou ao redor, como se alguém tivesse ouvido seus pensamentos.

- Na contagem de três, Jeff, era o mais alto dos Med-jacks se dobrou na metade, parecendo ridículo como um Louva Deus.. dois...três!

Levantaram a menina tão rápido com um empurrão, que quase a jogaram no ar, ela era obviamente muito mais leve do que tinham pensado

e Thomas quase gritou para que eles tivessem mais cuidado.

- Acho que vou ter que ver o que ele faz, disse Jeff a ninguém em particular.

Nós podemos alimentá-la com soro se não acordar.

- Basta olhar de perto, disse Newt.

Deve ter algo de especial ou então não a teriam enviado pra cá.

A coragem de Thomas encolheu. Ele sabia que ele e a menina estavam ligados de alguma forma. Veio com um dia de diferença, parecia familiar, teve uma inesperada necessidade de tornar-se um runner, apesar de aprender tantas coisas terríveis... O que era aquilo?

Alby se inclinou para olhar o rosto dela, mais uma vez antes de a levarem. - Coloque-a ao lado do quarto de Ben, e a vigiem dia e noite.

Nada acontece sem o meu consentimento. Não me importa se ela fala durante o sono,ou se tiver algum devaneio idiota venham aqui e me contem.

- Sim, disse Jeff, e então ele e Clint arrastavam os pés fora de Homestead, e o corpo da menina pulava ao longo da estrada, e os outros habitantes da clareira começaram a falar sobre isso, espalhando teorias que borbulhavam no ar.

Thomas observava tudo isso em contemplação silenciosa. Essa estranha conexão que sentia não era só sua. As acusações não tão veladas lançadas contra ele apenas alguns minutos antes, provou que os outros suspeitavam de algo, também, mas o quê?

Ele estava totalmente confuso, sendo acusado de coisas que só o fizeram sentir-se pior. Como se lesse seus pensamentos, Alby veio e o tocou-no ombro.

- Nunca tinha visto antes? Ele perguntou.

Thomas hesitou antes de responder. - Não..., que eu me lembre. -

Ele esperava que a sua voz trêmula não trouxesse dúvidas. E se a conhecia de alguma maneira ?O Que isso significava?

- Você tem certeza? - Newt o cutucou, de pé parado atrás de Alby.

- Eu... Não, eu não penso assim. Por que me queimar-desta maneira ? -

Tudo o que Thomas queria naquele momento era a noite para cair, para assim poder estar sozinho, e ir dormir.

Alby sacudiu a cabeça, em seguida, virou-se para Newt, liberando a mão que estava sobre o ombro de Thomas.

- Alguma coisa o golpeou. Convoque uma Reunião.

Ele disse com bastante tranquilidade para que Thomas não acreditasse que nada mais o houvesse escutado, mas parecia sinistro.

Então, o líder e Newt a esquerda, e Thomas ficou aliviado ao ver Chuck de volta.

- Chuck, o que é uma Reunião? Parecia estar orgulhoso de saber a resposta. - É quando os chefões se encontram, apenas uma chamada quando algo estranho ou terrível acontece.

- Eu acho que agora se enquadram nas categorias muito bem. O

estômago de Thomas retumbava, interrompendo seus pensamentos. Eu não terminei o meu café da manhã, podemos conseguir alguma coisa em algum lugar? Estou morrendo de fome.

Chuck olhou para ele, e as sobrancelhas se ergueram. – Ao ver as peles de frango você ficou com fome?

Você deve ser mais psicótico do que eu pensava.

Thomas suspirou. - Só me de um pouco de comida.

A cozinha era pequena, mas tinha tudo para fazer uma boa refeição.

Um grande forno, micro-ondas, máquina de lavar louça, um par de mesas.

Ele parecia velho e gasto, mas limpo.

Quando você visualiza os equipamentos disponíveis Thomas fez sentir-se como se as lembranças - as memórias reais, fossem fortes, mesmo à beira de sua mente.

Mas, novamente, as partes essenciais faltavam, nomes, rostos, lugares, acontecimentos. Era enlouquecedor.

- Sente-se,- disse Chuck. Eu vou encontrar alguma coisa, mas eu juro que é a última vez. Apenas fique feliz de Frypan não estar aqui, ele odeia quando atacam sua geladeira.

Thomas estava aliviado por estar sozinho. Quando Chuck pegava os pratos e outras coisas do refrigerador, Thomas puxou uma cadeira de madeira em uma mesa de plástico pequena e se sentou. - Isso é loucura.

Como isso pode ser isso real? Alguém nos enviou aqui.

Alguém ruim.

Chuck parou. - Pare de reclamar. Basta aceitá-lo e não pensar nisso.

- Sim, claro. Thomas olhou por uma janela. Isso parecia um bom momento para pegar um dos milhões de perguntas que saltavam em seu cérebro. Então, de onde veio a eletricidade?

- Quem se importa? Eu a levarei.

Que surpresa, pensou Thomas. Não teve resposta.

Chuck trouxe dois pratos, sanduíches e as cenouras em cima da mesa. O pão era grosso e branco, cenouras e laranjas de cores brilhantes. O

estômago de Thomas implorou-lhe para se apressar, ele pegou seu sanduíche e começou a devorá-lo.

- Oh, homem,- ele murmurou com a boca cheia. Pelo menos a comida é boa.

Thomas era capaz de comer o resto de sua refeição sem uma palavra de Chuck.

E ele teve sorte que o garoto não quis falar, porque, apesar da completa raridade de tudo o que tinha acontecido com a riqueza da memória de Thomas se sentiu tranquilo novamente.

Seu estômago cheio, a energia aumentada, a sua mente estava grata por alguns momentos de silêncio, ele decidiu que seria a partir de então deixaria de gemer e iria lidar de frente com as coisas.

Após sua última mordida, Thomas se recostou na cadeira. - Por isso, Chuck...

Ele disse que limpou a boca com um guardanapo. O que eu tenho que fazer para me tornar um runner?

- Não outra vez. Chuck levantou seus olhos, onde ele tinha vindo recolher as migalhas. Soltou um arroto baixo que fez Thomas se retrair.

- Alby disse que iria começar em breve com os mais diferentes

encarregados.

Por isso, quando eu posso ter uma chance com os runners? Thomas esperou pacientemente para obter algumas informações atuais de Chuck.

Chuck revirou os olhos dramaticamente, não deixando dúvidas sobre o que seria a ideia mais estúpida que ele pensava.

- Eles deveriam estar de volta algumas horas. Por que não pergunta pra eles?

Thomas ignorou o sarcasmo, cavando mais fundo. - O que eles fazem quando estão de volta todas as noites? E sobre o edifício de concreto?

- Mapas. Reúnem-se justo quando eles retornam, antes de eles esquecerem.

- Mapas? Thomas estava confuso. - Mas se eles estão tentando fazer uma mapa, não tem papel para escrever quando estão longe? -mapas.

Isso lhe intrigava mais do que qualquer outra coisa que eu tinha ouvido há algum tempo. Foi o primeiro que sugeriu uma possível solução para sua situação.

- Claro que sim, mas ainda há coisas que precisam falar, discutir e analisar e toda essa merda. Além disso, o rapaz revirou os olhos, - gastam a maior parte do tempo correndo, não escrevem. Por isso se chamam runners.

Thomas pensou nos corredores e nos mapas. Poderia ser realmente o labirinto tão maciçamente grande que mesmo após dois anos ainda não encontrou uma saída? Parecia impossível. Mas então ele se lembrou do que disse em Alby sobre as paredes móveis. E se todos eles foram condenados a viver aqui até morrer?

Condenados.

A palavra o fez sentir uma onda de pânico, e a centelha de esperança a comida que lhe havia trazido não teria com um apito silencioso.

Chuck, o que acontece se somos todos criminosos? Quero dizer, o que acontece se somos assassinos ou algo assim?

- Hã? - Chuck olhou para ele como se fosse um louco. De onde vem essa ideia feliz?

- Pense nisso. Nossas lembranças estão apagadas. Nós vivemos em um

lugar que parece não ter saída, cercado por sanguinários monstros encarregados.

Não parece uma prisão? - A medida disse em voz alta, soava cada vez mais e mais possível. Náuseas corriam pelo seu peito.

- Amigo, eu provavelmente tenho 12 anos. Chuck apontou para seu peito. No máximo, treze anos. Você realmente acha que eu fiz algo que me mandaria para a prisão para o resto da minha vida?

Eu não me importo o que você fez ou deixou de fazer. De qualquer maneira, você tem de ser enviado para a prisão.

Isso parece férias ? - Oh, homem, pensou Thomas. Por favor, deixe-me estar equivocado.

Chuck pensou por um momento. Eu não sei. É melhor do que isso.

- Sim, eu sei, melhor do que o monte de merda. Thomas se levantou e empurrou sua cadeira debaixo da mesa. Ele gostava de Chuck, mas tentar ter uma conversa inteligente com ele era impossível.

Pra não falar frustrante e irritante.

- Vá traga um outro sanduíche, vou explorar por aí. Vejo você à noite.

Ele deixou a cozinha e pátio, antes de que Chuck pudesse se oferecer para acompanhá-lo. A clareira estava de volta aos negócios como de costume, os habitantes que trabalham nos postos de trabalho, as portas da caixa fechadas, e o sol brilhando sobre nós. Qualquer indicação de garota louca fazendo anotações da desgraça tinha ido embora.

Tendo de haver tido e interrompido a sua jornada, ele decidiu passear na clareira por conta própria e dar uma olhada melhor no local. Ele era para o canto Nordeste, nas fileiras das grandes espigas de milho verde, que parecia apontar para a colheita. Havia outras coisas, também: tomate, alface, ervilhas, muito mais que Thomas, mas não reconhecia.

Ele respirou profundamente, amando o cheiro familiar doce de terra e plantas em crescimento. Eu tinha certeza que o cheiro poderia trazer algum tipo de memória agradável, mas nada veio. À medida que se aproximava, ele viu vários garotos que eram da remoção e recolha em campos pequenos.

Um deles o saudou com um sorriso. Um sorriso verdadeiro.

Talvez esse lugar não fosse tão ruim, afinal, o pensou Thomas. Nem todos aqui são estúpidos. Mais uma vez voltou a respirar profundamente o ar agradável e tirou seus pensamentos da cabeça, havia mais queria ver.

Em seguida era o canto do sudeste, onde construiu cercas mal madeira, sujeitado em várias vacas, cabras, ovelhas e porcos. Sem cavalos, entretanto.

Isso é péssimo, pensou Thomas. Os runners são mais rápidos.

Quando ele se aproximou, ele pensou que devia ter tratado os animais em sua vida antes da clareira. Seu cheiro, seu som, tudo lhe parecia muito familiar.

O cheiro não era tão agradável como as culturas, mas ainda imaginar que poderia ter sido muito pior. Depois de explorar a área, percebeu que mais e mais em quão bem os habitantes da clareira mantinham o lugar, e como era limpo. Ficou impressionado com a forma como deviam estar organizados, como é difícil todos devessem trabalhar.

Ele só poderia imaginar em como este lugar ficaria realmente horrível, se todos fossem preguiçosos e burros.

Por fim, foi para o sudoeste, perto da floresta.

Foi se aproximando de baixo, árvores esqueléticas na frente das florestas mais densas, quando foi atingido por um borrão nos pés, seguido por um conjunto de cliques. Ele olhou para baixo a tempo de ver o sol fleshear algo metálico, um brinquedo de rato correu apressadamente a o seu lado e para a pequena floresta.

A coisa que já estava a três metros no momento percebeu que não era um rato em tudo, ele era mais parecido com um lagarto, pelo menos seis patas escorregando muito bem de seu torso prata.

Uma faca escaravelho robô. Assim é como nós olham, Alby tinha dito.

Ele percebeu um flash de luz vermelha varrendo o chão na frente da criatura, como se viesse dos seus olhos. A lógica dizia que era a sua mente lhe pregando uma peça, mas jurou que viu a palavra mal gravada nas costas arredondadas, em grandes letras verdes. Algo tão estranho devia ser investigado.

Thomas correu às pressas atrás do pequeno espião, e em questão de

segundos entrou na floresta densa e o mundo escureceu.

10

Não podia acreditar o quão rápido a luz desapareceu. Uma vez que a clareira em si, a floresta não parecia tão grande, talvez um par de hectares.

No entanto, as árvores eram altas, com troncos robustos, embalados firmemente junto, até a copa com folhas grossas. O ar em torno dele tinha um tom esverdeado, em silêncio, como se em apenas alguns minutos do dia fosse anoitecer.

Era de alguma forma belo e terrível ao mesmo tempo.

Movendo-se tão rápido quanto podia, Thomas atravessou a folhagem espessa, e os galhos tapavam seu rosto. Ele abaixou-se para evitar um galho baixo e quase caiu. Estendeu a mão, e pegou um ramo e saltou para a frente tentando restabelecer o equilíbrio. Uma espessa camada de folhas e galhos caídos caia sob seus pés.

Ao mesmo tempo, seus olhos caíram sobre os escaravelho robôs que corriam no chão da floresta. Foi mais fundo, o brilho da luz vermelha ficava mais forte, enquanto o entorno escurecia o ambiente.

Thomas tinha penetrado trinta ou quarenta metros no mato, esquivando-se e curvando-se e perdendo terreno a cada segundo, o escaravelho robô saltou em uma grande árvore e correu pelo seu tronco.

Mas no momento em que Thomas atingiu a árvore, todo sinal da criatura havia desaparecido. Tinha desaparecido na densas folhagens, quase como se nunca tivesse existido.

Ele havia perdido a ventosa.

- Isso (shank)idiota,Thomas sussurrou, quase como uma piada.

Quase. Por estranho que pareça, a palavra parecia natural aos seus lábios, como se ele fosse se tornar um residente da clareira.

Um galho estalou em algum lugar à sua direita e balançou a cabeça nessa direção.

Prendeu a respiração e ouviu.

Outro clique, desta vez mais alto, quase como se alguém tivesse quebrado um pedaço de pau acima dos joelhos.

- Quem está aí? Gritou Thomas, com um arrepio de medo passando por seus ombros. A voz dele saltando para fora da copa de folhas em cima dele, ecoando através do ar. Congelou, enraizada no chão enquanto o maior o silêncio, a exceção da música de assobio das aves à distância. Mas ninguém respondeu ao seu chamado. Nem ouviu mais sons vindo daquela direção.

Sem pensar muito, Thomas voltou-se para o som que ouvia. Sem ter de se preocupar em esconder o seu progresso, afastou os ramos durante a caminhada, deixando-os voltar para a sua posição.

Mirou,e forçou seus olhos para trabalhar na escuridão, desejando que tivesse uma lanterna. Pensou em lanternas e em sua memória.

Mais uma vez, lembrou-se de uma coisa tangível do passado, mas não podia atribuí-la a um tempo ou lugar, não era possível associar com qualquer pessoa ou evento. Frustrante.

- Há alguém aí? Ele perguntou novamente, se sentindo um pouco mais calmo desde que o ruído não se repetiu.

Provavelmente era apenas um animal, talvez um outro escaravelho robô. Por acaso, gritou:

- Sou eu, Thomas. O novo garoto. Bem, o segundo garoto mais novo.

Ele fez uma careta e balançou a cabeça, esperando que agora não houvesse ninguém. Soava como um completo idiota.

Novamente, não houve resposta.

Ele pisou em torno de uma grande árvore de carvalho e jogou um pouco.

Um arrepio Gelado correu em sua espinha. Ele havia chegado ao cemitério.

A compensação era pequena, por cerca de trinta metros quadrados e coberto com uma espessa camada de folhas que cresceram perto do chão.

Thomas podia ver várias cruzes de madeira preparadas furando desajeitadamente com este através desse crescimento, suas peças horizontais fixas na vertical com um cordel lascado. As lápides dos túmulos tinham sido pintadas de branco, por alguém com uma pressa óbvia. Os nomes haviam sido esculpidos na madeira.

Thomas se aproximou, hesitante, com a aproximação e ajoelhou-se para

olhar.

A luz era assim Tão pálida agora que quase sentia como se estivesse olhando através da neblina negra. Até os pássaros estavam em silêncio, como se tivessem ido dormir, e os sons dos insetos eram quase imperceptíveis, ou pelo menos muito menos do que normal. Pela primeira vez, Thomas percebeu que eram as florestas úmidas moldava o ar úmido e o suor na testa e nas costas das suas mãos.

Ele se inclinou próximo da primeira cruz. Parecia fresca e tinha o nome de - Stephen-n- extra pequeno e apenas na ponta, porque o talhador não havia calculado bem quanto espaço era necessário.

Stephen,Thomas pensou, sentindo uma dor inesperada, mas justo castigo.

Qual é a sua história?

- Chuck te irritou até à morte?

Ele se levantou e caminhou até uma outra cruz, era quase completamente coberta de ervas daninhas, a terra firme em sua base. Quem quer que fosse, deveria ter sido um dos primeiros a morrer, pois seu túmulo parecia mais velho. O nome era George.

Thomas olhou em volta e viu cerca de uma dúzia de sepulturas. Um par de delas pareciam estar tão frescas como no primeiro, que havia examinado. Um flash prateado chamou sua atenção. Era diferente do escaravelho robô que o havia levado à floresta, mas apenas como algo estranho. Ele atravessou os marcadores até chegar em uma fossa coberta com uma folha de plástico ou vidro sujo, suas bordas diluídas com a sujeira.

Ele apertou os olhos, tentando descobrir o que havia do outro lado, então ofegou quando focou. Era uma janela para outra tumba, que tinha a poeira dos restos de um corpo em decomposição.

Completamente revoltado, Thomas aproximou-se mais para ter uma visão melhor enfim, curioso. O túmulo era menor do que o habitual, apenas a metade superior da pessoa falecida estava lá dentro. Recordou a história de Chuck garoto que havia tentado escalar no obscuro buraco da caixa após ter descido, apenas para ser cortado em dois por algo que cortava em dois no ar. As palavras ficaram gravadas no vidro, Thomas mal podia ler:

Que este meio eixo seja um aviso para todos: Você não pode escapar pela fossa da caixa.

Thomas sentiu o desejo estranho de rir baixinho, parecia demasiado ridículo para ser verdade. Mas também estava com nojo de si mesmo para ser assim superficial e simplista. Balançando a cabeça, tinha se afastou para ler mais nomes dos mortos quando outro ramo quebrou, desta vez diretamente na frente dele, apenas atrás das árvores do outro lado do cemitério.

Em seguida, outro barulho. Em seguida, outro. Se aproximando. E

a escuridão era intensa.

- Quem está aí? - Ele chamou com uma voz trêmula, oca, soou como se estivesse falando dentro de um túnel.

Sério, isso é estúpido. - Odiava admitir para si mesmo até que ponto ele estava apavorado.

Em vez de responder, a pessoa desistiu de qualquer pretensão de sigilo e começou a correr, tropeçando na floresta ao redor da clareira no cemitério, dando voltas no lugar onde Thomas estava em pé. Ele ficou paralisado, o pânico passou. Agora, a poucos metros de distância, os visitante crescera mais alto e mais alto até que Thomas podia ver a sombra de um garoto magricela mancando.

- Quem é...

O garoto apareceu entre as árvores antes que Thomas pudesse terminar. Só era um flash de pele clara e olhos enormes, a maldita imagem de uma aparição e ele gritou, tentou correr, mas era tarde demais. A figura saltou no o ar e estava em cima dele, bloqueando os seus ombros, o agarrando com mãos fortes.

Thomas caiu no chão, sentiu uma pedra em suas costas antes de quebrar em duas, gravando um arranhão profundo em sua carne.

Empurrado e afastou seu agressor, uma mistura de pele e ossos brincando constante em cima dele, enquanto tenta ganhar impulso. Ele parecia um monstro, terror e pesadelo, mas Thomas sabia que tinha que ser um habitante da clareira, alguém que tinha perdido completamente sua mente. Olhou dentes abrindo-se e fechando-se, um horrível clack, clack, clack. Então ele sentiu o punhal de dor quando a boca do garoto encontrou

um lugar, um pouco mais profundo no ombro de Tomás.

Thomas gritou, a dor como uma explosão de adrenalina em seu sangue. Ele plantou as palmas das mãos contra o peito dele e o empurrou-seu atacante, endireitando seus braços até que seus músculos ficaram enrijecidos contra a figura esmagadora que estava acima dele.

Finalmente, o rapaz caiu para trás, e um forte barulho encheu o ar enquanto outra lápide havia desaparecido.

Thomas se retorcia para trás com mãos e pés, respirando o ar com dificuldade, e logo viu o atacante louco.

Era o garoto doente.

Era Ben.

11

Parecia que Ben tinha se recuperado levemente desde que Thomas o havia visto em Homestead. Ele usava nada além que shorts, sua pele de cor branca,muito branca,pele que se estendia por seus ossos como uma folha envolta em torno de um feixe de bambus. As veias e as cordas que atravessavam o seu corpo, verdes e vibrantes,mas menos pronunciadas do que no dia anterior.

Ele tinha os olhos imersos em sangue caindo sobre Thomas como se estivesse olhando para sua próxima refeição.

Ben – estava agachado, pronto para fazer um outro ataque. Em algum momento uma faca fez sua aparição, segurando-a com sua mão direita.

Thomas foi tomado de um nauseabundo temor, incapaz de acreditar que aquilo estava acontecendo.

- Ben!

Thomas olhou para a voz, ficou surpreso ao ver Alby de pé na borda do cemitério, como um fantasma desvanecendo-se à luz da tarde. O

alívio inundou o corpo de Thomas. Alby segurava um grande arco, com uma flecha inclinada para matar apontando diretamente para Ben.

Ben -repetiu -Alby. Pare agora, ou você não viverá para ver o amanhã.

Thomas voltou-se para Ben, que olhava ferozmente para Alby, tentando umedecer sua língua entre os lábios. O que poderia haver de errado com esse garoto?

Pensou Thomas. O garoto tinha se tornado um monstro. Por quê?

- Se você me matar, gritou Ben, com a saliva voando de sua boca, o suficiente para bater no rosto de Thomas, o estará fazendo com a pessoa errada. - Ele desviou a olhar para Thomas. Ele é o shank (trolha) a quem vocês querem matar. -Sua voz estava cheia de loucura.

- Não seja estúpido, Ben, disse Alby, sua voz era tranquila,enquanto olhava a direção da flecha. Thomas só está aqui... não precisa se preocupar.

Ainda está doente pela transformação.

Você não deveria ter saído da cama.

- Ele não é um de nós! Ben gritou. Eu o vi, ele é... Ele é malvado.

Temos que matá-lo! Me deixe tirar as tripas dele!

Thomas deu um passo involuntário para trás, horrorizado com o que Ben tinha afirmado. O que ele disse que tinha visto? Por que acreditava que Thomas era mal?

Alby não tinha movido sua arma um centímetro,mesmo Ben sendo o alvo.

- Somos encarregados,nós iremos descobrir, shuck -face. Suas mãos estavam perfeitamente estáveis, enquanto segurava o arco, quase como se ele tivesse sido apoiado em um galho. Agora, vire sua bunda magra desça e retorne para Homestead.

- Ele quer nos levar para casa, disse Ben. Ele quer nos tirar do labirinto.

Seria melhor que todos nós pulássemos no precipício! Seria melhor para nós a arrancar as tripas uns dos outros!

- O que você está dizendo...? - Thomas começou.

- Esconda a teu rosto! Gritou Ben.

Esconda sua feia cara,traidora!

-Ben - disse Alby calmamente. Eu vou contar até três.

- Ele é mal, é mal, é mal... - Bem agora estava sussurrando, quase cantando. E balançou para frente e para trás mudando a faca de mão com os olhos fixos em Thomas, Alby começou a contar -Um

- mal,mal,mal,mal,mal,malvado... - bem sorriu, seus dentes pareciam brilhar com uma pálida luz esverdeada que Thomas queria desviar o olhar e sair. Mas não podia mover-se, foi também hipnotizado e estava com muito medo.

- Dois. A voz Alby ficou mais forte de com a advertência.

- Ben, disse Thomas, tentando dar sentido a tudo. Eu não sou...

Eu não sei o que que...

Ben gritou, um gorgolejo abafado de loucura, e saltou cortando o ar com a sua faca.

- Três, gritou Alby.

Houve o som do clique de um fio. O zumbido de um objeto atravessando o ar. A desagradável,úmida sensação da flecha encontrando seu lugar.

A cabeça de Ben desviou violentamente para a esquerda, retorcendo o seu corpo até que pousou em seu estomago com os pés apontando para Thomas. Ele não fazendo nenhum barulho.

Thomas se levantou e cambaleou para a frente. O eixo da flecha encostou no rosto de Ben, que era de se estranhar que o sangue foi menor do que Thomas esperava, mas correu. Preto no escuro, como o petróleo. O

único movimento era o de dedinho de Ben, tremendo.

Thomas lutou contra a vontade de vomitar. - Ben estava morto por causa dele? Era culpa sua ?

- Venha, disse Alby. Os Baggers cuidarão dele amanhã.

- O que aconteceu aqui? Thomas pensou que o mundo girava a seu redor de enquanto olhava o corpo sem vida. O que eu fiz para este garoto?

Ele olhou para cima, querendo respostas, mas Alby já tinha ido, um ramo de agitação era o único sinal de que ele já tinha estado aqui antes.

Thomas fechou os olhos contra a luz do sol ofuscante para sair da floresta. Mancando, com o tornozelo, gritando de dor, embora ele não tivesse memória de o ter ferido.

Colocou uma mão suavemente sobre a área onde ele tinha sido mordido, com a outra segurava a barriga, como se isso fosse impedir que Thomas tivesse uma inevitável vontade de vomitar. A imagem da cabeça de Ben veio em sua mente inclinada em um ângulo não natural, o sangue que escorria da haste da flecha até acabar, pingando e havia respingos no chão....

A imagem do garoto que foi a última gota.

Ele caiu de joelhos ao lado de uma das esquálidas árvores fora da floresta e vomitou, com tosse e engasgos enquanto cuspia cada pedaço dos ácidos biliares, desagradáveis de seu estômago. Seu corpo inteiro tremia e parecia que o vomito não teria fim. E então, como se seu cérebro estivesse a provocando-o, tentando deixá-lo pior,quando teve um pensamento. Já havia estado na clareira sobre um 24 horas. Um dia completo. Isso era tudo.

E olha o que aconteceu. Foram terríveis as todas coisas.

Certamente isso só poderia melhorar.

Naquela noite, Thomas estava olhando para o céu estrelado, se perguntando alguma vez dormiria de novo. Toda vez que eu fechava os olhos, via a imagem monstruosa de Ben saltando para ele, o rosto do garoto envolto em loucura, enchia sua mente. Com olhos abertos ou não, ele poderia jurar que ele estava ouvindo o som da flecha a acertando no rosto de Ben.

Thomas sabia que ele nunca iria esquecer aqueles minutos terríveis no cemitério.

- Diga alguma coisa, disse Chuck, perguntou pela quinta vez desde que tinha posto seu saco de dormir.

- Não, disse Thomas, como havia feito antes.

- Todo mundo sabe o que aconteceu. Isso já aconteceu uma ou duas vezes, alguns grievers (verdugos) idiotas enlouquecem e atacam alguém. Não pense que você é especial.

Pela primeira vez, pensou Thomas a personalidade de Chuck, havia mudado de levemente irritante a intolerável.

Chuck, você tem sorte, de não estar segurando o arco de Alby agora.

- Estou brincando.

- Cale-se, Chuck. Vá dormir. -Thomas não podia lidar com isso neste momento.

Com o tempo, seu - amigo-dormiu, e baseado -se no som do ronco através do clareira, assim fizeram como todos os outros. Horas mais tarde, bem na noite, Thomas foi o único que ainda estava acordado. Queria chorar, mas não o fez. Queria encontrar Alby e o socar sem motivo, mas não o fez.

Queria gritar, chutar e cuspir e abrir a caixa e saltar para a escuridão abaixo. Mas não o fez.

Ele fechou os olhos e forçou os pensamentos obscuros e imagens a pararem, e em algum momento adormeceu. Chuck teve que arrastar Thomas para fora de seu saco de dormir pela manhã, arrastá-lo para o chuveiro, e arrastá-lo para o vestiário. Durante todo o tempo, Thomas se sentiu cansado e indiferente com a cabeça doendo, com o seu corpo querendo dormir mais. O almoço foi um borrão, e uma hora depois de ter

terminado, Thomas não conseguia lembrar o que tinha comido. Estava muito cansado, o seu cérebro se sentia como se alguém tivesse vindo e grampeado para crânio em uma dezena de lugares. A acidez rasgou seu peito.

Mas do que poderia dizer, cochilos eram malvistos na obra gigante da fazenda na clareira.

Ele ficou em pé com Newt na frente do celeiro na Casa de Sangue, se preparando para seu primeiro treino com um encarregado. Apesar da manhã, ele estava realmente animado para aprender mais, e a oportunidade de afastar Ben de sua mente e do cemitério. As vacas mugiam, as ovelhas baliam, porcos chafurdavam ao redor.

Em algum lugar próximo, um cachorro latiu, Thomas esperava que Frypan não trouxesse um novo significado para a palavra cachorro quente.

Hotdog pensou.. Quando foi a última vez comeu um cachorro quente?

- E com quem comeu?

- Tommy, você está mesmo me ouvindo?

Thomas saiu de seu torpor e se centrou em Newt, que havia estado falando quem sabe por quanto tempo, Thomas não tinha ouvido uma palavra. - Eu só... eu sinto muito. Não conseguiu dormir na noite passada.

Newt tentou um sorriso patético. - Eu não posso te culpar. Eu sou provavelmente uma amaldiçoado shank (trolha) por fazer você trabalhar hoje depois um episódio como esse.

Thomas deu de ombros. - O trabalho é provavelmente a melhor coisa que eu poderia fazer. Qualquer coisa para que minha mente se esvazie.

Newt concordou, e o sorriso dele se tornou mais real. - Você é tão inteligente quanto aparenta Tommy. Essa é uma razão pela qual nos encontramos neste agradável e ocupado lugar. Se você está com preguiça, se você está triste. Comece a subir.

É muito simples.

Thomas concordou e distraidamente chutou uma pedra solta no chão empoeirado, uma pedra rachada da clareira.

- Então, quem era essa última menina de ontem? -

Se algo tivesse penetrado a neblina de sua larga manhã, havia sido os

seus pensamentos sobre ela. Queria saber mais, compreender a estranha conexão que sentia com ela.

- Ela ainda está em coma, dormindo.

Estamos a alimentando de sopa que Frypan consegue cozinhar, verificando o seu coração e outras coisas. Ela parece estar bem, só morta para o mundo por agora.

- Isso foi simplesmente estranho. - Se não fosse pelo incidente de Ben no Cemitério, Thomas tinha certeza que ela teria sido tudo que havia pensado na noite anterior. Talvez não poderia ter sido capaz de dormir por um motivo completamente diferente. Queria saber quem era e se realmente a conhecia de alguma maneira.

- Sim, disse Newt. Estranho é uma palavra tão boa como qualquer outra, eu acho.

Thomas olhou por cima do ombro de Newt no celeiro de vermelha, deixando os pensamentos sobra a menina de lado. - Então, o que vem em primeiro lugar? Ordenhar as vacas ou mandar alguns pobres suínos para o abate ?

Newt riu, um som que Thomas percebeu que não tinha ouvido muito desde que tinha chegado. - Sempre fazemos que os Iniciantes comecem com os Sangrentos Fatiadores. Não se preocupe, cortar carne para Frypan, é só o começo. Pode deixar que os Fatiadores fazem todas as -

negociações-com os animais.

- Pena que eu não conseguir me lembrar de toda a minha vida.

Talvez eu gostasse de matar animais. - Era uma brincadeira, mas parecia que Newt não tinha entendido.

Newt assentiu com a cabeça em direção ao celeiro. - Ah, você vai saber logo assim que o sol se por hoje à noite. Vamos conhecer Winston...

ele é o encarregado.

Winston era uma criança coberta de acne, baixo, mas musculoso, e pareceu a Thomas que o encarregado gostasse muito da forma como trabalhava. Talvez tenha sido enviado para cá por ser um assassino em série, pensou ele.

Winston mostrou a Thomas tudo na primeira hora, indicando que as

penas manter em que animais, onde era o galinheiro e os perus, onde tudo estava no celeiro. O cão, um labrador preto chamado Lab, tomou Thomas rapidamente, pulando em seus pés durante toda a passagem.

Querendo saber de onde veio o cão, Thomas perguntou a Winston, que disse que Lab sempre esteve lá. Felizmente, ele parecia ter recebido o seu nome como uma brincadeira, porque ele era muito quieto. A segunda hora se passou realmente trabalhando na fazenda com os animais, alimentando-os, limpando, arrumando uma cerca, limpando merda.

Merda5. Thomas conhecia mais e mais o marco divisório da clareira.

A terceira hora foi a mais difícil para Thomas. Ele tinha que ver como Winston sacrificou um porco e começou a preparação para separar as muitas partes para as comer no futuro. Thomas jurou duas coisas a si mesmo enquanto ele foi para a hora do almoço. Em primeiro lugar, sua carreira não seria com os animais, segundo, ele nunca poderia comer algo que tenha saído de um porco. Winston tinha dito que tirando ele, ninguém nunca ficava na Casa de Sangue.

Isso foi bom para Thomas. Enquanto caminhava em direção ao portão Leste, sem poder deixar de imaginar que Winston em um canto escuro do celeiro, roía as pernas de porco estando cruas.

O cara lhe deu essa impressão.

Thomas estava atravessando pela caixa, quando ele ficou surpreendido ao ver alguém entrar labirinto da clareira, através do portão Oeste à sua esquerda, um garoto asiático, com braços fortes e cabelos pretos curtos, que parecia um pouco maior que Thomas. O runner ficou preso por três etapas, em seguida,depois se abaixou e colocou as mãos nos joelhos, ofegante. Parecia que ele tinha corrido umas 20 milhas,estava com o rosto vermelho, a pele coberta e estava com a roupa encharcada de suor.

Thomas olhou para ele, tomado pela curiosidade, ainda não tinha visto um runner de perto ou havia conversado com um.

5 Refere-se ao prazo Klunk, um termo específico de habitantes da clareira significa merda. A frase original é: A segunda hora de trabalho efetivamente despendia com a alimentação de animais de exploração, limpeza, fixação de um muro, raspagem de Klunk. Klunk.

Além disso, com base nos dois últimos dias, o runner estava em casa mais cedo.

Thomas avançou, ansioso para conhecê-lo e fazer perguntas.

Mas antes que pudesse formar uma frase, o rapaz caiu no chão.

12

Thomas não se moveu durante alguns segundos. O garoto se colocou em posição fetal fazia pouco movimento, mas Thomas estava preso pela indecisão,com medo de se envolver. O que aconteceria se algo estivesse realmente mal com esse cara?

O que aconteceria, se ele fosse... ofendido?

Thomas se atrapalhou,o runner, obviamente, precisava de ajuda.

- Alby! - Ele gritou. Newt! Alguém pegue-o!

Thomas veio correndo, o garoto mais velho e se ajoelhou ao lado dele.

- Ei, você está bem? A cabeça do runner descansava nos seus braços estendidos seu peito subia enquanto ele ofegava.

Ele estava inconsciente, mas Thomas nunca tinha visto alguém tão exausto.

- Eu estou... bem, disse ele entre as respirações, então olhou para cima.

- Quem diabos é você?

- Eu sou novo aqui. - Então, Thomas entendeu que os runners estavam fora do labirinto durante o dia e não havia presenciado nenhum dos eventos em primeira mão. Será que esse cara sabe sobre a moça? Muito provavelmente, com certeza alguém teria dito a ele. Sou Thomas, eu estou aqui só a uma semana.

O runner se juntou a sessão sentando-se, seus cabelos negros presos à cabeça pelo suor. - Ah, sim, Thomas disse respirando pesadamente.

Novato. Você e a menina.

Alby levantou-se de um salto, claramente irritado. - O que você está fazendo aqui de novo e, Minho? O que aconteceu?

- Calma, Alby, respondeu o runner, pareceu que recuperou a energia durante em alguns segundos. Sinta-se útil e me traga água, deixei minha mochila la fora em algum lugar.

Mas Alby não se moveu. perna do Minho chutou, forte demais para ser piada. - O que aconteceu?

- Eu mal posso falar, shuck-face (Cara de mértila)! Minho gritou, com sua voz áspera. Traga-me alguma água!

Alby olhou para Thomas, que ficou espantado ao ver o menor sorriso passar pelo seu rosto antes de desaparecer ficando face carrancuda.

- Minho é o único shank (trolha) que pode falar assim, sem eu ter de chutar a bunda dele até o precipício.

Em seguida, surpreendendo até mesmo a Thomas, Alby se virou e correu, provavelmente Indo buscar a água de Minho.

Thomas se virou para Minho. -Ele permite que você lhe de ordens ?

Minho deu de ombros, em seguida, enxugou algumas gotas de suor de sua testa.

- Você não tem medo de ninguém? Cara, você tem muito que aprender.

- Malditos Novatos.

A Thomas lhe doeu a reprimenda mais do que deveria, considerando que ele conhecia aquele garoto há uns três minutos. - Ele não é o líder?

- Líder? Minho grunhiu e com isso provavelmente pretendia ser uma gargalhada.

Sim, chame-o de líder, tantas vezes quanto quiser. Talvez devêssemos chamá-lo de Presidente. Não, não. Almirante Alby. Não fique chateado.

Esfregou os olhos, rindo maliciosamente ao fazê-lo.

Thomas não sabia o que pensar da conversa, era difícil dizer quando Minho estava brincando. - Então quem é o líder, se ele não é?

- Greenie (Fedelho), cale a boca antes de que você fique ainda mais confuso.

-Minho suspirou aborrecido, então murmurou, mais para si mesmo. Porque vocês shank (trolhas) estão sempre perguntando coisas estúpidas? É realmente irritante.

- O que você espera? Thomas sentiu uma onda de raiva. Como se tivesse sido diferente com você,quando entrou aqui, eu teria gostado de responder.

- Faça o que eu te disse, mantenha a boca fechada. Isso é o que eu espero.

Minho primeiro olhou para ele bruscamente na cara depois da última frase, e Thomas voltou alguns passos antes que pudesse parar. Ele imediatamente percebeu que tinha cometido um erro, e não poderia deixar este garoto pensasse que ele poderia falar assim com ele.

Ele se forçou a ficar de joelhos para olhar melhor o garoto maior. -

Sim, eu tenho certeza que você fez exatamente isso quando você era um Novato.

Minho olhou cuidadosamente para Thomas. Então, novamente olhando para ele fixamente nos olhos, disse: - Fui um dos primeiros habitantes, da clareira, idiota.

Cale a merda da boca até que você saiba do que está falando.

Thomas, agora um pouco assustado com o garoto, mas na maior parte farto de sua atitude, mudou-se para participar. De repente a mão de Minho agarrou seu braço.

- Amigo, sente-se. Eu só estou brincando com você. É muito engraçado, e você vera quando o próximo novato vir... - deixando-o no ar, franzindo as sobrancelhas.

Suponho que não haverá um outro novato, hein?

Thomas se acalmou, sentando-se novamente, espantado com a rapidez com que ele se sentia aliviado. Pensou na menina e o tom que indicava que ela era a última. - Acho que não.

Minho apertou um pouco os olhos, como se estivesse estudando Thomas. - Você já viu a menina, né? Todo mundo diz que você provavelmente já sabe quem é, ou algo assim.

Thomas começou a sentir que ele se colocava na defensiva. - Eu a vi. E não me parece familiar. Ele imediatamente se sentiu culpado por mentir, mesmo que fosse uma pequena mentira.

-Ela está bem?

Thomas fez uma pausa, sem ter pensado nela dessa maneira depois que ficou histérica e colocaria a nota, com uma única linha: Tudo vai mudar. Mas Logo lembrou então de como ela era bonita. - Sim, suponho que ela esteja bem.

Minho inclinou-se para se deitar no chão com os olhos fechados. -

Sim, você supõe. Se você vai tirar ela do estado de coma, certo? - Ele virou-e para rir abertamente.

- Verdade. -Thomas estava tendo problemas para saber se Minho Gostava dele ou não, sua personalidade parecia mudar a cada minuto.

Depois de uma longa pausa, Thomas decidiu que deveria aproveitar a oportunidade - Então..., ele perguntou delicadamente, - você encontrou alguma coisa hoje?

Minho abriu os olhos bem abertos, pregados em Thomas. - O que você sabe, Greenie (Fedelho)?

Essa é a merda de coisa que você poderia perguntar a um runner. -

Ele voltou a fechar os olhos. Mas não hoje.

- O que você quer dizer? -Thomas ousou esperar informações.

Uma resposta,pensou. Por favor me dê uma resposta!

- Aguarde o retorno daquele elegante Almirante. Eu odeio dizer as coisas duas vezes. Além disso, ele pode não querer te ouvir de qualquer jeito.

Thomas suspirou. Não estava nada surpreendido com a não-resposta. - Bem, pelo menos, me diga porque você parece tão cansado. Você não corre lá fora todos os dias?

Minho gemeu sentado e cruzou as pernas por baixo dele. - Sim, Greenie (Fedelho).

Eu corro por aí todos os dias. Vamos apenas dizer que eu me excitei um pouco e eu corri demais só para trazer de volta a minha bunda até aqui.

- Por quê? Thomas queria desesperadamente saber o que tinha acontecido no labirinto.

Minho esticou os braços para cima.

- Cara, eu lhe disse. Paciência. Espere o General Alby.

Algo em sua voz caiu como um golpe, e Thomas tomou uma decisão. Ele gostava de Minho.

- Ok, eu vou fechar a boca. Mas certifique-se de que Alby me deixe escutar as notícias também.

Minho estudou-o por um segundo.

- Greenie (Fedelho), ok. Você é o chefe.

Alby veio um minuto depois com um copo grande de plástico cheio de água e o deu para Minho, que engoliu tudo, de uma vez.

- Bem, disse Alby estou liberado agora. - O que aconteceu?

Minho ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça em direção a Thomas.

- Ele está bem, disse Alby. Não me importa o que eu ouça deste shank (trolha).

- Simplesmente fale!

Thomas sentou-se com a antecipação a vez de Minho, enquanto tentava ficar de pé, fazendo gestos de dor a cada movimento, todo seu comportamento individual gritava fadiga. O runner correu até a parede, deu-lhe um olhar frio em ambos os dois. - Eu encontrei um morto.

- Hã? Perguntou Alby.- Que morto?

Minho sorriu. - Um griever (verdugo).

13

Thomas ficou fascinado ao mencionarem um griever (verdugo).

Era assustador pensar na criatura repugnante, mas ele quis saber, porque encontrar um deles morto seria uma grande coisa? Nenhum deles morreu antes?

Alby olhou como se alguém lhe tivesse dito que ele poderia criar asas e voar. - Não é uma boa hora para piadas, disse ele.

- Olha, respondeu Minho – eu não acreditaria se fosse você. Mas acredite em mim, eu encontrei. Um griver grande e gordo.

Definitivamente nunca havia acontecido antes, pensou Thomas.

Encontraste um griever (verdugo) morto-Alby repetiu.

- Sim Alby, - disse Minho, com o tom de voz cheio de aborrecimento. Está a vários quilômetros de distância daqui, perto do precipício.

Alby olhou para o labirinto e, em seguida para Minho. - Bem …

por que você não o trouxe de volta com você?

Minho riu de novo, meio grunhindo, meio rindo. - Você andou bebendo o molho do Frypan? Homem, essas coisas devem pesar meia tonelada. Além disso, não tocaria em um desses nem se me dessem uma passagem para fora desse lugar.

Alby insistiu em perguntar. - Como o viu? Havia ferrões de metal dentro ou fora do seu corpo? Se movia ? - Sua pele era úmida?

Thomas estava explodindo com perguntas. Ferrões de metal?. Pele úmida ? O que demônios? mas absteve-se, não querendo lembrar-lhe que ele estava lá. E que ao contrário, eles devessem conversar em particular.

- Pare, homem, disse Minho. Você tem de ver por si mesmo. É...

estranho.

- Estranho? Alby, parecia confuso.

- Amigo, estou cansado, faminto e com insolação. Mas se você quiser capturar ele agora mesmo, nós poderíamos ir lá e voltar antes das paredes se fecharem.

Alby olhou para o relógio. - É melhor esperar amanhã bem cedo.

- É a coisa mais inteligente que você disse em uma semana. Minho se endireitou-se apoiando na parede, deu um tapinha no braço de Alby, e depois começou a caminhar em direção a Homestead. Ele falou sobre seu ombro enquanto arrastava os pés, parecia que todo o seu corpo estava sofrendo.

Deveria estar de volta ali fora, mas nada. Vou comer algum ensopado asqueroso do Frypan.

Thomas sentiu uma onda de decepção. Teve de admitir que Minho parecia merecer um descanso e uma refeição, mas ele queria aprender mais.

Então Alby, em seguida, virou-se para Thomas, o surpreendendo. -

Se você sabe alguma coisa e não está dizendo...

Thomas estava farto de ser acusado de saber das coisas. Não é esse o problema desde o inicio? Ele não sabia nada. Ele olhou para o garoto direto na cara e simplesmente perguntou – Por que você me odeia tanto?

O olhar que passou para o rosto de Alby era parte indescritível, parte confuso, parte com raiva, parte chocado. - Odiar você?

- Garoto, você não aprendeu nada desde que chegou da caixa. Isto não tem nada a ver com ódio ou amor, ou qualquer outra coisa assim. Tudo o que importa é a sobrevivência. Largue de mão esse teu lado maricas e comece a usar seu maldito cérebro, se é que você tem um.

Thomas sentiu como se tivesse levado um tapa. - Mas... por que você continua acusando-me de...

- Porque não pode ser uma coincidência, slinthead! Você aparece aqui, então nos traz aquela menina de novo no dia seguinte, uma nota de louco, Ben tentando te morder,e um griever (verdugo) morto. Algo está acontecendo e não vou descansar até descobrir.

- Não sei nada, Alby-Era bom para colocar alguma emoção às suas palavras. Nem sequer sabia onde ele foi há três dias, muito menos porque um cara chamado Minho encontraria uma coisa morta chamada griever (verdugo).

- Assim, de uma vez!

Alby inclinou-se ligeiramente para trás, olhava distraidamente, Thomas por vários segundos. Então ele disse: - Pare, Greenie (Fedelho).

Amadureça e comece a pensar. Não tem nada a ver em acusar ninguém.

Mas se você lembrar de algo, mesmo que você ache algo familiar, é melhor você começar a falar. Prometa-me.

Não, até que eu tenha uma memória estável, pensou Thomas. Não, a menos que você queira compartilhar.

- Sim, eu suponho, mas...

- Apenas prometa-me

Thomas fez uma pausa, cansado de Alby e de seu temperamento. -

Seja qual for, disse finalmente. Eu prometo.

E então Alby se virou e foi embora sem dizer uma palavra.

Thomas encontrou uma árvore em Deadheads, um dos melhores na borda da floresta, com muita sombra. Temia voltar a trabalhar com Winston o Açougueiro, e sabia que tinha que almoçar, mas não queria estar perto de alguém tanto tempo quanto pudesse.

Se encostando sobre o tronco grosso, queria uma brisa, mas não a conseguia.

Apenas sentia suas pálpebras fechando quando Chuck arruinou a sua paz e tranquilidade

- Thomas! Thomas! Gritou o garoto enquanto ele corria em direção a ele, agitando os braços,seu rosto se iluminou com entusiasmo.

Thomas esfregou os olhos e gemeu, não querendo mais nada no mundo que um cochilo de meia hora. Não conseguiu até Chuck parar bem na frente dele, lutando para recuperar o fôlego, ele finalmente olhou para ele. - O quê?

As palavras vieram lentamente de Chuck, entre suspiros parou para respirar. - Ben...Ben... ele não está... morto.

Todos os sinais de fadiga foram lançados para fora do corpo de Thomas. Pulou para ficar na mesma altura que Chuck.

- O quê?

- Ele não está... morto. Os Baggers foram buscá-lo... a flecha não atingiu o seu cérebro os Med-jacks... o curaram.

Thomas se virou para olhar para a floresta onde o garoto doente tinha sido atacado ontem à noite. - Você deve estar brincando. Eu o vi... -

Ele não estava morto?

Thomas não sabia o que sentia mais forte: se a confusão, alívio, medo de que fosse atacado novamente...

- Bem, eu também, disse Chuck. Ele está envolvido no Slammer (Amansador), com um curativo enorme que cobre metade de sua cabeça.

Thomas se virou para ver Chuck novamente. – O Slammer (Amansador)? A que você se refere?

- O Slammer (Amansador). É nossa prisão no norte de Homestead. – Chuck apontou nessa direção. Eles o jogaram lá tão rápido que os Med-jacks tiveram de curá-lo lá em cima.

Thomas esfregou os olhos. A culpa o consumia quando ele percebeu como se sentia, na verdade havia estado aliviado de que bem estivesse morto, que não teria de se preocupar por ter de enfrentá-lo de novo. - Então o que você vai fazer com ele?

- Agora, os encarregados se reuniram esta manhã e tomaram uma decisão unânime, assim parece. Afinal, parece que bem queria que a flecha houvesse encontrado um lugar dentro de seu cérebro sujo.

Thomas apertou os olhos, confuso com o que Chuck lhe havia dito.

- O que você está falando?

- Ele vai ser banido. Hoje à noite, por tentar matá-lo.

- Banido? O que significa isso? - Thomas tinha que perguntar, mas sabia não devia ser bom se Chuck pensasse que era pior que a morte.

Então Thomas viu a coisa mais preocupante desde que ele havia chegado na clareira.

Chuck não respondeu, apenas sorriu.

Ele sorriu, apesar de tudo, apesar do que tinha acabado de anunciar. Então ele se virou e correu, talvez para dizer alguém mais a emocionante notícia.

Naquela noite, Newt e Alby reuniram todos os habitantes da clareira na porta Leste, meia hora perto de ser fechada, os primeiros vestígios da escuridão com o crepúsculo rastejando pelo céu.

Os runners voltaram e entraram na habitação misteriosa do mapa ruidosamente fechando o portão de ferro, Minho tinha ido lá antes.

Alby disse aos runners que tinha pressa em seus problemas,e os queria de volta em 20 minutos.

Incomodava Thomas e Chuck ainda havia sorrido quando disse as notícias sobre exílio de Ben. Apesar de não saber exatamente o que significava, definitivamente não parecia algo bom. Especialmente porque todos estavam de pé tão perto do labirinto.

Será que vão o deixar lá fora? Ele perguntou.

- Com os grievers (verdugos)?

Os outros habitantes da clareira conversavam em voz baixa, uma sentimento intenso de antecipação horrível rosando sobre eles como uma marca espessa no nevoeiro. Mas Thomas não disse nada, de pé com os braços cruzados esperando para o show. Ele ficou em silêncio até que finalmente os runners deixaram o prédio, todos eles olhando esgotados com as suas faces sombrias devido a uma profunda reflexão.

Minho era o primeiro a sair, o que significava que Thomas se perguntava se ele era o encarregado dos runners.

- Traga-o para fora! Alby gritou, tirando Thomas de seus pensamentos.

Seus braços caíram quando ele se virou, em buscando na clareira algum de sinal de Ben, o medo crescendo dentro dele imaginou que faria o rapaz quando o visse.

Do outro lado da cidade de Homestead, três crianças maiores apareceram, literalmente arrastando Ben pela terra. Suas roupas estavam destroçadas, mal segurando as pontas, um curativo sangrento com espessura grande cobrindo metade de sua cabeça e rosto. Recusando-se a apoiar seus pés, ou ajudar na marcha de alguma forma, parecia tão morto como a última vez que Thomas o já tinha visto.

Exceto por uma coisa.

Seus olhos estavam abertos e cheios de terror.

-Newt - disse Alby em voz alta, Thomas não teria escutado se não houvesse estado parado a poucos metros de distância. Traga o Polo Newt concordou com a cabeça, e caminhou até uma pequena ferramenta que Sed usava nos Jardins.

Thomas voltou sua atenção de volta para Ben e os encarregados. O

garoto pálido e infeliz ainda não fez nenhum esforço para resistir, deixando que o arrastasse através do pátio de pedra empoeirada. Quando chegaram à multidão, eles colocaram Ben sob seus pés na frente de Alby, seu líder, onde Ben abaixou a cabeça, recusando-se a fazer contato visual com ninguém.

- Que você me pediu isso mesmo, Ben, Alby disse. Então ele sacudiu a cabeça e olhou o barracão onde Newt tinha ido.

Thomas seguiu seu olhar apenas a tempo de ver Newt percorrer a porta inclinada. Ele estava segurando um número de bastões de alumínio, conectando-os as pontas para fazer um raio de cerca de vinte metros de comprimento.

Quando ele terminou, ele pegou algo de forma estranha em uma das extremidades e arrastou a coisa toda até o grupo.

Um arrepio percorreu a espinha de Thomas devido à fricção da haste de metal no chão de pedra enquanto caminhava Newt.

Thomas ficou horrorizado com a coisa toda, não podia deixar de se sentir responsável, mesmo que ele não tinha feito nada para provocar Ben.

Como poderia alguma coisa dessas ser culpa sua? Nenhuma resposta veio a ele, mas sentiu a culpa de igual maneira, como uma doença no sangue.

Finalmente, Newt se aproximou de Alby e lhe entregou a extremidade da vara que estava segurando. Agora, Thomas podia ver o estranho anexo. Um laço de couro duro ligado ao metal com um grampo massivo.

A rachadura de um grande botão revelou que o laço podia ser aberto e fechado, e que o propósito disso se fez óbvio.

Era um colar.

14

Thomas observou Alby que desabotoava o colarinho, em seguida, o envolveu ao redor do pescoço de Ben, bem finalmente olhou para cima enquanto o laço de couro se fechava com um forte estalo. Lágrimas brilhando em seus olhos, e escorria muco de seu nariz.

Os habitantes da clareira olharam para ele, nem uma só palavra saiu da boca deles.

- Por favor, Alby, implorava Ben, com voz trêmula tão patética que Thomas não pôde acreditar que este era o mesmo cara que tentou rasgar a sua garganta no dia anterior. Juro que ele estava apenas doente da cabeça pela transformação.

Nunca eu o teria matado... só perdi a cabeça por um segundo. Por favor, Alby, por favor.

Cada palavra do garoto era como um soco golpeando Thomas no estomago, fazendo-o sentir-se mais culpado e confuso.

Alby não respondia para Ben, puxou o colarinho para certificar-se, portanto, se ficava fechado, firmemente e amarrado. Ele caminhou até bem deixando-o para trás e no fundo, levantava do chão enquanto ele passava longe através da palma da mão e dos seus dedos. Quando chegou ao final, agarrou-o firmemente e virou-se para a multidão. Seus olhos injetados de sangue, seu rosto enrugado, pela raiva, respirando com dificuldade, para Thomas, de repente parecia muito mal.

E era uma estranha visão desse outro lado: Ben, tremendo, chorando, com um colar de couro mal ajustado, amarrado ao redor de seu pálido e esquálido pescoço atado que se estendia dele para Alby, a vinte metros de distância.

O eixo de alumínio dobrou ao meio, mas apenas ligeiramente.

Inclusive onde Thomas estava de pé, parecia surpreendentemente resistente.

Alby falou com uma voz forte, quase cerimoniosa olhando para ninguém e para todos ao mesmo tempo. -Ben dos construtores, foi condenado ao exílio pela tentativa de assassinar Thomas, o novato. Os encarregados falaram, e sua palavra não mudará. E você não vai voltar.

Nunca mais. - Houve uma longa pausa.

- encarregados, tome a suas posições no Palo do Exílio.

Thomas odiava que sua ligação com bem estava sendo publicada, odiava a responsabilidade que sentia.

Ser o centro das atenções mais uma vez, só poderia trazer mais informações sobre suas suspeitas. Sua culpa se transformou em raiva. Mais do que tudo, só queria Ben fora queria que tudo terminasse.

Um por um, os garotos saíam da multidão e caminhavam até o Palo, quando o agarraram com ambas as mãos, segurando-o como se estivessem se preparando para fazer tiro ao alvo com ele. Newt era um deles, com Minho, confirmando as suspeitas de Thomas de que ele era o encarregado dos runners.

Winston, o Açougueiro, também tomou sua posição.

Uma vez que todos estavam em seus lugares -dez encarregados colocados igualmente separados entre Alby e Ben -a atmosfera tornou-se quieta e silenciosa. Os únicos sons eram os soluços abafados de Ben, que estava limpando o nariz e os olhos.

Estava olhando da direita para a esquerda, porque a coleira em seu pescoço o impedia de assistir ao encarregados por trás dele.

Os sentimentos de Thomas mudaram novamente. Obviamente, algo estava errado com Ben. Por que mereceu este destino? Nada poderia ter sido feito por ele?

- Thomas iria passar o resto de sua vida sentindo-se responsável?

Apenas acabe logo com isso, gritou em sua cabeça. ! Acabe com isso!

- Por favor, disse Ben, sua voz subindo com desespero. Por favooooooooooooor! Alguém me ajude!

Eles não podem fazer isso comigo!

- Cale a boca! Alby rugiu detrás dele.

Mas Ben o ignorou, implorando por ajuda, enquanto ele começava a falar da coleira de couro em torno de seu pescoço.

- Alguém os detenha! Ajudem-me!

Por favor! Ele olhou de garoto a garoto rezando com os olhos.

Sem falta, cada um desviava o olhar para longe. Thomas rapidamente ficou atrás de um cara alto para evitar seu próprio confronto com Ben.

Eu não posso ver esses olhos novamente,ele pensou.

- Se deixarmos que shank (trolhas) como você escapem disso, Alby disse, - nunca teríamos sobrevivido por tanto tempo.

- encarregados, preparem-se.

- Não, não, não, não, não, dizia Ben, em voz muito baixa. Eu juro que eu vou fazer de tudo!

- Eu juro que eu vou fazer isso de novo!

- Por faaaaaaavvoo...

Seu agudo grito foi interrompido pelo estrondo da porta do Leste sendo fechada. Faíscas saíam da massa rochosa, enquanto a massiva parede da direita foi deslizada para a esquerda, soando como um trovão ao fazer seu caminho para fechar a clareira do labirinto durante à noite. A terra tremeu abaixo deles, e Thomas não sabia se seria capaz de observar o que ele sabia que iria acontecer depois.

- encarregados, agora! gritou Alby.

A cabeça de Ben se inclinou para trás enquanto ele era jogado para a frente, encarregados o empurraram no labirinto, para fora da clareira. Um soluço estrangulado na garganta de Ben, mais alto que o som da porta se fechando.

Ele caiu de joelhos, só para ser levantado pelo encarregado em frente, um cara grosseiro com cabelo preto e um grunhido no rosto.

- Nãoooooooooo! gritou Ben, com a saliva voando de sua boca enquanto ele lutava, puxando o colar com as suas mãos. Mas a força combinada dos encarregados era demasiada, obrigando o garoto condenado a ficar mais próximo à borda da clareira, assim enquanto a porta direita estava quase lá. Nãão! Ele gritou uma e outra vez.

Ele tentou enfiar o pé na porta no umbral, mas durou apenas meio segundo: o tição o enviou para o labirinto com um empurrão. Rapidamente, estava a quatro metros completos fora da clareira, balançando seu corpo de um lado a outro enquanto tentava tirar o colar e conseguir escapar. As paredes da porta, estavam a apenas alguns segundos de fechar.

Com um último esforço violento, bem finalmente foi capaz de virar o pescoço no laço de couro, para que seu corpo ficasse completamente de frente para os habitantes da clareira. Thomas não podia acreditar que ele ainda estava olhando para a loucura humana nos olhos de Ben, o catarro para fora da boca, pele pálida esticada sobre suas veias e ossos.

Mais parecia um alienígena que, com qualquer outra coisa que Thomas poderia imaginar.

- Segure-o! Alby gritou.

Então, Ben gritou, sem pausa, um som tão agudo que Thomas fechou os ouvidos. Ele era um brutal e lunático chorando, e que provavelmente rasgou em pedaços as cordas vocais do garoto.

No último segundo, o encarregado de frente de alguma maneira afrouxou o paló anexado à peça de Ben e o puxou de volta para a clareira, deixando o garoto em seu exílio. O grito final de Ben foi interrompido quando as paredes foram fechadas com um terrível “boom” .

Thomas fechou seus olhos com força e ficou surpreso ao sentir as lágrimas escorrendo de suas bochechas.

15

Para a segunda noite consecutiva, Thomas foi para a cama com a imagem do rosto atormentado de Ben queimando em sua mente,isso o perseguia. Como seriam as coisas agora,se não fosse por esse cara? Thomas quase poderia se convencer de que estaria completamente feliz, feliz e animado para aprender a sua nova vida, o propósito da sua meta de se tornar um runner. Ou quase. No fundo, ele sabia que Ben era apenas parte dos seus muitos problemas.

Mas agora ele se foi, banido para o mundo dos grievers (verdugos), onde quer que fosse,pra onde levavam suas presas, as vítimas do que ali se fazia. Embora tivesse muitas razões para desprezar Ben, ele sobretudo sentia pena dele.

Thomas não poderia imaginar ele saindo dessa maneira, tendo como base os últimos e recentes momentos psicóticos de Ben, batendo, cuspindo e gritando, e sem dúvida a importância das normas na clareira, ninguém deve entrar no labirinto, com exceção dos runners e somente durante o dia. De alguma forma, Ben já havia sido ferroado uma vez, o que significava que ele sabia, talvez melhor do que ninguém exatamente,o que tinha na loja para ele.

Aquele pobre garoto, ele pensou.

Aquele pobre, pobre garoto.

Thomas estremeceu e virou de lado.

Quanto mais pensava sobre isso, em ser um runner, parecia menos uma grande ideia. Mas,inexplicavelmente, ainda percebia o chamado.

Na manhã seguinte, o amanhecer mal tinha tocado o céu antes do trabalho dos sons, da clareira,despertassem Thomas do sono profundo do qual ele havia chegado. Ele se sentou, esfregando os olhos, tentando se livrar do atordoamento pesado. Ao dar-se por vencido, se deitou- esperando que ninguém o perturbasse. Não durou um minuto. Alguém tocou em seu ombro e ele abriu os olhos para ver Newt olhando para ele.

- O que foi agora? pensou.

- Levante-se, você está mentindo.

- Sim, bom dia para você também. Que horas são?

- Sete horas em ponto, Greenie (Fedelho) - disse Newt com um sorriso sarcástico. Calculei que devia deixá-lo dormir um pouco depois de alguns dias difíceis.

Thomas estava envolvido em uma posição sentada, odiando que não pudesse estar lá por mais algumas horas. - Dormir? O que são vocês, um grupo de agricultores? - agricultores, como ele se recordara tanto sobre eles? Mais uma vez, a sua memória era suprimida na confusão.

- Ei... sim, agora que você mencionou.

Newt se deixou cair ao lado de Thomas e cruzou as pernas. Ele se sentou em silêncio por um momento, olhando para todos começando a se agitar com o burburinho em torno da clareira. Vou começar te colocando com os Trackhoes hoje, Greenie (Fedelho).

Veja se isso lhe agrada, ao invés de cortar suínos sangrentos e outras coisas.

Thomas estava cansado de ser tratado como um bebê. - Não se supõe que já não me chamou assim?

- Como, porco sangrando?

Thomas foi obrigado a rir e sacudiu a cabeça. - Não, Greenie (Fedelho). Eu realmente não sou o cara mais Novo, né? A menina em coma é que é. Chame-a de Greenie (Fedelho),o meu nome é Thomas. –Os pensamentos sobre a menina caiam em torno de sua mente, o fez se lembrar da ligação que sentia. A tristeza apoderou-se dele, pelo menos ele queria vê-

a. Isso não faz sentido, pensou ele. Eu nem sei seu nome.

Newt se inclinou para trás, arqueando as sobrancelhas. - Me queima, cresceram em você ovos de bom tamanho, à noite, certo?

Thomas o ignorou e seguiu em frente. - O que é uma Trackhoe ?

- É como a galera chamam os garotos que trabalham fora,nos jardins lavra, capina, plantando e tal.

Thomas acenou nessa direção. - Quem é o encarregado?

-Zart. Um cara legal, sempre e quando ele não descuida do trabalho, isto é.

Ele é o tipo grande que estava parado em frente, na noite passada.

Thomas não disse nada sobre isso, esperando que ele pudesse de alguma forma passar o dia inteiro sem falar de bem e do Exílio. O homem ficou doente e só o deixava culpado, então ele mudou-se para outra coisa.

- Então por que vir aqui para me acordar?

- O quê, você não gosta,que a primeira coisa que você vê quando acorda é a minha cara ?

- Não especialmente. Então... - Mas antes que pudesse terminar a frase o estrondo das paredes se abrindo para o dia o interrompeu. Ele olhou em direção a porta Leste, meio que esperando para ver Ben em pé, ali do outro lado. Em vez disso, ele viu Minho, se alongando. Thomas, em seguida, viu enquanto caminhava pegando algo.

Era a secção da barra com coleira de couro ligado a ele. Minho parecia não pensar em nada disso, atirando-o para um dos outros runners, que se foi e o colocou de novo na caixa de ferramentas no galpão perto dos Jardins.

Thomas voltou-se para Newt, confuso.

Como pode Minho agir de um modo tão indiferente a tudo? - Que caralh...

- Eu só vi três exilados Tommy. Todos tão desagradáveis como ele que apareceram na noite passada. Durante esse tempo incômodo, os grievers (verdugos) deixam o colar em nossa porta.

Thomas teve que aceitar. - O que acontece aos habitantes quando são capturados? – De verdade eu quero saber?

Newt encolheu seus ombros sua indiferença não muito convincente. O mais provável é que não queria falar sobre isso.

- Conte-me sobre os runners, disse Thomas, de repente. As palavras pareciam sair do nada. Mas ele permaneceu imóvel, apesar do seu impulso estranho de se desculpar e mudar de assunto, ele queria saber tudo sobre eles. Mesmo depois do que vi ontem à noite, mesmo depois de testemunhar o griever (verdugo) correndo para a janela, ele queria saber. A atração de entender o porquê era forte. Tornar-se um runner era algo para o qual ele havia nascido.

Newt tinha parado, olhando confuso. - runners? Por quê?

-Só para saber.

Newt deu-lhe um olhar desconfiado.

- São o melhor dos melhores, esses tipos. Mas também eles precisam ser.

Tudo depende deles. Ele pegou uma pedra solta e jogou, olhando-o quicar preguiçosamente em uma parada.

- Por que você não é um?

Newt olhou para Thomas, bruscamente.

- Eu era um até que danifiquei minha perna há alguns meses. Não tem sido a mesma desde então. - Ele se inclinou para baixo no tornozelo direito ausente, com um breve olhar de dor intermitente no seu rosto. O

olhar fez Thomas acreditar que era mais do que uma memória, sem uma dor física real que alguém sentia.

- Como você faz? Thomas perguntou, pensando em como ele poderia conseguir que Newt falasse mais,para aprender.

- Correndo dos malditos grievers (verdugos), o que mais? Quase me pegaram. - Ele fez uma pausa. Eu ainda tremo só de pensar que eu poderia ter passado pela transformação.

A transformação. Era o tema que Thomas achava que poderia levar a respostas Mais que qualquer outra coisa. - O que é isso, afinal? O que muda? Todos ficam igual ao Ben, loucos e começam a tentar matar habitantes?

Ben era muito pior do que a maioria.

Mas eu creio que você queria falar sobre os runners. - Newt disse que o tom da conversa sobre a transformação havia terminado.

Isto fez de Thomas alguém ainda mais curioso, mas estava bem ao voltar para a questão dos runners. - Ok, eu te escuto.

- Como eu disse, são o melhor dos melhores.

- Então o que eles fazem? - Provam ao mundo inteiro o quão rápido eles são?

Newt deu á Thomas um olhar de nojo, então, reclamou. - Mostre-me alguma inteligência, Greenie (Fedelho), Tommy, ou seja lá qual for o seu nome. Quão rápido você pode correr é apenas uma parte disso. Uma parte

muito pequena na realidade.

Isso despertou o interesse de Thomas.

- O que você quer dizer?

- Quando eu digo o melhor dos melhores, eu me refiro a tudo. Para sobreviver no maldito labirinto, você tem que ser mais esperto, mais rápido, mais forte. Você deve ser um tomador de decisões, ou seja, saber a quantidade certa de risco a correr. Você não pode ser irresponsável, e também não pode ser tímido,. -Newt endireitou suas pernas e recostou-se em suas mãos. É horrivelmente maldito, né? Não estranho você.

- Eu pensei que os grievers (verdugos) só saíssem á noite. -Destino ou não, Thomas não queria correr de uma dessas coisas.

- Sim, normalmente.

- Então por que é tão terrível lá fora?

- Que mais ele não conhecia?

Newt suspirou. -Pressão. Stress. O labirinto tem padrões diferentes, todos dias, tentando trazer as coisas à sua mente, tentando nos levar lá.

Preocupados com os malditos mapas. A pior parte é ter medo e sempre possível que você nunca mais volte. Um labirinto normal é muito difícil, mas quando ele muda a cada noite, um par de erros mentais e passarás a noite com bestas viciosas. Não há espaço nem tempo para tolos ou pirralhos. - Thomas franziu a testa, sem entender a unidade dentro dele, encorajando-o.

Especialmente depois da noite passada. Mas ele ainda o sentia. O

sentia em toda parte.

- Por que todo esse interesse? Newt perguntou.

Thomas hesitou, pensando, com medo de dizer isso em voz alta novamente. - Eu quero ser um runner.

Newt virou e olhou nos olhos dele.

- Você não tem nem uma semana aqui, shank (trolha). Um pouco cedo para desejar morrer, você não acha?

- Eu estou falando sério. - Mas fazia sentido até mesmo para Thomas, e ele sentia isso profundamente. Na verdade, o desejo de se tornar um

runner era a única coisa que no caminho, o ajudou a aceitar a sua situação.

Newt não quebrou o seu olhar. - Eu também, esqueça. Ninguém se tornou um runner em seus primeiros meses, muito menos em sua primeira semana. Tem muito o que provar antes de recomendado pelo encarregado.

Thomas se levantou e começou a transformar seu sonho para funcionar.

- Newt, eu falo a sério. Eu não posso ficar arrancando ervas daninhas todos os dias, eu enlouqueceria. Eu não tenho nenhuma ideia do que eu fiz antes de me enviarem pra cá nesta caixa de metal, mas meu instinto me diz que ser um runner é o que eu devo fazer. Eu posso fazer.

Newt seguia ali sentado, olhando para Thomas, sem oferecer ajuda.

- Ninguém disse que não poderia. Mas dê-lhe uma pausa por enquanto.

Thomas sentiu uma onda de impaciência.

- Mas...

- Ouça, confie em mim, Tommy. Iniciar pisando forte em torno deste lugar ladrando sobre como você é bom demais para trabalhar como agricultor, como está preparado e pronto para ser um runner... Você vai fazer um monte de inimigos. Deixar tudo por agora.

Fazendo inimigos era a última coisa que queria Thomas, mas ainda assim.

Ele decidiu ir em outra direção.

- Ok, eu vou falar sobre isso com o Minho.

- Boa tentativa, seu chato. A assembleia elege os runners, e se você pensa ser um forte candidato, eles vão rir da sua cara.

- Para que todos vocês saibam, eu poderia ser realmente bom nisso.

É um desperdício de tempo me fazer - esperar.

Newt levantou-se para juntar-se Thomas e enfiou o dedo na sua cara. - Ouça, Greenie (Fedelho). Você me ouviu tudo bem? Fui claro?

Thomas ficou surpreso ao ver que ele não se intimidou. Ele revirou os olhos, mas concordou.

- É melhor você pare de besteiras, antes que os outros saibam. Não é

assim que tudo funciona por aqui, e toda a nossa existência depende que as coisas funcionem.

Ele fez uma pausa, mas Thomas não disse nada, temendo o sermão que ele sabia que viria.

- Ordem - Newt continuou. Ordem. Você deve repetir essa maldita palavra uma vez e outra na sua maldita cabeça. A razão pela qual estamos todos aqui, é porque trabalhamos muito e mantemos a ordem.

Ordem, a razão pela qual nós exilamos Ben, não pode haver loucos correndo por aí ao redor tentando matar as pessoas certo? Ordem. A última coisa de que precisamos é que você foda com tudo.

A teimosia lavou Thomas. Ele sabia que era hora de se calar. - Sim, foi tudo o que ele disse.

Newt lhe deu um tapinha nas costas.

- Vamos fazer um acordo.

- O quê? Thomas sentiu sua esperança crescer.

- Você precisa manter sua boca fechada sobre o assunto, e eu coloco você na lista de potenciais participantes Tão logo me mostre certa influência.

Se você me enganar e não fechar a boca, e eu vou me assegurar que nunca ocorra. Temos um acordo?

Thomas odiava a ideia de esperar, sem saber quanto tempo poderia ser. - Isso é um acordo fedido.

Newt ergueu as sobrancelhas.

Thomas concordou. - Certo temos um acordo.

- Vamos, conseguir alguns prisioneiros de Frypan. E eu espero que você não se sufoque.

Naquela manhã, Thomas finalmente conheceu o infame Frypan, ainda que somente a distância. O cara estava muito ocupado tratando de alimentar um exército de habitantes famintos com café da manhã . Ele não poderia ter mais do que dezesseis anos, mas tinham uma longa barba e os cabelos presos ao redor do resto de seu corpo, como se cada cabelo estivesse tentando escapar dos limites de suas roupas manchadas de alimentos. Não parecia com o homem mais limpo do mundo para

supervisionar a cozinha inteira, pensou Thomas. Ele fez uma anotação mental para ficar esperto com os desagradáveis fios de cabelo preto em sua comida.

Ele e Newt tinham acabado de se unir a Chuck no café da manhã em uma mesa de piquenique fora da Cozinha quando um grande grupo de habitantes se levantaram e correram para o portão Oeste, conversando animadamente sobre algo.

- O que está acontecendo? Thomas perguntou, surpreendeu-se consigo mesmo na forma que o dizia com tanta indiferença. Novas descobertas na clareira se haviam convertido em uma parte da vida.

Newt encolheu os ombros quando ele colocou a mão sobre os ovos na cesta.

- Basta ir olhar,com Minho e Alby eles vão dar uma olhada no maldito griever (verdugo) morto.

- Ouça, disse Chuck. Um pequeno pedaço de bacon voou para fora da boca quando falava. Tenho uma dúvida sobre isso.

- Sim, Chuckie? Perguntou Newt, um tanto sarcástico. E qual é a sua maldita pergunta ?

Chuck parecia absorto em seus pensamentos. - Bem, eles encontraram um griever (verdugo), morto certo?

- Sim, respondeu Newt. Obrigado por esta notícia.

Chuck tocou distraidamente o garfo para baixo por alguns segundos. - Bem, então...quem matou a estúpida coisa?

Ótima pergunta, Thomas pensou. Esperou Newt responder, mas ele não disse nada. Ele obviamente não tinha nem ideia.

16

Thomas passou a manhã com o encarregado no Jardim trabalhando, como Newt tinha dito. Zart era um cara alto de cabelos negros que havia estado em frente ao palo durante o Exílio de Ben, e que por alguma estranha razão cheirava a leite azedo.

Ele não falou muito, mas mostrou a Thomas a corda até que ele pudesse começar a trabalhar por conta própria.

Capinava, podava um pé de ameixas, árvore de alpense, plantava as sementes de abóbora e abobrinha, e colhia vegetais. Não gostava disso e na maioria das vezes ignorava os garotos que trabalhavam com ele, mas não odiava tanto como o que ele havia feito á Winston na Casa do Sangue.

Thomas e Zart capinavam uma longa fileira de milho quando Thomas decidiu que era um bom momento para começar a fazer perguntas.

- Este encarregado parecia

muito mais acessível. Zart, disse.

O encarregado olhou para ele, e então voltou a trabalhar. O garoto tinha os olhos caídos e o rosto comprido, por alguma razão era tão chato quanto humanamente possível.

- Sim, Greenie (Fedelho), o que você quer?

- Quantos encarregados estão lá no total? - Thomas perguntou, tentando agir casualmente. E quais são as opções de trabalho?

- Bem, nós temos os construtores, os Sloppers, Baggers, Cozinheiros, Cartógrafos, Med-jacks, Track-Hoes, Blood Housers e os runners. Eu não sei, um pouco mais, talvez. Eram muitas coisas para ele lembrar fora as outras coisas.

A maioria das palavras eram explicações para si mesmo, mas Thomas foi questionando sobre algumas delas.

- O que é um slopped? - Ele sabia que era o que Chuck fazia, mas o garoto não queria falar sobre si mesmo. Ele se recusou a falar sobre isso.

- Isso é o que os shank (trolhas) fazem e não podem fazer mais nada. Limpam banheiros chuveiros, limpam a cozinha, limpam a Blood House após o abate,enfim tudo.

Passe um dia com eles, que poderá curar qualquer pensamento de querer ir nesse sentido, posso te dizer.

Thomas sentiu uma pontada de culpa por Chuck, ele sentiu pena dele. O garoto trabalhava tanto para ser amigo de todo mundo, mas ninguém parecia nem sequer prestar atenção nele.

Sim, ele estava um pouco nervoso e falava muito, mas Thomas estava feliz por tê-lo ali.

- Qual é a dos track-hoes? Thomas perguntou enquanto ele puxava um enorme monte plantas daninhas, balançando as protuberâncias das raízes.

Zart pigarreou e continuou a trabalhar ao mesmo tempo de responder. - Eles são os que cuidam de todo o equipamento pesado para os jardins. Abertura de valas e outras coisas. Em outras vezes fazendo outras coisas em torno da clareira. Na verdade,muitos dos Gladers (habitantes da clareira) têm mais de um emprego.

- Alguém não te disse isso?

Thomas ignorou a pergunta e seguiu em frente, determinado a obter tantas respostas quanto fossem possíveis.

- E o Baggers? São os responsáveis pelos mortos, mas isso não acontecia com muita frequência, certo?

- Aqueles caras são assustadores. Eles agem como encarregados e policiais, também.

E Todo mundo gosta de chamá-los de Baggers. Aproveite este dia, irmão.

- Ele riu, era a primeira vez que Thomas tinha ouvido falar o que fazia, havia algo muito agradável a respeito.

Thomas tinha mais perguntas. Muitas mais. Chuck e todos os outros em toda a clareira não queria lhe dar respostas sobre qualquer coisa.

E aqui estava Zart, que parecia perfeitamente preparado.

Mas, de repente Thomas não queria falar mais. Por alguma razão, a menina tinha aparecido em sua cabeça novamente, do nada, e então os pensamentos de Ben, e o griever (verdugo) morto, que deveria ter sido uma coisa boa para todo mundo, mas agia como se fosse exatamente o oposto.

Sua nova vida sugava bastante.

Ele respirou profundamente, muito tempo. Só trabalhe, ele pensou.

E ele assim fez. Chegou o meio da tarde e Thomas estava prestes a entrar em colapso por exaustão, tudo isso de se agachar e rastejar de joelhos no chão era o abismo. Pela Blood House, e os Jardins.

Dois Strikes. runners(corredores)ele estava pensando enquanto descansava. Apenas deixe-me ser um runner. Novamente, ele pensou em quão absurdo que era. Mas apesar de não ter entendido, ou de onde ele veio, o desejo era inegável. Assim como os fortes pensamentos sobre a menina, mas ele se afastou tanto quanto fosse possível.

Cansado e dolorido, foi até a cozinha para comer um lanche e beber um pouco de água.

Ele poderia ter comido uma refeição mais completa, apesar de ter comido duas horas antes. Mesmo que o porco estava começando a soar bem novamente.

Ele mordeu a maçã, e depois caiu no chão ao lado de Chuck. Newt estava lá também, mas ele estava sozinho, ignorando todos. Tinha os olhos vermelhos, a testa enrugada, com linhas grossas.

Thomas observava Newt roendo as unhas, algo que ele não tinha visto o garoto mais velho fazer antes.

Chuck percebeu e perguntou o que estava na mente de Thomas.

- O que acontece com ele? - O garoto disse suavemente. - Ele parece com você quando saiu da caixa.

- Eu não sei, disse Thomas. - Por que você não pergunta pra ele?

- Eu posso ouvir cada merda de palavra, que vocês estão dizendo, Newt disse em voz alta. Não é de espantar odeio dormir com vocês shank (trolhas).

Thomas se sentiu como se tivesse sido apanhado roubando, mas estava realmente preocupado, Newt era uma dos poucos habitantes na clareira que ele realmente gostava.

- O que esta acontecendo? Chuck perguntou. Sem ofensa, mas você parece um Klunk.

- É cada coisa que é adorada no universo - respondeu, e então ficou em

silêncio enquanto olhava para o espaço por um tempo. Thomas quase o empurrou com outra questão, mas por fim continuou Newt.

- A menina da caixa. Se mantêm balbuciando e dizendo todo tipo de coisas estranhas mas não desperta. Os Med-jacks estão fazendo todo o possível para alimentá-la, mas ela está comendo cada vez menos. Digo-vos que algo está muito errado com essa coisa.

Thomas olhou para a maçã e, em seguida deu uma mordida. Tinha um gosto amargo, ele agora percebia que estava preocupado com a menina.

Preocupado com seu bem-estar. Como se ele a conhece-se.

Newt soltou um longo suspiro.

- Selvagem. Mas não é isso que está realmente me incomodando.

- E daí? perguntou Chuck. Thomas inclinou-se para frente, tão curioso que ele foi capaz de colocar a menina para fora de sua mente.

Os olhos de Newt se estreitaram enquanto olhava uma das entradas do labirinto. - Alby e Minho, ele murmurou. Deveriam ter voltado á horas.

Antes de Thomas sabia que ele estava de volta ao trabalho, arrancando plantas daninhas, novamente, contando os minutos até que ele pudesse terminar com os jardins.

Constantemente olhou para o portão oeste, em busca de qualquer sinal de Alby ou Minho, a preocupação de Newt o havia contaminado.

Newt tinha dito que tinham de estar de volta antes do meio dia, na hora certa para eles para chegarem com o griever (verdugo), para explorar uma ou duas horas e depois voltar. Não surpreendente que parecia tão chateado. Quando Chuck disse que talvez não estivessem explorando,mas se divertindo Newt deu-lhe um olhar tão duro com a cara tão amarrada que Thomas pensou que Chuck fosse queimar instantaneamente.

Nunca esqueceria que esta aparência ocorria no rosto de Newt.

Quando Thomas o perguntou por que Newt e não algum outro não entrava no labirinto e procurava seus amigos, a expressão de Newt tinha mudado de plana para horror, as bochechas tinham caído no rosto, tornando-se de um amarelo escuro. Lentamente isso passou, e ele explicou que o envio de grupos de busca estava proibido, temendo perder ainda mais habitantes, mas não havia nenhuma dúvida do medo que tinha atravessado seu rosto.

Newt tinha medo do labirinto.

O que tinha acontecido lá, talvez fosse até relacionado à lesão persistente em seu tornozelo esquerdo era realmente horrível.

Thomas tentou não pensar em como colocá-lo novamente, mas a sua abordagem estava sendo utilizada em ervas daninhas.

Naquela noite, o jantar acabou por ser um assunto triste, e não tinha nada a ver com alimentos. Frypan e seus cozinheiros serviam uma refeição com carne, purê de batatas, feijão verde e pãezinhos quentes.

Thomas estava aprendendo rapidamente que as piadas sobre a culinária de Frypan eram apenas isso: piadas. Todo mundo comia a comida e geralmente pediam mais. Mas hoje à noite, os habitantes comeram como mortos ressuscitados para uma última refeição,antes de serem enviados para morar no inferno com o diabo.

Os runners tinham retornado no horário normal, e Thomas ficava mais e mais irritado ao ver Newt correr de porta em porta e entrar na clareira sem se preocupar em esconder seu pânico. Mas Alby e Minho nunca apareciam. Os habitantes forçavam Newt a ir em frente e conseguir alguma coisa do jantar de Frypan, mas ele insistiu em ficar de pé até ver a dupla chegar. Ninguém disse nada, mas Thomas sabia e não demorou muito para que as portas se fechassem.

Thomas seguia relutante as ordens, tal como o resto dos garotos e estava compartilhando de uma mesa de piquenique, no lado sul da fazenda com Chuck e Winston.

Tinha sido só capaz de comer algumas mordidas quando não aguentava mais.

- Eu não posso ficar aqui, enquanto eles estão por aí perdidos, disse quando ele deixou cair o garfo. Vou ver as portas com Newt. Ele se levantou e fui à procura dele.

Não era de estranhar que Chuck estava atrás dele.

Encontrou Newt no portão Ocidental, indo e vindo, passando as mãos pelos cabelos. Ele olhou para cima quando foi abordado por Thomas e Chuck.

- Onde eles estão? - Newt disse, com sua voz tensa e delgada.

Thomas ficou tocado porque Newt cuidava tanto de Alby e Minho, como

se fossem sua própria família. - Por que não envia uma equipe de busca?

- Ele sugeriu de novo. Parecia tão estúpido para ter de estar aqui, se preocupando com a sua morte quando eles poderiam sair e encontrá-los.

- Maldito...- Newt começou antes de interromper-se, fechou os olhos um segundo e respirou fundo. Nós não podemos. Ok? Não diga isso novo. É cem por cento contra as regras. Especialmente irritado com as portas estando a ponto fechar.

- Mas por quê? -Thomas insistia, à descrença da teimosia Newt.

Os grievers (verdugos) não pegariam eles ficando lá? Não deveríamos fazer alguma coisa?

Newt se virou para ele, seu rosto ficou vermelho, seus olhos brilharam de raiva. - Cale a boca, Greenie (Fedelho)! Ele gritou! Só tem uma semana que você está aqui ! Você acha que eu não iria arriscar a minha vida num segundo para salvá-los?

- Não... Eu... Sinto muito. Não era minha intenção... -Thomas não sabia o que dizer, ele só estava tentando ajudar.

O rosto de Newt se suavizou. No entanto,eu não entendo, Tommy.

Indo por aí á noite é pedir para morrer.

Acabaríamos desperdiçando mais vidas.

Se os Shank (trolhas) não falharem novamente... Ele fez uma pausa, aparentemente relutante em dizer o que todos pensavam. Os dois fizeram um juramento, como eu fiz.

Como todo mundo fez. Você, também, quando vai para sua primeira reunião e ser eleito por um encarregado. Nunca saia à noite. Não importa o que aconteça. Nunca.

Thomas olhou para Chuck, que parecia tão pálido como Newt.

- Newt eu não vou dizer, disse o garoto, isso é certo. Se eles não estão de volta, isso significa que estão mortos. Minho é inteligente demais para se perder. Impossível.

Eles estão mortos.

Newt não disse nada, virou-se para Chuck e foi para a Homestead, cabisbaixo. Mortos? Thomas pensou. A situação tornou-se tão séria que não

sabia como reagir, ele sentiu um poço de vazio em seu coração.

- O shank (trolha) está certo, Newt disse solenemente. É por isso que não podemos sair. Não podemos nos dar ao luxo de piorar as coisas mais do que já estão.

Ele colocou a mão no ombro de Thomas, e depois a deixou cair para o lado.

As lágrimas de Newt os olhos umedecidos, e Thomas estava certo de que mesmo dentro da câmara escura de memórias que foram bloqueados na distância, com chave fora do alcance, nunca havia visto alguém tão triste. A escuridão crescente com o por do sol era um ajuste perfeito de como Thomas se sentia desolado com as coisas.

- As portas fecham-se em dois minutos, disse Newt, uma declaração de moda breve e final e parecia pairar no ar como uma mortalha funerária presa em uma rajada de vento. Então ele foi embora, encurvado outra vez, tranquilo.

Thomas balançou a cabeça e olhou para trás no labirinto. Apenas conhecia Alby e Minho. Mas seu peito doía com o pensamento deles lá fora, sendo morto pelas criaturas feias que tinha visto através da janela primeira manhã na clareira.

Uma grande explosão soou em todas as direções, Thomas foi surpreendido por seus pensamentos. Depois veio a crise, o som de pedra sobre pedra.

As portas foram fechadas durante a noite.

A parede da direita ressoou por toda a terra, sujeira e pedras foram tiradas do lugar enquanto se moviam. A linha vertical de pedra, parecia chegar ao céu no alto, e deslizou em orifícios correspondentes na parede esquerda, pronta para ser lacrada, fechada até a manhã seguinte.

Mais uma vez, Thomas observava com espanto a enorme parede móvel, que desafiava qualquer sentido da física.

Parecia impossível.

Em seguida, seus olhos viam um lampejo de movimento para a esquerda.

Algo se mexeu no interior do labirinto, pelo longo corredor adiante dele.

Num primeiro momento, um tiro de pânico percorria ele,deu um passo para trás, preocupado de que pudesse ser um griever (verdugo). Mas então ele viu duas formas modeladas, tropeçando no beco em direção à porta. Focou os olhos finalmente, através da cegueira inicial de medo, e percebeu que era Minho, com um dos braços de Alby postos através de seus ombros, arrastando o jovem sobre suas costas. Minho olhou para cima, viu Thomas, que sabia que seus olhos devem estar saltando de sua cabeça.

- Eles o pegaram! - Minho gritou, com a voz estrangulada e fraca de exaustão.

Cada passo que dava parecia que ia ser o último. Thomas ficou tão surpreso pelo rumo dos acontecimentos, que teve um momento de agir.

Newt!

Por último gritou, forçando-o a transformar o seu olhar do Minho e de Alby para fazer frente para a outra direção.

- Eles estão chegando! Eu posso vê-los!

- Sabia que tinha que correr para o labirinto e ajudar, mas a regra de não abandonar a clareira estava gravada em sua mente.

Newt tinham chegado da fazenda, mas o grito de Thomas imediatamente se virou e correu em direção ao fechamento da porta.

Thomas se virou para olhar para trás para o labirinto e o medo lavado por meio dele. Alby havia escorregado das mãos de Minho e caiu.

Thomas observava como Minho estava desesperadamente tentando fazer ele ficar sob seus pés e, finalmente,desistir, começou a arrastar o garoto no chão de pedra pelos braços.

Mas ainda havia uma centena de metros de distância.

A parede da direita estava fechando rápido, que parecia acelerar o seu ritmo fazendo Thomas querer deixar a regra. Havia apenas alguns segundos, até estar completamente fechada. Eles não tiveram chance de fazer o caminho de volta á tempo. Eles não tinham nenhuma chance.

Thomas se virou e olhou para Newt: mancando, assim como estava, ele só faria a metade do caminho que Thomas fazia.

Ele olhou novamente para o labirinto, e para o fechamento das paredes.

Apenas alguns metros mais e terminaria.

Minho depois tropeçou, caindo no chão.

Eles não fariam isso. O tempo tinha acabado.

Isso era tudo.

Thomas escutou algo que Newt gritou detrás dele.

- Não faça isso, Tommy! Não!

As barras na parede da direita como os braços estendidos para o seu lugar, para capturar os pequenos buracos que lhes serviram como local de descanso durante a noite.

O ranger, do som das portas encheram o ar,foi ensurdecedor.

Cinco pés. Quatro pés. Três. Dois.

Thomas sabia que não tinha outra escolha. Ele se mexeu. Seguiu em frente. Correndo além das portas no último segundo e entrou no labirinto.

As paredes se fecharam detrás dele, o eco em seu auge quicando na pedra coberta de hera como um riso louco.

17

Por alguns segundos, Thomas sentiu como se o mundo tivesse sido congelado num só lugar. Um pesado silêncio seguiu o barulho ensurdecedor do fechamento da porta e um véu de escuridão parecia cobrir o céu, como se o sol se ocultasse do labirinto. O crepúsculo tinha caído, e as paredes pareciam gigantescas lápides num cemitério de gigantes, enormes e infestadas com plantas daninhas.

Thomas inclinou-se contra a pedra bruta, vencido pela descrença do que acabara de fazer.

Cheio do terror em que poderiam ser as consequências Em seguida, o grito agudo de Alby depois chamou a atenção de Thomas; Minho gemeu. Thomas afastou-se do muro e correu em direção aos dois habitantes da clareira. Minho tinha subido e estava de pé novamente, mas parecia terrível, inclusive a luz pálida que ainda havia: suado, sujo, arranhado. Alby, no chão,parecia pior, com roupas rasgadas, com os braços cobertos de cortes e hematomas.

Thomas estremeceu. Havia sido Alby atacado por um griever (verdugo)?

Greenie (Fedelho) disse Minho, - Se você acha que foi corajoso vindo aqui, ouça.

Você é o maior idiota que já existiu.

Você está tão morto quanto nós.

Thomas sentiu um calor subir, esperava pelo menos por um pouco de reconhecimento.

- Eu não podia ficar lá e deixá-los aqui.

- E você está melhor com a gente? - Minho revirou os olhos. -

Nunca amigo.

Nunca quebre a regra número um, se matar.

- De nada. Eu só estava tentando ajudar. Thomas sentiu como se tivesse sido chutado no rosto.

Minho forçou um riso amargo, então se ajoelhou no chão ao lado de

Alby.

Thomas deu um olhar mais atento ao rapaz que estava caído e ele se deu conta do quão ruim as coisas estavam.

Alby parecia à beira da morte. Sua normalmente pele escura havia perdido a cor e sua respiração era rápida e superficial. O desespero caiu sobre Thomas.

- O que aconteceu? Ele perguntou, tentando deixar de lado sua raiva.

Eu não quero falar sobre isso, Minho disse, enquanto verificava o pulso de Alby e se inclinava para escutar o seu peito.

- Vamos apenas dizer que eles os grievers (verdugos) podem jogar muito bem mortos.

Esta declaração tomou Thomas de surpresa. - Assim que foi...

ferroado? - Ferido, ou o que seja? Vai passar pela transformação?

- Você tem muito a aprender, foi tudo o que Minho disse.

Thomas queria gritar. Ele sabia que tinha muito a aprender, era por isso que fazia as perguntas. - Ele vai morrer? Obrigou-se a dizer, morria de vergonha por soar tão vazio e superficial.

- Se nós não voltarmos antes do anoitecer, provavelmente. Poderia estar morto em uma hora... não sei quanto tempo leva, se não receber o soro. No devido tempo, vamos morrer também, então não chore por ele.

- Sim, todos nós teremos uma morte breve e agradável, disse ele de modo casual, Thomas não poderia processar o significado das palavras.

Mas, rapidamente, a triste realidade da situação começou a bater em Thomas, e dentro dele começava a apodrecer.

- Será que realmente vamos morrer? Se perguntou, incapaz de aceitar. Você está me dizendo que não temos nenhuma possibilidade?

-Não.

Thomas estava chateado pela negatividade constante de Minho.

- Ah, vamos lá, deve haver algo que possamos fazer. Quantos grievers (verdugos) vieram atrás de nós? Ele olhou para o corredor que levava para a parte mais profunda do labirinto como se esperasse que as criaturas tivessem chegado na mesma hora,como se fossem convocadas

pelo som de seu nome.

- Eu não sei.

Um pensamento surgiu na mente de Thomas, dando-lhe esperança.

- Mas...

E sobre o Ben? E Gally, e outros que foram mordidos e sobreviveram?

Minho deu-lhe um olhar que dizia que ele era mais burro do que bosta de vaca.

- Não está me ouvindo? Eles estavam de volta antes do anoitecer, estúpido.

Voltaram e conseguiram o soro. Todos eles.

Thomas perguntou sobre a menção de um soro, mas havia muitas outras perguntas a fazer em primeiro lugar.

- Mas eu pensei que os grievers (verdugos) só saíssem á noite.

- Então você esta errado, idiota. Sempre saem à noite. Mas isso não quer dizer que nunca se mostrem durante o dia.

Thomas não se deixou afundar no desespero de Minho, não iria desistir e ainda morrer.

- Alguém já tinha sido deixado de fora das paredes durante a noite e viveu depois?

- Não nunca.

Thomas fez uma careta, esperando encontrar uma pequena faísca de esperança. - Quantos já morreram, então?

Minho olhou para o chão, agachando com o antebraço em um joelho.

Ele estava claramente exausto, quase delirando. - Pelo menos doze.

Você não foi no cemitério?

- Sim. - Então é esse o modo como eles morreram, ele disse.

- Bem, esses são só os que encontramos. Há mais, cujos corpos nunca foram descobertos.

Minho sinalizou distraidamente para a solitária clareira. - Esse incrível cemitério está no bosque por uma razão. Nada mata mais um tempo feliz

do que ficar se lembrando de seus amigos assassinados todos os dias.

Minho levantou-se e agarrou os braços de Alby, em seguida, apontou para pés.

- Agarre os malditos pés fedorentos dele. Temos que levá-lo até o portão.

Assim, o corpo será fácil de encontrar na manhã seguinte.

Thomas não podia acreditar em quanto a declaração era mórbida. -

Como isso pode estar acontecendo! Ele gritou para as paredes, que giram em um círculo. se sentia perto de se perder de uma vez por todas.

- Pare de ficar se lamentando. Você deveria ter seguido as regras e ficar dentro da habitação. Vamos pegue as pernas.

Estremecendo com as dores de estômago que estavam ficando maiores,Thomas aproximou-se e levantou os pés de Alby como ele disse.

Metade levavam, metade arrastavam o corpo sem vida quase mais ou menos uma centena de metros perto do portão onde Minho encostou Alby contra a parede em uma posição semi-sentada. O peito de Alby subia e descia na sua luta para respirar, mas sua pele estava encharcada de suor, parecia que não ia durar muito mais tempo.

- Onde o ferroaram? Perguntou Thomas.

Você consegue ver?

- Eles não vão te mordem inesperadamente. Eles te picam. E não, eu não consigo ver.

Poderia haver dezenas de picadas ao redor do corpo. Minho-cruzou os braços e se inclinou contra a parede.

Por alguma razão, Thomas pensou que a palavra ferrão soava muito pior do que mordida.

- Ferroada? O que significa isso?

- Irmão, você tem de ver para saber o que quero dizer. Thomas olhou os braços de Minho, depois as pernas. - Bem, por que aquela coisa não te ferroou também?

Minho levantou suas mãos. - Talvez ele fez, talvez eu entre em colapso a qualquer instante.

- Eles... -começou Thomas, mas não sabia como terminar. Ele não poderia dizer se Minho estava falando sério.

- Não houve nenhum deles, apenas um que acreditávamos que estivesse morto. Voltou enlouquecido e ferroou Alby, mas depois fugiu. -

Minho olhou para trás para o labirinto, que agora estava quase completamente às escuras durante a noite. Mas tenho certeza que ele e um montão deles estarão aqui em breve para nos matar com suas agulhas.

- Agulhas? - As coisas simplesmente foram soando cada vez mais preocupantes para Thomas.

- Sim, agulhas. - Ele não entrou em detalhes, e seu rosto, dizia que pretendia não fazê-lo.

Thomas olhou para as imensas paredes de espessura cobertas com cipós de hera, o desespero, finalmente,fez clic no modo de resolução de problemas.

- Não podemos subir esta coisa? Ele olhou para Minho, que não disse uma palavra. As vinhas... não podemos subir por elas?

Minho soltou um suspiro de frustração.

- Juro, Greenie (Fedelho), você deve pensar nós somos um bando de idiotas.

Você realmente acha,que nunca tivemos a grande ideia de escalar essas malditas paredes, porra?

Pela primeira vez, Thomas sentiu raiva se arrastando-para competir com o medo e o pânico.

- Estou apenas tentando ajudar, homem. Por que você não para de choramingar a cada palavra que eu digo e começar a conversar direito comigo?

Minho repente pulou para Thomas e agarrou-o pela camisa. - Você não compreende, shuck-face (Cara de mértila)! Você não sabe nada, e é justo por isso que você está errado ao ter esperança! Nós estamos mortos, está me ouvindo? Mortos!

Thomas não sabia o que sentia mais nesse momento, se era raiva ou pena de Minho.

- Ele perdeu a esperança com muita facilidade.

Minho olhou para as mãos entrelaçadas na camisa de Thomas e o constrangimento cruzou seu rosto.

Lentamente, ele a largou e se afastou.

Thomas arrumou sua camisa e se endireitou com tom desafiador.

- Oh, homem, oh homem, sussurrou Minho, e depois se sentou no chão, enterrando o rosto nos punhos fechados. Eu nunca estive tão assustado, amigo. Não como agora.

Thomas queria dizer alguma coisa, dizer que cresceu, lhe dizer-para pensar, dizer-lhe para explicar tudo o que sabia. Algo! Abriu a boca para falar, mas a fechou rapidamente quando ouviu o barulho. A cabeça de Minho apareceu, olhou para baixo para um dos corredores escuros de pedra.

Thomas sentiu a própria respiração acelerando. Vinha das profundezas do labirinto, um baixo, e inquietante som.

Tinha um constante zumbido metálico fazendo intervalos de poucos segundos cada, como facas retráteis afiadas girando em sua volta.

Ficando mais forte a cada segundo, em seguida uma série de cliques estranhos batendo, Thomas pensou numas longas garras colidindo contra o vidro.

Um gemido apagado enchia o ar, e então algo que parecia o som de cordas.

Tudo isso junto, era horrível, e à pequena quantidade de coragem que Thomas tinha reunido havia começado a desaparecer.

Minho se levantou, seu rosto era quase invisível à luz desvanecendo-se. Mas quando falou, Thomas ficou com seus olhos arregalados de terror.

- Temos de nos separar, é a nossa única chance. Apenas se mantenha em movimento.

- Não pare!

E então ele se virou, correu e desapareceu em segundos, engolido pela escuridão do labirinto.

18

Thomas olhou para o lugar onde Minho havia desaparecido.

Uma antipatia súbita pelo tipo cresceu dentro dele. Minho era um veterano neste lugar,e era também um runner. Thomas era um estreante, passou apenas alguns dias na clareira, e apenas alguns minutos no labirinto.

Mas dos dois, Minho estava quebrado e com medo, fugindo, ao primeiro sinal de problemas.. Como ele pôde me deixar aqui? Thomas pensou !. Como ele pôde fazer isso?

O barulho ficou mais alto. O rugido dos motores misturado com o som de alguma coisa rolando, da cadeia pesada soava como se fossem máquinas antigas, como uma antiga fábrica. E então veio o cheiro, algo queimado, algo gorduroso. Thomas não podia começar a adivinhar o que viria, ele viu um griever (verdugo), mas apenas de vista, e através de uma janela suja. O que você faria com ele? Quanto tempo duraria?

Basta, disse ele. Teria que parar de perder tempo esperando eles para entrarem e acabar com sua vida.

Ele se virou e olhou para Alby, ainda encostado na parede, que agora era apenas um monte de sombras no escuro.

Ajoelhado no chão, Thomas encontrou o pescoço de Alby, então, sentiu o pulso. Ele sentiu algo ali. Ele ouviu seu peito, como Minho tinha feito antes.

Buh bump, bump-buh, buh-bump. Ele ainda estava vivo.

Thomas sentou-se, em seguida,com o braço na testa, enxugava o suor. E então, nesse espaço de tempo de apenas alguns segundos aprendeu muito sobre si mesmo. Sobre o Thomas de antes.

Ele não poderia deixar um amigo morrer. Mesmo alguém tão rabugento como Alby.

Pegou os braços de Alby, então se inclinou e passou os braços ao redor de seu pescoço. Ele jogou o corpo sem vida em suas costas e o empurrava com as pernas, grunhindo com o esforço.

Mas era demasiado. Thomas caiu para a frente; Alby caiu de lado em

um baque.

Os horríveis sons dos grievers (verdugos) estavam mais próximos a cada segundo, ecoando nas paredes do labirinto. Thomas pensou ter visto flashes de luz longe iluminando o céu noturno. Mas ele não queria encontrar a fonte dessas luzes, e daqueles sons.

Tentando uma nova abordagem, pegou os braços de Alby e começou novamente arrastá-lo pelo chão. Não podia acreditar quão pesado era o cara, e levou apenas dez passos para perceber que isso não iria funcionar. Onde eu o levaria,afinal?

Empurrou e moveu Alby do lugar que marcava a entrada para a clareira, e o arrastava mais uma vez na posição sentada,puxando ele pelos braços encostando-o na parede. Thomas também se encostou na parede, ofegante com o esforço, pensando. Enquanto estudava os corredores escuros do labirinto, procurando uma solução em sua mente. Ele mal podia ver nada, e sabia que, apesar do que tinha Minho dito, que seria estúpido correr, mesmo se pudesse levar Alby. Não só teria uma grande possibilidade de se perder, mas ele acabaria correndo para os grievers(verdugos) ao invés de se afastar deles.

Pensou perto da parede, de hera. Minho não tinha explicado, mas soava como se fosse impossível de escalar as paredes. Ainda assim...

Um plano se formou em sua mente. Tudo dependia das capacidades desconhecidas dos grievers (verdugos), mas era melhor que poderia imaginar.

Thomas andou alguns passos ao longo da parede para encontrar uma espessa hera cobrindo a maior parte da parede.

Ele se abaixou e pegou um dos ramos que chegavam completamente no chão e envolveu suas mãos ao redor deles. O Sentia mais espesso e mais sólido do que ele poderia ter imaginado, talvez meia polegada diâmetro. Ele a lançou, e com o som de um rasgar de papel grosso,estando a hera longe da parede, mais e mais como Thomas dera passos se aproximando dela.

Quando ele tinha caído de dez pés, não podia ver o fim da hera acima, desaparecia na escuridão. Mas a planta ainda não estava livre, então Thomas sabia que ela ainda estava ligada a algum outro lugar.

Vacilante, Thomas tomou coragem e puxou a hera da hera com força total.

Ela se susteve. Ele puxou novamente. E mais uma vez, puxando e descansando, com ambas as mãos de novo e de novo.

Em seguida, levantou os pés e se pendurou na hera, seu corpo se balançava para frente.

A hera se susteve.

Rapidamente, Thomas tomou outros cipós de hera, arrancado-as da parede, criando uma série de cordas para escalada. Testando todas e cada uma delas se mostrava tão forte como a primeira. Satisfeito, ele retornou com Alby e arrastou-o para as vinhas.

Um som agudo ecoou dentro do labirinto, seguido pelo som horrível de golpes de metal. Thomas, espantado, olhou em volta, mas manteve sua mente tão concentrada nos cipós de hera que momentaneamente se esqueceu dos grievers (verdugos), olhou em todas as três direções do labirinto. Não conseguia ver nada se aproximando, mas os sons eram mais fortes, formigamento, gemidos, sopros.

E ar estava ligeiramente limpo, fazendo com que detalhes do labirinto fossem visíveis, quando alguns antes minutos não tinham sido.

Ele lembrou das luzes estranhas que havia observado pela janela da clareira com Newt. Os grievers(verdugos) estavam se aproximando.

Tinham de estar.

Thomas tirou o pânico que passava em sua mente e se pôs a trabalhar.

Tomando uma dos cipós de hera os envolveu em torno do braço direito de Alby. A planta só atingia até um certo ponto, então ele tinha que segurar Alby de pé enquanto fazia. Depois de envolvê-lo várias vezes,o amarrou a hera. Em seguida, tomou outra hera e a colocou em todo o braço esquerdo de Alby, e em ambas as pernas, amarrando cada uma firmemente.

Preocupado com a possibilidade de que cortasse a circulação do garoto, mas decidiu que valia a pena o risco.

Tentando ignorar as dúvidas que penetraram em sua mente sobre o plano, Thomas continuou. Agora era a vez dele.

Tomou uma hera com as duas mãos e começou a subir, diretamente no lugar que amarrou Alby. As grossas folhas de hera serviam bem como alças, e Thomas ficou aliviado ao encontrar rachaduras na parede que serviam perfeitamente como suporte para seus pés para a escalada. Ele

começou a pensar sobre como seria fácil subir sem... Ele se recusou a terminar o pensamento. Ele não poderia deixar Alby para trás.

Uma vez que ele chegou a um ponto a poucos metros acima de seu amigo, Thomas envolveu uma das vinhas em volta do seu peito, girando e girando várias vezes, segurando-a contra suas axilas para maior segurança.

Lentamente,deixou cair, suas mãos, mas mantendo os dois pés firmemente plantados

Em uma grande rachadura na parede. Se encheu de alívio quando a hera o susteve.

Agora vem a parte realmente difícil.

Os quatro cipós de hera amarrados em Alby debaixo dele ficaram caindo ao redor dele.

Thomas tomou uma daquelas que estavam amarrados às pernas de Alby, e puxou.

Só podia Ir puxando a poucos centímetros antes de liberar... o peso era demais. Não poderia fazê-lo.

Mais uma vez caiu no chão do labirinto, decidiu tentar empurrar para baixo em vez de puxar para cima.

Para provar isso, tentou levantar somente os pés de Alby, parte por parte. Primeiro, ele levantou a perna esquerda, em seguida, amarrou uma nova hera ao redor dela.

Em seguida, a perna direita. Quando ambas estavam seguras, Thomas fez o mesmo com os braços de Alby: o direito e em seguida, o esquerda.

Ele recuou, ofegante, para dar uma olhada.

Alby pendurado ali, aparentemente sem vida, agora com três metros acima de onde ele estava cinco minutos antes.

Os sons do labirinto aumentavam. Zumbidos. Gemidos. Choques.

Thomas pensou ter visto um par de pisca piscas vermelhos no lado esquerdo. Os grievers estavam se aproximando, e agora era óbvio que havia mais de um.

Voltou a trabalhar.

Usando o mesmo método para empurrar cada um dos braços e pernas de Alby até dois ou três metros de cada vez, Thomas se movia lentamente na parede.

Subiu até que esta bem abaixo do corpo,tinha envolvido uma vinha ao seu redor de seu peito para segurar, e depois novamente para empurrar Alby, membro por membro, amarrando-os com hera. Em seguida, repetiu todo o processo.

Envoltório, top, puxar, empate.

Envoltório, top, puxar, empate.

Os grievers (verdugos) pelo menos pareciam estar se movendo mais lentamente através do labirinto, dando algum tempo.

Uma e outra vez, lentamente até a parede. O esforço era cansativo, Thomas tremor em cada respiração, sentindo o suor cobrindo cada centímetro da sua pele.

Suas mãos começaram a deslizar dos cipós. Seus pés doem de pressionada contra rachaduras na pedra. O som ficou mais alto, os sons hediondo e horrível. Mas Thomas continuou.

Quando eles chegaram a um ponto cerca de trinta metros do chão Thomas parou pendurado na hera que ficava amarrada em volta do peito.

Usando seus braços fracos e cansados, ele virou-se para enfrentar o labirinto. Um esgotamento não tinha pensado em ser possível encheu cada partícula de seu corpo. Seus membros doíam de cansaço, seus músculos estavam gritando. Não poderia empurrar Alby mais uma polegada. Não poderia subir mais.

Aqui era onde eles se escondiam. Ou onde lutariam pela última vez.

Se soubesse que eles não poderiam chegar ao topo... ele só não esperava que o griever (verdugo) não olhasse para cima, pra eles. Ou, pelo menos, Thomas esperava para combatê-los de cima, um por um, ao invés de ser oprimido por todos no chão.

Não tinha ideia do que esperar, não sabendo se iria ter um amanhã.

Mas aqui segurando uma hera, Thomas e Alby encontrariam seu destino.

Alguns minutos se passaram antes que Thomas viu o primeiro brilho

de luz sobre as paredes do labirinto. Os sons terríveis que ele tinha ouvido durante a última hora se transformou em um piar agudo mecânico, como o grito de um robô morrendo.

Uma luz vermelha no seu lado esquerdo, na parede chamou sua atenção. Ele se virou e gritou em voz quase alta... tinha um escaravelho robô a poucos centímetros dele, suas pernas entrando na hera e de alguma forma o colando à pedra. A luz vermelha em seus olhos era como um pequeno de sol, muito brilhante para olhar diretamente. Thomas apertou os olhos e tentou se concentrar no corpo do escaravelho robô.

O tronco era um cilindro de prata, talvez três centímetros de diâmetro e dez centímetros de largura. Doze pernas articuladas correndo o comprimento de seu corpo, estendendo-se para o exterior, fazendo com que a coisa parecesse com um jacaré dormindo.

A cabeça era impossível de ver por causa do raio vermelho de luz que brilha em sua direção, mas parecia ser pequena, a visão sendo seu único propósito, talvez.

Mas, então, Thomas viu a parte mais fria. Ele pensou que tinha visto no início da clareira, quando o escaravelho robô tinha vindo antes e ele havia entrado na floresta. Agora poderia confirmá-lo: a luz vermelha nos olhos dele jogou um brilho fantasmagórico a sete letras maiúsculas em todo o torso, como se houvesse sido escrita em sangue: malvado.

Thomas não poderia imaginar por que a palavra estaria estampada no escaravelho robô, a menos que seu propósito fosse anunciar aos habitantes da clareira era ruim. malvado.

Sabia que tinha de ser um espião para quem os mandou aqui, Alby havia dito isso,que os escaravelho robôs eram usados para espionar para os criadores.

Thomas ficou congelado e prendeu a respiração, esperando que talvez o único escaravelho só detectasse o movimento. Longos segundos se passaram,E seus pulmões gritavam por ar.

Com um clique e, em seguida, um chocalho, o escaravelho virou e foi embora, desaparecendo na hera.

Thomas fez uma grande inspiração, e depois outra, vinha se sentindo amarrado em volta do peito como se o pressionassem.

Outro grito ecoou por todo o labirinto, mais perto agora, seguido por uma onda de sons mecânicos. Thomas tratou de imitar o corpo sem vida de Alby, deixando-se cair da vinha.

E então algo deu volta na esquina e veio na direção deles.

Algo que ele havia visto antes, mas através de um vidro de segurança grosso em sua espessura.

Algo indescritível.

Um griever (verdugo).

19

Thomas assistiu horrorizado à monstruosidade que se dirigia ao longo corredor do labirinto.

Parecia um experimento que tinha sido feito terrivelmente errado, algo como um pesadelo.

Parte animai, parte máquina, o griever (verdugo) laminado rodou e fez clic ao longo do caminho pedra. Seu corpo parecia uma lesma gigante, pouco coberto de pelos e brilhava, com a baba grotesca, que entrava e saía pulsante, respirando.

Não tinha cabeça ou a cauda distinguíveis, mas de cima a baixo na frente final tinha de seis metros de comprimento, com quatro metros de espessura.

A cada dez ou quinze segundos, pontas de metal afiadas surgiam através da sua carne bulbosa e a criatura inteira abruptamente se transformava em bola e girava para a frente. Então, ele declarou, aparentemente, restabelecendo seus rolamentos, os ferrões iam para trás através da pele úmida sorvendo um som doente. Ele fez isso várias vezes, viajando a poucos metros de cada vez.

Mas o cabelo e as unhas não eram a única coisa saindo do corpo do griever (verdugo).

Vários braços com armas de metal se projetavam aleatoriamente colocados aqui e ali, cada um com uma finalidade diferente. Uns poucos tinham, luzes brilhantes que foram unidas a eles.

Outros tinham agulhas longas, ameaçadoras. Um deles tinha uma garra de três dedos que se separavam e se recolhiam sem nenhuma razão aparente. Quando a criatura rodava, estes braços cruzavam e manobravam para evitar serem esmagados. Thomas se perguntou que ou quem poderia criar criaturas tão abomináveis e repugnantes.

A fonte dos sons que ouvira faz sentido agora. Quando grievers rolavam, faziam um som de toque metálico, como a lâmina que gira numa serra. As unhas e os braços, explicavam os misteriosos clicks no metal contra a pedra. Mas nada provocava calafrios na espinha de Thomas exceto os gemidos mortais que de alguma maneira escapavam da criatura,

quando estava quieta, como o som de um moribundo em um campo de batalha.

Quando ele vê agora, o bicho com os sons, Thomas não conseguia pensar em qualquer pesadelo que poderia igualar com essa coisa horrível que veio a ele. Lutou contra o medo, forçou seu corpo a permanecer perfeitamente imóvel, pendurado nas cordas. Estava certo de que sua única esperança era evitar ser notado.

Talvez não nos veja, ele pensou.

Apenas talvez. Mas a realidade da situação afundou como uma pedra no seu estômago. Os escaravelhos robô já haviam revelado sua posição exata. O clique do griever (verdugo) rolando e seu barulho no seu caminho mais próximo, ziguezagueando, gemendo e sussurrando.

Cada vez que eles paravam, os braços de metal abriam e viravam de lado para outro, como um robô itinerante em um planeta alienígena buscando sinais de a vida. As luzes misteriosas mostraram sombras no labirinto. Uma vaga lembrança tentou fugir da caixa fechada de sua mente, sombras nas paredes quando ele era um garoto, assustado.

Queria voltar para o lugar de onde estava,correr para a mamãe e para o papai que esperava que vivessem, em algum lugar, sentindo falta dele, ou estando a sua procura.

Um forte cheiro de algo queimando entrou em seu nariz, uma mistura doente de máquinas de superaquecidas e carne queimada. Eu não podia acreditar que os habitantes pudessem criar e enviar uma coisa tão horrível para perseguir os garotos.

Tentando não pensar nisso, Thomas fechou os olhos por um momento, concentrado e permaneceu quieto e imóvel. A criatura seguiu.

Whirrrrrrrrrrrrrr

clique-clique-clique

whirrrrrrrrrrrrrr

clique-clique-clique

Thomas olhou para baixo sem mover a cabeça, o griever (verdugo) havia alcançado o final da parede onde ele e Alby ficaram pendurados. Ele parou na porta fechada que conduzia para a clareira, a poucos metros à direita de Thomas. Por favor, vá para o outro lado, Thomas rezava em

silêncio.

- Volte.

- Vai.

- Nesse caminho.

- Por favor!

As garras do griever (verdugo) saíram para fora, seu corpo rolou para Thomas e Alby.

Whirrrrrrrrrrrrrr

clique-clique-clique

Ele fez uma pausa, em seguida, rolado novamente, direto para a parede.

Thomas prendeu a respiração, não ousando fazer o menor ruído. O

griever (verdugo) passava diretamente debaixo deles. Thomas queria olhar para baixo, mas sabia qualquer movimento poderia denunciá-lo Os feixes de luz da criatura brilhavam por todos os lugares, completamente aleatório, mas nunca focava em um único lugar.

Então, sem aviso, apagaram.

O mundo ficou imediatamente escuro e silencioso. Era como se a criatura tivesse se desligado. Ele não se mexeu, não emitiu nenhum som, mesmo os perturbadores gemidos tinha parado completamente. E sem mais luzes, Thomas não pode ver nada.

Ele estava cego.

Thomas tomou pequenas respirações através de seu nariz, seu coração estava batendo desesperadamente de necessitando de oxigênio. Será que poderia ouvi-lo? - Cheirá-lo? Suor havia embebido seus cabelos, suas mãos, suas roupas, tudo. Um medo que nunca tinha conhecido o encheu a ponto da loucura.

Ainda assim, nada. Nenhum movimento, nem luz, nem som. A antecipação de tentar adivinhar a sua próxima jogada estava matando Thomas.

Segundos se passaram. Minutos. Os filamentos da planta escavavam a carne de Thomas, seu peito parecia entorpecido. Queria gritar para o

monstro debaixo dele:

Me mate ou volte pro seu buraco escondido!

Então, em uma súbita explosão de luz e som, o griever (verdugo) de voltou à vida zumbindo e clicando.

E então começou a escalar a parede.

20

Os ferrões do griever (verdugo) rasgavam a rocha, atirando pedaços de hera e pedras em todas as direções.

Seus braços se moviam igual as pernas de um escaravelho robô, alguns com acentuados ferrões em seu caminho para o suporte da parede de pedra.

Uma luz brilhante no fim do braço de um deles surgia apontando diretamente para Thomas, e por um instante agora, o flash não parou.

Thomas sentiu a última gota de esperança fugir de seu corpo.

Ele sabia que a única opção restante era correr. Desculpe, Alby, pensou ele,desvendando o emaranhado espesso de seu peito. Usando a mão esquerda fortemente para manter a folhagem sobre ele, acabado e preparado para se mover. Ele sabia que não poderia subir, isso levaria Alby a cruzar com um griever (verdugo) no caminho. Lá em baixo, por suposição, era uma opção, a menos se quisesse morrer o mais rápido possível.

Ele teve que ir para o lado.

Thomas estendeu a mão e pegou um ramo de uns 20 metros de altura a esquerda de onde ele se pendurava. O envolveu em sua mão, e o puxou fortemente.

Realmente esperou que resultasse, assim como todos os outros.

Uma rápida olhada para baixo revelou que o griever (verdugo) já haviam encurtado a metade da distância, e estava se movendo ainda mais rápido.

Thomas soltou da corda que era usada em volta do peito e rolou seu corpo à esquerda, raspando na parede. Antes que sua oscilação, o levasse de volta para Alby, estendeu a mão para outro ramo, capturando um bem espesso. Desta vez, ele agarrou com as duas mãos e virou-se para apoiar a planta de seus pés na parede. Arrastou seu corpo para a direita, tanto quanto a planta permitia, então logo a soltou e pegou outra. E em seguida, outra.

Semelhante a macacos trepadores de arvore, Thomas descobriu que podia se mover mais rápido do que nunca.

Os sons do seu perseguidor continuaram sem pausa, só que agora era um som, aterrorizante até os ossos somado a quebra e a separação das rochas.

Thomas foi para a direita várias vezes,antes de se atrever a olhar para trás.

O griever (verdugo) havia alterado seu curso mudou de Alby para ir diretamente para Thomas. Finalmente, Thomas pensou, alguma coisa está indo bem. Empurrando com os pés, tão forte como pode, balançando e balançando circulante, fugiu da horrível coisa.

Thomas não precisava olhar para trás para saber que o griever (verdugo) estava ganhando terreno a a cada segundo. Os sons o indicavam.

De alguma forma,tinha que voltar à terra, ou tudo se acabaria rapidamente.

Na troca seguinte, ele deixou a sua mão deslizar um pouco antes de apertar firmeza. A corda de hera queimou a palma de sua mão, mas havia escorregado vários metros perto do chão. Ele fez o mesmo para a corda em seguida. E na próxima.

Três trocas foram feitas mais tarde e a metade do solo no chão do labirinto.

A dor lancinante queimava até seus braços, sentiu o ardor da pele em carne viva em suas mãos. A adrenalina correndo pelo seu corpo ajudou a afastar o medo só devia manter-se em movimento.

Na troca seguinte, a escuridão impediu Thomas de ver uma nova parede chegando na frente dele até que fosse tarde demais o corredor terminava se inclinava-para a direita.

Ele bateu de frente contra a pedra, perdendo o controle da corda.

Jogando os braços, Thomas se sacudiu, alcançando e tentando deter sua queda contra a dura pedra abaixo. No mesmo instante, viu o griever (verdugo) pelo canto do olho esquerdo. Tinha alterado o seu curso e estava quase sobre ele, estendendo sua mão e juntando as garras.

Thomas encontrou uma ramificação a meio caminho do do chão e a segurou, quase arrancando os braços de seus ombros na repentina parada.

Empurrando à parede com os dois pés tão forte como ele podia,

balançando o seu corpo para longe dela justo quando o griever (verdugo) carregava suas garras e agulhas. Thomas chutou com a sua perna direita,o acertando bem na garra colada em seu braço. Um estalo agudo revelava uma pequena vitória, mas qualquer euforia terminou quando ele percebeu que o impulso de seu balanço agora o levava de volta à terra direto para a parte superior da criatura.

Pulsando com a adrenalina, Thomas juntou as pernas e empurrou com toda força contra o peito do griever (verdugo). Assim que ele entrou em contato com o corpo do griever (verdugo), afundou asquerosamente poucos centímetros em sua pele borbulhante, chutou com os dois pés a distância, contorcendo-se para evitar o enxame de agulhas e pinças por acima vindo de todas as direções. Ele virou o seu corpo para fora e para a esquerda; em seguida, pulou para a parede do labirinto, tentando conseguir um outro ramo, as horrendas ferramentas do griever (verdugo) o cortaram e arranharam-no nas costas. Ele sentiu um ferimento profundo nelas.

Mexendo-se uma vez mais, Thomas encontrou outra planta e a agarrou com ambas as mãos. Ele pressionou a planta somente o suficiente para retardá-lo, enquanto escorregou para o chão, ignorando a terrível queimadura nas mãos. Tão logo seus pés tocaram o chão de pedra sólida, se soltou, correu apesar do grito de esgotamento de seu corpo.

Um barulho explosivo soou atrás dele, seguido por uma roda, rachaduras, e zumbido do griever (verdugo). Mas Thomas se recusou a olhar para trás, sabendo que cada segundo contava. Virou uma esquina do labirinto e, depois outra.

Batendo com os pés na pedra fugiu o mais depressa possível. Em algum lugar em sua mente a localizou seus movimentos, na esperança de viver tempo suficiente para utilizar as informações sendo autorizado a voltar para a porta novamente.

Direita, então para a esquerda. Abaixo por um longo corredor, depois à direita novamente.

Esquerda. Direita. Duas esquerdas.

Outro longo corredor. Os sons da perseguição detrás dele não desistiam ou desbotavam, mas não estava perdendo terreno.

Uma e outra vez ele correu com o seu coração a ponto de explodir na

saída de seu peito. Extremamente ofegante, tentou obter mais oxigênio para seus pulmões, mas sabia que não iria durar muito tempo. Ele se perguntava se não seria mais fácil se virar e lutar, sair disso.

Quando dobrou a esquina seguinte, derrapou até parar para ver o que estava na frente ele. Incontrolavelmente ofegante, parou e olhou.

Três grievers (verdugos) estavam vindo subindo na sua frente, rolando enquanto seus ferrões revolviam a pedra, vindo direto contra ele.

21

Thomas se virou para ver o seu perseguidor vindo primeiro, embora tenha se tornado um pouco mais lento, fechando e abrindo uma garra de metal como se estivesse zombando dele, rindo.

Ele sabe que eu estou acabado, pensou.

Depois de todo esse esforço, lá estava ele vencido pelos grievers (verdugos). Ele tinha acabado. Nem mesmo uma semana de memórias, e sua vida havia terminado.

Quase consumido pela dor, ele tomou uma decisão. Ele iria continuar lutando.

Preferindo um em vez de três, correu em direção para o griever (verdugo) que o havia perseguido até lá. A coisa horrível só retrocedeu uma polegada, parou de mover suas garras, como se estivesse perplexo com a audácia de Thomas. Levando a sério a pequena hesitação, Thomas começou a gritar quando ele ia carregar.

O griever (verdugo) voltou à vida,havia ferrões brotando da sua pele, rolou para a frente, pronto para colidir a cabeça contra o inimigo. O

movimento brusco quase fez Thomas parar, seu breve momento de ira insana estava desaparecendo, mas ele continuava correndo.

No último segundo antes da colisão, justo quando ele obteve uma visão mais próxima do seu cabelo refletindo no metal em um sorriso, Thomas pisou com o seu pé esquerdo e virou à direita.

Incapaz de conter sua velocidade, o griever (verdugo) o passou num zumbido do seu lado direito até poder parar, Thomas observou que agora a coisa estava se movendo mais rápido. Com um uivo metálico, rolou e ficou pronto para se balançar até a sua vítima. Mas agora, já não tinha se rendido, Thomas teve um caminho claro na sua volta pelo corredor.

Saltou e correu para a frente. Sons de perseguição, desta vez vindo da parte de todos os quatro grievers (verdugos), o seguiam atentamente.

Certo que estava empurrando seu corpo para além das suas limitações físicas, ele continuou correndo, tentando se livrar do sentimento de desespero que era apenas uma questão de tempo para que eles o capturassem.

Então,correndo por três corredores abaixo de repente, surgiram duas mãos, que o agarraram e o tiraram para o corredor ao lado. O coração de Thomas saltou de sua garganta enquanto ele se debatia tentando se livrar. Ele parou quando percebeu que era Minho.

- Que...?

- Cale-se e siga-me! - Minho gritou, afastando-se e deixando Thomas até que ele fosse capaz de ficar em pé.

Sem tempo para pensar, Thomas se sentiu aliviado. Juntos, correram pelos corredores, fazendo volta após volta. Minho parecia saber exatamente o que ele estava fazendo, para onde estava indo, e nunca parava pra pensar o caminho por onde devessem correr.

Enquanto na próxima esquina, Minho tentava falar. Entre as pesadas respirações, ele disse engasgando, - Acabo de ver o movimento que você fez lá atrás...me deu uma ideia... só temos que tomar... um pouco mais de tempo.

Thomas não se preocupou em gastar a sua própria respiração, em perguntas, apenas continuou correndo, seguindo a Minho. Sem ter que olhar para trás, sabia que os grievers estavam ganhando terreno a uma velocidade alarmante. Cada centímetro de seu corpo doía, por dentro e por fora, suas pernas gritavam para ele parar.

Mas ele continuou correndo, esperando que seu coração não parasse de bater.

Um par de voltas mais tarde, Thomas viu alguma coisa na frente dele que não registrava em seu cérebro. Isso parecia equivocado.... E a pouca luz que emanava de seus perseguidores era uma raridade na frente ainda mais evidente.

O corredor não terminava em outra parede de pedra. Ele terminava na escuridão.

Thomas estreitou os olhos enquanto corriam em direção à parede de escuridão, tentando entender do que, eles estavam se aproximando. As duas paredes cobertas de hera de cada lado dele pareciam interceptar com nada mais, do que o céu acima deles.

Ele podia ver as estrelas. Quando eles se aproximaram, ele percebeu que esta era uma gruta... o final do labirinto.

Como? Ele se perguntou. Depois de anos de pesquisa. Como é que eu e Minho o encontramos com tanta facilidade?

Minho pareceu sentir seus pensamentos - Não se emocione disse para si, apenas sendo capaz de decifrar as palavras.

Poucos metros antes do final do corredor, Minho parou,segurando sua mão sobre o peito de Thomas para ter certeza de que ele também parara.

Thomas desacelerou, então ele caminhou até o local onde o labirinto se fazia a céu aberto. Com os sons da avalanche dos grievers chegando cada vez mais perto, mas ele precisava ver.

Eles tinham realmente encontrado uma maneira de sair do labirinto, mas como Minho havia dito,isso não era algo pelo que ele devesse se animar. Tudo que Thomas podia ver em cada direção, acima e abaixo,de lado a lado, era o ar vazio e estrelas fugazes. Era uma visão estranha e perturbadora, como se estivessem à beira de um universo, e por um momento ele esteve superado pela tontura,seus joelhos estavam enfraquecidos antes que ele pudesse se estabilizar.

O amanhecer estava começando a deixar sua marca, o céu parecia ser consideravelmente mais iluminado do que tinha sido no último minuto ou ou coisa do tipo. Thomas observava em total desespero, como isso havia sido possível. Era como se alguém tivesse construído o labirinto e, em seguida o tivesse posto para flutuar no espaço para ficar lá pelo resto da eternidade.

- Eu não entendo, ele murmurou, sem mesmo saber se Minho pudesse ouvi-lo.

- Cuidado, respondeu o runner. Você não seria o primeiro shank (trolha) a cair dentro do precipício. Ele agarrou o ombro de Thomas.

Esqueceste-te alguma coisa? Ele acenou de volta para o labirinto.

Thomas lembrou ter ouvido a palavra precipício antes, mas não conseguiu ter uma definição para o momento. Ver um enorme céu aberto em frente e debaixo dele, o havia colocado em uma espécie de torpor hipnótico. Enquanto voltava para a realidade se virou para ver os grievers se aproximando.

Agora, eles estavam á apenas uma dezena de metros de distância, em fila indiana, cobrando vingança, movendo-se com uma rapidez

surpreendente.

Então tudo se encaixou, inclusive antes que Minho pudesse explicar o que tinha vindo para fazer.

- Essas coisas podem ser malintencionadas, disse Minho. Mas elas são tão estúpidas quanto sujas. Fique ao meu lado, enfrentando eles e...

Thomas o cortou. - Eu sei. Eu estou pronto.

Arrastaram seus pés até que eles ficassem amontoados juntos na frente deles,em torno do meio do corredor, enfrentando os grievers. Seus saltos estavam á apenas centímetros da borda do penhasco detrás deles, nada mais do que ar os estava esperando.

A única coisa que restava era a raiva.

- Precisamos estar sincronizados!

Minho gritou, quase afogado pelos sons ensurdecedores dos estrondosos ferrões dando contra a pedra - Ao meu sinal!

A razão pela qual os grievers tinham se colocado em linha era um mistério.

Talvez o labirinto tinham provado, fosse suficiente estreito para eles viajarem, lado a lado. Mas, um após outro, rolavam pelo corredor de pedra, gritando e gemendo prontos pra matar.

Centenas de metros tinham se convertido em dezenas deles, e os monstros estavam á apenas segundos de distância de chocarem-se contra os garotos.

- Pronto-disse Minho com calma. Ainda não... ainda não...

Thomas odiava cada milésimo de segundo de espera. Ele só queria fechar os olhos e não voltar a ver um griever (verdugo) novamente.

- Agora! gritou Minho.

Assim quando o braço estendido do primeiro griever (verdugo) se entendia para os ferroar, Minho e Thomas saltaram em direções opostas, cada um, para uma das paredes exteriores do corredor. A tática havia funcionado antes para Thomas e, a julgar pelo som estridente que escapou do primeiro griever (verdugo), havia voltado a funcionar. O monstro voou para fora da borda no precipício. Estranhamente, o seu grito de guerra foi cortado abruptamente e ficava desaparecendo à medida que caia

acentuadamente, em direção a profundidades mais baixas.

Thomas aterrizou contra a parede e virou a tempo de ver a segunda criatura cair pela borda,sendo incapaz de parar. A terceira plantou um pesado braço com ferrão dentro da pedra, mas sua velocidade era muito alta. O som estridente da agulha cortando o solo colocada na borda, provocou um arrepio através da espinha de Thomas, apesar de um segundo depois o griever (verdugo) cair no abismo.

Novamente, nenhum deles fez nenhum barulho ao cair, como se tivessem desaparecido, ao invés de cair.

A quarta e última criatura foi capaz de deter-se a tempo, oscilando à beira do precipício, um ferrão e uma garra seguravam-no no lugar.

Thomas sabia instintivamente o que tinha de fazer. Olhando para Minho,que assentiu com a cabeça, virou-se. Ambos os garotos correram em direção ao griever (verdugo) e saltaram em pé sobre a criatura, chutando-a com a última força que ainda tinham. Ambos não pararam, até verem o último monstro mergulhar para a morte.

Thomas rapidamente engatinhava para longe do abismo, inclinando a cabeça para ver o griever (verdugo) caindo.

Mas, incrivelmente, eles haviam ido ... não houve e nem havia sinal de nenhum deles no vazio que era abaixo. Nada. Sua mente não conseguia processar o pensamento de até onde levava o precipício E o que havia acontecido com as terríveis criaturas. Sua última gota de força havia desaparecido, e então Thomas caiu como uma bola,exausto no chão. E

então, finalmente vieram as lágrimas.

22

Meia hora se passou.

Nem Thomas nem Minho tinham movido uma polegada.

Thomas finalmente tinha parado de chorar, não poderia deixar de imaginar o que Minho pensaria dele, ou se ia dizer aos outros e eles o chamariam de bicha, mas não podia impedir as lágrimas. Apesar de sua falta de memória ele estava completamente certo que havia sido a noite mais traumática de sua vida, e sentia mais dor nas mãos e a fadiga não era de muita ajuda.

Se arrastou até a borda do precipício, para obter uma visão melhor da hora do amanhecer, que estava em pleno apogeu.

O céu era um fundo roxo desvanecendo-se gradualmente para um dia azul brilhante, com tons de laranja do sol em um horizonte distante e plano.

Ele olhou para baixo, viu que o muro de pedra do labirinto estava indo em direção ao chão do precipício, até que desapareceu no que quer que fosse muito, muito abaixo. Mas mesmo com a luz crescente, não sabia o que tinha abaixo. Era como se o labirinto fosse uma estrutura de vários km acima do solo.

Mas isso era impossível, ele pensou. De jeito nenhum. Deve ser uma ilusão.

Ele rolou de costas, gemendo com o movimento. As coisas pareciam ferir dentro dele, onde nunca pensou que existisse antes. Pelo menos os portões iriam abrir em breve, e poderia voltar para a clareira. Ele viu Minho encolhido no corredor -Não posso acreditar que ainda estamos vivos, disse ele.

Minho não disse nada, apenas balançou a cabeça, com seu rosto sem expressão.

- Há mais deles? Será que acabamos de matar todo mundo?

Minho bufou - De alguma forma conseguimos chegar de madrugada ou então caso contrário, teríamos mais uns dez deles em cima de nós depois em pouco tempo - Ele virou seu corpo, estremecendo e gemendo. Não posso acreditar, seriamente que tínhamos conseguido sobreviver a uma

noite inteira... nunca isto foi visto antes.

Thomas sabia que tinha de se sentir orgulhoso, bravo ou algo assim. Mas a única coisa que sentia era cansaço e alívio. - O que fizemos de diferente?

- Eu não sei, e é um pouco difícil perguntar a um morto o que foi que ele fez de errado.

Thomas não pôde deixar de pensar sobre como os gritos de raiva dos grievers que tinham terminado quando eles caíram do precipício, e como ele tinha sido capaz de vê-los despencar para a morte. Havia algo muito estranho e inquietante sobre aquilo. - Parece que eles desapareceram, ou alguma coisa parecida, quando caíram sobre a borda.

- Sim, isso foi um pouco psicopata. Alguns habitantes, da clareira, tinha uma teoria de que algumas coisas haviam desaparecido, mas eles estavam errados. -Olhe.

Thomas assistiu Minho jogando uma pedra para o precipício, e depois seguiu seu caminho com os olhos. Até que ficou pequena demais para ver. Ele se virou para Minho. - Como você pode provar que eles estão errados?

Minho encolheu os ombros - Bem, a pedra não desapareceu.

Certo? - Então o que você acha que aconteceu?

Havia algo mais importante nisso, Thomas podia senti-lo.

Minho encolheu os ombros de novo.

- Talvez eles fossem mágicos, não sei, a minha cabeça dói muito só de pensar sobre isso.

Com uma sacudida, todos os seus pensamentos do precipício foram esquecidos, Thomas se lembrou de Alby: - Nós temos que ir, se levantou com um grande esforço.

Eu tenho que encontrar Alby na parede.

- Minho olhou confuso para ele e explicou rapidamente o que havia feito com as cordas de grama.

Minho baixou o olhar e disse: - De modo nenhum ele continua vivo.

Thomas se recusou a acreditar. - Como você sabe? Vamos. Ele começou a voltar para o corredor.

- Porque nada o tem parado...

Ele parou, e Thomas sabia o que ele estava pensando. - Isso é porque eles sempre foram mortos pelos grievers e no momento em que ele foram encontrados. Alby foi picado apenas por uma dessas agulhas, certo?

Minho se levantou e se juntou a Thomas em sua lenta caminhada de volta para a clareira. - Eu não sei, eu acho que isso nunca aconteceu antes, alguns habitantes foram ferroados durante o dia, e essas são aquelas que receberam o soro e passaram pela transformação. Pobres shank (trolhas) que são ferroados no labirinto a noite e não foram encontrados até agora...

dias depois, às vezes, se for isso. E todos eles morreram de maneiras que você não vai querer saber.

Thomas estremeceu com a ideia. - Depois do que acabamos de ouvir, eu acho que posso imaginar isso.

Minho olhou e teve a surpresa transformando o seu rosto, é acho que você consegue imaginar. Havíamos estado equivocados ... bom, o ideal é tenhamos estado equivocados mesmo. Porque ninguém quem havia sido picado e não voltava a noite tem havia sobrevivido alguma vez só supomos que não havia como voltar atrás... quando é demasiado tarde para obtenção do soro.

- Ele parecia entusiasmado com esta linha de pensamento. Viraram de novo por outra esquina, com Minho de repente assumindo a liderança.

Os passos do garoto estavam aumentando, mas Thomas se mantinha em seus calcanhares, surpreendido pela forma como ele estava familiarizado com as informações, normalmente voltando mesmo antes de Minho lhe dizer onde.

- Bem... este soro, disse Thomas. Já ouvi falar inúmeras vezes. O

que é isso? Onde é que vem?

- Ao que parece, se trata de um soro. O soro Grief (soro da dor) Thomas começou a forçar um riso patético. - Só quando eu penso que aprendi tudo sobre esse lugar estúpido, algo novo aparece. Por que o chamam assim? E, por que grievers são chamados de grievers?

Minho explicou a medida que eles continuavam com as intermináveis voltas do labirinto nenhum deles liderando agora, e ele não sabia de onde nós tiramos os nomes, mas o soro provém dos criadores ou assim como

lhes chamamos, pelo menos. É com as provisões de cada semana, sempre era. É um remédio ou antídoto ou alguma coisa, e dentro de uma seringa médica, pronto para uso. - Ele demonstrou como colocar uma agulha em seu braço.

Dar para alguém que era picado e os salvava.

Passe para a transformação... que é uma porcaria, para depois disso, eles serem curados.

Um ou dois minutos se passaram em silêncio enquanto Thomas processava a informação. Eles fizeram um par de voltas. Thomas se perguntou sobre a transformação, e o que isso significava. E por alguma razão, ainda pensava na garota.

- Estranho, sem embargo...- Minho finalmente o seguiu. Nós nunca conversamos isso antes. Se ainda estiver vivo, não há realmente nenhuma razão para acreditar que Alby não pode ser salvo pelo soro. Por alguma razão, entendemos, em nossas cabeças de merda, que quando o portão se fechar, você está frito... e fim de história. Eu tenho que fazer essa coisa de pendurada-na-parede por mim mesmo, eu acho que estão me carregando.

Os garotos continuaram andando, olhando Minho quase feliz, mas havia algo chato perturbando Thomas. Ele o havia estado evitando, negando-lhe a si mesmo -E se outro griever (verdugo) pegou Alby depois que comecei a desviei dos que me perseguiam?

Minho se virou para ele, com uma expressão vazia no rosto.

- Vamos nos apressar, é tudo que estou dizendo, disse Thomas, com a esperança que todos os esforços para salvar Alby não sejam em vão.

Eles tentaram pegar o ritmo, mas seus corpos os prejudicavam muito para que eles retomassem um ritmo lento, apesar da urgência. A próxima vez que virassem uma esquina, Thomas hesitou, seu coração saltou o golpeando quando ele viu o movimento a frente, mas se aliviou quando percebeu que era Newt e alguns habitantes da clareira. O portão Oeste, da clareira, estava se abrindo. O que tinham conseguido.

A aparição dos rapazes, Newt chegou mancando entre eles. - O que aconteceu? Ele lhe perguntou, sua voz soava quase raivosa. Como na maldita ...

- Diremos mais tarde, interrompeu Thomas-Temos que salvar o Alby.

Newt empalideceu. - O que você quer dizer? - Ele está vivo!?

- Venha aqui. Thomas se virou para a direita, esticando o pescoço para olhar para o alto da parede, olhando entre as cipós de hera até encontrar o lugar onde Alby estava pendurado pelos braços e pernas bem acima deles. Sem dizer nada, Thomas apontou para acima, não se atreveu a se sentir aliviado ainda. Ele ainda estava lá, e em uma parte, mas não havia nenhum sinal de movimento.

Newt finalmente viu seu amigo pendurado na hera, e olhou para Thomas. Se não tivesse parecido chocado antes, agora parecia completamente desnorteado. - Está vivo...?

Por favor, esteja vivo, pensou Thomas.

Não sei. Ele estava quando eu saí de lá.

- Quando você o deixou...? Newt sacudiu a cabeça. Minho-e você tragam os seus traseiros aqui para dentro, que os Med-jacks os verifiquem.

Se vem malditamente mal. Quero toda a história quando houverem terminado e descansou.

Thomas queria esperar para ver se Alby estava bem. Ele começou a falar, mas Minho agarrou seu braço e obrigou-o a caminhar para a clareira.

- Temos que dormir. Agora.

Thomas sabia que ele estava certo. Ele se virou, olhando na direção de Alby, a continuação seguiu Minho para fora e longe do labirinto.

A volta para a clareira e depois para Homestead parecia linhas infinitas, filas de Habitantes da clareira para ambos os lados olhando eles.

Seus rostos cheios de medo, como se eles assistissem a dois fantasmas que passeavam através de um cemitério. Thomas sabia que era porque tinha conseguido algo que nunca foi feito antes, mas ele sentiu-se envergonhado pela atenção.

Quase ficou completamente parado quando viu Gally mais na frente, os braços cruzados e olhando com raiva, mas ele continuou seguindo. Ele tomou cada onça de sua força vontade, mas ele olhou diretamente para Gally, nunca parando o olhar.

Quando já tinha uns cinco metros, o outro olhar de baixo para o chão.

Os minutos seguintes foram um borrão.

Escoltado para o Homestead por um par de Med-Jacks, subindo as escadas, através de portas meio abertas, onde alguém estava alimentando a menina em coma na sua cama, sentiu um impulso extremamente forte para ir vê-la, verificando em seu próprio quarto, cama, comida, água, ataduras.

Dor. Finalmente, ele ficou sozinho, com a cabeça descansando no travesseiro mais macio do que a sua memória limitada conseguia se lembrar.

Mas quando você cair no sono, havia duas coisas que não iria deixar a sua mente. Primeiro, a palavra tinha sido rabiscada no torso de ambos os escaravelhos robôs - malvado-percorria os seus pensamentos de novo e de novo.

A segunda coisa era a menina.

Poucas horas depois, Chuck estava tentando acordá-lo. Levou vários segundos para Thomas se orientar e enxergar claramente. Focou em Chuck, e reclamou. - Me deixe dormir, shank (trolha).

- Eu achei que você ia querer saber.

Thomas esfregou os olhos e bocejou. - Saber o quê? Ele olhou para Chuck novamente confuso com seu grande sorriso.

- Ele está vivo, disse ele. Alby está bem, o soro ele funcionou.

A perturbação de Thomas instantaneamente desapareceu, e foi substituída por alívio... surpreso com o quanto de alegria que a informação tinha lhe dado. Mas, então, as próximas palavras de Chuck lhe fizeram reconsiderar a sua decisão.

- A transformação está apenas começando.

Como se fosse provocado pela declaração, um grito de gelar o sangue ecoou da habitação através do corredor.

23

Thomas se perguntava muito sobre Alby. Parecia uma vitória apenas para salvar a sua vida, trazendo-o de volta de uma noite no labirinto.

Mas será que valeu a pena?

Agora o garoto estava com dor intensa, passando pelas mesmas coisas que Ben.

E se fosse tão psicótico quanto Ben?

Havia pensamentos inquietantes por todas as partes.

O crepúsculo caiu sobre a clareira e os gritos de Alby continuaram enchendo o ar.

Era impossível escapar do terrível som, mesmo depois que Thomas finalmente falou com os Med-jacks para que o deixassem ir, cansado, dolorido, enfaixado, mas cansado da perfuração e gritos de dor de seu líder.

Newt se havia negado rotundamente quando Thomas quando pediu para ver a pessoa por quem havia arriscado a sua vida.

Só pioraria as coisas, ele tinha dito, e não o convenceu.

Thomas estava cansado demais para travar uma batalha. Ele não tinha ideia de que fosse possível se sentir tão cansado, apesar das poucas horas de sono que teve. Ele havia se machucado tanto para fazer algo depois disso, e passara a maior parte do dia em um banco fora das Deadheads,sumido no desespero. A euforia de sua fuga havia desaparecido rapidamente, deixando-o com a dor e os pensamentos de sua nova vida na clareira. Todos os seus músculos doíam, cortes e contusões o cobria dos pés até a cabeça. Mas mesmo assim,isso não era tão ruim quanto a pesada carga emocional que passara na noite anterior. Era como se todas as realidades da vida, fossem instaladas permanentemente em sua mente, como ouvir o diagnóstico definitivo de um câncer terminal final.

- Como pode alguém ser feliz com uma vida assim, pensou ele.

Então como alguém pode ser ruim o suficiente para fazer isso para nós?

Compreendeu mais do que nunca a paixão sentida pelos habitantes da

clareira para encontrar uma saída do labirinto.

Não era apenas uma questão de fuga.

Pela primeira vez, ele estava com fome de vingança sobre os autores que o colocaram ali. No entanto, esses pensamentos só trouxeram de volta à desespero que enchia-lhe tantas vezes. Se Newt e os outros não tivessem sido capazes de resolver o labirinto, após dois anos de busca, parecia impossível que realmente houvesse uma solução. O fato de os habitantes da clareira que não tivessem renunciado, disseram mais sobre esses habitantes do que qualquer outra coisa.

E agora ele era um deles.

Esta é minha vida, pensou. Vivendo em um labirinto gigante, rodeado de animais hediondos.

A tristeza o encheu como um veneno forte. Os gritos de Alby,eram distantes agora, mas ainda audíveis, só piorava as coisas.

Teve que apertar suas mãos contra ouvidos cada vez que ouvia.

Finalmente o dia chegou ao seu fim e o sol trouxe o fechar agora familiar dos quatro portões à noite. Thomas não tinha memória de sua vida antes da caixa, mas era positivo que houvesse terminado as piores 24 horas de sua existência.

Só depois de escurecer, Chuck levou um jantar e um copo de água fria.

- Obrigado, disse Thomas, sentindo um acalorado prazer vindo do garoto. Ele comeu a carne e um prato de macarrão tão rápido quanto os seus braços doendo conseguiam se mover.

Eu precisava disso, ele disse com uma mordida. Ele tomou um gole de sua bebida, e depois voltou a atacar a comida. Ele não tinha percebido o quanto ele estava com fome até que ele começou a comer.

- Você é nojento quando come, disse Chuck, sentado no banco ao lado dele.

É como assistir a um porco faminto comer sua própria merda.

- Isso é engraçado, disse Thomas, com sua voz cheia de sarcasmo.

Você deveria ir divertir os grievers... ver se eles riem.

Um olhar rápido de dor cruzou o rosto de Chuck, pelo que Thomas se

sentiu mal, mas desapareceu quase tão rapidamente quanto havia aparecido.

- Isso me fez lembrar que é a comida da cidade.

Thomas levantou-se, não sabendo como se sentia com a notícia. -

O que isso quer dizer?

- Oh, meu Deus, deixe-me pensar. Em primeiro lugar, vá para o labirinto quando se supõe não poder ser feito à noite. Então você se transforma em uma espécie de tipo monstruoso da selva escalando heras e amarrando os habitantes em paredes. Então você se torna um dos primeiros habitantes a ter sobrevivido a uma noite fora da clareira, e ainda por cima matar quatro grievers.

Você não pode imaginar o que esses shanks (trolhas) estão falando sobre isso.

Uma onda de orgulho encheu o corpo de Thomas, mas depois decaiu. Thomas ficou mal pela felicidade que estava sentindo. Alby ainda estava na cama, gritando pela dor na cabeça, provavelmente desejando estar morto.

-Enganar eles para ir para o precipício foi ideia do Minho, não minha.

- Não, de acordo com ele. Te viu fazer a pequena coisa a ser esperada e de o levar em seguida, teve a ideia de fazer o mesmo sobre o precipício.

- Será que a... de esperar e o levar...? Thomas perguntou, virando os olhos.

Qualquer idiota no planeta teria feito isso.

- Não tente ser humilde como todos nós somos, o que você fez foi do caralho.

Você e Minho, ambos. Thomas atirou a tigela vazia no chão, de repente irritado. - Então, por que eu me sinto tão mal, Chuck? Você responderia a isso?

Thomas examinou o rosto de Chuck para uma resposta, mas, aparentemente, não tinha nenhuma. O garoto se sentou cruzando as mãos enquanto ele se inclinava para frente sobre os joelhos, com cabeça abaixada.

Finalmente, com a voz meio baixa, murmurou: - Pela mesma razão,que todos nós nos sentimos mal.

Sentaram-se em silêncio até que, poucos minutos depois, Newt veio, com a aparência de morte em dois pés. Ele estava sentado no chão na frente deles, de modo triste e preocupado como qualquer pessoa poderia parecer.

No entanto, Thomas estava feliz por estar ao redor.

- Eu acho que o pior já passou, disse Newt. O desgraçado deve dormir por um par de dias, para então acordar bem.

Talvez gritando um pouco de vez em quando.

Thomas não poderia imaginar o quão ruim a prova devesse ser, pois todo o processo da transformação permanecia sendo um mistério para ele.

Ele se virou para o garoto mais, fazendo todo o possível para ser casual.

- Newt, o que está acontecendo lá em cima? Sério, eu não entendo o que é essa coisa de a transformação.

A resposta de Newt surpreendeu Thomas. - Você acha que devemos fazer?

Se ergueu, jogando os braços para cima, depois de bater novamente os joelhos.

Tudo o que sei e que malditamente sabemos é que se os grievers te picam com suas desagradáveis agulhas, injeta-se o soro Grief ou morre. Se você receber o soro, em seguida, seu corpo treme e sua pele fica com bolhas e com uma estranha cor verde e vomita sobre si mesmo.

Explicação suficientemente boa por agora, Tommy?

Thomas fez uma careta. Não queria atrapalhar Newt mais do que já estava, mas precisava de respostas. - Ei, eu sei que é chato ver seu amigo passar por isso, mas eu só quero saber o que realmente está acontecendo lá em cima.

Porque chamam-na de a transformação ?

Newt relaxou, parecia encolher mesmo, e suspirou. - Traz as memórias de volta. Só pequenos fragmentos, mas as lembranças definidas antes de vir para este horrível lugar. Quem passa através dele age como uma merda de um psicopata quando passa por ele, embora geralmente não é tão ruim como foi com o pobre Ben.

Enfim, é como estar em sua antiga vida novamente, só para que alguém

a arrebente depois.

A mente de Thomas estava girando. - Você tem certeza? Ele perguntou.

Newt parecia confuso. - O que você quer dizer? Sobre o quê?

- Eles estão mudando, porque eles querem voltar para sua antiga vida, ou é porque eles ficaram tão deprimidos depois de descobrirem que sua antiga vida não era melhor que o que temos agora?

Newt olhou por um segundo, em seguida, desviou o olhar, aparentemente perdido em pensamentos. - O Shank (trolhas) que tenham passado pela mesma nunca falam sobre ele realmente. Eles voltam...

diferentes. Antipáticos. Há um punhado deles em toda a clareira, mas eu não posso suportar ficar perto deles. Sua voz estava distante, seus olhos se desviaram para um determinado ponto em branco na floresta. Thomas sabia que ele estava pensando em que Alby nunca mais seria o mesmo.

- Diga-me,- disse Chuck. Gally é o pior de todos eles ?

- E alguma notícia sobre a menina?

Thomas perguntou, mudando de assunto.

Ele não não estava com disposição para falar sobre Gally. Além disso, seus pensamentos voltavam pra ela. Vi os Med-jacks alimentando-a no piso superior.

- Não, respondeu Newt. Ainda está na droga do coma, ou o que seja. De vez em quando ela murmura, sem sentido, como se estivesse sonhando. Em seguida come os alimentos, parece estar lhe fazendo bem. É

um pouco estranho.

Um longo silêncio se seguiu, como se os três estivessem tentando chegar a uma explicação sobre a moça. Thomas chegou a se perguntar sobre o seu sentido de conexão inexplicável com ela, mas tinha se desvanecido um pouco, e poderia ter sido a causa do motivo pelo qual ocupava todos os seus pensamentos.

Newt finalmente quebrou o silêncio.

- De qualquer forma, o que se segue é avaliar o que faremos com Tommy.

Thomas se animou, confuso com a declaração. - Fazer comigo? Do que

você está falando?

Newt levantou-se, esticou os braços. - Você colocou este maldito lugar de cabeça para baixo, shank (trolha). A Metade dos habitantes da clareira acreditam que você seja Deus, a outra metade quer jogar o seu traseiro no buraco da caixa. Há muitas coisas para falar.

- Como o quê? -Thomas não sabia o que era mais inquietante que os habitantes pensassem que fosse um tipo de herói, e que alguns desejassem que ele não existisse.

- Paciência, disse Newt. Você saberá depois de acordar.

- Amanhã? Por quê? - Thomas não gostou de como soava.

- Eu pedi uma Reunião. E você estará lá. Você era a única droga maldita na agenda do dia.

E com isso, ele se virou e se afastou, deixando Thomas se perguntando por que todo o mundo precisaria de uma Reunião para falar só sobre isso.

24

Na manhã seguinte, Thomas estava sentado em uma cadeira, preocupado e, inquieto,suando e olhando para onze outros caras. Eles estavam sentados dispostos em um semicírculo em torno dele.

Uma vez sentado, ele percebeu que eles eram os encarregados e para sua decepção, significava que Gally estava entre eles.

A cadeira que estava colocada em frente a Thomas estava vazia. Ele não precisa saber que era de Alby.

Sentaram-se em uma grande habitação em Homestead que Thomas não havia estado antes. Além das cadeiras, não havia móveis, exceto por uma mesa pequena no canto. As paredes eram feitas de madeira, como o chão, e parecia que ninguém tinha tentado fazer com que pareça apetitosa.

Não havia janelas, o quarto cheirava a mofo e a livros antigos.

Thomas não estava com frio, mas tremia o tempo todo. Pelo menos ele ficou aliviado que era Newt que estava ali. Ele estava sentado na cadeira à direita da cadeira vazia de Alby.

- No lugar de nosso líder, doente na cama, eu declaro esta Reunião iniciada. Disse ele colocando os olhos como se ele odiasse qualquer coisa que estivesse próxima da formalidade. Como todos sabem, os últimos dias têm sido realmente loucos, e uma parte parece bastante focado em torno do nosso Greenbear Tommy, sentado entre nós.

O rosto de Thomas ficou vermelho de vergonha.

- Ele não é mais o Greenie (Fedelho) - disse Gally, sua voz rouca tão baixa como se quase fosse algo cômico. Ele não passa de um infrator.

Isso provocou murmúrios e sussurros, mas Newt fez eles se calarem.

Inesperadamente Thomas queria estar tão longe da habitação quanto fosse possível.

- Gally, disse -Newt. Tente manter um pouco de ordem aqui. Se você estiver aqui falando baboseiras com sua maldita boca toda vez que eu digo algo, pode ir em frente e saía, porque não estou de muito bom humor.

Thomas desejou que ele fosse aplaudido por isso.

Gally cruzou os braços e inclinou a cabeça para trás na cadeira, franzindo a testa em seu rosto quase fez com que Thomas gargalhasse. Ele estava tendo um momento muito difícil acreditar que ele havia sido aterrorizado por esse tipo só um dia antes... Parecia um tonto, inclusive algo patético agora.

Newt deu um olhar duro, em Gally depois continuou.

- Agradecido que havemos saído dessa forma, ele virou os olhos em branco, novamente. A razão pela qual estamos aqui é porque quase todo cara querido na clareira que veio até mim no último dia ou dois para me falar sobre Thomas ou me incomodaram para pedir sua maldita mão em casamento. Precisamos decidir o que vamos fazer com ele. Quando Gally ia começar a falar, Newt o interrompeu antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

- Você vai ter uma chance, Gally. Um de cada vez. E Tommy, você não está autorizado a dizer porra nenhuma até que te perguntemos, certo? -

Ele esperou um aceno de consentimento de Thomas, que lhe deu um contragosto, em seguida,e apontou para o cara na cadeira da extrema direita. Zart comece. Houve alguns risinhos escondidos quando Zart, o tipo calmo que vigiava os Habitantes da clareira, se mexeu em sua cadeira. Ele olhou para Thomas mas fora do lugar que uma cenoura numa plantação de tomate.

- Bem, começou Zart, seus olhos saltavam ao redor dele como se esperasse que alguém lhe dissesse o que ele tinha de dizer. Eu não sei.

Ele quebrou uma das nossas regras mais importantes. Não podemos deixar que os habitantes pensem que você está certo. - Ele se deteve e olhou para suas mãos, esfregando-as juntas. Mas por outra parte ele está... mudando as coisas. Agora sabemos que podemos sobreviver lá fora, e nós podemos combater os grievers.

O alívio inundou Thomas. Tinha alguém do seu lado. Ele fez uma promessa de ser extra agradável com Zart.

- Oh, me dê uma chance, Gally explodiu. Minho aposto que ele é o único que tem se livrado de coisas tão estúpidas.

- Gally, cala essa maldita boca! Newt gritou, levantando-se para todos os efeitos desta vez, de novo Thomas se sentiu encorajado. Eu estou na maldita Cadeira agora, e se eu ouvir mais uma palavra sua,ordenarei o

exílio para o seu traseiro patético.

- Por favor, sussurrou sarcasticamente Gally, o ridículo enfado retornou, quando ele se sentou em sua cadeira novamente. Newt se sentou e indicou a Zart. Isso é tudo? - Nenhuma recomendação oficial?

Zart sacudiu a cabeça.

- Bem, você é o próximo, Frypan.

O cozinheiro sorriu com sua barba e se preparou imediatamente.

- Este shank (trolha) tem mais coragem que, do que tudo que eu fritei toda carne suína e bovina juntas nos últimos anos, ele fez uma pausa, como se esperasse uma risada, mas não veio nenhuma. Que estupidez é essa: ele salva a vida de Alby, mata um par de grievers, e nós ficamos aqui sentados matutando o que vamos fazer com ele. Como diria Chuck, esse é um montão de Klunk(merda).

Thomas queria vir e apertar as mãos de Frypan. Ele só tinha dito exatamente o que Thomas estava pensando sobre tudo isso.

- Então, o que você recomendaria?

Perguntou Newt. Frypan cruzou os braços.

- Mandem ele pro maldito Conselho e faça ele contar pra nós tudo o que ele fez lá.

Vozes explodiram em todas as direções e levou meio minuto para Newt os acalmar.

Thomas fez uma careta de espanto; Frypan tinha ido longe demais com essa recomendação, quase invalidando a sua opinião sobre toda essa bagunça.

- Ok, por escrito. Newt disse, porque ele fez exatamente isso, fazendo rabiscos em um bloco de notas. Agora, todos mantenham a suas malditas bocas fechadas, eu quero dizer bem sério.

Ele sabem as regras, sem ideias inaceitáveis, e terão de dizer algo na votação. - Ele terminou de escrever e disse que o terceiro membro do Conselho, um cara que Thomas não conhecia ainda, com cabelo preto e um rosto com sardas.

- Eu realmente não tenho uma opinião, disse ele.

- O quê? Newt perguntou, irritado.

Nesse caso, que bom que não te elegemos para o Conselho.

- Desculpe, não eu sinceramente - Ele encolheu os ombros. Em todo caso, estou de acordo com Frypan, eu acho.

Por que punir um homem que salvou a vida de alguém?

- Então você tem uma opinião, não é assim? Enfatizou Newt, com um lápis na mão. O rapaz concordou e Newt escreveu uma nota.

Thomas se sentiu mais aliviado, parecia que a maioria dos encarregados estavam a seu favor, e não contra.

No entanto, estava tendo um momento difícil lá sentado, ele desesperadamente queria falar em próprio nome. Mas ele se viu forçado a seguir as ordens Newt e ficar quieto.

Em seguida foi o cara coberto de espinhas, Winston. encarregado da Casa de Sangue.

- Eu acho que ele deveria ser punido.

Sem ofensa, Greenie (Fedelho), mas Newt, você é o único que sempre fala sobre a ordem. Se não punirmos você, daremos um mal exemplo.

Ele quebrou a nossa regra número um.

- Bem, disse Newt, escrevendo em seu bloco de notas. Então você recomenda punição.

De que tipo? -

- Eu acho que deve ser posto na Prisão por uma semana com apenas pão e água e precisamos garantir que todos saibam para que não tenham ilusões. Gally aplaudiu, ganhando uma carranca de Newt. O

coração Thomas esmoreceu um pouco.

Mais dois encarregados falaram, um com a ideia de Frypan, e o outro com a de Winston.

Em seguida era a vez de Newt.

- Eu concordo com a maioria de vocês.

Ele deve ser punido, mas, em seguida, precisamos uma maneira de usá-lo.

Reservo-me a minha recomendação, até ouvir a todos. Próximo. -

Thomas odiava toda essa conversa sobre a punição, além disso, odiava ter de manter a boca fechada. Mas no fundo ele não se atreveu a discordar, por mais estranho que pareça, depois de ter alcançado, ele havia quebrado uma regra importante.

Seguindo a linha que ia. Alguns pensaram que deveria ser elogiado, outros pensavam que deveria ser punido. Ou as duas coisas. Thomas mal podia ouvir além disso, antecipando os comentários dos últimos dois encarregados, Gally e Minho.

Este último não tinha dito uma só palavra desde que Thomas tinha entrado na habitação, sentou-se, recostou-se na cadeira, olhando como se não tivesse dormido por semana.

Gally era o primeiro.

- Eu acho que eu tenho deixado a minha opinião muito clara.

Ótimo, pensou Thomas. Assim, apenas mantêm a sua boca fechada.

- Boa essa. Newt disse, revirando os olhos novamente. Então vamos. Minho.

- Não, gritou Gally, fazendo com que dois encarregados saltassem de seus assentos.

Eu ainda quero dizer uma coisa.

- Então diga, disse Newt. Thomas se sentiu um pouco melhor que o o Presidente Temporário do Conselho desapreciava Gally, quase tanto como ele fez. Thomas pensou que ele não tinha medo, mas ainda odiava o tipo.

- Basta pensar, começou Gally. Ele veio na caixa, agindo todo confuso e assustado. Poucos dias depois, ele está correndo através do labirinto com os grievers,agindo como se ele fosse dono do lugar.

Thomas encolheu-se na sua cadeira, esperando que os outros não houvessem estado pensando em algo parecido.

Gally continuou seu sermão. - Eu acho que tudo foi uma encenação. Como você poderia ter feito o que fez lá fora, depois de alguns dias. Eu não sou confio nele.

- O que você está tentando dizer Gally? Newt perguntou. Qual é,esse maldito ponto?

- Eu acho que é um espião para as pessoas que nos colocaram aqui.

Outro escândalo irrompeu na habitação, Thomas não podia fazer nada, mas balançou a cabeça, só não entendia onde Gally queria chegar com todas essas ideias.

Newt finalmente os acalmou de novo, mas Gally não havia terminado.

- Nós não podemos contar com esse shank (trolha), continuou ele, um dia depois dele aparecer,uma menina psicopata aparece, garante que as coisas vão mudar sustentando este estranho comentário. Encontramos um griever (verdugo) morto. Thomas se encontra convenientemente dentro no labirinto à noite, e então tenta convencer a todos que ele é um herói.

Bom, nem Minho, ninguém o viu realmente fazer alguma coisa na hera.

Como saberemos que foi Greenie (Fedelho) quem amarrou Alby?

Gally parou, ninguém disse uma palavra durante vários segundos, e o pânico subiu no peito de Thomas.

Realmente podiam acreditar no que Gally estava dizendo? Ele estava ansioso para se defender e quase quebrou o silêncio pela primeira vez, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Gally estava falando de novo.

- Há outras coisas, coisas estranhas, e tudo começou quando este Shuck-face (Cara de mértila) Greenie (Fedelho) se apresentou. E

exatamente é ele que se torna a primeira pessoa a sobreviver a uma noite fora no labirinto. Algo não está certo, e até que você entenda, oficialmente recomendo que você feche prenda o maldito rabo dele na Cadeia por um mês, e depois fazer outra revisão.

Mais rumores explodiram, e Newt escreveu algo no seu bloco, sacudindo a cabeça todo o tempo, o que deu a Thomas um tom de esperança.

- Concluiu, Capitão Gally? Perguntou Newt.

- Pare de ser tão nerd, Newt. Ele cuspiu em seu rosto corado. Eu falo sério. Como podemos nós confiar neste shank (trolha) depois de pelo menos uma semana? Deixo o meu voto antes que você pense sobre o que eu estou dizendo.

Pela primeira vez, Thomas sentiu alguma empatia por Gally. Ele tinha alguma razão de como Newt o tratava.

Gally era um encarregado, antes de tudo.

Mas mesmo assim o odiava, pensou Thomas.

- Bem, Gally -disse -Newt. Sinto muito.

- Nós te ouvimos, e consideraremos a sua maldita recomendação.

Você terminou?

- Sim, e eu estou certo.

Sem dizer uma palavra mais de Gally, Newt apontou para Minho.

- Vá em frente, por último mas não menos importante.

Thomas estava encantado de que finalmente fosse a vez de Minho; Ele efetivamente o defenderia até final.

Minho subiu rapidamente, tomando todos de surpresa.

- Eu estava lá, vi o que esse homem fez, ele se manteve forte, enquanto eu agia como uma galinha irritante. Sem balbuciar repetidamente como Gally. Eu quero dizer a minha recomendação e o que faremos com ele.

Thomas prendeu a respiração, imaginando o que ele diria.

- Bem, disse Newt. Então, diga-nos.

Minho olhou para Thomas.

- Nomeio a este shank (trolha) para me substituir como o encarregado dos runners.

25

Um completo silêncio reinava na habitação, como se o mundo tivesse sido congelado, e cada membro do Conselho encarou Minho.

Thomas sentado ,atordoado, esperando que o que encarregado dissera tivesse sido brincadeira. Gally finalmente quebrou o feitiço, levantando-se.

- Isso é ridículo! - Ele olhou para Newt apontou para Minho, que havia sentado de novo.

- Tem de ser expulso do Conselho por dizer algo tão estúpido.

Qualquer pena que Thomas tinha sentido por Gally, embora remota, desapareceu inteiramente com essa afirmação.

Alguns encarregados pareciam realmente estar de acordo com a recomendação de Minho, como Frypan, que aplaudia para afogar Gally, clamando por uma votação.

Outros não. Winston negou com a cabeça, dizendo algo que Thomas não pôde distinguir. Quando todos começaram a falar ao mesmo tempo, Thomas colocou sua cabeça entre as mãos esperando, assustado e confuso ao mesmo tempo.. Porque do Minho tinha dito isso?

Deve ser uma piada, ele pensou. Newt disse que levava uma eternidade para se tornar um runner, e muito menos ser um encarregado.

Ele olhou para trás, desejando estar a mil quilômetros de distância dali. Finalmente, Newt deixou o bloco de notas e saiu do semicírculo, gritando com os habitantes para se calarem. Thomas observou que a princípio ninguém parecia se dar conta do aviso de Newt em absoluto.

Gradualmente, a ordem era restaurada e todos se sentaram.

- Porra! - Disse Newt. Eu nunca vi tantos shank (trolhas) agindo como bebês.

Podemos não perceber, mas em torno destas partes, somos adultos.

Atuemos como isso em mente, ou dissolveremos este maldito Conselho e começaremos outro do zero. Andou de um extremo ao outro na fila de encarregados, olhando cada um nos olhos enquanto ele falava.

Estamos entendidos?

Silenciosamente varreu todo o grupo.

Thomas estava à espera de mais explosões de ira, mas se surpreendeu quando todos acenaram em aprovação, inclusive Gally.

- Pois bem. - Newt estava andando de volta para sua cadeira e sentou-se, colocando o bloco de notas em seu colo. Ele apagou algumas linhas no papel, e depois olhou para Minho.

- Isso é algo muito grave, maldito irmão. Desculpe, mas você tem que falar para podermos prosseguir.

Thomas não pôde deixar de sentir-se ansioso para ouvir a resposta.

Minho parecia exausto, mas começou a defender sua proposta.

- É muito fácil para vocês, shank (trolhas), sentar-se aqui e falar sobre algo que é sucessivamente estúpido. Eu sou o único runner nesse grupo e o único outro que havia estado fora, no labirinto era Newt...

Gally interveio. - Não, se conta o tempo em que...

- Não estou contando! Gritou Minho. E acredite em mim, você ou ninguém tem a menor ideia do que está lá fora. A única razão, porque você está ferido é porque quebrou a mesma regra que estão culpando Thomas.

Isso se chama hipocrisia, idiota, pedaço de merd...

- Chega, disse Newt. Defende a sua proposta e o que fazer com ela.

A tensão era palpável, Thomas sentia como se o ar da habitação se havia se convertido em vidro que poderia quebrar a qualquer momento.

Ambos , Gally e Minho se olharam como se a pele esticada e vermelha de seus rostos estivessem prestes a explodir, mas finalmente param com os olhares.

- De qualquer forma, ouçam-me, Minho continuou enquanto ainda tomava o assento.

Eu nunca vi nada parecido. Ele não entrou em pânico, não reclamou ou chorou, nunca parecia assustado.

Gente, ele já havia estado sozinho por um monte de dias. Pense em como estávamos no princípio. Encolhidos no canto, desorientados, chorando a cada momento, sem depender de ninguém recusando-nos a fazer qualquer coisa.

Tudo correu bem, por semanas ou meses até que não teve escolha senão lutar e viver. –Minho retrocedeu, apontando para Thomas.

Depois de só uns dias em que apareceu, ele caminha através do labirinto para salvar dois shanks (trolhas) que ele mal conhecia. Tudo isso sobre ele quebrar uma regra é pouco mais do que estúpido. Pra isso não existe regra ainda. Mas muitos habitantes lhe tinham dito para sentar-se no labirinto especialmente à noite. E ainda assim saíram quando o portão estava se fechando, preocupando-se apenas com as duas pessoas que precisavam de ajuda. - Ele tomou uma respiração profunda, quanto mais falava parecia ganhar mais força.

Mas isso era só o começo. Depois, me viu renunciar a Alby dando-o como morto. E eu era o veterano, que tem toda a experiência e conhecimento.

Assim, quando Thomas viu que ele estava se demitindo, ele não deveria perguntar.

Mas ele fez. Pense na força de vontade e a fortaleza que ela teve de empurrar a Alby contra a parede, polegada a polegada. É um louco. É

realmente louco. Mas isso não é tudo. Então logo vieram os grievers. Eu disse a Thomas que tínhamos que nos separar e começar a prática de manobras evasivas, correndo em padrões. O Thomas, quando ele deveria ter molhado as calças, assumiu o controle.

Ele desafiou todas as leis da física e da gravidade para tirar Alby da parede, desviando os grievers para longe dele, superando um, encontrou...

- Nós temos um ponto.-Ameaçou Gally-Tommy é um shank (trolha) de sorte.

Minho se virou para ele. - Não garoto, inútil, você não entende! Ele esteve aqui dois anos antes e nunca vi nada parecido.

Para que você possa dizer alguma coisa. Minho se deteve, esfregando os olhos, gemendo de frustração. Thomas percebeu que sua própria boca havia estado aberta. Suas emoções estavam dispersas: Agradecimento a Minho por enfrentar o mundo todo em seu nome, descrença antes da permanente beligerância de Gally e medo do que viesse a ser qual era a decisão final.

- Gally-Minho- disse, com voz mais calma. Você é apenas uma bicha que

nunca, sequer uma única vez, pediu para ser um runner ou tentou ser. Você não tem o direito de falar sobre coisas que não entende.

Então cale a boca.

Gally levantou-se, fumegando. - Diga uma coisa como essa outra vez e eu vou quebrar seu pescoço, bem aqui na frente de todos. - A saliva voava de sua boca enquanto ele falava. Minho riu, levantou a palma da sua mão e empurrou o rosto de Gally. Thomas meio que se sentou para ver o acidente do habitante da clareira debaixo de sua cadeira, inclinando-se para trás, separando-a em duas partes.

Gally deitado no chão, em seguida, rapidamente se levantou, lutando para colocar suas mãos e os pés de volta.

Minho veio e pisou com a parte inferior de seu pé sobre as costas de Gally, conduzindo seu corpo ao chão.

Thomas se deixou cair para trás na cadeira, atordoado.

- Juro, Gally - disse Minho com um sorriso brincalhão. Não me ameace novo.

E nunca fale comigo de novo. Apesar de, se o fizer, eu vou quebrar seu pescoço, logo depois de terminar com os seus braços e pernas.

Newt e Winston levantaram-se e agarraram Minho antes que Thomas sequer soubesse o que estava acontecendo. O separaram de Gally, que se levantou de um salto, com o rosto vermelho de tanta raiva. Mas ele não fez nenhum movimento em direção à Minho, ele apenas ficou lá com o peito jogando respirações irregulares.

Por último Gally finalmente retrocedeu, meio tropeçando pela à saída atrás dele. Seus olhos percorreram a habitação, iluminando-a com um ódio ardente. Thomas teve uma ideia doente de que Gally parecia alguém prestes a cometer um crime.

Voltou para a porta atrás dele para pegar a maçaneta.

- As coisas agora são diferentes, disse ele, cuspindo no chão. Você não deveria ter feito isso, Minho. Você não deveria ter feito. - Seus olhos se tornaram selvagens e olharam para Newt. Sei que você me odeia, e que sempre me odiou. Você deve ser banido por sua embaraçosa incapacidade para liderar este grupo. Você é uma desgraça e qualquer um de vocês que fique aqui em seu lugar não é melhor do que ele. As coisas vão mudar. Isso,

eu prometo.

O coração de Thomas encolheu. Como se as coisas já não fossem suficientemente difíceis.

Gally abriu a porta e correu para o corredor, mas antes que alguém pudesse reagir, enfiou a cabeça para dentro da sala.

- E você- disse, olhando para Thomas.

Greenbean que acredita no maldito Deus. Não esqueça que te vimos antes. Ele estava pensando na transformação. O que esses caras decidirem não vai significar nada.

Fez uma pausa, olhando para cada pessoa na habitação. Quando os seus olhos mal-intencionados caíram sobre Thomas, ele tinha uma última coisa a dizer.

- Tudo o que você veio fazer aqui. Juro pela minha vida eu vou te deter. Vou te matar se for preciso. Então ele se virou e saiu da habitação, fechando a porta atrás dele.

26

Thomas congelado, sentado em sua cadeira. A crescente inquietação no estômago como uma infecção. Ele passou por uma ampla gama de emoções no curto espaço de tempo desde que ele tinha vindo para a clareira. O medo, a solidão, o desespero, a tristeza e até mesmo o sentido mais indireto de alegria. Mas isso era algo novo, ouvir uma pessoa dizendo que o odeia e quer matá-lo.

Gally esta louco, ele disse. Ele é completamente louco. Mas um único pensamento aumentou sua preocupação. Os lunáticos realmente poderiam ser capazes de qualquer coisa. Os membros do Conselho em pé ou sentados em silêncio, Thomas aparentemente tão surpreso quanto o que tinham visto. Newt e Winston finalmente deixaram Minho.

Todos os três vieram para suas cadeiras e sentaram-se de mal-humor.

- Finalmente, ele foi abatido para o bem dele, disse Minho, quase em um sussurro. Thomas não poderia dizer que tinha significado para os outros ouvirem.

- Bem, você não é nenhum maldito santo na habitação, disse Newt.

O que você estava pensando? Era um pouco exagerado, né?

Minho piscou e sacudiu a cabeça como se intrigado com a Newt questão.

- Não me venha com essa porcaria. Cada um de vocês são aqueles que slinthead tem suas dúvidas e sabem disso. É hora de alguém se levantar.

- Esta no Conselho por um motivo, disse Newt.

- Rapaz, ele ameaçou quebrar o meu pescoço e matar Thomas! O

tipo é mentalmente débil, e agora você deve mandar alguém para jogá-lo na Prisão.

Ele é perigoso.

Thomas não poderia concordar mais, e mais uma vez, quase quebrou a ordem de permanecer em silêncio, mas se deteve.

Ele se recusou a entrar em mais problemas do que já estava, mas não sabia por quanto tempo ainda podia durar.

- Talvez ele tivesse um bom, ponto, disse Winston, quase demasiado baixo.

- O quê? Perguntou Minho, refletindo exatamente o pensamento de Thomas.

Winston olhou surpreso com o reconhecimento de que ele não havia dito nada. Seus olhos correram ao redor do quarto antes que ele explicasse.

- Bem... Ele passou para a transformação, um griever (verdugo) o picou na metade do dia para fora no portão Oeste. Isso significa que ele tem lembranças e disse:

- Greenie (Fedelho) lhe parecia familiar. Por que faria isso?

Thomas pensou na transformação de que traziam recordações. A ideia não lhe havia ocorrido antes, mas vale a pena ficar com os grievers, passando através deste processo horrível, só para se lembrar de algo?

Imaginou Ben contorcendo-se na cama e recordando os gritos de Alby.

De jeito nenhum, pensou ele.

- Winston, você viu o que acabou de acontecer? - Frypan perguntou, o olhando incrédulo.

- Gally é um psicopata. Você não deve colocar muita importância na suas divagações absurdas. O que, você pensa? que Thomas é um griever (verdugo) disfarçado?

Com ou sem normas do Conselho, Thomas finalmente teve o suficiente. Não poderia permanecer outro segundo em silêncio.

- Posso dizer alguma coisa agora?

Quando ele disse,o volume crescente de frustração elevava a sua voz. Estou farto de você falar de mim como se eu não estivesse aqui. Newt o olhou e concordou com a cabeça.

- Vá em frente, esta droga de reunião não poderia ser mais horrível.

Thomas reuniu rapidamente seus pensamentos, escolhendo as palavras certas dentro da nuvem do redemoinho de confusão, frustração e raiva em sua mente.

- Eu não sei porque Gally me odeia. Não me importa. Ele parece

psicótico para mim. E quanto a quem eu sou, todos vocês sabem tanto quanto eu. Mas eu lembro bem, estamos aqui pelo que eu fiz no labirinto, não porque algum idiota acha que eu sou ruim. - Alguém riu e Thomas parou de falar, na esperança de ter conseguido o seu ponto de vista. Newt balançou a cabeça, satisfeito.

- Boa essa. Vamos fazer essa reunião mais para a frente e se preocupar com Gally mais tarde.

- Não podemos votar sem que todos os membros estejam aqui.

Winston enfatizou.

Salvo aqueles que estão realmente doentes, como Alby.

- Por amor, Winston -Respondeu Newt. Eu diria que Gally está um pouco mal hoje, também, então nós continuamos sem ele. Thomas, que se defenda e, em seguida, logo tomaremos as votações sobre o que fazer com ele.

Thomas percebeu que suas mãos estavam com os punhos cerrados no colo.

As relaxou e limpou as palmas das mãos suadas na calça. Então ele começou, sem saber o que dizer, antes que as palavras viessem.

- Eu não fiz nada errado. Tudo que sei é que eu vi dois habitantes que lutavam para conseguir entrar nessas paredes e não podiam fazê-lo.

Sem saber que por causa de alguma regra idiota que parecia egoísta e covarde e... bem, estúpida. Se você quer me colocar na cadeia por tentar salvar a vida de alguém, então vá em frente. Eu prometo que da próxima vez eu vou apontar e rir, e então eu vou comer alguns dos alimentos de Frypan. -

Thomas não estava tentando ser engraçado. Só era incrível que a coisa toda podia até mesmo ser inclusa no problema.

- Aqui está a minha recomendação, disse Newt. Você quebrou a Regra número Um deles,assim dessa forma você passará um dia na Prisão.

Esta é a sua punição. Eu recomendo também que te elejam para runner fato este, esta reunião acabou. Você já mostrou em uma noite mais do que os alunos fazem em semanas. Quanto a ser o maldito encarregado, esqueça. Ele olhou para Minho.

- Gally estava certo com essa ideia estúpida. - Os comentários feriram os sentimentos de Thomas, mas ele não podia discordar. Ele olhou para a reação de Minho. O encarregado não pareceu surpreso, mas disse a mesma coisa.

- Por quê? É o melhor que temos. Eu juro. É melhor seja um encarregado.

- Bem, disse Newt. Se isso for verdade, vamos fazer a transformação mais tarde.

Dê-lhe um mês e ver se ele prova isso.

Minho-encolheu os ombros.

- Boa essa.

Thomas silêncio suspirou de alívio.

Ainda queria ser um runner, tornando-se surpreendente, considerando que ele tinha ido sozinho pelo labirinto. Mas tornar-se um encarregado soava ridículo. Newt olhou ao redor da habitação.

- Tudo bem. Tivemos várias recomendações, então vamos dar um passeio.

- Ah, vamos lá, disse Frypan. Basta votar. Eu voto pelo seu.

- Eu também -disse Minho. Todos os outros envolvidos com a sua aprovação,encheram Thomas de alívio e uma sensação de orgulho. Winston era o único a dizer não.

Newt olhou para ele.

- Eu não preciso do seu voto, mas deixe-nos saber o que está rondando em seu cérebro.

Winston olhou Thomas com atenção, depois voltou para Newt.

- Ele estará bem comigo. Mas não devemos ignorar completamente o que disse Gally.

Algo sobre ele. Não acredito que só inventaria. É verdade que, desde que Thomas chegou até aqui, tudo havia estado enganoso e absurdo.

- Tudo bem, disse Newt. Todos temos alguns pensamentos sobre ele, talvez, quando nós ficamos bons e entediados, podemos ter outra Reunião para falar. Tudo bem?

Winston assentiu. Thomas estava reclamando que ele havia se tornado invisível.

- Eu amo o jeito em que falam de mim como se eu não estivesse aqui.

- Olha, Tommy, disse Newt. Somente te elegemos como um maldito runner.

Pare de chorar e saia daqui. Minho tem um monte de treinamento para te dar.

Realmente não tinha lhe atinado antes. Seria um runner, explorando o labirinto. No entanto, ele sentiu um arrepio de emoção estava certo de que poderia evitar ser pego lá fora, novamente esta noite. Talvez essa fosse a única vez que estivesse com má sorte.

- E o meu castigo? - Amanhã, disse Newt. Do despertar até o anoitecer.

Um dia, Thomas pensou. Isso não vai ser tão ruim.

A Reunião tinha acabado e todos menos Newt e Minho saíram apressadamente, da habitação. Newt não se mexia da cadeira, onde se sentou para fazer anotações.

- Bem, essa foi uma boa época.

Murmurou.

Minho se aproximou e bateu brincando no braço de Thomas. É

tudo culpa deste shank (trolha). -Thomas lhe socou de volta.

- Runner? Você quer ser um runner?

Você está mais louco do que o Gally.

Minho lhe deu um falso sorriso maligno.

- Trabalho, certo? Aponte para o alto e golpeie em baixo. Me agradeça depois.

-Thomas não pôde deixar de sorrir para o inteligente encarregado.

Uma batida na porta aberta chamou sua atenção, ele se virou para ver quem era. Chuck ficou ali, observando como se ele tivesse sido perseguido por um griever (verdugo). Thomas sentiu desaparecer o sorriso no seu rosto.

- O que está errado? - Newt perguntou, levantando-se. O tom da sua voz

fez com que Thomas tivesse preocupações.

Chuck retorcia as mãos.

- Esse Med-Jack me enviou.

- Por quê?

- Acho que é porque Alby está muito agitado e está dizendo que precisa falar com alguém.

Quando Newt estava se aproximando da porta, Chuck levantou a mão.

- Hum. Você não.

- O que você quer dizer ?

Chuck apontou para Thomas.

- Só está chamando por ele.

27

Pela segunda vez naquele dia, Thomas ficou chocado em silêncio.

- Bom, vamos, Newt disse para Thomas enquanto ele o segurou pelo braço. De nenhuma maneira eu vou deixar de ir contigo.

Thomas o seguiu com Chuck atrás,no lado direito quando saíam da habitação do Conselho e ao fundo do corredor havia uma escada estreita em espiral que não havia notado antes. Newt deu o primeiro passo, e então deu um olhar frio para Chuck.

- Você. Espere.

Pela primeira vez, Chuck só balançou a cabeça e não disse nada.

Thomas pensou que algo sobre o comportamento de Alby colocara seus nervos no limite.

- Ilumine, disse Thomas a Chuck, quando Newt os guiava pelas escadas.

- Simplesmente me elegeu um runner, agora você está com um colega garanhão hein?

- Estava tentando fazer uma brincadeira, tentando negar que ele estava apavorado ao ver Alby. - E se ele fez acusações como Ben? Ou pior?

- Sim, claro. - Chuck sussurrou, olhando para os impressionantes degraus de madeira. Com um encolher de ombros Thomas começou a subir a escada. Suor saía de suas mãos, e sentiu cócegas visitando o templo. Não querendo ir para lá. Newt, todo triste e solene, estava esperando por Thomas na parte superior das escadas.

Eles ficaram no lado oposto ao longo e escuro corredor na escadaria de costume, que Thomas tinha ido ao primeiro dia que viu Ben. As memórias lhe deram náuseas, esperava que Alby estivesse totalmente recuperado da terrível experiência de não querer ser testemunha de novo, a pele infectada,as veias, o espancamento. No entanto, esperando o pior se preparou. Seguiu Newt até a segunda porta a direita e viu que o rapaz se esbarrou na lâmpada, um gemido soou como resposta. Newt empurrou a porta, e um leve grunhido uma vez mais lembrou a Thomas de algumas vagas lembranças de seus filmes assombrados da infância. Ali estava de novo, o menor olhar para seu passado. Conseguia se lembrar de filmes, mas não os rostos dos atores ou quem eram os que havia visto. Conseguia

se lembrar dos Teatros, mas nenhum em específico que haja visto.

Era impossível explicar a forma que sentia, até para si mesmo.

Newt tinha entrado na habitação e acenou para que Thomas o seguisse. Ao entrar, se preparou para o horror que poderia esperar. Mas quando ele ergueu os olhos, tudo que viu foi um adolescente de aspecto muito fraco deitado em sua cama, de olhos fechados.

- Você está dormindo? Thomas sussurrou, tentando evitar a questão real que tinha aparecido em sua mente:Não está morto, certo?

- Eu não sei, disse Newt com voz baixa. Ele veio e sentou em uma cadeira de madeira ao lado da cama.

Thomas sentou-se no outro lado.

Alby-Sussurrou Newt. Depois, em voz alta. Alby. Chuck disse que queria conversar com Tommy. Os olhos de Alby se abriram, as suas órbitas foram imersas em sangue que brilhavam á luz. Olhou para Newt, depois olhou para Thomas.

Com um gemido, moveu-se sobre a cama e sentou-se com as costas contra a cabeceira.

- Sim, murmurou com um grasnido áspero.

Chuck lhes disse que estava tremendo, e que agia como um lunático. – Newt se inclinou para a frente. O que está errado? Você ainda está doente?

As próximas palavras de Alby vieram em um chiado, como se cada delas estivesse uma semana livre de toda sua vida.

- Tudo... Vai mudar... A menina...

Thomas... Eu os vi. Suas pálpebras fechadas, se abriram novamente, caiu de costas na cama, olhando para o teto.

Não se sentindo bem.

- O que você quer dizer? Você viu...

- Newt começou.

- Eu quero Thomas gritou Alby com uma súbita explosão de energia que Thomas teria pensado ser impossível alguns segundos antes.

Não perguntei por você, Newt!

Thomas! Perguntei por Thomas!

Newt olhou para cima, perguntando para Thomas com uma elevação das sobrancelhas.

Thomas encolheu os ombros, sentindo-se doente por um segundo.

- Porque você esta procurando Alby?

- Bem, você está de mal-humor, disse Newt. Ele está aqui, fale com ele.

- Vá embora, disse Alby com os olhos fechados, com sua respiração pesada.

- De jeito nenhum. Eu quero ouvir.

-Newt. - Uma pausa. Vá embora. Agora.

Thomas se sentia incrivelmente estranho, preocupado com o que Newt estava pensando e temendo o que Alby queria dizer.

- Mas... Newt, protestou.

- Fora! Gritou Alby quando se sentou, sua voz quebradiça pela mancha disso.

Voltou para a cama e descansou a cabeça. Fora!

A frente de Newt afundou com evidente dor. Thomas ficou surpreso ao ver que não havia raiva. Então, depois de um longo momento, tenso, Newt se levantou de sua cadeira e se aproximou da porta, e a abriu.

Realmente vai sair? Pensou Thomas.

- Não espere que eu beije sua bunda, quando você vier pedir desculpas disse e logo entrou no corredor.

- Feche a porta! Gritou Alby como um insulto final. Newt obedeceu, fechando batendo a porta.

O coração de Thomas disparou, ele estava sozinho com um cara que era mau-caráter antes de sofrer um ataque de um griever (verdugo) e passar pela transformação. Esperou que Alby dissesse a ele que o queria.

Um longo silêncio se estendia por vários minutos e as mãos de Thomas tremiam de medo.

- Eu sei quem você é, disse Alby finalmente, quebrando o silêncio.

Thomas não conseguia encontrar as palavras para responder. Ele

tentou, mas nada veio mais que um sussurro incoerente. Estava muito confuso. E com medo.

- Eu sei quem você é, Alby repetiu lentamente. Eu já vi. Eu vi tudo. De onde viemos. Quem vocês são. Quem é a menina. Lembro-me do Flare.

O Flare. Thomas fez um esforço para falar.

Eu não sei do que está falando. Você não vê? Eu adoraria saber quem eu sou.

- Não é legal? - Disse Alby e pela primeira vez desde Newt havia saído, olhou para cima, olhando diretamente para Thomas. Seus olhos eram profundas bolsas de dor, escuras. É horrível, você sabe. Por que diabos nós queremos nos lembrar? Por que não podemos só viver aqui e ser felizes?

Alby... -Thomas queria muito dar uma olhada na mente do garoto,e ver o que tinha visto. transformação. - Ele insistia. O que aconteceu? O que voltou? O que você diz que não faz sentido.

- Você, começou Alby, de repente, pegou a sua própria garganta, fazendo sons de asfixiado.

Suas pernas tentando chutar, e ele se deitou de lado, se debatendo indo e voltando, como se alguém estivesse tentando estrangulá-lo. Sua língua para fora da boca, a mordeu uma e outra vez. Thomas rapidamente se levantou, cambaleando para trás horrorizado. Alby lutou como se estivesse tendo uma convulsão, com as pernas chutando em todas as direções. A pele escura do rosto, que estranhamente era pálida apenas um minuto antes, tinha ficado roxa, os olhos em branco como as bacias hidrográficas,eram vistas como mármore branco brilhante.

- Alby, exclamou Thomas, não ousando ir segurá-lo. Newt gritou: colocando as mãos em volta da boca. Venha aqui, Newt!

A porta se abriu antes que ele tivesse terminado a última frase.

Newt correu para onde Alby estava e o segurou pelos ombros, empurrando-o com todo o seu corpo para segurar o rapaz para na cama.

- Segure as pernas.

Thomas se moveu para frente, mas as pernas de Alby chutavam e se agitavam, por isso era impossível se aproximar mais. Seu pé bateu em Thomas na mandíbula, e a dor atravessou seu corpo inteiro.

Ele cambaleou para trás outra vez, esfregando o local da dor.

- Só isso! Gritou Newt.

Thomas reuniu coragem e saltou sobre o corpo de Alby, agarrando ambas as pernas e prendendo-as na cama. Ele passou os braços ao redor das coxas do garoto e os apertou enquanto Newt colocava um joelho em um dos ombros de Alby, em seguida, agarrou as mãos de Alby, ainda entrelaçadas ao redor de seu pescoço em um estrangulamento.

-Solta! Gritou Newt quando ele o segurava. Você está se matando!

Thomas podia ver os músculos dos braços dobrados de Newt, pulando nas veias Fazendo tração nas mãos de Alby, até que finalmente, centímetro por centímetro, ele foi capaz de removê-los. Ele empurrava com força contra o peito do rapaz. Todo o corpo de Alby atirado um par de vezes, a parte do meio do corpo, era empurrada para cima e longe da cama.

Então, lentamente, acalmou-se, e alguns segundos depois, ele ficou imóvel, assim a sua respiração durante a noite, e com os olhos vidrados.

Thomas segurou firme as pernas de Alby, com medo de se mover o garoto se transformar novamente. Newt esperou um minuto antes disso, pouco a pouco, soltava as mãos de Alby. Então, outro minuto em seguida, ele jogou os joelhos para trás e se levantou.

Thomas o entendeu como um sinal para fazer o mesmo, esperando que o teste tivesse realmente terminado.

Alby olhou para cima com os olhos caídos, como se estivessem prestes a cair em um profundo sono.

- Desculpe, Newt, ele sussurrou. Eu não sei o que aconteceu. Era como se ... Se alguma coisa estivesse Controlando o meu corpo. Desculpe...

Thomas respirou fundo, certo de que nunca havia experimentado algo tão perturbador e desconfortável, ao mesmo tempo. Ele esperou.

- Nada disso, disse Newt. Você estava tentando se matar.

- Não fui eu. Murmurou Alby, eu juro.

Newt jogou as mãos à cabeça. - O que quer dizer que não era você?

Ele perguntou.

Eu não sei.... Que... Isso não era eu, Alby parecia tão confuso como

Thomas se sentia. Mas Newt parecia pensar que não valia a pena tentar descobrir. Pelo menos naquele momento. Ele pegou os cobertores que tinham caído da cama durante a luta e os colocou sobre o garoto doente.

- Mande esse seu traseiro gordo ir dormir. Falaremos sobre isso mais tarde: - Ele deu-lhe um tapinha na cabeça, em seguida, acrescentou: -

Você está em má forma, shank (trolha).

Mas Alby já estava à deriva, balançando a cabeça ligeiramente a medida que seus olhos se fechavam. Newt chamou a atenção de Thomas e fez um gesto na direção da porta.

Thomas não teve nenhum problema ao sair desta casa de loucos.

Ele seguiu Newt para fora do corredor. Então, ao cruzar a porta, Alby murmurou em seu leito.

Os dois rapazes pararam no seu caminho.

- O quê? Perguntou Newt. Alby abriu os olhos por um instante e repetiu o que dissera, um pouco mais forte.

-Tenham cuidado com a menina. - Então com os olhos entreabertos.

Logo seus olhos se fecharam. Aí estava de novo. A garota. De alguma forma as coisas sempre conduziam de volta para a garota. Newt deu um olhar interrogativo, para Thomas, mas Thomas só poderia voltar o olhar com um encolher de ombros. Não tinha ideia do que estava acontecendo.

- Venha,-sussurrou para Newt.

- Alby-o chamou de volta da cama, sem se preocupar em abrir os olhos.

- Sim? Disse Newt.

- Proteja os mapas disse Alby enquanto seus olhos davam voltas, dizendo-lhes finalmente quando parou de falar.

Thomas não podia pensar que isso soava muito bem. Nada era bom em tudo.

Ele e Newt saíram da habitação e fecharam suavemente a porta.

28

Thomas seguiu Newt em seu caminho apressadamente através das escadas para sair de Homestead para a luz brilhante da tarde. Nenhum dos dois disse uma palavra por um tempo. Para Thomas, as coisas pareciam piorar e piorar.

- Faminto, Tommy? - Perguntou Newt quando saíram.

Thomas não podia acreditar na pergunta. - Com fome? Eu sinto que vou vomitar depois do que eu acabo de ver ... Não, eu não estou com fome.

Newt apenas sorriu. - Bem, eu estou, shank (trolha). Vamos encontrar algumas sobras do almoço. Precisamos conversar.

- De alguma forma, sabia que você iria dizer algo assim. - Não importa o que fizesse, Thomas estava envolvido mais e mais nos assuntos da clareira. E de alguma forma esperava estar.

Eles foram direto para a cozinha, onde, apesar das queixas constantes de Frypan, pode desfrutar de snacks de queijo e vegetais crus.

Thomas não poderia ignorar a maneira que o encarregado dos cozinheiros passava por ele o olhando estranho e como os olhos do cozinheiro desviavam dos dele no momento em que Thomas lhe devolvia o olhar.

Algo lhe dizia que esse tipo de tratamento seria norma a partir de agora. Por alguma razão, ele era diferente das outras crianças na clareira.

Sentia como se ele tivesse vivido uma vida inteira desde que acordou com a memória apagada, mas só ficou lá uma semana. Os rapazes decidiram pegar os seus lanches e comer fora, e poucos minutos depois encontraram-se contra a parede ocidental, observando-se as muitas atividades de trabalho que passava através da clareira, com as costas encostadas na hera espessa.

Thomas foi obrigado a comer, como as coisas estavam indo, devia se assegurar de estar forte o suficiente para lidar com o que viesse depois.

- Você já viu isso,acontecer antes?

Thomas perguntou depois de uns minutos.

Newt olhou para ele, de repente, seu rosto ficara sombrio de repente.

- O que fez Alby? Não. Nunca.

Além disso, ninguém jamais tentou nos dizer que eles se lembravam de sua transformação. Eles sempre se recusaram a fazê-lo. Mas Alby tentou ... e deve ser porque ele ficou louco por um tempo.

Thomas parou no meio de uma mordida.

Poderia os habitantes por trás do labirinto controlar eles de alguma maneira? Era um pensamento assustador.

- Temos que encontrar Gally, disse Newt, mordendo um pedaço de cenoura, mudando o assunto. O desgraçado se foi e se escondeu em algum lugar.

Assim que terminar de comer, vou encontrar aquele fodido e colocá-lo na prisão.

- Sério? -Thomas não pôde deixar de sentir um tiro de puro deleite no pensamento. Ele mesmo se sentiria muito feliz de fechar a porta e jogar a chave fora.

- Esse shank (trolha) ameaçou matá-lo, e agora temos de assegurar muito bem que isso nunca mais se repita. Esse Shuk-face vai pagar um alto preço por isso... e tem sorte de nós não o expulsarmos. Recorda o que eu te disse sobre a ordem.

- Sim, a única preocupação de Thomas era que Gally só o odiaria mais por ter sido colocado na cadeia. Eu não me importo, ele pensou. Eu não tenho medo desse tipo.

- É assim que se fala Tommy, disse Newt. Estarás comigo o resto do dia... temos de resolver algumas coisas.

Amanhã, no Slammer (Amansador). Então você ficará com Minho, e quero que você fique longe dos outros por um tempo. Entendido?

Thomas se sentia mais do que feliz em obedecer a isso. Ficar mais do que qualquer coisa soou, como uma grande ideia. - Soa bonito. Então Minho me treinará?

- Isso mesmo... você é um runner agora. Minho vai te ensinar.

Sobre o labirinto, os mapas, tudo. Há um monte de coisas para aprender. E eu espero que você se esforce o máximo.

Thomas ficou surpreso ao sentir que a ideia de entrar no labirinto de

novo, já não lhe desse tanto medo. Ele decidiu fazer o que Newt dizia, esperando manter sua mente fora das outras coisas. No fundo, ele esperava sair da clareira tão rápido quanto fosse possível.

Evitar outras pessoas seria seu novo objetivo na vida. Os garotos ficaram em silêncio, terminando o almoço, até que Newt finalmente chegou ao tema que realmente queria falar. Virou e olhou para Thomas.

-Thomas-Começou. Eu preciso que você aceite algo. Nós ouvimos muitas vezes para negá-lo agora, e é hora de discutir o assunto.

Thomas sabia o que estava por vir, mas estava assustado. Com medo das palavras.

- Gally disse. Alby disse. Ben também, Newt disse. A menina, depois que nós quando a tiramos para fora da caixa, ela disse. - Ele fez uma pausa, esperando que talvez Thomas se perguntasse o que ele queria dizer.

Mas Thomas já sabia.

- Todo mundo disse que as coisas mudariam.

Newt desviou o olhar para ele por um momento, então olhou de volta. - É verdade.

Gally, Alby e Ben disseram que te viram, em suas memórias, depois da transformação... e pelo que sei, você não estava plantando flores ou ajudando velhinhas a atravessar a rua. Segundo Gally, há algo ruim em você, e ele quer te matar.

- Newt, eu não... -Thomas começou, mas Newt não o deixou terminar.

- Eu sei que você não lembra de nada, Thomas! Vamos dizer. Não voltemos a dizer outra vez. Nenhum de nós pode se lembrar de nada, e estamos cansados de tentar nos lembrar. O ponto é que há algo diferente em você, e é hora de descobrir o que é.

Thomas ficou assolado por uma onda de raiva. - Bem, então como podemos fazer?

- Eu quero saber quem eu sou, tanto quanto qualquer um de vocês.

- Obviamente. - Preciso que abra a sua mente. Que seja honesto, se algo, qualquer coisa, lhe parecer familiar.

- Nada... - Thomas começou, mas se deteve. Tanta coisa tinha acontecido desde que tinha chegado, que houvera quase esquecido quão familiar na

clareira se sentiu na primeira noite dormindo perto de Chuck.

Como se sentiu confortável e em casa. Era muito diferente do terror havia experimentado.

- Eu posso ver como as engrenagens estão funcionando... Newt disse calmamente.

- Fale.

Thomas hesitou, temendo as consequências do que estava prestes a dizer. Mas estava cansado de manter segredos. - Bem... Eu não posso falar sobre nada em particular. Ele falou de forma particularmente lenta e cuidadosa. Mas sentia como se estivesse estado aqui antes... antes quando eu acordei na caixa. Olhou para Newt, esperando ver reconhecimento de algum tipo em seus olhos. Alguns de vocês passaram por isso?

Mas o rosto de Newt permaneceu em branco. Simplesmente rolou os olhos.

- Sim, ou não, disse Tommy. A maioria de nós passou uma semana sujando nossas calças e arrancando os olhos.

- Sim, bem,- Thomas fez uma pausa, de repente, irritado e envergonhado. O que significa tudo isso? - Ele era diferente dos outros de alguma maneira? Havia algo de errado com ele?

Tudo parecia familiar... e eu sabia que queria ser um runner.

- Isso é interessante, Newt examinou-o por um segundo, sem esconder a sua óbvia suspeita. Bem, continua procurando.

Esforça a sua mente, passe o teu tempo livre olhando nos seus pensamentos e pensar sobre esse lugar. Cava dentro desse seu cérebro, e procure. Tente, pelo bem de todos nós.

- Eu vou tentar. Thomas fechou os olhos, começou a olhar para a escuridão de sua mente.

- Agora não, bobo,- Newt riu. Só queria dizer o que você deve fazer a partir de hoje em diante. No seu tempo livre, durante as refeições, quando você vai dormir de noite, enquanto caminhava ao redor, treinando, no trabalho. Diga-me se alguma coisa remotamente te parecer familiar.

- Entendeu?

- Sim, entendi. - Thomas não pôde deixar de se preocupar em ter

jogado algumas bandeiras vermelhas para Newt, e que o garoto maior só escondia a sua preocupação.

- Bem, disse Newt, parecendo quase demasiado agradável. Para começar, será melhor ir ver alguém.

- Quem? Thomas perguntou, mas já sabia a resposta, logo que ele falou. O terror o encheu novamente.

-Uma garota. Eu quero que você olhe até seus olhos sangrar, vê se faz algo para acordar com esse seu cérebro. - Newt trouxe o lixo do almoço e parou.

Então quero que você me diga todas e cada uma das palavras que Alby te disse.

Thomas suspirou, depois se levantou. - Pois bem. - Ele não sabe se poderia dizer toda a verdade sobre as alegações de Alby, sem mencionar como se sentia sobre a menina. Parecia que não havia terminado de manter segredos depois de tudo. Os garotos caminharam para o Homestead, onde a menina ainda estava em coma. Thomas não pôde reprimir a sua preocupação com o que Newt pensava. Ele se abriu com o garoto, e realmente gostava de Newt. Se Newt o traísse agora, Thomas não saberia se poderia lidar com isso.

- Se tudo mais falhar, disse Newt, interrompendo os pensamentos de Thomas. Te enviaremos para os grievers, para que você possa passar pela transformação. Precisamos de suas memórias. - Thomas deu uma risada sarcástica com a ideia, mas Newt não estava sorrindo.

A menina parecia estar dormindo em paz, como se fosse despertar a qualquer momento. Thomas quase esperava ver os restos do esqueleto de uma pessoa, alguém à beira da morte.

Mas o peito da menina levantou-se e caía ainda mais com incentivo, e sua pele estava cheia de cor. Um dos Med-Jacks - estava ali, o pequeno, Thomas não conseguia lembrar seu nome, deixando cair água,na boca da menina em coma, apenas algumas gotas de cada vez. Um prato e uma tigela sobre a mesa noite mostravam o que restava de seu almoço: purê de batata e sopa. Eles faziam todo o possível para mantê-la viva e saudável.

- Ei, Clint, disse Newt, soando confortável, como se ele tivesse feito muitas visitas muitas vezes antes. Você está sobrevivendo?

- Sim, respondeu Clint. Ok, mas falou em seus sonhos o tempo todo.

Achamos que você vai acordar em breve.

Thomas podia sentir os pelos dos braços ficarem arrepiados. Por alguma razão, nunca tinha considerado seriamente a possibilidade de que a menina pudesse acordar e estar bem. Que ela talvez fale com as pessoas.

Não tinha a menor ideia do porquê, mas de repente isso o fez sentir-se nervoso.

- Você está escrevendo cada palavra que ele diz? - Perguntou Newt.

Sim-Clint concordou. - A maioria do que ela diz é impossível de entender.

Mas, sim,escrevemos.

Newt perguntou. - Dá-me um exemplo. - Bem, como você disse, quando a levou para fora da caixa, sobre as coisas que vão mudar. Outras coisas sobre os criadores e de como - tudo tem que terminar. - E, ahh... -

Clint olhou para Thomas, como se não estivesse disposto a prosseguir na sua presença.

- Ok, ele pode ouvir tudo o que ouço.

- disse Newt.

- Bem... Eu não posso compreender tudo ainda, mas...- Clint olhou Thomas novamente.

Ela continua dizendo o seu nome repetidas vezes.

Thomas quase desmoronou ao ouvir isso.

Será que as referências a ele nunca iriam acabar? Como ele conhecia esta menina? Era como uma coceira desesperada dentro do crânio que não queria ir.

- Obrigado, Clint, disse Newt, no que soou para Thomas como uma óbvia redundância.

Mantenha um relatório de tudo isso, ok?

- Eu farei. - O Med-Jack acenou para os dois e saiu da habitação.

Puxe uma cadeira, Newt disse enquanto ele se sentou na beirada da cama.

Thomas, aliviado que Newt ainda não lhe jogara acusações, assume a presidência ambiente de trabalho e a colocou perto ,onde estava da cabeça da menina, ele se sentou, inclinando-se para olhar para seu rosto.

- Alguma coisa que lhe parece familiar? - Perguntou Newt. -

Qualquer coisa?

Thomas não respondeu, apenas ficou olhando para ela, disposto a quebrar a barreira em sua mente que reprimia a sua memória, e olhando para esta menina na frente dele. Pensou sobre esse tempo, em que ela havia aberto os olhos logo após o de ter sido retirada da caixa. Eles eram azuis, uma cor mais profunda do que os olhos qualquer outra pessoa que podia se lembrar de ter visto antes. Tentou imaginar aqueles olhos olhando para ele agora, enquanto seu rosto dormia, misturando as duas imagens em sua mente. Seus cabelos negros, pele branca perfeita, seus lábios carnudos...

Enquanto ele a olhava, ele percebeu mais uma vez como realmente ela era bonita. Um reconhecimento tiquetaqueou brevemente em um canto de sua mente... uma ondulação de asas em um canto escuro, sem ser visto, mas que estava ali Durou apenas um instante antes de desaparecer no abismo da outras memórias esquecidas. Mas ele sentia alguma coisa.- Eu a conheço, sussurrou, inclinando-se para trás na cadeira. Se sentia bem ao finalmente admiti-lo em voz alta.

Newt parou. - O quê? Quem é ela?

- Eu não tenho ideia. Mas algo estalou em minha mente... Eu a conheço de algum lugar.

-Thomas esfregou os olhos, frustrado por não ser capaz de solidificar essa ligação.

- Bem, continuou pensando... não o perca. Concentre-se.

- Esse intento, então cale a boca.

Thomas fechou os olhos, procurando a escuridão de seus pensamentos, buscando o rosto da menina nessa lacuna. Quem é ela? A ironia da pergunta o feriu: nem sequer sabia quem ele era. Ele se inclinou a frente na cadeira e respirou fundo, depois olhou para Newt, sacudindo a cabeça em sinal de rendição. Eu só não posso...

- Teresa.

Thomas levantou-se, puxando a cadeira para trás, girando em círculo, procurando. Eu tinha ouvido falar...

- O que está errado? - Perguntou Newt.

Você se lembra ?

Thomas o ignorou, e olhou ao redor da habitação em confusão, sabendo que tinha ouvido uma voz, em seguida, olhou a menina.

-Eu... Ele se sentou novamente e se inclinou para frente, olhando para o rosto da menina. Newt, Você disse alguma coisa antes de eu parar?

-Não.

Claro que não. - Ah. Só pensei que eu ouvi algo... não sei. Talvez estivesse na minha cabeça.

- Ela disse alguma coisa?

- Será que ela? - Perguntou Newt, seus olhos brilharam. - Não. -

Por que? - O que você ouviu?

Thomas estava com medo de admitir isso. - Eu... eu juro que ouvi um nome: Teresa.

- Teresa? Não, eu não ouvi isso. Ele deve ter fugido de sua barreira de memória!

É o nome dela, Tommy. Teresa. Tem de ser.

Thomas se sentia...estranho e desconfortável, como algo se sobrenatural acabasse de acontecer.

- Foi... Eu juro que ouvi. Mas em minha mente, homem. Não posso explicar.

- Thomas.

Desta vez, ele saltou de sua cadeira e afastou-se mas que podia da cama, tirando a lâmpada que repousava sobre a mesa, aterrizando sobre o vidro quebrado.

Uma voz. A voz de uma menina. Sussurrando doce, confiante. Ele tinha a ouvido falar.

Ele sabia que tinha ouvido.

- Que diabos está acontecendo com você? Perguntou Newt.

O coração de Thomas disparou. Sua pulsação é sentida como golpes no crânio.

Tinha ácido no estômago fervendo. - É ... ela está falando comigo.

Na minha cabeça. Acaba de me dizer o meu nome!

- O quê?

- Eu juro! - O mundo girava em torno dele, apertando, esmagando sua cabeça.

- Eu ouvi a sua voz na minha cabeça ou algo assim... não é realmente uma voz...

- Tommy, senta seu rabo na cadeira. Que diabos você está falando?

- Newt, estou falando sério. É... não é realmente uma palavra...

mas...

Tom, nós somos os últimos. Acabe em breve. Isso tem que acabar.

As palavras ecoaram em sua mente, tocou-lhe as orelhas, ele podia ouvi-las.

Mas não soava como se vindo do quarto, de fora do seu corpo. Eles vieram, literalmente em todos os aspectos, de dentro de sua mente.

Tom, não me engana de novo.

Ele colocou as mãos sobre as orelhas, apertando os olhos com força.

Era muito estranho que ele não conseguia entender o que estava acontecendo.

Minhas memórias já estão começando a evaporar, Tom. Eu já não me lembrava muito quando acordei. Podemos passar nos testes.

Isso tem que acabar. Eles me mandaram como um gatilho, como um disparador, um desencadeador.

Thomas não podia suportar isso, ignorando as perguntas de Newt, tropeçou em seu caminho até a porta e abriu-a, deu um passo no corredor, e correu. Abaixou escadas em frente à porta principal e apenas correu. Mas não fez nada para calar a voz.

Tudo vai mudar, disse.

Queria gritar, correr até que pudessem correr mais. Ele saiu pela porta

do leste e correu para fora da clareira. Ele continuou correndo, corredor após corredor, entrando mais e mais nas profundezas do coração do labirinto, com ou sem regras. Mas mesmo assim não podia escapar da voz.

Éramos você e eu, Tom. Nós fizemos isso pra eles. E nós fizemos isso a nós mesmos.

29

Thomas não parou até que a voz se deteve completamente. Ele ficou surpreso quando percebeu que levou uma hora correndo, a sombra das paredes corriam para leste, e logo o sol ia se por, iriam fechar os portões. Teria que voltar.

Só então compreendeu que, sem pensar sobre como ele sabia onde estava e em que hora. Seus instintos estavam fortes. Teria que voltar. Mas não sabia se poderia enfrentá-lo novamente.

A voz em sua cabeça. Todas as coisas estranhas, ele disse. Não tinha escolha. Negar a verdade não serviria de nada. Apesar de mal, e estranho, que era a invasão a sua mente, poderíamos ganhar uma reunião com os grievers todos os dias.

Durante a corrida em direção a clareira, aprendeu muitas coisas sobre ele mesmo. Deliberadamente ou sem dar-se conta, imaginou o caminho fora do labirinto, enquanto escapava da voz.

Em nenhuma ocasião duvidou de seu regresso, virando à esquerda e à direita e que atravessa os longos corredores na direção oposta de onde vieram. Sabia o que significava. Minho estava certo. Logo, Thomas seria o melhor runner.

A segunda coisa que havia aprendido de si mesmo, como se a noite no labirinto já não o houvesse provado, era que seu corpo estava em boa forma. Só um dia antes havia esgotado toda a sua força, encontrava-se com os pés doloridos e a cabeça. Ele se recuperou rapidamente, e agora corria sem o menor esforço, apesar de ele estar terminando sua segunda hora. Não era necessário ser um gênio em matemática para calcular a sua velocidade e tempo combinado significava que ele teria corrido uma meia maratona, quando chegou a clareira. Nunca prestou a atenção para a verdadeira dimensão do labirinto. Milhas e milhas e milhas.

Com paredes que sempre se moviam todas as noites, finalmente compreendeu porque o labirinto, era muito difícil de resolver. Ele hesitou até agora, se perguntou como os runners poderiam ser tão ineptos. Correu à frente, à esquerda e à direita, para frente e para a frente. Para quando cruzar o limiar da clareira, os portões estavam a apenas alguns minutos para fechar.

Cansado, ele foi direto para à Deadhead, foi para o bosque, até que chegou ao ponto onde se encontravam as árvores contra o canto sudoeste.

Mais do que tudo, queria estar sozinho. Quando ele só conseguia ouvir o som das conversas distantes dos habitantes da clareira, assim como ecos distantes, seu desejo foi concedido, encontrou a união de duas paredes gigantes e desmoronou em um canto para descansar. Ninguém veio, nada o molestava. O portão sul eventualmente se fechou a noite, ele se inclinou em para frente em direção até que ele se deteve completamente. Minutos depois, pousou para trás confortavelmente contra a parede de pedra e adormeceu.

Na manhã seguinte, alguém delicadamente o acordou.

- Thomas, acorda. - Era Chuck, o garoto parecia ser capaz de encontrá-lo onde quer que fosse.

Bocejando, Thomas se inclinou para frente, pressionando suas costas e braços.

Alguns cobertores foram colocados sobre ele durante a noite, alguém fingindo ser a Mãe da clareira.

- Que horas são? Ele perguntou.

- Você está quase atrasado para o almoço. Chuck puxou os seus braços.

Venha, levante-se.

Você precisa agir normal caso contrário as coisas piorarão.

Os acontecimentos da noite passada invadiram a mente de Thomas, e sentiu o estômago afundar.. Que farão comigo? Pensou. As coisas que ela disse. Algo sobre ela e eu fazendo isto. Pra nós.

- O que significa isso? Então lhe veio a mente que talvez eu estivesse louco. Talvez o stress do labirinto havia me enlouquecido.

No entanto, apenas tinha ouvido a voz em sua cabeça. Ninguém sabia as coisas estranhas que Teresa disse-lhe, ou de quais o acusou. Nem sabia ela havia dito o nome dele. Bem, ninguém, exceto por Newt. E eles manteriam assim.

As coisas já estavam ruins, não havia nenhuma maneira pior do que dizer aos habitantes que ele ouvia vozes. O único problema era Newt.

Thomas teria que encontrar maneira de convencê-lo de que o estresse

tomou conta dele e que uma boa noite de sono resolveria tudo.

Eu não sou louco, Thomas disse a si mesmo. Certamente não era.

Chuck e eu estava olhando as sobrancelhas levantadas.

- Desculpe, disse para Thomas enquanto parava, atuando o mais normal quanto possível - Só estava pensando. Venha, eu estou morrendo de fome.

- Que bom,- disse Chuck, dando-lhe um tapa nas costas.

- Eles foram para Homestead, com Chuck falando o caminho todo.

Embora Thomas não se queixasse, ele estava mais perto do normal do que eu estava.

-Newt te encontrou na noite passada e disse a todos para que te deixasse dormir. E nos disse que o Conselho decidiu sobre você, um dia na cela, e logo Você entraria no programa de treinamento para os runners.

Alguns shank (trolhas) se queixaram, outros aplaudiram, e a maioria agiu como se não se importasse. Na minha opinião, isso é ótimo.

Chuck fez uma pausa para respirar e depois continuou.

Na primeira noite, quando você estava se gabando de ser um runner e toda essa merda, eu estava rindo por dentro. Fiquei pensando, pra esse estúpido espera uma grande decepção. Mas você me mostrou que eu estava errado, né?

Thomas não queria falar sobre isso.

- Eu apenas fiz o que qualquer um teria feito. Não é minha culpa que o Minho e Newt queriam que eu fosse um runner.

- Sim, claro. Pare de ser tão modesto.

Ser um runner era a última coisa que Thomas tinha em mente.

Como ele não conseguia parar de pensar era em Teresa, a voz em sua cabeça, o que ela dissera.

- Eu acho que estou um pouco animado. - Thomas forçou um sorriso, embora ele fazia uma careta diante da ideia de estar no Slammer (Amansador) sozinho o dia todo antes de começar.

- Vamos ver como você se sente depois de correr até vomitar seus

intestinos.

Enfim, só para você saber o velho Chucky está orgulhoso de você.

Thomas sorriu com o entusiasmo de seu amigo. - Se você fosse minha mãe - Thomas murmurou. A vida é seria uma cadela, - Minha mãe, pensou ele. O mundo parecia escurecer por um momento, ele não conseguia sequer lembrar da sua própria mãe.

Ele empurrou o pensamento de volta pra trás antes que aquilo o consumisse.

Eles vieram até a cozinha e tomaram um rápido café da manhã, segurando duas cadeiras vazias na enorme mesa interior. Cada habitante da clareira, que entrava e saía dava para Thomas uma olhada fixa, alguns se aproximavam e ofereciam parabéns.

Com exceção de alguns de olhares sujos aqui e ali, mais a maioria parecia estar do seu lado. Então ele lembrou Gally.

- Ei, Chuck, disse ele depois de comer um pedaço grande de ovo, tentando soar casual. Encontraram Gally?

-Não. Ia te dizer, alguém disse que ele correria para dentro do labirinto depois que saísse da reunião. Não tem sido visto desde então.

Thomas deixou cair o garfo, não sabendo o que era esperado ou desejado. Entretanto, a notícia o surpreendeu. - O quê? - Você está falando sério? Ele entrou no labirinto?

- Sim. Todo mundo sabia que ele estava louco, alguns shank (trolhas) inclusive vão te acusar de ter matado quando você ontem saiu correndo.

- Eu não posso acreditar...- Thomas olhou para o prato, tentando entender porque Gally, tinha feito isso.

- Não se preocupe amigo. Ninguém queria, exceto uns poucos comparsas shank (trolhas).

Eles são os únicos que estavam te acusando e tudo.

Thomas não conseguia acreditar como Chuck estava falando de uma forma tão casual. - Você sabe, cara, provavelmente ele está morto.

Você está falando como se ele tivesse ido passar férias.

Um olhar contemplativo se formou em Chuck. Eu não acho que ele está

morto.

- Hã? Então onde está? Só Minho e eu tínhamos sobrevivido uma noite lá?

- Isso é o que estou dizendo. Eu acho que seus amigos o esconderam na clareira em algum lugar. Gally era um idiota, mas é impossível que tenha sido suficientemente estúpido para ficar lá fora no labirinto a noite toda. Como você.

Thomas negou com a cabeça. - Talvez isso é só porque ele ficou lá fora. Eu queria provar que eu podia fazer. Aquele garoto me odeia. - Uma pausa.- Odiava.

- Bem, sei lá. Chuck deu de ombros como se estivesse discutindo sobre o que comer no café da manhã. Se ele está morto, então vocês provavelmente o encontraram em algum ponto. Se não, vai sentir fome e vai aparecer para comer. Eu não me importo.

Thomas pegou o prato e levou-a para o balcão. - Tudo que eu quero é um dia normal, um dia pra relaxar.

- Então, seu maldito desejo está concedido, disse uma voz vindo da porta da cozinha atrás dele.

Thomas se virou para ver onde Newt estava, sorrindo. Aquele sorriso enviou uma onda de alívio através de Thomas, como se houvesse descoberto que o mundo estava bem novamente.

- Vamos lá, presidiário chato -disse Newt. Você pode relaxar quando passar pelo Slammer (Amansador). Venha.

Chucky vai te levar algum alimento de noite.

Thomas assentiu com a cabeça em direção à porta. Com Newt o guiando pelo caminho.

De repente, um dia na prisão parecia excelente. Um dia apenas para se sentar e relaxar. Embora algo lhe dizia que tinha uma boa chance de que Gally lhe levasse flores, antes de passar um dia na clareira sem que nada de estranho acontecesse.

30

O Slammer (Amansador) ficava em um local escuro entre Homestead e a parede norte da clareira, escondida atrás de arbustos ferrões e desiguais que pareciam que tinha sidos fixos durante anos. Era um grande bloco de concreto cortado sem muita precisão, com uma pequena janela gradeada e uma porta de madeira, era fechada com uma porta de metal enferrujada de aspecto ameaçante, como se tivesse sido algo tirado da Idade das Trevas. (Idade Média) Newt tomou a chave e a abriu, em seguida, fez sinal para Thomas entrar. - Apenas uma cadeira lá e nada para fazer. Pode se acomodar.

Thomas suspirou interiormente quando entrou e viu a mobília, uma feia cadeira raquítica com uma perna mais curta do que o resto, provavelmente de propósito. Nem sequer tem uma almofada.

- Divirta-se, disse Newt antes de fechar a porta. Thomas voltou para o sua nova casa e ouviu um clique da fechadura se trancando atrás dele.

A cabeça de Newt apareceu na pequena janela sem vidro, olhando através das barras, com um sorriso satisfeito no rosto. Uma agradável recompensa por quebrar as regras. Você salvou algumas vidas, Tommy, mas ainda você tem que aprender...

- Sim, eu sei. Ordem.

Newt sorriu. - Você não é tão ruim, shank (trolha). Mas amigos ou não, vamos levar as coisas apropriadamente, infelizmente, isso nos mantém vivos. Pense nisso quando você se sentar lá e olhe para as paredes cheias de sangue.

E então ele se foi.

A primeira hora passou, e Thomas sentiu escorrer um tédio por um momento, sob a porta. Na segunda hora, queria bater a cabeça contra a parede.

Duas horas depois começou a pensar se seria pior ter um jantar com Gally e com os grievers ou tomar uma surra do que ficar sentado neste estúpido Slammer (Amansador). Sentou-se e tentou recuperar as memórias, mas todo esforço se evaporou em névoa inconsciente antes que alguma coisa tomasse forma.

Felizmente, Chuck veio com o almoço ao meio-dia, libertando Thomas de seus pensamentos. Depois de passar alguns pedaços de frango e um copo de água para fora da janela, ele usou seu papel normal de falar, para contar a Thomas o que havia ocorrido.

- Tudo voltou ao normal, anunciou o garoto. Os runners estão todos trabalhando fora do labirinto, talvez vamos sobreviver depois de tudo.

Não há sinais de Gally, Newt disse aos runners que voltassem extremamente rápido se eles encontrassem o corpo dele. Ah...E, sim, Alby está de pé e caminhando. Parece bem, e Newt já ficou grato por não ter que ser chefão.

Com a menção de Alby,Thomas tirou a atenção de sua refeição.

Ele imaginou o garoto dando golpes ao redor afogando-se,como no dia anterior. Em seguida, lembrou-se que ninguém sabia o que Alby havia dito Newt depois saiu da habitação, antes do ataque. Mas isso não significa que Alby o manteria entre eles agora que estava em pé e andando. Chuck continuou, tomando um giro completamente inesperado. -Thomas, eu te arruinei,homem. É estranho senti-se triste e nostálgico, mas não tenho nenhuma ideia que deseja retornar sabe? Tudo o que sei é que eu não quero estar aqui. Quero voltar para à minha família.

O que seja que estiver lá, onde quer que tenha sido levado. Eu quero me lembrar.

Thomas estava um pouco surpreso. Nunca tinha ouvido Chuck dizer algo tão profundo e tão verdadeiro. - Eu sei o que quer dizer, ele murmurou.

Chuck era demasiado baixo para que seus olhos pudessem alcançar o que Thomas falou, quando ele falou, mas sua próxima declaração, Thomas imaginou foram preenchidos com uma tristeza sombria, talvez até com lágrimas. - Eu costumava chorar.

- Toda noite.

Isso o fez pensar em Alby deixando a mente de Thomas. - Sim?

- Como um bebê com as calças molhadas.

Quase até o dia que você chegou aqui.

- Então simplesmente me acostumei com isso, eu acho. Isso se torna sua casa, mesmo que passemos todos os dias esperando para sair.

- Eu só chorei uma vez desde que cheguei, mas isso foi depois de quase fui comido vivo. Provavelmente eu sou apenas a superfície de um shuck face.

Thomas não o teria admitido se Chuck não tivesse dito.

- Você chorou? - Escutou Chuck dizer através da janela. E depois?

- Sim. Quando o último caiu do precipício, fiquei descomposto e chorei até que minha garganta e peito doeram. -Thomas lembrava de tudo muito bem. Tudo caiu em cima de mim de uma vez. Claro que me fez sentir melhor, não se sinta mal por chorar. Nunca.

- O que faz você se sentir melhor, né?

Engraçado como isso funciona.

Alguns minutos se passaram em silêncio. Thomas esperou que Chuck não fosse embora.

- Ei, Thomas? Perguntou Chuck.

- Você ainda está aí?

- Você acha que eu tenho pais? - Pais de verdade?

Thomas riu-se, em grande parte para evitar a súbita onda de tristeza que causou essa afirmação. - Claro que você tem, shank (trolha). Eu tenho que explicar o que são pássaros e abelhas? - O coração de Thomas doía, poderia lembrar de ter recebido o sermão mas não quem tinha lhe dado.

- Isso não é o que quero dizer, disse Chuck, sua voz completamente desprovida de alegria. Era baixa e desolada, quase um rosnado. A maioria dos caras que foram para a transformação lembraram as coisas terríveis que não vou nem falar o que me faz duvidar de que tem alguma coisa boa na volta para casa. Então, eu quero quero dizer, você acha que isso é realmente possível ter uma mãe e pai lá fora no mundo em algum lugar, sentindo a minha falta? Você acha que choram durante a noite?

Thomas ficou surpreso ao ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas. A vida tinha sido uma loucura desde que tinha chegado, nunca havia realmente pensado sobre os habitantes da clareira como pessoas reais E famílias de verdade, estranhos. Era estranho, mas não tinha sequer pensado de verdade sobre si mesmo dessa forma.

Apenas sobre tudo o que ele quis dizer, quem os havia enviado aqui,e

como iria sair. Pela primeira vez, tinha sentimentos por Chuck que o fez ficar com tanta raiva que ele queria matar alguém. O rapaz deveria estar na escola, em uma casa, brincando com crianças do bairro. Ele merecia ir para casa á noite ter uma família para amá-lo, que cuidasse dele. Uma mãe que lhe desse banho todos os dias e um pai para ajudá-lo com o seu dever de casa.

Thomas, os odiava com uma paixão que não sabia que um ser humano pudesse sentir. Os queria mortos, torturados mesmo. Queria que Chuck fosse feliz. Mas a felicidade era fora arrancada de suas vidas. O amor tinha sido arrancado de suas vidas.

- Ouça, Chuck. -Thomas fez uma pausa, acalmando-se tanto quanto pôde, garantindo que sua voz não iria quebrar. Tenho certeza de que você tem pais.

Eu sei. Soa terrível, mas eu aposto que sua mãe está sentada no seu quarto agora, segurando o seu travesseiro, te buscando no mundo que roubou você dela. E sim, eu aposto que ela está chorando. Muito.

Chorando com os olhos inchados e com corrimento nasal. De verdade.

Chuck não disse nada, mas Thomas pensou que ele ouviu o menor dos soluços.

- Não desista, Chuck. Vamos corrigir isso, vamos sair daqui. Eu sou um runner de agora, eu prometo com a minha vida eu vou te levar de volta para que sua própria casa. Eu vou fazer a sua mãe parar de chorar. - E

Thomas queria dizer isso. A sensação ardia em seu coração.

- Eu espero que você esteja certo, disse Chuck com a voz trêmula.

Mostrou um sinal com os polegares para cima na janela, e depois logo se foi.

Thomas levantou-se para caminhar ao redor da habitação pequena, com um intenso desejo de manter sua promessa.

Chuck - eu juro, Sussurrando para o nada.

Eu juro que eu vou te levar de volta para casa.

31

Só depois de Thomas ouvir o barulho e o retumbar de pedra contra pedra que anuncia o fechamento dos portões para o dia, Alby relaxou-se para liberá-lo, de modo que era uma grande surpresa. A chave de metal e a fechadura ressonaram, então a porta da cela se abriu.

- Você está morto, sim ou não, shank (trolha)? Perguntou Alby.

Ele parecia muito melhor do que o dia anterior, Thomas não pôde deixar de olhar. Sua pele tinha recuperado todas as suas cores, seus os olhos já não eram atravessadas por veias vermelhas, parecia que ele tinha ganhado sete quilos em 24 horas.

Alby percebeu que o estava observando com os olhos arregalados. -

Puta merda, shuck, o que você está olhando?

Thomas balançou levemente a cabeça, sentindo como se tivesse estado em um transe. Sua mente estava correndo, imaginando que era o que recordava de Alby que sabia, que poderia haver dito sobre ele. - Nada do que.... Apenas parece loucura que você se curou tão rápido. Você está bem agora?

Alby flexionou seu bíceps direito. - Eu nunca estive melhor. Vamos para fora.

Thomas era, esperando que seus olhos não estivessem piscando, indicando sua preocupação.

Alby fechou a porta do Slammer (Amansador) com chave, e se virou para ele. -Na verdade, não é verdade. Eu me sinto como um pedaço de merda que era cagado duas vezes por um griever (verdugo).

- Sim, era o que vi ontem. - Quando Alby olhou, Thomas achou que fosse uma piada e rapidamente ficou esclarecido.

Mas hoje, estou brilhando como novo.

Eu juro.

Alby colocou as chaves no bolso e virou-se para a porta do Slammer (Amansador). - Então, na verdade sobre essa pequena conversa que tivemos ontem.

O coração de Thomas retumbou. Eu não tinha ideia do que esperar de Alby nesse ponto.

- Ah... sim, eu me lembro.

- Eu vi o que vi, Greenie (Fedelho). É um pouco confuso, mas eu nunca vou esquecer. Era terrível. Eu tentei falar, e algo começou a me sufocar. Agora, as imagens vêm e vão, como se esse mesmo 'algo' que eu não quisesse que eu recordasse.

A cena do dia anterior parecia um momento na mente de Thomas.

Alby bateu, tentando estrangular a si mesmo, Thomas não acreditava no que tinha acontecido se ele não tivesse visto por si mesmo. Apesar do medo da resposta ele sabia que tinha que fazer a pergunta seguinte. - O que havia de errado comigo?

- Você ficou olhando para mim. O que eu estava fazendo? Alby olhou para o espaço vazio à distância por um momento antes de responder.

- Você estava com os... criadores. Ajudando-os.

Mas não era isso que me sacudiu.

Thomas sentiu como se alguém tivesse acabado de enterrar o punho no seu estômago.

Ajudando-os? Não conseguia encontrar as palavras para perguntar o que isso significava.

Alby continuou. - Espero que a transformação não nos de memórias reais, só umas memórias falsas implantadas. Alguns suspeitam que, eu só consiga imaginar. Se o mundo fosse da maneira que eu vejo... -

Sua voz se perdeu, deixando-os em um sinistro silêncio.

Thomas estava confuso, mas pressionado. - Você pode me dizer o que você viu em mim?

Alby balançou a cabeça. - De jeito nenhum, shuck. Eu não vou arriscar a me estrangular novamente. Pode ter sido algo que eles tenham colocado em nosso cérebro para nos controlar, como uma lavagem cerebral.

- Bem, se eu sou ruim, talvez você devesse me deixar aqui. – homas já esperava por isso.

- Greenie (Fedelho), você não é ruim.

Você pode até ser um maldito shuck slinthead, mas você não é ruim. Alby, apresentou a menor insinuação de um sorriso, um gesto raro no seu rosto que raramente se via. O que você fez, arriscando seu rabo para salvar a mim e a Minho, isso é o menor mal que eu já ouvi na minha vida.

Não, apenas me faz pensar que o soro da dor e a transformação trouxeram algo suspeito sobre isso. Para o seu bem e o meu eu espero que seja isso. Thomas ficou tão aliviado que Alby pensou que estava tudo bem, ele só tinha ouvido a metade do que o garoto mais velho tinha dito. - Era muito ruim. Suas lembranças voltaram.

- Eu me lembro de coisas de quando eu crescia, onde eu morava em uma espécie de desordem. E se o próprio Deus descesse agora mesmo e dissesse que eu posso podia ir para casa... - Alby olhou para o chão e sacudiu a cabeça novamente. Se fosse real, Greenie (Fedelho), eu juro que eu iria viver com os grievers em vez de voltar.

Thomas ficou surpreso ao ouvir que fosse tão ruim. Esperava que Alby lhe desse detalhes, descrevendo algo, qualquer coisa. Mas sabia que a asfixia estava muito fresca na mente de Alby para ceder. - Bem, talvez não fosse real. Talvez o soro da dor é um tipo de droga psicótica que faz você ficar alucinado.

Thomas sabia que estava tirando um tição da fornalha.

Alby pensou por um minuto. - Uma droga ... alucinações...- Então ele sacudiu a cabeça. Duvido muito.

Valia a pena tentar. - Nós ainda temos que escapar deste lugar.

- Sim, obrigado Greenie (Fedelho), Alby disse sarcasticamente. Eu não sei o que tínhamos feito sem suas apresentações dinâmicas. De novo com um meio sorriso.

A transformação de humor de Alby para Thomas se transformou em pessimismo.

- Pare de me chamar de Grennie. A menina é a Greenie (Fedelho) agora.

- Esta bem, Greenie (Fedelho). Alby suspirou, claramente terminando a conversa. Vá buscar o jantar. Sua terrível sentença de prisão por um dia já terminou.

- Um dia era o suficiente,- Apesar de querer respostas, Thomas estava

pronto para sair do Slammer (Amansador). Além disso, estava faminto. Ele sorriu para Alby, então se dirigiu diretamente para a cozinha e para os alimentos.

O jantar era incrível.

Frypan sabia que Thomas podia chegar demasiado tarde, então tinha guardado um prato cheio de carne assada e batatas, e uma nota dizendo que havia biscoitos na dispensa. A cozinheiro parecia determinado a reforçar a confiança que ele tinha mostrado a Thomas na reunião. Minho juntou-se a Thomas enquanto comia, o preparando pouco antes de seu primeiro grande dia de treinamento como um runner, dando umas poucas estatísticas e fatos interessantes. Coisas para pensar quando fosse dormir naquela noite.

Quando terminaram, Thomas voltou para o lugar solitário, onde ele tinha dormido na noite anterior, no canto junto aos Deadheads. Ele pensou na conversa que teve com Chuck, imaginando como seria a sensação de ter pais que lhe dessem boa noite antes de dormir.

Vários garotos rodopiavam pela clareira no decorrer da noite, mas a maioria ficava quieta, como todo mundo só queria ir dormir no final do dia e dar o dia como terminado. Thomas não se queixava, que era exatamente o que precisava.

O cobertor que alguém havia deixado na noite anterior ainda estava lá. Ele o levou. E se era, sentou-se, encolhido contra o canto onde a parede reconfortante de pedra era uma massa mole de hera. Os odores misturados da floresta o cumprimentavam quando ele tomou sua primeira respiração, tentando relaxar. O ar era perfeito, e se perguntava outra vez sobre o clima deste lugar.

Nunca chovia, nunca nevava, nunca fazia muito frio,nem fazia muito calor. Se não fosse o fato de que eles fossem separados bruscamente de seus amigos e familiares e presos no labirinto com um punhado de monstros, poderia ser um paraíso.

Algumas coisas eram muito perfeitas aqui. Ele sabia disso, mas não havia explicação.

Seus pensamentos se voltaram para o que Minho lhe tinha dito sobre o tamanho e extensão do labirinto. Ele pensou. Ele havia se dado conta de sua massiva extensão quando havia estado no precipício. Mas não se

explicava como uma estrutura como essa havia sido construída. O

labirinto sinuoso serpenteava através de quilômetros quilômetros. Os runners tinham que ter uma condição física quase sobre-humana para fazer o que faziam todos os dias.

E ainda que nunca encontrassem uma saída. E, no entanto, apesar da absoluta desesperança da situação, não desistiram.

No jantar Minho contou uma história antiga, uma das estranhas e fortuitas coisas que recordava de antes, sobre uma mulher presa em um labirinto. Ela escapou , não tirando nunca a mão direita do labirinto, deslizando-a ao longo do caminho. Fazendo isso, ela se via obrigada à dobrar a direita em cada volta, e as simples leis da física e da geometria se assegurariam de que encontrasse a saída. Tinha sentido.

Mas não aqui. Aqui, todas os caminhos levavam de volta para a clareira. Eles perceberam que estava faltando alguma coisa,que estavam perdendo algo.

Na manhã seguinte, o treino iria começar. Amanhã, ele poderia começar a ajudá-los a encontrar esse “algo perdido”. Thomas, em seguida, tomou uma decisão. Esqueça todas as coisas estranhas. Esqueça todas as coisas ruins. Esqueça tudo. Ele não poderia deixá-lo até ter resolvido o enigma e encontrar o caminho de casa.

- Amanhã, disse.

A palavra flutuou em sua mente até que ele finalmente adormeceu.

32

Minho acordou Thomas antes do amanhecer, acenando com uma lanterna para guiá-lo de volta para Homestead.

Thomas facilmente se desprendeu de sua manhã deslumbrante, animado para começar seu treinamento.

Ele se arrastou para fora sob o cobertor e caminhou até seu professor ansiosamente, ziguezagueando em meio à multidão de habitantes, da clareira, dormia na grama seu ronco era o único sinal de que eles não estavam mortos. O mais leve brilho matutino iluminava a clareira, fazendo tudo em tom azul escuro e sombras. Thomas jamais havia visto o lugar tão pacífico. Um galo cantou na Blood House.

Finalmente, em uma rachadura perto de um muro de trás da Homestead, Minho tomou a chave e abriu uma desgastada porta que dava para um pequeno armário de armazenamento.

Thomas sentiu um arrepio de antecipação, imaginando o que estaria dentro. Ele viu pedaços de cordas, correntes e outras coisas estranhas enquanto Minho passava a lanterna pelo armário. Finalmente passou por uma caixa cheia de sapatos de corrida.

Thomas quase riu, parecia tão normal.

- Este é o número,um suprimento que recebemos, anunciou Minho. Pelo menos para nós. Enviam sapatos novos na caixa ao longo do tempo. Se tivemos sapatos ruins, seus pés se pareceriam com demônios vindos de Marte. - Se inclinou e vasculhou a pilha. Qual é o tamanho que você usa?

- Tamanho? Thomas pensou por um segundo. Eu... não sei. - Às vezes era muito estranho do que ele podia ou não se lembrar. Ele se agachou, tirou um sapato que havia estado usando desde que chegou a clareira e olhou para dentro. Tamanho Once7 (41 ou 42 no Brasil) - Inferno, shank (trolha), você tem os pés grandes. Minho se levantou segurando um par de sapatos prateados.

- Cara, parece que achei um par, poderíamos ir usando essas coisas como canoa.

- Esses são luxuosos. -Thomas os pegou na mão e saiu para fora do depósito para se sentar sobre a terra, ansioso para testá-los.

Minho pegou mais algumas coisas antes de sair com ele.

- Somente os runners e os encarregados tem desses, disse Minho.

Antes que Thomas pudesse subir e calçar seus sapatos, um relógio de pulso de plástico caiu em seu colo. Ele era preto e muito simples, a tela exibia a hora digitalmente.

Colocá-lo e nunca tirá-lo. Sua vida pode depender disso. Thomas ficou muito contente de tê-lo.

Embora o sol e as sombras tinham se servido muito para informá-lo sobre que horas eram,neste momento provavelmente ser um runner requeresse maior precisão. Abotoado até o relógio de pulso e continuou colocando os sapatos.

Minho continuou falando. - Aqui está uma mochila, garrafa de água, lancheira,uns calções e camisas, e outras coisas. - Ele cutucou a Thomas, que só olhava para cima. Minho estava segurando um par de roupas de interior estritamente cortada, feito de um material branco brilhante. Esses - bad boys-são o que chamamos de runner undies (corredores cuecas). Mantém-te, quente e confortável.

- Quente e confortável?

- Sim, você sabe.

- Sim, eu entendi. Thomas pegou a roupa e outras coisas. Vocês tem tudo isso planejado, certo?

- Vários anos para quebrar o traseiro correndo todos os dias, você costuma saber sobre o que precisava perguntar.

Ele começou a encher a sua própria mochila com coisas.

Thomas ficou surpreso. - Você esta se referindo a que ? que você pode fazer exigências? As munições que quiser - Não ? - Por que as pessoas que os tinham enviado pra cá os ajudariam tanto?

- Claro que podemos. Basta deixar um recado na caixa e esta pronto. Não significa que sempre vamos obter o que queremos dos criadores. Às vezes sim, às vezes não.

- Alguma vez pediram um mapa?

Minho riu. - Sim, nós tentamos. Pedimos também uma TV, mas não tivemos sorte.

- Acho que esses shuck-face (Cara de mértilas) não querem que nós vejamos como a vida era tão grandiosa quando se convive em um diabólico labirinto.

Thomas tinha dúvidas quanto ao fato de a vida não ser tão grandiosa como o regresso para casa. Em que tipo de mundo os habitantes permitem que seus filhos vivessem assim? O pensamento o surpreendeu, como se sua fonte, tivesse sido memória uma real, um flash de luz na escuridão de sua mente. Mas ele se era. Balançando a cabeça, terminou de amarrar os sapatos, depois levantou e correu em círculos, pulando para os avaliar. - Ele se sentiu confortável.

- Eu acho que estou pronto.

Minho ainda estava debruçado sobre a mochila no chão, quando olhou para Thomas com um olhar de desgosto. - Você parece um idiota, pulando como uma dançarina shuck. Boa sorte lá fora, sem café da manhã ou almoço, ou armas.

Thomas, que havia parado de se mover, sentiu um arrepio gelado. -

Armas?

-Armas. - Minho se levantou e caminhou de volta para o armário.

Vem cá, vou te mostrar.

Minho Thomas seguiu o pequeno quarto e viu quando ele empurrou algumas caixas de distância da parede traseira. Embaixo era uma pequena escotilha.

Minho a levantou, revelando um conjunto de escadas de madeira que os conduzia na escuridão. - As escondemos no porão para que nenhum shuck como Gally não as encontrasse. Venha.

Minho era o primeiro. A escada rangia a cada transformação de peso, enquanto desciam as dúzias de degraus. O ar frio era animador, apesar da poeira e o cheiro forte de mofo.

Chegaram a um chão de terra, e Thomas não conseguia ver nada, até que Minho jogou uma corda e acendeu uma única lâmpada.

A habitação era maior do que Thomas tinha esperado, pelo menos uns dez metros quadrados. Prateleiras cobriam as paredes, e havia várias mesas de madeira, tudo o que era visível era coberto com todos os tipos de lixo que fazia arrepios. Postes de madeira, pregos de metal, uma tela como

a que cobre uma galinheiro de arame farpado,serras, facas, espadas.

Uma parede inteira era dedicada ao tiro ao arco, arcos de madeira e flechas, com cordas sobressalentes. Ver isso em seguida lembrou de Alby atirando em Ben e nos deadheads.

- Uau, murmurou Thomas, sua voz era um som surdo no espaço fechado. A princípio eu estava com medo de que precisavam de tantas armas, mas ficou aliviado ao ver que a maioria estavam cobertas com uma grossa camada de poeira.

- Não uso a maioria delas, disse Minho. Mas nunca se sabe. Tudo geralmente carregamos conosco é um par de facas afiadas.

Ele moveu a cabeça para um grande tronco de árvore na esquina, sua parte superior aberta e encostada na parede.

Facas de todas as formas e tamanhos foram descuidadamente empilhadas até a parte cima.

Thomas estava apenas esperava que a habitação fosse mantida em segredo para a maioria dos habitantes da clareira. - Parece um pouco perigoso para ter todas essas coisas - disse ele. E se Ben tivesse vindo aqui antes de ele enlouquecer e tivesse me atacado ?

Minho pegou as chaves do bolso e as agitou com um clique claque - Apenas alguns afortunados tem uma dessas.

- Mas...

- Pare de resmungar e pegue um par.

- Certifique-se que elas estejam boas e afiadas. Em seguida, vamos almoçar. Eu quero passar algum tempo na habitação do mapa antes de sair.

Thomas se emocionou ao ouvir que ele sempre teve curiosidade sobre esse pequeno prédio, desde que ele viu pela primeira vez um runner passar pela sua ameaçadora porta. Ele escolheu uma faca de prata cabo curto, de borracha, e outra com lâmina comprida preta. Seu entusiasmo diminuiu um pouco. Embora soubesse perfeitamente o que vivia lá fora, não queria pensar o porquê precisaria de armas ir para o labirinto.

Meia hora mais tarde, alimentados e bem dispostos, ficaram na frente da porta de metal rebitada na habitação do mapa. Thomas estava ansioso para entrar. O amanhecer havia estourado em toda sua glória, e os

habitantes da clareira circulavam, preparando-se para o dia.

O cheiro do bacon encheu o ar, Frypan e sua equipe tentando manter-se em dia com dezenas de famintos estômagos. Minho abriu a porta, rolou a manivela, e a moveu até que, de dentro se ouviu um clique, em seguida, logo o puxou. Com um barulho tremulo, o troço de metal pesado se abriu.

- Depois de você, disse o Minho com um tom de deboche.

Thomas era sem dizer nada. Um medo frio, misturado com uma curiosidade intensa, se apoderou dele, e teve que se lembrar de respirar.

A habitação escura cheirava a mofo e umidade, com uma profunda essência de cobre, tão forte que ele quase podia sentir seu sabor. Veio em sua mente distantes lembranças desbotadas de chupar moedas como uma criança.

Minho ligou um interruptor e várias linhas de luzes fluorescentes cintilaram até chegar a sua força máxima, mostrando em detalhes a habitação Thomas era surpreendido por sua simplicidade. Cerca de vinte metros de largura, a habitação do mapa tinha paredes de concreto carentes de decoração.

Uma mesa de madeira estava no centro, oito cadeiras ao seu redor.

Pilhas de papel ordenadas e lápis estavam na superfície da mesa uma para cada assento. Os únicos outros itens na habitação, eram oito troncos iguais ao que continha as facas no porão de armas. Estavam fechados, também separados, dois por parede.

- Bem-vindo a habitação do mapa, disse Minho. Um lugar tão legal quanto você pode imaginar.

Thomas estava um pouco decepcionado, esperava algo mais profundo.

Respirou profundamente. - Cheiro muito ruim, como uma mina de cobre abandonada.

- Eu gosto do cheiro. - Minho puxou duas cadeiras e sentou-se em uma delas. Tome o seu lugar, eu quero que você tenha um par de imagens em sua cabeça antes de sair.

Enquanto Thomas se sentava, Minho pegou um pedaço de papel e um lápis e começou a desenhar.

Thomas inclinou-se para dar uma olhada melhor e viu que Minho tinha

desenhado uma caixa grande enchia quase toda a página. Então, logo a desenhou com caixas menores até parecia quase como uma placa de fechada, três fileiras de três assentos, todos do mesmo tamanho. Escreveu a palavra clareira no meio, em seguida, numerou os quadrados de fora de 1-8, iniciando no canto superior esquerdo e continuar no sentido dos ponteiros do relógio. Finalmente, ele desenhou pequenas incisões aqui e ali.

- Estes são os portões, disse Minho.

Você conhece aqueles, da clareira, mas há mais quatro no labirinto que leva as seções 1, 3 ,5 e 7. Mantém-se sempre no mesmo lugar, mas a rota muda com o movimento das paredes a cada noite.

- Ele terminou, e depois deslizou o papel até a frente de Thomas.

Thomas pegou o papel,completamente fascinado de que o labirinto era tão estruturado, e o estudou enquanto Minho seguia falando.

- Então nós temos a clareira, cercada por oito seções, cada uma uma quadrado totalmente independente e indecifrável nos últimos dois anos desde começou este maldito jogo. A única coisa que aproxima a saída é o precipício, e que não é muito bom a menos que você goste de cair e ter uma morte horrível. Minho deu um toque no mapa - As paredes se movem por todo o maldito lugar todas as noites, enquanto os nossos portões se fecham.

Pelo menos, é o que pensamos que acontece, porque nós nunca ouvimos paredes se movendo em outro momento.

Thomas olhou para cima, contente de fornecer algumas informações. Eu não vi nada mover-se a noite quando fomos pegos lá fora.

- Esses corredores principais fora dos portões nunca mudam. Só mudam aqueles que estão um pouco mais adentro.

- Oh. -Thomas voltou ao mapa original, tentando visualizar labirinto e ver as paredes de pedra onde Minho havia desenhado as linhas.

- Nós sempre temos pelo menos oito runners, incluindo um encarregado. Um para cada seção. Nós levamos um dia inteiro para percorrer nessa área, esperando, apesar de tudo, que haja uma saída, então logo voltamos e os desenhamos, uma página separada para cada dia.

- Minho parecia um dos troncos. É por isso, que esse lugar está cheio

desses malditos mapas.

Thomas teve um deprimente, e assustador pensamento. - Estou...

substituindo alguém? Alguém era assassinado?

Minho balançou a cabeça. - Não, você está só sendo treinado, provavelmente alguém quer uma pausa. Não se preocupe, passou muito tempo desde que um runner era morto.

Por alguma razão, este último comentário preocupou Thomas, mas esperou que não se mostrar-se em seu rosto. Ele apontou a Seção 3. -

Então... leva um dia todo para percorrer esses quadradinhos?

- Gracioso. - Minho se levantou e caminhou em direção ao tronco logo atrás dele,se ajoelhou, depois levantou a tampa e a apoiou na parede.

- Vem cá.

Thomas já estava de pé, ele se inclinou sobre o ombro do Minho e assistiu. A tronco era longo o suficiente para quatro pilhas de mapas caberiam dentro, e cada um dos quatro chegava até em cima. Cada uma das que Thomas podia ver eram muito semelhantes: um esboço de um labirinto de quadrados, ocupando praticamente página inteira. No canto superior esquerdo, - seção 8, era rabiscado pelo nome HANK, então a palavra DIA, seguida por um número. Este último disse que era o 749 dia.

Minho prosseguiu. - Descobrimos que as paredes estavam se mudando desde o início. Assim como nós fizemos, nós começamos a seguir a pista. Nós pensamos sempre comparando esses,dia após dia, semana após semana, nós ajudamos a decifrar o padrão. Nós o fizemos, basicamente os labirintos foram repetidos a cada mês.

Mas todavia temos que ver como se abre uma saída que nos leve para fora do quadrado.

Nunca houve uma saída.

- Já se passaram dois anos, disse Thomas. Não chegaram a estar o bastante desesperados para ficar lá durante a noite para ver se talvez algo se abrindo quando as paredes estão se movendo?

Minho olhou, e houve um flash de raiva nos olhos dele. - Isso é um pouco ofensivo amigo. Sério mesmo.

- O quê? - Thomas ficou surpreso, não tinha a intenção de soar dessa

maneira.

- Nós temos nos matado por dois anos, e tudo o que você consegue perguntar é por que somos tão maricas em não ficar lá fora a noite? Alguns tentaram num primeiro momento,logo em seguida todos eles apareciam mortos. Quer passar uma noite lá fora? Você gosta de suas possibilidades de sobreviver novamente, certo?

Thomas rosto ficou vermelho de vergonha. -Não. Sinto muito. -

De repente, ele sentiu como um pedaço de merda. E, claro, ele concordou, ele preferia muito mais retornar são e salvo a cada noite na clareira, do que ter outra batalha com os grievers . Se estremeceu tendo esse pensamento.

- Sim, também. - Minho voltou seu olhar para os mapas no tronco, para o alívio de Thomas. A vida na clareira pode não parecer tão doce, mas pelo menos é segura. Bastante comida e proteção contra os grievers. Não há nenhuma maneira de pedirmos aos runners para assumir os riscos de ficar lá fora, de maneira nenhuma. Pelo menos ainda não. Não até que algo nesses padrões nos de uma pista que uma saída talvez apareça, mesmo que temporariamente.

- Estão perto? Algum progresso?

Minho encolheu os ombros. - Eu não sei.

- É um bocado deprimente, mas não sabia mais o que fazer. Não podemos correr o risco de que um dia,em um lugar,em alguma parte , uma solução possa aparecer. Nós não podemos desistir. Nunca.

Thomas assentiu, aliviado pela atitude. Não importa quão ruim as coisas eram, desistir apenas ia piorar.

Minho tomou várias folhas das árvores, os mapas dos últimos dias.

A medida de como a desfolhava, ele explicou, - Nós comparamos a cada dia, semana após semana, mês após mês, como eu disse. Cada runner é responsável por seu mapa de sua própria seção. Pra ser honesto, não encontramos nada. E pra ser mais honesto ainda, não sabemos nem o que estamos procurando. Realmente é uma merda, amigo. Porra, realmente é uma porcaria.

- Mas nós não podemos desistir, disse Thomas, em um tom calmo em uma repetição resignada do que Minho havia dito anteriormente. Ele havia

dito - nós, sem nem sequer pensar, e percebeu de que agora fazia realmente, parte da clareira.

- Muito bem, irmão. Nós não podemos desistir. Minho devolveu os papéis cuidadosamente, e fechou o tronco, e se levantou. Bem, nós precisamos ir, já que ficamos aqui até tarde, você só precisa me seguir durante os seus primeiros dias.

- Pronto?

Thomas sentiu um fio de nervosismo comprimindo-lhe o coração para dentro, lhe apertando intestino. Estavam realmente ali iam sério agora, não falando ou pensando. - Hum, sim....

- Nada de 'hums' por aqui. Você está pronto ou não?

Thomas olhou para Minho, encarando-o com o olhar. - Estou pronto.

- Então vamos correr.

33

Passaram pelo portão oeste, da seção oito, e fizeram caminho para o final dos corredores, Thomas estava junto com Minho, que não parava de andar de um lado para outro, o tempo todo. A luz da manhã fazia tudo parecer mais nítido e brilhante, a hera,as paredes rachadas, os blocos de pedra na terra.

Eles por fim chegaram a uma entrada sem porta. - Isso leva a seção 8, como disse este passo é sempre o mesmo ponto, mas a rota aqui poderia ser um pouco diferente.

Thomas o seguiu, espantado com a sua respiração pesada que tinha retornado, -só esperava que fosse os nervos.

Corriam por um longo corredor para a direita, passando por várias voltas para a esquerda. Quando chegaram à etapa final, Minho desacelerou e tirou um caderno e um lápis no bolso lateral de sua mochila. Ele fez uma anotação.

Thomas se perguntou o que havia escrito, mas Minho respondeu antes que pudesse formular a pergunta.

- Eu confio... especialmente na memória bufou Minho. Mas quando damos mais de quinze voltas, eu escrevo algo que pode nos ajudar mais tarde, para que eu possa usar o mapa de ontem comparando com o de hoje.

Correram por um curto período de tempo antes de chegar a um cruzamento. Eles tiveram três opções possíveis, mas Minho era á direita sem vacilar.

Enquanto o fazia, ele puxou uma de suas facas de bolso e, sem perder o ritmo, cortou um pedaço grande de hera da parede. Ele a jogou no chão detrás dele e o seguiu correndo.

- Migalhas de pão? Perguntou Thomas, um velho conto de fadas apareceu em sua mente.

- Sem migalhas, respondeu Minho. Eu sou Hansel e você é Gretel.

Eles seguiram o seu curso através do labirinto, por vezes, viravam para a direita e outras para esquerda. Após cada volta, Minho corta e deixa cair um pedaço de hera de três pés de comprimento, Thomas ficou

impressionado já que Minho não teria que reduzir a velocidade para fazer tudo isso.

- Tudo bem, disse Minho com a respiração um pouco acelerada.

- Agora é sua vez.

- O quê? -Thomas não esperava fazer outra coisa, a não ser correr, desde o primeiro dia.

- Corte a hera, agora temos que aprender a fazer um carretel, quando nós voltarmos o recolhemos de volta ou apenas levá-lo para longe da estrada.

Thomas estava mais feliz do que pensava que estaria,em ter algo que para fazer, embora tenha demorado um pouco para ser bom nisso. No começo era difícil cortar a hera, mas na hora quase podia emparelhar seu trabalho com o de Minho.

Depois de um tempo correndo Thomas não sabiam como ou quanto tinham avançado ou quanto lhes faltava, Minho reduziu a marcha para depois parar completamente. –Tempo de descanso, e tirou de sua bolsa uma maçã e uma garrafa de água.

Thomas seguiu o exemplo do Minho e bebeu um gole de água e lavou o rosto.

- Devagar! gritou Minho. Tente guardar um pouco para mais tarde.

Thomas parou de beber respirou muito satisfeito, então arrotou.

Deu-lhe uma mordida na sua maçã, se sentindo surpreendentemente fresco.

Por alguma razão, seus pensamentos se voltou para o dia em que Minho e Alby e haviam ido procurar o griever. - Você nunca me contou o que aconteceu com Alby naquele dia, porque ele estava em tão mal estado.

Obviamente, o griever acordou, mas o que aconteceu?

Minho colocou sua mochila quando estava pronto para ir,disse -

Bem, aquela coisa não estava morta e Alby ele muito idiota o empurrou com o pé, e a criatura ruim,de repente saltou viva, este não lutou como deveria, parecia que a única coisa que importava era sair de lá, e Alby estava em seu caminho.

- Então ele escapou assim de vocês ?

- Ao que Thomas tinha visto apenas algumas noites antes, ele não poderia nem imaginar.

Minho encolheu os ombros. - Suponho que, talvez, precisasse se recarregar ou algo assim. Eu não sei.

- O que poderia ter acontecido, Você já viu uma lesão ou algo assim? - Thomas não sabia que tipo de resposta buscava, mas tinha certeza que tinha de ser uma pista ou uma lição a aprender com o que aconteceu.

Minho pensou por um minuto. - Não, só parecia estar morto, e de repente voltou outra vez a vida.

A mente de Thomas se agitava, tentando chegar a algum lugar, só não sabe onde ou em que direção. - Eu só me pergunto onde era? Onde é que eles vão? - Ele ficou em silêncio por um segundo, então. Não pensou alguma vez em segui-los ?

- Cara, você tem um desejo de morrer não é, temos de ir agora, e Minho, em seguida, começou a correr. Thomas não pôde deixar de pensar nisso, o griever (verdugo) estava morto em um momento, e de repente ele estava vivo?,pra onde ele era quando escapou?

Thomas correu mais de duas horas, fazendo uns pequenos intervalos para repouso que pareceu não durar muito.

Minho finalmente parou e tirou a mochila de novo, eles se sentaram no chão enquanto eles se preparavam para comer, nenhum deles falou muito, Thomas apreciava cada mordida do sanduíche e legumes, comia o mais lentamente possível. Ele sabia que no final Minho diria para o seguir e para tomar tanto tempo quanto podia.

- O que é diferente hoje? - Thomas perguntou, curioso.

Minho deu uns tapas em sua mochila, onde suas notas estavam, -

Somente os movimentos habituais da parede. Nada que seu traseiro gordo pudesse se entusiasmar. Thomas tomou um longo gole de água, olhando para o muro coberto de hera na frente deles. Ele pegou um flash de prata e algo vermelho, que tinha visto mais de uma vez nesse dia.

- Qual é o problema com as folhas do escaravelho? - Ele perguntou.

Eles parecem estar em toda parte. Então Thomas lembrou que ele tinha

visto no labirinto, havia passado tanto que ele não tinha tido a oportunidade de o mencionar.

- Por que tem a palavra - malvado-escrita em suas costas?

- Eu nunca fui capaz de pegar um...disse, Minho terminou sua refeição e guardou a caixa do almoço. E nós não sabemos o que essa palavra significa, provavelmente, só é algo para nos assustar. Mas eles têm de ser espiões.

- Quem são eles afinal? Thomas perguntou, pronto para mais respostas. Eles odiavam os habitantes por trás do labirinto. Alguém tem uma pista?

- Não sabemos nada sobre os estúpidos criadores, o rosto de Minho ficou vermelho de raiva. Mal posso esperar para quebrar a sua...

Antes que ele pudesse terminar Minho, Thomas levantou-se em um salto. - O que é isso? - O interrompeu, voltando-se para um vislumbre maçante de cinza que ele notou atrás da hera na parede.

- Ah, sim,isso-disse Minho, sua voz completamente indiferente.

Thomas passou a olhar por detrás do muro de hera, um quadrado metal cravado na pedra, com palavras escritas em letras através dela.

MUNDO EM CATÁSTROFE:

DEPARTAMENTO DE EXPERIÊNCIA DA ZONA MORTA Leu as palavras em voz alta, e logo depois olhou para Minho. - O

que é isso? Sentiu um calafrio, tinha que ter algo a ver com os criadores.

- Eu não sei, eles estão por toda parte, parei de me incomodar procurar eles por muito tempo.

Thomas se virou para olhar o sinal, tentando reprimir a sensação de morte que sentia por dentro. - Não há nada aqui que soe bem.

- Catástrofe. Experimento. Muito bonito.

- Sim, é muito agradável, Greenie (Fedelho). - Vamos!

Thomas relutantemente levou sua mochila, e as palavras na parede queimaram sua mente.

Depois de uma hora Minho parou em um corredor, as paredes eram sólidas e sem mais corredores, para se desviar.

- O último beco sem saída-Ele disse para Thomas. É hora de voltar.

Thomas respirou fundo, tentando não pensar em tudo que fizeram no o dia. - Nada de novo?

- Basta alterarmos o caminho para chegar, respondeu Minho, enquanto observava seu relógio. É hora de voltar. Sem esperar por uma resposta, o guarda se virou e saiu correndo na direção que acabava de ver.

Thomas se frustrou por não ser capaz de examinar as paredes um pouco mais se apressou para seguir Minho, - Mas...

- Basta ter cuidado amigo, lembre-se do que eu disse anteriormente. Não pode correr o risco. Também pense nisso, você realmente acha que existe uma saída secreta?, uma saída em algum lugar, ou algo parecido.

Eu não sei... talvez. Por que você pergunta isso?

Minho negou com a cabeça - Não existe saída, que é mais do mesmo. Uma parede é uma parede, sólida.

Thomas sentia a verdade das coisas pesadas, mas a descartou de todos os modos. - Como você conhece?

- Os habitantes estão dispostos a enviar grievers atrás de nós, isso significa que não há saída fácil.

Isto significava que Thomas duvidou por um momento. - Então por que se incomodar em vir até aqui?

Minho virou-se para Thomas. - Por que devo me preocupar ? Para estar aqui deve ter uma razão, se você acha que vai encontrar uma pequena porta que nos leve a Cidade Feliz, então você é um idiota.

Thomas olhou para a frente, se sentindo muito desesperado. - Isso é péssimo.

- É a coisa mais inteligente que você disse Greenie -(Fedelho).

Minho tomou fôlego e seguiu correndo, Thomas fez tudo que podia fazer, e o seguiu.

O resto do dia era desgastante para Thomas. Minho e ele retornaram a clareira, escreveu em cima da rota do labirinto do dia, e o comparou com o do dia anterior.

Então eles se puseram em descanso, Minho tentar falar com ele várias

vezes, mas Thomas só poderia confirmar e balançar a cabeça. Ele estava tão cansado.

Antes de anoitecer eles encolheram outra hera, se perguntando se poderiam correr novamente. Ele perguntou como ele poderia fazer o mesmo amanhã.

Sobre especificamente, quando parecia tão inútil. A promessa feita a si mesmo para se reunir com Chuck e sua família, tudo tinha desaparecido. Ele estava em algum lugar quase sonhando, quando uma voz falou em sua cabeça, uma voz bonita, feminina, que soou como uma deusa presa em seu crânio. Na manhã seguinte, se perguntou se a voz era real ou parte de um sonho. Mas ele se lembrava de cada palavra: Tom, eu já ativei o FINAL.

34

Thomas acordou com uma luz fraca, sem vida. Seu primeiro pensamento era que devia ter chegado mais cedo que o habitual, que o amanhecer ainda estava uma hora de distância. Mas então ele ouviu os gritos. E então ele olhou para cima através do dossel de ramos frondosos.

O céu estava cinzento sombrio opaco, não a pálida luz do sol da manhã.

Ele levantou-se, colocou a mão na parede para se sustentar enquanto esticando o pescoço para olhar boquiaberto o céu. Não era azul, ou preto, nenhuma estrela, nenhum fã de púrpura, uma aurora repulsivo. A céu, cada centímetro dele era uma ardósia cinza.

Incolor e morto.

Ele olhou para o relógio: ele tinha passado uma hora do seu horário de vigília obrigatório. A sol deveria ter o despertado, como havia feito tão facilmente de que tenham chegado a clareira. Mas não hoje.

Olhou para cima, esperando ter voltado ao normal.

Mas estava completamente cinza. Sem nuvens, o crepúsculo, sem os primeiros minutos do amanhecer. Apenas cinza.

O sol tinha desaparecido.

Thomas encontrou a maioria dos habitantes da clareira de pé na entrada da caixa, apontando para o céu morto, todos falando ao mesmo tempo. Mas havia algo sobre o maior objeto no sistema solar se desvanecendo que tendia a alterar os horários normais.

De fato, enquanto Thomas observava silenciosamente a comoção, não se sentia tanto pânico ou tinha medo como seus instintos lhe disseram que deveria ter. E o surpreendeu que tantos outros viessem como um elenco que havia se perdido do grupo. Era realmente ridículo.

O sol, obviamente, não desapareceu, isso era impossível.

Enquanto isso era o que parecia, não havia sinais de qualquer parte da furiosa bola de fogo, as oblíquas sombras da manhã estavam ausentes.

Mas ele e todos os habitantes da clareira que eram muito racionais e inteligentes para concluir tal coisa. Não, deveria ter uma fundamentação cientificamente aceitável para o que estavam testemunhando. E o que quer

que fosse, para Thomas significava uma coisa: o fato de que eles não podiam ver o sol, provavelmente significa que eles não podiam velo desde o início. Um sol não poderia simplesmente desaparecer. Seu céu deveria ter sido e todavia o era-fabricado. Artificial.

Em outras palavras, o sol que brilhou para essas pessoas por dois anos fornecendo calor e vida para todos, não era um sol em tudo. De alguma forma,havia sido falso. Tudo sobre este lugar era falso.

Thomas não sabia o que aquilo significava, não sabia como isso era possível. Mas ele sabia que era verdade, era a única explicação que sua mente racional poderia aceitar. E era óbvio pela reação dos outros habitantes, da clareira, que nenhum deles o tinha imaginado até agora.

Chuck o encontrou, e o olhar de medo no rosto do garoto atravessou o coração de Thomas.

- O que você acha que aconteceu?

Disse Chuck, um medo triste em sua voz, seus olhos colados ao céu. Thomas pensou que ele estava com torcicolo de tanto olhar.

É como um enorme telhado de cinza, tão perto que você quase pode tocá-lo.

Thomas seguiu os olhos de Chuck e olhou para cima. - Sim, isso faz você pensar sobre este lugar. -Pela segunda vez em 24 horas, Chuck tinha razão.

O céu parecia um telhado. Como o teto de uma habitação enorme.

Talvez alguma coisa quebrou, quero dizer, talvez, volte de novo. Chuck finalmente deixou de olhar boquiaberto e fez contato visual com Thomas. -

Quebrado? O que isso quer dizer?

Antes que Thomas pudesse responder, as lembranças da noite anterior antes de dormir, voltou para ele. As palavras de Teresa na sua mente. Ela disse, eu ativei o Final. Não poderia ser uma coincidência, era?

A podridão ácida deslizou dentro do seu estômago.

Seja qual for a explicação, o que quer que tivesse sido no céu, dom verdade ou não, tinha desaparecido. E isso não podia ser bom.

- Thomas? Chuck perguntou, levemente batendo nele com um dedo na braço.

- Sim? A mente de Thomas estava confusa.

- O que quer dizer quebrado? Repetiu Chuck. Thomas sentiu que precisava de tempo para pensar nisso.- Ah. Eu não sei.

Deve ser coisas sobre este lugar, obviamente, não entendo. Mas você não pode simplesmente remover o sol do espaço.

Além disso, ainda há luz suficiente para ver, porém fraca. Onde isso?

Os olhos de Chuck se arregalaram como se o segredo mais escuro,das profundezas do universo tivesse sido revelado. - Sim, onde é que vem?

- O que está acontecendo, Thomas?

Thomas estendeu a mão e apertou suavemente o ombro de um rapaz.

Sentia-se desconfortável. - Eu não tenho nenhuma ideia, Chuck.

Não faço ideia. Mas eu tenho certeza que Newt e o Alby eles vão pensar em alguma coisa.

- Thomas! - Minho correu na direção deles. Acabe este seu passatempo com Chuck e vamos embora. Está tarde.

Thomas ficou espantado. Por alguma razão, esperava que o estranho céu lançasse pela janela todos os planos normais.

- Você ainda vão lá fora? Chuck perguntou, claramente surpreendido também. Thomas estava feliz que o rapaz havia perguntado para ele.

- Com certeza iremos,shuck, disse Minho. Você não tem nada para fazer? - Ele olhou de Chuck até Thomas. Se há alguma coisa que nos dá isso,são motivos a mais para irmos lá fora. Se o sol realmente se era, não será tarde demais quando as plantas e animais caiam mortos também.

- Eu acho que o nível de desespero, havia subido um desfiladeiro.

A última declaração atingiu profundamente Thomas. Apesar de todas as suas ideias

-Tudo o que tinha lançado para Minho não estava disposto a mudar as coisas que vinha fazendo nos últimos dois anos. Uma mistura de excitação e medo apoderou-se dele, quando ele percebeu o Minho estava dizendo. - Você quer dizer que vamos estar lá fora toda a noite? -

Explorando as paredes um pouco mais de perto?

Minho balançou a cabeça. - Não, ainda não. Talvez em breve, no entanto. Ele olhou até o céu. O homem, acorde.

- Venha, vamos embora.

Thomas estava calmo enquanto ele e Minho preparando suas coisas e comiam na velocidade de um raio. Seus pensamentos estavam lutando também contra o céu cinzento e Teresa, ao menos, ele pensava que havia sido a menina que tinha dito em sua mente para participar de qualquer conversa.

- O que ela quis dizer com o FINAL? Thomas não pôde deixar de sentir uma sensação de que deveria contar a alguém. A todo o mundo.

Mas ele não sabia o que significava, e não quero que eles saibam que ele tinha a voz da menina em sua cabeça.

Eles pensariam que estava com uma cabra, talvez mesmo achavam que ele devia ficar preso, e por um bom tempo.

Depois de muita deliberação, decidiu fechar a boca e correr com Minho no segundo dia de treinamento, sob um céu triste e pálido.

Eles viram os grievers antes mesmo de chegar à porta principal que conduzia a seção 8 até a seção 1.

Minho ficou a poucos metros à frente de Thomas. Só tinha virado uma esquina a direita quando ele parou, com os pés quase saindo de debaixo dele.

Saltou para trás e agarrou Thomas pela camisa, empurrando-o contra a parede.

- Shh, sussurrou Minho. Há tem um griever (verdugo) fodido ali na frente.

Thomas arregalou os olhos com o questionamento, ele sentiu o coração ganhar ritmo, embora tenha sido difícil de bombeamento e de forma constante.

Minho simplesmente assentiu com a cabeça, em seguida, colocou o dedo em seus lábios. Soltou a camiseta de Thomas e deu um passo pra trás, então, se arrastou até o canto onde ele tinha visto o griever (verdugo).

Lentamente, ele inclinou-se para ter um vislumbre.

Thomas queria gritar para ter cuidado.

Minho jogou a cabeça para trás e se virou para Thomas. Sua voz era todavia um sussurro. - Ele está sentado ali na frente, quase como o morto que havíamos visto.

- O que fazemos? Thomas perguntou, discretamente possível.

Tentou ignorar o pânico o queimando por dentro. Está vindo em nossa direção?

- Não idiota, eu só disse que ele está ali sentado.

- Então? Thomas ergueu as mãos para os lados de frustração. O

que vamos fazer?

- Ficar tão perto do griever (verdugo) parecia ser uma ideia muito ruim.

Minho era interrompido por alguns segundos, pensando antes de falar.

- Nós temos que ir desse lado para chegar a nossa seção.

Simplesmente vamos olhar por um tempo se ele vier em nossa direção, vamos correr de volta para a clareira.

Ele voltou outro olhar, e então rapidamente olhou por cima de seus ombros.

- Merda... não está lá! Vamos!

Minho não esperou uma resposta, ele viu o olhar de horror que Thomas tinha sentido, se ampliar em seus próprios olhos. Minho correu na direção onde ele tinha visto o griever (verdugo). Apesar de seus instintos lhe diziam que não, Thomas o seguiu.

Ele correu para o longo corredor por atrás de Minho, virando à esquerda, depois à direita. Em cada turno, eles reduziram a velocidade para que o encarregado pudesse olhar ao redor da primeira esquina. Cada vez ele sussurrava para Thomas que ele tinha visto o final da cauda do griever (verdugo) desaparecer ao redor do turno seguinte. Isto continuou por dez minutos, até que chegaram ao longo corredor que terminava no precipício, onde não havia nada mais do que um céu sem vida. O griever (verdugo) era carregado para o céu.

Minho parou de forma tão abrupta que Thomas quase o atropelou.

Em seguida, Thomas assistiu e teve um puta choque, quando o griever

(verdugo) começou a cavar com seus ferrões e virou para a reta borda frontal do precipício, em seguida, desapareceu no abismo cinzento. A criatura desapareceu de vista, uma sombra engolida por mais sombra.

35

- Isso resolve tudo, disse Minho.

Thomas estava ao seu lado à beira do precipício, olhando para o nada cinzento que havia lá. Não havia nenhum sinal de qualquer coisa, esquerda, direita, para baixo, para cima ou na frente, tanto quanto ele podia ver.

Nada além de uma parede impassível.

- Resolveu o quê? Perguntou Thomas.

- Nós o vimos três vezes. Alguma coisa acontece.

- Sim. Thomas sabia que ele queria dizer, mas esperava por uma explicação do Minho de qualquer maneira.

- Esse griever (verdugo) morto que encontrei, correu aqui e nunca mais era visto se movendo ou no fundo do labirinto.

Então eram esses os otários que havíamos enganado e pulando na nossa frente...

- Enganados? - Thomas disse. Talvez nem tanto, um truque.

Minho o olhou, contemplativo. - Hummm.

De qualquer forma, então é isso. Ele apontou para o abismo. Não há mais dúvidas, de alguma forma os grievers podem deixar a clareira por aqui.

Parece mágica, mas o mesmo é o sol desaparecendo.

- Se eles podem sair por aqui, disse Thomas, continuando a linha de raciocínio de Minho nós também podemos. - Um tremor de emocional atravessou ele.

Minho riu. - Lá vai ele outra vez o com seu desejo de morte. Quer sair com os grievers (verdugos), e comer um sanduíche, talvez?

Thomas sentiu suas esperanças queda. - Você tem ideias melhores?

- Uma coisa de cada vez, Greenie (Fedelho). Obtenha algumas pedras e vamos tentar neste lugar.

- Deve haver alguma saída escondida.

Thomas ajudou Minho enquanto ao escavava em torno dos cantos e voltas do labirinto, pegando muitas pedras soltas que podiam.

Eles haviam conseguido mais manuseando as rachaduras na parede, jogando os pedaços quebrados no solo. Quando eles tinham conseguido uma pilha considerável, apenas a arrastaram ao lado da fronteira e se sentaram, com os pés balançando para o lado. Thomas olhou para baixo e não viu nada, mas um gradiente cinza.

Minho levou seu caderno e um lápis,e colocou no chão perto dele. -

Ok, temos de tomar notas. E armazenar isto na cabeça fodida de vocês, também. Se houver algum tipo de ilusão de ótica escondendo a saída deste lugar, não quero estar nessa merda quando o primeiro shuck tentar saltar para dentro.

- Esse Shank (trolha) tem que ser o encarregado dos runners, disse Thomas, tentando fazer uma brincadeira para disfarçar o medo. Estando tão perto de um local onde os grievers pudessem sair a qualquer segundo, o estava fazendo suar. Você quer segurar bonito uma corda.

Minho pegou uma pedra do monte. - Sim.

- Ok, vamos fazer turnos para lançá-las ziguezagueando para frente e para trás. Se houver algum tipo de saída mágica, espero que funcione com rochas, também, fazê-las desaparecer. Thomas pegou uma pedra e a atirou com cuidado a sua esquerda, em frente do local onde a parede esquerda do corredor que vai do precipício e se encontrava com ela na fronteira.

O pedaço irregular de pedra caiu. E caiu.

Em seguida, desapareceu no vazio cinza.

Minho era o próximo. Ele lançou sua pedra apenas um metro ou mais longe do que Thomas tinha feito. Também ficou bem abaixo. Thomas lançou outra, outro metro de distância. Então Minho. Cada rocha caía nas profundezas. Thomas continuou seguindo as ordens do Minho, continuou até uma linha marcada atingindo pelo menos uma dúzia de metros do precipício, em seguida, transferiram o objetivo há um metro-padrão para a direita e começou girando-a para o labirinto.

Todas as pedras caíram. Outra linha de saída, uma outra linha nas costas.

Todas as rochas caíram. Eles tiraram pedras suficientes para cobrir

metade da área abandonada de frente para eles, cobrindo a distância, qualquer, ou qualquer outra coisa, poderia possivelmente saltar. O

desânimo de Thomas aumentava a cada lançamento, até que se tornou uma massa pesada.

Não se conteve, era mesmo uma ideia estúpida.

Então, a pedra seguinte de Minho desapareceu.

Era estranho, mais, difícil de acreditar que Thomas havia visto.

Minho havia lançado uma grande quantidade, um pedaço que tinha caído de uma das rachaduras da parede. Thomas observava, profundamente concentrado em todas as cada uma das rochas. Essa caiu da mão de Minho, seguiu para a frente, quase no exato centro da linha do precipício, iniciou a sua descida até o chão invisível localizado mais adiante. Então desapareceu, como se tivesse caído através de um nível de água ou neblina.

Um segundo, em queda. A segunda seguinte desaparecia.

Thomas não conseguia falar.

- Nós temos jogado as coisas fora no precipício antes, disse Minho.

Como fomos capazes de ignorar isso? Não havia visto nada desaparecer. Nunca.

Thomas tossiu, sua garganta se sentia em carne viva. - Faça-o novamente, talvez tenhamos encontrado algo estranho e raro assim.

Minho o fez, a atirando no mesmo ponto. E, novamente, desapareceu na cintilação.

- Talvez você não estivesse olhando atentamente as outras vezes que você jogou as coisas - disse Thomas. Quero dizer, deveria ser impossível, às vezes não observou com suficiente atenção para as coisas que você não acredita que passaram ou pudessem passar.

Jogou o resto das rochas, apontando para o objetivo original e cada centímetro de ao redor. Para a surpresa de Thomas, o lugar onde as pedras desapareceram provou ser apenas um quadrado de poucos metros.

- Não admira que o deixamos passar, disse Minho, furiosamente escrevendo notas e dimensões, a sua melhor tentativa de um diagrama. É

muito de pequeno.

- Os grievers só precisam passar através dessa coisa. Thomas mantinha os olhos na área invisível do quadrado flutuante, tentando queimar a distância e localização em sua mente, recordar exatamente onde estava. E quando eles saem, devem se equilibrar na borda do buraco e saltar para o espaço vazio na borda do precipício, não muito longe. Se eu pudesse pular, eu tenho certeza que é fácil para eles.

Minho terminou o desenho, depois olhou para o lugar especial. -

Como pode isso ,cara? O que isso que estamos olhando?

- Como você disse, não é mágica. Tem que ser algo como o nosso céu cinzento. Algum tipo de ilusão de ótica ou um holograma, escondendo uma porta.

Este lugar está ferrado. - E Thomas admitiu para si mesmo, algo genial.

Sua mente desejava saber que tipo de tecnologia poderia estar por trás de tudo isso.

- Sim, ferrado é o termo certo. Venha.

Minho-se levantou com um grunhido e colocou a sua mochila. É

melhor correrm os para o labirinto o mais rápido possível. Com o nosso novo decorado céu, talvez outras coisas estranhas aconteceram lá fora.

Contaremos a Newt e Alby o que aconteceu esta noite. Eu não sei como ajudar, mas pelo menos agora sabemos onde estes shuck griever (verdugos) (verdugos) vão.

- E, provavelmente, de onde eles vem, disse Thomas quando ele jogou um último olhar para a entrada escondida. O buraco dos grievers.

- Sim, ótimo nome, como qualquer outro. Vamos Thomas sentou e ficou olhando, fixamente esperando que Minho para fizesse um movimento. Vários minutos se passaram em silêncio e Thomas percebeu que o seu amigo deveria estar tão fascinado quanto ele.

Finalmente, sem uma palavra, Minho virou-se para sair.

Thomas relutantemente o seguiu e correram para o labirinto cinza escuro

Thomas e Minho e não encontraram nada além de paredes de pedra e

hera.

Thomas fez um corte na hera e tomou todas as notas. Era difícil para ele se dar conta de todas as transformações do dia anterior, mas Minho disse sem pensar onde as paredes tinham se movido. Quando chegaram ao caminho sem saída e era hora de ir para casa, Thomas sentiu um impulso quase incontrolável de colocar tudo em sacolas e passar a noite lá, e ver o que acontecia.

Minho havia notado tocou seu ombro, e disse :- Ainda não amigo.

Ainda não.

E então eles voltaram.

Um clima sombrio repousava sobre a clareira, algo que poderia facilmente passar quando tudo era cinzento. A luz fraca não mudou uma vírgula desde que tinham acordado naquela manhã, e Thomas se perguntou se alguma coisa mudaria com o - pôr do sol - também.

Minho ia diretamente para a sala do mapa em tempo que passaram através da portão oeste Thomas ficou surpreso. Pensava que era a última coisa que fariam.

- Você não está morrendo de vontade de dizer a Newt e Alby sobre buraco dos grievers?

- Ei, nós ainda somos runners Minho disse,- e nós ainda temos um trabalho. - Thomas o seguiu até a porta grande de aço e blocos de concreto e Minho se virou para ele sorrindo. Mas sim, vamos logo para que possamos conversar com eles.

Ali já havia runners que circundavam a habitação, preparando os seus mapas quando eles entraram. Ninguém disse uma palavra, como se todas as especulações sobre o novo céu haviam sido esgotadas. O desespero na habitação fez a Thomas sentir como se estivesse andando através da água barrenta. Ele sabia que também devia estar exausto, mas estava muito animado para sentir isso, não podia esperar para ver as reações de Newt e Alby sobre as notícias do precipício.

Se sentou à mesa e desenhar o mapa do dia, com base em sua memória e as notas, Minho olhando sobre seu ombro o tempo todo, dando as direções. - Eu acho que a passagem estava cortada por aqui, não ali – E

cuidado com as proporções e desenhe mais firme, shuck. - Era chato,

mas útil, e 15 minutos depois de entrar na sala, Thomas examinou seu produto final. Orgulho o ocorreu, ficou tão bom como qualquer outro mapa que tinha visto.

- Nada mal, disse Minho. Para um Greenie (Fedelho).

Minho se levantou e caminhou até o baú da seção 1 e o abriu.

Thomas se ajoelhou na frente dele e pegou o mapa do dia anterior e o manteve lado a lado com o qual ele havia desenhado.

- O que estou procurando? Ele perguntou.

-Padrões. Mas olhando a dois dias não vai lhe dar todas as surpresas.

Realmente há a necessidade de estudar várias semanas, procurando por padrões, qualquer coisa. Eu sei que há algo lá, algo que vai nos ajudar.

Não consigo encontrar ainda. Como eu disse, é uma merda.

Thomas sentiu uma coceira na parte traseira de sua mente, ele a mesma que tinha sentido pela primeira vez nesta habitação. As paredes do labirinto, em movimento.

Padrões. Todas essas linhas retas estão sugerindo uma espécie de mapa completamente diferentes? - Apontando para algo? Ele tinha esse pesado pressentimento de que faltava uma dica ou sugestão óbvia.

Minho deu um tapinha no ombro. - Você sempre pode voltar e deixar a sua bunda estudar depois do jantar, depois de conversar com Newt e Alby. Vamos.

Thomas colocou os papéis na mala e fechou-a, odiando as preocupações sentidas. Era como um abismo do seu lado. Paredes móveis,linhas retas, os padrões...

Tinha de haver uma resposta.

- Ok, vamos.

Eles deixaram a habitação do mapa, fechando a porta pesada com um estrondo atrás deles, quando Newt e Alby apareceram, e nenhum deles parecia feliz. O entusiasmo de Thomas tornou-se imediatamente em preocupação.

- Hey, disse Minho. Nós acabamos de...

-Vá direto ao ponto, interrompeu Alby. Eu não tenho tempo a perder.

Você já encontrou alguma coisa? Qualquer coisa? Minho retrocedeu com a advertência, mas seu rosto parecia confuso para Thomas do que mágoa ou raiva.

- Fico feliz em ver você, também. Sim, nós temos encontrado algo, na verdade.

Curiosamente, Alby quase parecia desapontado. - Porque este lugar é uma merda caindo aos pedaços. - Jogou um olhar desagradável para Thomas, como se tudo fosse culpa dele.

- O que estava errado? Thomas pensou, sentiu sua raiva crescer.

Havia estado trabalhando o dia todo e assim que o agradeciam?

- O que você quer dizer? Minho perguntou. O que mais aconteceu?

Newt disse, balançando a cabeça como fez com a caixa. Os malditos suplementos não chegaram hoje. Vem todas as semanas há dois anos,na mesma hora, no mesmo dia. Mas não hoje.

Os quatro olharam para a porta de aço presa ao chão. Para Thomas, que parecia ser uma sombra pairando sobre ela mais escura do que o ar cinzento envolvendo-os.

- Ah, agora estamos na merda, sussurrou Minho, sua reação de alerta Thomas sobre quão ruim a situação realmente era.

- Nenhum sol para as plantas, disse Newt, os suplementos não estão na maldita caixa, sim, eu digo que estamos ferrados, realmente.

Alby cruzou os braços, ainda olhando para o caixa como se trata-se de abrir as portas com sua mente. Thomas esperava que seu líder não tinha divulgado o que tinha visto na transformação ou qualquer coisa relacionada a Thomas, por caso. Especialmente agora.

- Sim, de qualquer maneira, continuou Minho. Encontramos algo estranho.

Thomas esperava, desejando que Newt ou Alby tivesse uma reação positiva para notícia, poderiam ter mais informações para esclarecer o mistério.

Newt ergueu as sobrancelhas. - O quê?

Minho teve um total de três minutos para explicar, começando com o griever (verdugo) que haviam seguido e terminando com os resultados de

seu experimento atirando pedras.

- É preciso levar até onde... já sabem ... onde vivem os grievers disse quando terminou.

- O buraco dos grievers, acrescentou Thomas. Os três olharam para ele, irritados, como se não tivesse o direito de falar. Mas dessa vez, ser tratado como um Greenie (Fedelho) não o chateava tanto.

- Eu tenho que ver essa maldita coisa com os meus olhos, disse Newt. Então ele murmurou.

Difícil de acreditar. -Thomas não poderia estar mais de acordo.

- Eu não tenho ideia do que podemos fazer, disse Minho. Talvez nós possamos construir algo para bloquear a passagem.

- De jeito nenhum, disse Newt. Essas coisas Shunk podem subir pelas malditas paredes, lembra? Nada possamos construir vai as manter fora.

Mas um tumulto fora da Homestead deslocou a sua atenção da conversa.

Um grupo de habitantes, da clareira, ficou do lado de fora da casa gritando para ser ouvidos um por cima do outro.

Chuck estava no grupo, e quando ele viu Thomas e os outros correram em direção a eles, um olhar de emoção cruzar seu rosto.

Thomas só podia imaginar que loucura poderia ter acontecido agora.

- O que está acontecendo? Perguntou Newt.

- Esta acordada! Chuck gritou. A menina está acordada!

As entranhas Thomas se retorceram, se encostou na parede de pedra da Sala do mapa. A garota. A menina que falava em sua cabeça.

Queria correr antes que acontecesse de novo, antes que ela lhe falasse em sua mente.

Mas era tarde demais.

Tom, não conheço nenhuma desses habitantes. Vem me pegar!

Tudo está tão confuso...

Eu estou esquecendo tudo sobre você ...! Tenho coisas para contar!

Mas tudo isso está desaparecendo...

Não conseguia entender como o fazia, como ela estava dentro de sua cabeça.

Teresa fez uma pausa, em seguida, então disse algo que não fazia sentido.

O labirinto é um código, Tom. O labirinto é um código.

36

Thomas não queria ver. Não queria ver ninguém.

Logo Newt era falar com a menina, Thomas discretamente começou a sair, esperando que ninguém iria notar toda a emoção.

Com a atenção de todos a estranha acordando tudo era muito fácil.

Contornou a clareira, então, começou a correr, voltando para seu lugar de detenção depois da Floresta Deadhead.

Agachou-se num canto, encostou numa hera, e se cobriu com uma manta da cabeça aos pés. De alguma forma, parecia uma maneira de tirar Teresa de sua mente.

Depois de alguns minutos, seu coração começou a bater devagar e silenciosamente.

- Esquecer você, era a pior parte.

Na primeira, Thomas pensou que era outra mensagem em sua cabeça pressionou as mãos contra as orelhas. Mas não era diferente. A ouviu com os dois ouvidos. A voz de uma menina. Ficou com calafrios subindo sua coluna, sob o cobertor.

Teresa estava à sua direita, encostado na parede de pedra. Parecia tão diferente, acordada e alerta, estava de pé. Usando uma camiseta branca, calça jeans e sapatos marrons, se via, embora parece-se impossível, mesmo o mais surpreendente, como quando a viu em coma.

Com seus cabelos negros emoldurando a pele e os olhos azuis como a chama pura.

- Tom, você realmente não lembra de mim? - Sua voz era suave, em contraste com as duras e a voz de louco que ouviu quando ela chegou, quando entregou a mensagem que tudo iria mudar.

- Você quer dizer... que você faria se você lembra-se de mim? Eu perguntou, envergonhado do chiado que soltou quando ela disse a última palavra.

- Sim. Não. Talvez. - Ela jogou as mãos para cima de desgosto. Eu não posso explicar.

Thomas abriu a boca, mas depois fechou-a sem dizer uma palavra.

- Lembro-me haver recordado-murmurou, sentando-se com um profundo suspiro; levantou as pernas e abraçou seus joelhos. Sentimentos.

Emoções. É como se tivesse todas essas caixas na minha cabeça, equipadas com memórias e rostos, mas estão vazias. Como se tudo isso antes estivesse atrás de uma cortina branca.

Incluindo você.

- Mas como me conhece? Disse sentindo como se em torno das paredes para dessem voltas ao redor.

Teresa se virou para encará-lo. Eu não sei. Algo sobre antes de chegar no labirinto. Algo sobre nós. Mas está basicamente vazio, como disse.

- Você sabe sobre o labirinto? Quem te disse? Mas você acabou de acordar.

- Eu... tudo é tão confuso agora. - Ela estendeu a mão. Mas eu sei que você é meu amigo.

Quase atordoado, Thomas tirou completamente o cobertor e pegou a mão dela.

- Eu gosto quando me chama de Tom. - Tão logo ele disse, não tinha certeza de ser capaz de dizer algo ainda mais estúpido.

Teresa virou os olhos. - Esse é o seu nome, não é?

- Sim, mas a maioria das habitantes me chamam: Thomas. Bem, exceto por Newt, ele me chama de Tommy. Tom me faz sentir em casa...

ou algo assim.

Apesar de não saber o que é estar em casa. - Deixei escapar um riso amargo. Será que estamos errados ou o quê?

Ela sorriu pela primeira vez, e ele quase teve que virar para o outro lado, como se algo assim tão lindo , não pertencia um lugar tão sombrio e cinza como este, como se não tivesse o direito a ver sua expressão.

- Sim, nós estamos errados, disse ele.

E tenho medo.

- Eu também, acredite. - Enquanto este era definitivamente um

eufemismo.

Passou um momento, ambos olhando para o chão.

- Que...? Ele começou, sem saber como perguntar. Como... como você fala minha cabeça?

Teresa negou com a cabeça. Eu não tenho ideia, só o digo em sua cabeça.

Em seguida, falando em voz alta novamente. - É como se você tentasse andar de bicicleta aqui, sem ter uma. Eu aposto que você poderia fazê-lo sem pensar. Mas você se lembra como aprendeu?

-Não. Quer dizer, eu lembro de montar na bicicleta, mas não como aprendi.

- Eu tomo uma ruptura sentindo uma onda de tristeza. Ou quem me ensinou.

- Bem, disse, piscando, como se estivesse envergonhada da repentina tristeza que causou. Enfim, é algo assim.

- Isso realmente esclarece as coisas.

Teresa deu de ombros. - Você não contou a ninguém, certo?

Pensaram que estivéssemos loucos.

- Bem, quando passou pela primeira vez, sim. Mas eu acho que Newt estava estressado ou algo assim. Thomas se sentiu nervoso, como se ele não estivesse a ponto de enlouquecer. Levantou-se, começando a se mover contra ela. Temos que averiguar certas coisas. Essa nota que você trouxe, que disse que foram os últimos que vieram pra cá, seu coma, ou o fato de que eu possa falar telepaticamente. - Alguma ideia?

Teresa o seguiu com os olhos enquanto ia de lá para cá. -Guarde o seu tempo e deixe de perguntar. Tudo que eu tenho são fracas impressões que você e eu éramos importantes que de alguma forma, fomos usados.

Porque somos inteligentes.

Nós estamos aqui por um motivo. Eu sei que Você desencadeia o fim, seja lá o que isso signifique. - Ela gemia, com o rosto corado. Minhas lembranças são tão inúteis como as suas.

Thomas se ajoelhou na frente dela.

- Não, eles não são. Quer dizer, o fato de que sabia que tinha perdido sua memória sem me perguntar, e tudo mais. Você está muito mais avançada que eu e todos.

Seus olhos se encontraram por um longo tempo, parecia que sua cabeça estava girando como se tentasse entender tudo.

Só não sei, disse ele.

- Lá vai você de novo, Thomas disse em voz alta, mas muito grato não tenho mais medo. Como você faz?

- Apenas faço, e tenho certeza que você também pode fazer, disse ela.

- Bem, eu não posso dizer que estou ansioso para experimentar. -

Ele sentou-se e abraçou os joelhos, como ela havia feito. Você tinha me dito alguma coisa na minha mente, pouco antes de ser encontrada.

Você disse: - O labirinto é um código.- O que você queria dizer?

Ela negou com a cabeça ligeiramente.

- Quando acordei, pela primeira vez, era como ter despertado em um asilo de loucos, todos esses estranhos sobre minha cama, o mundo girando ao meu redor, transformando memórias na minha mente.

Tentei descobrir todas elas mas entendi alguma, e que essa era uma delas. Não me lembro porquê,disse.

- Houve mais alguma coisa?

- Na verdade, sim. - Ela levantou a manga do braço esquerdo, deixando descobriu o seu bíceps. letras pequenas escritas.

- O que é isso? Perguntou,falou aproximando-se para ver melhor.

- Leia-o Você mesmo.

As letras foram mexidas, mas poderia compreender melhor se chegasse mais próximo.

O malvado é bom. o coração de Thomas se acelerou. - Eu já vi essa palavra antes, malvado.

Buscando-em sua mente para tentar decifrar o significado da frase.

Uma das pequenas criaturas que vivem aqui, os escaravelhos robôs.

- Que são eles? - Ela perguntou.

- São pequenas máquinas inventadas pelos criadores,para espionar os habitantes que eles enviaram pra cá.

Teresa pensou por um momento, olhando para o espaço. Em seguida, se concentrou em seu braço. Eu não me lembro porque eu escrevi isso, disse ele enquanto molhava os dedos das mãos e removia a tinta. Não se deixe esquecer, ele tem que significar algo.

As três palavras ecoavam na cabeça de Thomas uma vez e de novo.

- Quando é que você escreveu?

- Quando eu acordei. Eles tinham uma caneta e um cão ao lado de minha cama.

Entre toda a comoção eu escrevi.

Thomas estava desconcertado pela menina, sentiu pela primeira vez a ligação que sentia com ela desde o início, então, como a telepatia, e agora isto. - Tudo sobre você é exótico. Você sabia?

- A julgar pelo seu esconderijo, eu diria que você também não está normal. - Você gosta de viver na floresta, hein?

Thomas tentou franzir a testa,logo sorriu. Era patético, e estava envergonhado em se esconder. - Bem, você me parece familiar e você diz que somos amigos. Eu acho que vou confiar em você.

Ele estendeu a mão para pegar a mão dela, e ela a pegou, segurando-a por um longo tempo. Um arrepio percorreu o corpo de Thomas, e era surpreendentemente complacente.

- Tudo que eu quero é ir para casa, ela disse, finalmente,soltando a sua mão. Como o resto de vocês.

Thomas sentiu seu coração afundar quando eles voltam para a realidade e lembrou-se que incidente que se tornou o mundo. - Sim, o mundo é uma merda agora. O sol desapareceu e o céu ficou cinza, não nos são enviados suprimentos da semana aparentemente, tudo terminaria de uma forma ou de outra.

Mas antes que Tereza pudesse responder , Newt estava correndo na direção deles. - Como um dia... - disse ele enquanto aparecia diante deles.

Alby e outros quantos estavam atrás dele. Newt olhou para Teresa. Como você chegou até aqui? Med-jack disse estava aqui e depois de um

segundo você havia desaparecido.

Teresa parou, surpreendendo a Thomas em toda a sua confiança. -

Parece que esqueci de te dizer quando eu chutei sua virilha e saí para fora da janela.

Thomas quase riu quando Newt se virou para ver um garoto maior que estava por perto,cujo rosto estava vermelho.

- Parabéns, Jeff, disse Newt.

Oficialmente, você é o primeiro homem aqui que uma menina vai chutar o traseiro.

Teresa não parou. - Continue falando assim e vai ser o próximo.

Newt se virou para encará-la, revelando menos medo. Estava aí em silêncio, apenas observando. Thomas também observando-o, perguntando-e o que se passava em sua cabeça.

Alby estava diante deles. - Estou farto disto! Apontou para o peito de Thomas, quase batendo nele. Eu quero saber quem você é, quem diabos é essa garota, e como se conhecem.

-Alby, juro que...

- Ela veio direto até você, depois de acordar, shuck-face (Cara de mértila)!

A fúria chegou até Thomas e o medo que Alby fosse igual ao Ben.

- Então o quê? Eu a conheço, ela e eu, ou pelo menos nos conhecíamos. Isso não quer dizer nada! Eu não lembro de nada. E ela também não.

Alby olhou para Teresa. - O que você fez?

Thomas, confuso com a pergunta, eu olhou para Teresa. Mas ela não respondeu.

- O que Você fez! Alby gritou.

Primeiro o céu e agora isso.

Provoquei algo, disse com a voz calma. Não era de propósito, eu juro.

- O final Eu não sei o que isso significa.

- Newt, o que está acontecendo aqui?

Perguntou Thomas, não querendo falar com Alby diretamente. O

que acontece?

Mas Alby o agarrou pela camisa. - O que aconteceu? Vou lhe contar o que aconteceu, shuck-face (Cara de mértila).

Você estava tão ocupado com sua garota que você não percebeu o que estava acontecendo ao seu redor? Tão ocupado para saber que horas eram!

Thomas olhou para o relógio, percebendo com horror do que se havia perdido, e sabia o que Alby ia dizer antes de dizê-lo.

-As paredes, idiota. As portas. Não fecharam esta noite.

37

Thomas não falava. Tudo seria diferente agora. Sem o sol, sem provisões, sem a proteção dos grievers. Teresa tinha tido razão desde o início, todas as coisas haviam mudado. Thomas sentiu como se sua respiração estivesse solidificada, e ficara presa em sua garganta.

Alby disse a menina. - Eu a quero trancada. Agora. Bil y! Jackson!

- Coloque-a no o Slammer (Amansador), e ignorem todas as palavras que saírem da sua boca estúpida.

Teresa não reagiu, mas Thomas fez os dois. - O que você está falando?

Alby você não pode... - Ele parou quando os olhos inflamados de Alby jogaram um olhar com tanta raiva que ela sentiu seu coração gaguejar.

- Mas ... como você pode culpá-la porque as paredes não se fecham?

Newt se adiantou um pouco, ele colocou uma mão no peito de Alby e o empurrou para trás. - Como podermos não o fazer Tommy? Era ela mesma sanguinariamente que admitiu.

Thomas mudou o seu olhar para Teresa, empalidecendo ante a tristeza em seus olhos azuis.

Era como se alguma coisa tinha se espalhado pelo peito e apertava-lhe o coração.

- Eu me sinto feliz que você não vai pra lá com ela, Thomas -disse Alby, ele deu uma última olhada em ambos antes de sair. Thomas nunca antes queria bater em alguém tanto quanto agora.

Bil y e Jackson e vieram para a frente e agarrou Teresa em ambos os braços, e começaram a guiá-la para longe dali.

Antes que pudessem entrar nas árvores, no entanto, Newt os deteve. - Fique com ela. Eu não me importo o que acontece, ninguém vai tocar nessa menina.

Jurem por suas vidas.

Os dois encarregados juraram, depois se afastaram. Levando Teresa com eles. Thomas até iria junto, ainda mais feliz por ir com ela. E não poderia acreditar o quão triste ele estava, ele queria continuar falando com

ela.

Mas acabamos de nos conhecer, pensou. Nem sequer a conheço.

Mas mesmo assim sabia que não era verdade. Ele já sentia uma proximidade que só poderia vir de ter a conhecido antes de ele ter a memória apagada pela existência da clareira.

- Venha me ver, disse ela em sua mente.

Ele não sabia como fazer, como falar com ela dessa forma. Mas ele tentou de qualquer maneira.

- Eu vou. Pelo menos você estará segura aí.

Ela não respondeu.

- Teresa?

Nada.

Os próximos 30 minutos foram uma explosão em massa de confusão.

Embora tenha havido nenhuma transformação perceptível na luz, como o sol e céu azul não tinha aparecido naquela manhã, ele ainda sentia uma espécie de escuridão se estendendo sobre a clareira. Enquanto Newt e Alby e reuniam a todos os encarregados e os encarregava de tarefas diferentes e envio de seus grupos no interior da Homestead durante a hora, Thomas se sentia nada mais que um espectador, Sem estar seguro de como poderia ajudar.

Os construtores-sem seu líder, Gally, que ainda estava perdido, recebeu a ordem de instalar barricadas em cada porta aberta eles obedeceram, apesar que Thomas sabia que ele não teve tempo suficiente e materiais para o fazer bem feito. Pra ele quase parecia como se os encarregados quisessem manter os habitantes ocupados, tentando adiar o inevitável ataque de pânico. Thomas ajudou enquanto os construtores agruparam cada objeto perdido que puderam encontrar e empilharam nos buracos, pregando as coisas da melhor maneira possível. Era feio e patético e a morte assustava, não havia maneira de manter os grievers (verdugos) fora.

Enquanto Thomas estava trabalhando, ele vislumbrava um raio de outros trabalhos feitos por meio da clareira.

Cada lanterna no complexo foram coletadas e distribuídas para tantos

habitantes quanto fosse possível: Newt disse que planejava que todos dormissem toda aquela noite, em Homestead,e que iria apagar todas as luzes, exceto em emergências. A tarefa de Frypan era retirar todos os alimentos perecíveis da cozinha e armazenar em Homestead, se eles fossem presos ali, Thomas só podia imaginar o quão horrível isso seria. Outros estavam reunindo suprimentos e ferramentas; Thomas viu Minho carregando armas desde o sótão para o edifício principal. Alby havia deixado claro que eles não poderiam se arriscar: eles tinham feito de Homestead a sua fortaleza, e deveriam fazer qualquer coisa para defendê-la.

Thomas finalmente saiu furtivamente dos construtores e ajudou Minho, carregando caixas com facas e paus envoltos em arame farpado.

Então Minho disse que teve uma dotação especial de Newt, e que Thomas mais ou menos se perdera,e se recusava a responder todas as suas dúvidas.

Isso feriu os sentimentos de Thomas, mas ele era assim mesmo, realmente queria falar com Newt sobre outra coisa. Finalmente o encontrou cruzando a clareira no caminho para a casa de sangue. - Newt! Chamou ele, correndo para o alcançar. Você tem que me ouvir.

Newt parou tão de repente que Thomas estava prestes a esbarrar nele. O garoto mais velho se virou para dar a Thomas um olhar tão triste que ele pensou duas vezes antes de dizer qualquer coisa.

- Que seja rápido, disse Newt. Thomas quase retrocedeu, sem estar certo de como dizer o que ele estava pensando. - Você tem que deixar ir a menina.

Teresa. - Ele sabia que ela só poderia ajudar a talvez ela ainda se lembrasse de algo valioso.

- Oh, eu estou feliz em saber que vocês são amigos agora. - Newt começou a tomar distância. Não desperdice o meu tempo, Tommy.

Thomas agarrou seu braço. - Ouça! Há algo sobre ela,penso que ela e eu nos fomos mandados aqui para ajudar a acabar com isso tudo.

- Sim-terminar deixando que os sangrentos grievers (verdugos) dancem a valsa aqui e nós matem? Eu ouvia alguns planos idiotas nos meus dias, Greenie (Fedelho), mas este bateu em todos.

Thomas gemeu, querendo que Newt soubesse como ele se sentia frustrado.

- Não, não acho que seja isso o que significa que as paredes não se fechem.

Newt cruzou os braços, olhou exasperado. - Greenie (Fedelho), o que você está falando?

Desde que Thomas tinha visto as palavras na parede no muro do labirinto - O MUNDO EM CATÁSTROFE-DEPARTAMENTO DE

ESPERIÊNCIA, estava pensando sobre elas. Ele sabia que se alguém iria acreditar nele, esse seria Newt. - Eu acho... acho que estamos fazendo parte de uma estranha experiência ou teste, ou algo parecido. Mas se supõe que de alguma forma tem que acabar. Nós não podemos viver aqui para sempre, quem quer que seja que nos enviou para cá quer que seja concluído. De uma forma ou de outra. Thomas se sentia aliviado por tirá-lo do seu peito.

Newt revirou os olhos. - E se supõe que isso tem que me convencer de que tudo está ótimo Que deveria de deixar ir a menina?

Porque ela chega aqui e tudo que faz é de repente - Fazer ou morrer?

- Não, você não está vendo o ponto. Eu não acho que ela tem algo a ver com nós estarmos aqui. Ela é apenas um peão eles a mandaram aqui como nossa última ferramenta ou pista ou o que seja para sair. - Respirou Thomas profundamente, acho que me enviaram, também, só porque ela era o gatilho para o final não significa que ela seja ruim.

Newt olhou para o Slammer (Amansador).

- Você sabe, eu não me preocupo neste momento.

Ela pode manipular uma noite aí dentro, afinal, estará mais segura que nós.

Thomas assentiu, sentindo um compromisso. - Ok, vamos passar por isso hoje à noite, de algum modo. Amanhã, quando termos um dia cheio de segurança,poderemos decidir o que fazer com ela.

Decidiremos o que se supõe que teremos de fazer.

Newt bufou. - Tommy, o que você vai fazer para que amanhã seja diferente?

Foram dois sangrentos anos, você sabe. Thomas tinha um sentimento aterrador de que todas essas transformações eram um estímulo, um catalisador para o jogo final. - Porque agora nós temos a solução.

Seremos forçados a fazê-lo.

Nós não podemos viver desta forma, dia a dia, pensando que o que mais importa é voltar para a clareira antes que a porta se feche,e ficando confortáveis e seguros.

Newt pensou por um minuto que ele estava ali, a agitação dos movimentos dos habitantes da clareira os rodeava a ambos.

-Investigue mais a fundo. E fique fora de lá, enquanto as paredes estiverem se movendo.

- Exatamente,- disse Thomas. Isso é exatamente o que eu estou falando. E talvez podemos bloquear ou destruir a entrada para o buraco dos grievers (verdugos).E Ganhar algum tempo para analisar o labirinto.

- Alby não vai permitir liberar a menina, disse Newt andando para Homestead. O tipo tem uma opinião muito elevada de vocês duas patas.

Mas agora só temos de ser ágeis e de despertar.

Thomas assentiu. - Nós podemos vencê-los.

- Eu fiz antes, não é Hércules? - Sem nem mesmo esperar para rir ou mesmo ter uma resposta, Newt saiu, gritando com os habitantes que terminaram e entraram em Homestead.

Thomas estava feliz com a conversa tinha ido tão bem como ele poderia ter esperado. Decidido a sair correndo e falar com Teresa antes que fosse tarde demais. Embora correndo a toda velocidade pelo Slammer (Amansador) na traseira de Homestead, ele viu o povo da clareira que começam a se mover no interior, a maioria deles com os braços totalmente carregados com uma coisa e outra.

Thomas puxou o celular pequeno e manteve a sua respiração.

- Teresa? Perguntou finalmente através da janela gradeada no escuro .

Seu rosto se levantou a partir do outro lado, observando-o.

Ela soltou um grito antes que ele pudesse detê-la, ela tomou um segundo para restaurar a calma. - Você pode ser extremamente assustadora, sabe?

- Isso é muito doce, disse ela.

- Obrigada. No escuro seus olhos azuis pareciam brilhar como um gato.

- De Nada, disse ele, ignorando o seu sarcasmo. Escute, eu tenho pensado.

- Ele fez uma pausa para ordenar os seus pensamentos.

- Isso é mais do que eu posso dizer, desse idiota do Alby, murmurou ela.

Thomas assentiu, mas estava ansioso para dizer o que havia chegado pra dizer. - Deve haver uma maneira de sair deste lugar, só devemos encontrá-la, permanecer no labirinto mais tempo. E o que você escreveu em seu braço, e aquilo que disse sobre um código, tudo isso tem que significar algo, não é? - Tem que fazer, ele pensou ele. Eu não podia deixar de sentir alguma esperança.

- Sim, eu estive pensando a mesma coisa. Mas, primeiro, você não pode me tirar daqui? - Suas mãos apareceram, segurando as grades da janela.

Thomas sentiu uma vontade ridícula de estender a mão e tocá-las.

- Bem, disse Newt talvez amanhã. Thomas estava feliz por ter conseguido esta concessão. Tem que passar a noite aqui. Pode realmente ser o lugar mais seguro em toda a clareira.

- Obrigado por perguntar. Deve ser divertido para dormir neste chão frio.

Ela apontou para trás com o seu polegar. - Embora eu suponha que um griever (verdugo) não possa deslizar através desta janela, então eu vou ser feliz, não é?

A menção dos grievers (verdugos) o surpreendeu, ele não se lembrava de ter lhe falado sobre eles ainda. - Teresa você tem certeza que se esqueceu de tudo?

Ela pensou por um segundo. - É estranho, eu acho que eu lembro de algumas coisas.

A menos que você já ouviu habitantes falarem ao mesmo tempo enquanto estava no coma.

- Eu acho que isso não importa neste momento. Só queria te ver antes que vá para noite adentro. - Mas ele não queria sair, e quase desejava que ele pudesse ficar no Slammer (Amansador) com ela. Ele sorriu por dentro,

podia imaginar a resposta de Newt ante essa solicitação.

- Tom? - Disse Teresa.

Thomas percebeu que ele estava lá olhando espantado. - Oh, desculpe. Sim?

Suas mãos deslizaram para dentro, desaparecendo. Tudo o que podia ver eram seus olhos, o brilho pálido de sua pele branca. Eu não sei se eu posso fazer isso, e permanecer nessa prisão a noite toda.

Thomas sentiu uma tristeza incrível.

Queria roubar as chaves de Newt e a ajudar a escapar. Mas sabia que era uma ideia ridícula. Ela só teve de sofrer e passar por isso. Ele olhou para aqueles olhos brilhantes. - Pelo menos você não está totalmente escurecida, parece que estamos presos neste crepúsculo 24 horas por dia, agora.

- Sim...- Ela olhou para trás para a Homestead, e então concentrou-se sobre ele novamente.

Eu sou uma garota forte, eu estarei bem.

Thomas se sentia horrível por deixá-la lá, mas sabia que não tinha outra escolha. - Eu vou assegurar que eles te deixem sair amanhã, a 1 hora da manhã, ok?

Ela sorriu, o fazendo se sentir melhor. - Essa é uma promessa, certo?

- É uma promessa. Thomas bateu a têmpora direita. E se você se sentir sozinha, você pode falar comigo com o seu truque... tudo o que quiser. Tente responder durante o êxtase.

- Ele o aceitou e agora, quase o querendo. Apenas esperando para poder descobrir como lhe responder, para que eles tenham uma conversa.

Vai fazê-lo em breve, disse Teresa em sua mente.

- Eu espero que sim. - Ele ficava parado ali, realmente não querendo ir. Para nada.

- É melhor você ir, disse ela. Não quero o seu brutal assassinato na minha consciência.

Thomas conseguiu dar um sorriso para isso. - Tudo bem. Até amanhã.

E antes que ele pudesse mudar sua mente, ele escapuliu, movendo-e

canto para ir para a porta da frente de Homestead, assim como o último par de habitantes entraram na clareira com Newt empurrando eles como um par de galinhas errantes. Thomas avançou para o interior, seguido por Newt, que fechou a porta atrás dele.

Pouco antes de se fechar completamente, Thomas pensou haver ouvido o primeiro rugido dos grievers (verdugos) que era de gelar a espinha,vindo de algum lugar,de dentro das profundezas do labirinto.

A noite havia começado.

38

A maioria deles dormiam fora, em tempos normais, de modo que colocar todos os estes corpos em Homestead nos fez ficar um pouco apertados. Os encarregados haviam organizado e distribuído para os habitantes da clareira ao longo das habitações, juntamente com cobertores e travesseiros. Apesar do número de habitantes e um caos da transformação, um silêncio inquietante pairou sobre as atividades, como se ninguém quisesse chamar a atenção sobre si mesmo.

Quando todo mundo estavam estabelecidos, Thomas se encontrou com Newt,Alby e Minho, e, finalmente, conseguiu terminar a discussão anterior no pátio. Alby e Newt se sentaram na única cama enquanto Thomas e Minho sentados em cadeiras ao lado deles. A única mobília era uma outra cômoda torcida de madeira e uma pequena mesa sobre a qual repousava uma lâmpada para o fornecimento de luz a única luz que tinham.

A escuridão cinzenta parecia pressionar a janela do lado de fora, com a promessa de que algo ruim ia suceder.

- É o mais próximo que eu havia estado Newt estava dizendo,- de que tudo se destruía. Trolhas em todos os lugares e beijos de boa noite dos grievers (verdugos).

Suprimentos cortados, um maldito céu cinzento, as portas que não se fechavam. Mas nós podemos desistir, e todos nós sabemos. Os criadores que nos enviaram aqui tão pouco nos querem mortos e já nos incentivaram a isso. Neste ou naquele outro, temos que deixar o rabo até que estejamos mortos ou não.

Thomas confirmou, mas não disse nada.

Ele concordou completamente, mas não tinha ideias concretas sobre o que fazer. Se pudesse chegar amanhã, talvez ele e Teresa seria algo poderiam ajudar.

Thomas olhou para Alby, que estava olhando para baixo, aparentemente perdido em seus próprios pensamentos sombrios. Seu rosto ainda levava o olhar cansado da depressão, com olhos fundos e vazios.

A transformação havia sido bem famosa, considerando que ela tinha

feito com ele.

- Alby perguntou Newt. você pode ajudar?

Alby olhou, a surpresa cruzou seu rosto como se ele não soubesse que havia mais alguém na habitação.

- Hã? Oh. Sim, bem isso. Você viu o que acontece à noite. O fato de que Greenie (Fedelho) o supercara tenha feito não significa que o resto de nós pode.

Thomas revirou os olhos ligeiramente para Minho... muito cansado da atitude do Alby.

Sim, Minho sentia o mesmo, fez um bom trabalho de esconder isso. - Eu estou com Thomas e Newt. Precisamos parar de choramingar e sentir pena de nós mesmos: - Ele esfregou as mãos e se sentou em sua cadeira. Manhã após manhã, em primeiro lugar, vocês crianças podem designar equipes para estudar os mapas em tempo integral, enquanto os runners saem. Vamos pegar nossas coisas e ficar ali uns dias.

- O quê? Alby perguntou, sua voz, finalmente, mostrou alguma emoção. O que você quer dizer uns dias?

- Quero dizer, alguns dias. Com as portas abertas e sem o pôr do sol não, há razão para voltar aqui de qualquer maneira. É hora de ficar lá e ver se alguma coisa se abre,quando se movem as paredes. Se ainda estiverem se movendo.

- De jeito nenhum, disse Alby. Nós temos a Homestead para nos esconder ou se não, trabalharemos com a habitação de mapas e o Slammer (Amansador). Não podemos pedir de repente aos habitantes que saim e morram, Minho!

- Quem ia se oferecer como voluntário para isso?

- Eu-e disse Minho Thomas.

Todos olharam para Thomas, que apenas balançou a cabeça.

Embora a morte lhe desse medo, explorar o labirinto (uma verdadeira exploração) era algo que queria fazer desde a primeira vez que tinha ouvido falar sobre dele.

- Se eu tiver de fazer, farei, disse Newt, surpreendendo a Thomas, embora ele nunca conversa-se sobre isso, o garoto coxo era um lembrete

constante de que algo horrível havia acontecido no labirinto. E eu tenho certeza que todos os Corretores o farão.

- Com a sua perna coxa? Perguntou Alby, um riso áspero escapou de seus lábios.

Newt franziu a testa, olhando para o chão.

- Bem, não me sinto bem pedindo para o povo da que clareira façam alguma coisa, se eu não estiver disposto a fazer também.

Alby caiu de volta na cama e colocou os pés para cima. - Que seja.

Faça o que quiser.

- Quer que eu faça o que eu quiser?

Newt perguntou, levantando-se. Qual é o problema,homem? Você está me dizendo que tenho uma escolha? Se só deveríamos nos sentar e esperar para ser atingidos pelos grievers (verdugos) !

Thomas queria se levantar e aplaudir, confiante de que, eventualmente, Alby saísse de sua crise. Em seu líder não se via nem o mais mínimo prejudicado, nem remorso. - Bem, isso soa melhor do que correr na direção deles.

Newt sentou-se novamente. -Alby. Você tem que começar a falar razoavelmente.

Por mais que eu odiasse admitir, Thomas sabia que eles precisavam de Alby se quisessem realizar alguma coisa. Os habitantes da clareira o seguiam.

Alby finalmente respirou fundo e depois olhou para cada um deles.

- Eles sabem que eu estou ferrado. Sério, eu estou... Sinto muito.

Eu não deveria ser o líder mais estúpido.

Thomas prendeu a respiração. não podia acreditar no que Alby acabou de dizer.

- Oh, droga...- ele começou Newt.

- Não! gritou Alby, seu rosto, mostrando humildade, a redenção. -

Não é isso que eu quis dizer. Ouça. Não estou dizendo que você deve mudar ou alguma merda assim. Só estou dizendo... Eu acho é que seriam

vocês que deveriam tomar as decisões. Eu não confio em mim mesmo. -

Então... Sim, eu vou fazer qualquer coisa.

Thomas podia ver que os dois Newt e Minho foram tão surpreso quanto ele.

- Uh... bom, disse Newt lentamente.

Como se não estivesse seguro. Vamos fazê-lo funcionar, eu prometo. Você vai ver.

- Sim, disse Alby. Após uma longa pausa, tomou a palavra, um toque de emoção em sua voz estranha. Ei, o que você disse. Coloque-o como encarregado dos mapas. Vou trabalhar com cada pessoa na clareira para estudar essas coisas.

- Trabalhe para mim, disse Minho.

Thomas queria chegar a um acordo, mas não sabia qual era o seu lugar.

Alby colocou os pés no chão, endireitando-se. - Você sabe, era realmente estúpido que estamos aqui dormindo esta noite.

Devíamos haver estado na habitação dos mapas trabalhando.

Thomas achava que era a coisa mais inteligente que ele ouvira em Alby em muito tempo. Minho encolheu os ombros.

- Provavelmente você está certo.

- Bem... Eu irei, disse Alby com um gesto de confiança. Agora mesmo.

Newt balançou a cabeça. - Esqueça isso, Alby. Você ouviu os lamentos dos malditos grievers (verdugos) por aí.

Vamos esperar até que nós acordemos. Alby se inclinou para frente, com os cotovelos sobre os joelhos. - Ei, você, Shuck, tem me dado todas as palavras de encorajamento. Não comece a se lamentar quando você realmente ouvi-los Sim eu vou fazer isso, eu tenho que fazer, ser o meu velho eu. Eu preciso de algo para me concentrar.

O alívio inundou Thomas. Ele tinha se cansado de toda a briga.

Alby se pós de pé. - Sério, eu preciso. Ele caminhou até a porta da habitação como se realmente tivesse a intenção de sair.

- Você realmente não pode estar falando sério, disse Newt. Você não

pode agora mesmo sair por aí!

- Eu vou, e é isso. -Alby tirou o conjunto de chaves do bolso e sacudiu em tom zombeteiro. Thomas não podia acreditar na valentia súbita que demonstrava.

Nos vemos de manhã Shucks.

E então ele partiu.

Era estranho saber que a noite crescia mais, essa escuridão que engolia o mundo em torno deles, mas só de ver a pálida luz cinza. Fez que Thomas se sentisse desconcentrado, como se necessidade de dormir que crescia de maneira constante com cada minuto que passava fosse de alguma maneira não natural. O tempo se desacelerou para um rastreio agonizante, se sentiu como se o dia seguinte não fosse vir.

Os outros habitantes da clareira se, instalavam voltando com suas travesseiros e cobertores para a tarefa impossível de dormir. Ninguém falou muito, o estado de animo era sombrio e triste. Tudo que eu podia ouvir eram silenciosos arrastamentos de pés e sussurros.

Thomas se esforçou para se forçar a dormir, sabendo que iria fazer o tempo passar mais rápido, mas depois de duas horas não tinha tido sorte.

Deitado no terreno em um dos quartos no andar de cima, por cima de um cobertor grosso, com vários outros habitantes da clareira aglomerados ali com ele, quase corpo a corpo. A cama havia sido deixada para Newt.

Chuck tinha ido para outra habitação, e por algum motivo Thomas se imaginou amontoado em um canto escuro, chorando, segurando seus cobertores no peito, como um ursinho de pelúcia. Ele tentou substituir a imagem tão profundamente entristecido Chuck, mas era em vão.

Quase todas os habitantes tinham uma lanterna ao seu lado em caso de emergência. Por outro lado, Newt ordenou que apagassem todas as luzes que, apesar da pouca luz pálida, mortal de seu novo céu... não faz sentido para atrair alguma atenção do que o necessário.

Qualquer coisa que poderia ter sido feita em tão pouco tempo para se preparar para o ataque dos grievers (verdugos) já tinha sido feita: janelas tapadas, os móveis estavam em frente das portas, entregaram-se facas para se defender ... Mas nada disso fez com que Thomas se sentisse seguro.

A antecipação do que poderia acontecer era esmagadora, um cobertor asfixiante de miséria e o medo começou a tomar vida própria. Ela quase desejava que os malditos viessem e acabassem logo com isso. A espera era insuportável.

Os gritos distantes dos grievers (verdugos) se aproximavam enquanto a noite passava, cada minuto parecia durar mais tempo do que o anterior.

Outra hora se passou. Em seguida, outra. O sono finalmente chegou, mas de forma miserável Thomas achou que fossem duas da manhã, quando ele virou de barriga, pela enésima vez naquela noite.

Ele colocou as mãos sob o queixo e olhou para o pé da cama, que era quase uma sombra na penumbra.

Então, tudo mudou.

Uma onda de equipamentos mecanizados soaram do exterior, seguido pelos familiares cliques dos grievers (verdugos) das engrenagens rolando no chão de pedra, como se alguém tivesse espalhado um punhado de pregos. Thomas levantou-se, igual a maioria dos outros. Mas Newt levantou-se antes de qualquer outro, agitando os braços, e após o silencio da habitação, colocando um dedo sobre os lábios.

Apoiando sua perna ruim, ele estava andando na ponta dos pés para a única janela da habitação, que estava coberta por três tábuas apressadamente pregadas. grandes rachaduras permitiam ter espaço de sobra para olhar para fora.

Cuidadosamente Newt se inclinou para dar uma olhada, e Thomas correu para juntar-se ele. Ele se inclinou debaixo de Newt contra as menores tábuas de madeira, pressionava o olho contra uma fenda... era terrível estar tão perto da parede. Mas tudo o que ele viu era a clareira, ele não tinha espaço suficiente para olhar para cima ou para baixo ou para os lados,e na frente. Após um minuto ou coisa assim, desistiu e sentou-se com as costas contra a parede. Newt veio e recostou-se na cama.

Alguns minutos se passaram, e vários sons dos grievers (verdugos) penetraram as paredes a cada dez ou vinte segundos. O ranger dos pequenos motores seguidos de uma rotação de metal. Um estalo de ferrões contra a pedra dura. Coisas abrindo-se, se rompendo e se montando.

Thomas fez uma careta de medo toda vez que ele ouviu alguma coisa.

Soou como se houvera três ou quatro deles fora. Pelo menos.

Ouviu as retorcidas os animais máquinas que se avizinham, mais perto, esperando nos blocos de pedra abaixo. Todos os zumbidos e ruídos metálicos. A boca de Thomas se secou... os tinha visto cara a cara, lembrei-me muito bem, ele tinha que se lembrar de respirar. Os outros ainda estavam na habitação, ninguém fez qualquer ruído. O medo parecia flutuar no ar como uma tempestade de neve negra.

Um dos grievers (verdugos) parecia que ele estava se movendo em direção à casa. Assim o estalo de seus ferrões contra a pedra de repente tornou-se um som mais profundo e largo. Thomas poderia imaginar tudo: pontas afiadas da criatura cravando-se para os lados de madeira de Homestead, a grande criatura rolou seu corpo subindo para a sua habitação, desafiando a gravidade com sua força.

Thomas escutou os pinos dos grievers triturando o revestimento de madeira em seu caminho, arrancando-o para fora e voltando-se para tomar posse mais uma vez. O prédio inteiro estremeceu.

O rangido, o gemido, e o estalo da madeira se tornou no único som para Thomas no mundo, o deixando - horrorizado. Se fez mais forte, aproximando-se... outros garotos tinham se movido ao redor da habitação e foram colocados o mais longe possível da janela. Thomas acabou fazendo o mesmo, apenas ao lado Newt, todos amontoados no fundo da habitação, olhando de frente a para janela.

Apenas quando se tornou insuportável ... quando Thomas percebeu que o griever (verdugo) estava apenas fora da janela, tudo estava em silêncio. Quase podia ouvir Thomas o bater do próprio coração. As luzes piscaram fora, jogando estranhas vigas através das fendas entre as tábuas.

Então uma sombra delgada fina interrompeu a luz,que se movia indo e vindo.

Thomas sabia que as sondas do griever (verdugo) e armas tinham saído em busca de uma festa. Imaginou os escaravelhos robôs, ajudando as criaturas a encontrar seu caminho. Poucos segundos depois, a sombra se deteve e ficou em um ponto fixo, jogando três planos ainda na luminosidade da habitação.

A tensão no ar era densa, Thomas podia ouvir a respiração de qualquer um.

Pensava que o mesmo deve estar acontecendo em outras habitações da residência. Então ele se lembrou Teresa no Slammer (Amansador).

Não havia nada mais do que desejar que ela lhe dissesse algo quando a porta do corredor se abriu de repente.

Suspiros e gritos irromperam por toda a habitação. Os habitantes da clareira estavam esperando por algo na janela, e não de por trás deles.

Thomas se virou para ver quem tinha aberto a porta, esperando um covarde-Chuck- talvez ou um certo cara chamado Alby. Mas quando viu quem estava ali, sua cabeça parecia se contrair, espremendo seu cérebro, em estado de choque.

Era Gally.

39

Os olhos Gally estavam cheios de loucura, suas roupas estavam destruídas e sujas. Ele caiu de joelhos e ficou ali, seu peito se movendo em respirações pesadas e profundas. Ele olhou ao redor da habitação como um cachorro louco procurando alguém para morder. Ninguém disse uma palavra. Era como se todos acreditava no que Thomas... que Gally era apenas uma invenção da sua imaginação.

- Eles vão matá-lo! - Gally gritou, pulando saliva em todas as direções.

Os grievers matarão a todos... um a cada noite, até que termine!

Thomas olhou, atônito, enquanto Gally se levantava e caminhava para a frente, tirando a perna direita com um coxo grave. Ninguém na habitação se moveu um músculo enquanto eles assistiam, obviamente, muito surpresos para fazer alguma coisa. Mesmo Newt ficou com a boca aberta. Thomas estava mais assustado com o seu visitante surpresa do que com os grievers Lá fora da janela.

Gally ficou parado em pé a poucos metros na frente de Thomas e Newt, apontou para Thomas com um dedo sangrando. - Você - disse que com uma pitada de ironia das hqs tão pronunciada que passou rapidamente para algo perturbador. É tudo culpa sua!

- Sem aviso ele levantou a mão esquerda, segurando-a enquanto se aproximava de Thomas atingiu a sua orelha. Gritando, Thomas caiu no chão, mais tomado pela surpresa do que por dor. Ele se levantou tão rápido quanto tinha caído no chão.

Newt foi finalmente liberto de seu medo e empurrou Gally. Gally cambaleou para trás e bateu em uma mesa perto da janela. A lâmpada caiu para o lado e se partiu em pedaços no chão. Thomas assumiu Gally iria retaliar, mas se levantou, olhando para eles com seus olhos loucos.

- Não pode ser resolvido, disse ele, sua voz já calma e distante, assustadora. O labirinto vai matar todos vocês... os grievers... matarão um por um a noite, até que terminem... eu... é melhor assim... - Seus olhos caíram no chão. Eles vão matar um por noite... suas variáveis estúpidas...

Thomas escutou com medo, tentando suprimir o medo, para que pudesse memorizar tudo o que o cara louco dizia.

Newt deu um passo adiante. - Gally, cala essa maldita boca... há um griever (verdugo) justo atrás dessa janela. Sente a sua bunda aí e fique calmo... talvez ele vá embora. Gally olhou para cima, apertando os olhos. -

Você não entende, Newt. você é burro demais... você sempre era muito estúpido. Nenhuma maneira de sair... não há nenhuma forma de ganhar! -

Eles vão matar vocês... todos!!! Um por um!

Gritando a última palavra, Gally jogou seu corpo para fora da janela e começou quebrando os painéis de madeira como um animal selvagem tentando escapar de uma jaula. Antes de Thomas ou qualquer outra pessoa pudesse reagir, ele havia lançado um painel, e atirou-o ao chão.

- Não! Newt gritou, correndo para a frente. Thomas o seguiu para ajudar totalmente incrédulo do que estava acontecendo.

Gally jogou o segundo painel quando Newt o alcançava. Ele o tirou para trás com as duas mãos e golpeou a cabeça de Newt, jogando-o e o esparramando contra a cama, enquanto pequenos respingos de sangue manchavam as folhas. Thomas se recompôs rapidamente, preparando-se para uma luta.

- Gally! - Thomas gritou. O que você está fazendo!

O rapaz cuspiu no chão, ofegando como um hálito de cão. Cale a boca Thomas.!Cale-se Eu sei quem você é, mas eu não me importo. Eu só posso fazer o certo.

Thomas sentiu como se seus pés fossem enterrados no chão. Ele estava completamente surpreso com o que Gally estava dizendo. Ele viu como o rapaz o chamou e jogou longe o último painel de madeira.

- No minuto em que governou que a lousa bateu no chão da habitação, o vidro da janela explodiu para dentro como um enxame de vespas de cristal.

Thomas cobriu o seu rosto e caiu no chão chutando com as pernas para afastar seu corpo o mais possível.

Quando acertou a cama, se recompôs e olhou para cima, pronto para enfrentar o mundo chegando para o seu fim.

O corpo pulsando e bulboso do griever (verdugo) tinha se retorcido ao meio através da janela destruída, os braços com pinças de metal batendo em todas as direções. Thomas ficou tão aterrorizado, que com dificuldade

registrou que todos na habitação haviam voltado para corredor... todos, exceto Newt, que jazia inconsciente na cama.

Congelado, Thomas parecia com um daqueles longos braços esticados do griever (verdugo) que se estirava do corpo sem vida. Isso era tudo que precisou para tirá-lo do seu terror.

Levantou-se e olhou para o chão em volta a procura de uma arma.

Tudo o que ele viu era eram facas... que não poderia ajudá-lo agora. O

pânico explodiu dentro dele, o consumindo.

Depois Gally estava falando novamente, o griever (verdugo) retirou o braço, como se precisasse da coisa para ver e ouvir. Mas seu corpo continuava se debatendo, tentando entrar.

- Ninguém nunca compreendeu! - O garoto gritou sobre o horrível som da criatura abrindo caminho para a Homestead, quebrando a muralha em pedaços. Ninguém entendeu o que eu vi, o que a transformação me fez!

- Não voltarão ao mundo real, Thomas! Você não quer..... lembre-se!

Gally deu um longo olhar assombrado para Thomas,os olhos estavam cheios de terror, em seguida, virou-se e se afundou no corpo retorcido do griever (verdugo). Thomas gritou enquanto olhava como o braço estendido do monstro imediatamente se retirava e agarrava nos braços e pernas de Gally, fazendo a fuga ou o resgate impossível. O corpo do garoto afundou alguns centímetros na carne macia da criatura, fazendo um desagradável som splash.

Então, com uma velocidade surpreendente, o griever (verdugo) empurrou-se para fora da parte destruída da janela e começou a descer em direção ao chão.

Thomas correu em direção ao destruído buraco aberto, olhou para baixo, apenas a tempo de ver o griever (verdugo) aterrorizar e começar a correr rapidamente através da clareira, o corpo Gally aparecendo e desaparecendo enquanto a criatura estava rodando. A luzes do monstro brilhavam muito, lançando um estranho brilho amarelo através da pedra da aberta porta oeste,de onde o griever (verdugo) saiu para as profundezas do labirinto. Então, segundos depois, muitos outros monstros seguiam de perto o seu parceiro, zumbindo e fazendo clicks como se estivessem comemorando sua vitória.

Thomas estava doente a ponto de vomitar. Começou a se afastar da janela mas alguma coisa lá fora chamou sua atenção. Ele rapidamente se inclinou para fora da janela para ver melhor. Uma figura solitária estava correndo através do pátio da clareira para a saída através da qual Gally havia sido sido levado.

Apesar da pouca luz, Thomas se deu conta imediatamente de quem era. Ele gritou... gritou para ele parar... mas já era tarde demais.

Minho, correndo a toda velocidade, desapareceu dentro do labirinto.

40

As luzes estavam queimando toda a Homestead. As habitantes da clareira corriam,e todos eles falando ao mesmo tempo. Um casal de crianças choravam em um canto. O caos reinava.

Thomas a tudo ignorava.

Ele correu para o corredor e depois saltou as escadas três degraus por vez. Abriu caminho através de uma multidão no saguão fora de Homestead e em direção ao portão Ocidental, correndo muito rápido. Ele parou um pouco abaixo do limiar labirinto, seu instinto o fez pensar duas vezes antes de entrar. Newt chamado por trás, adiar a decisão.

- Minho continua assim! Thomas gritou quando Newt tirou uma pequena toalha pressionada contra a ferida na cabeça. Um ponto irregular e o sangue tinha escoado através do material branco.

- Eu vi, disse Newt, jogando a toalha para olhar, fez uma careta e a colocou de volta. Shuck, isso dói como uma mãe. Minho, finalmente, deve ter fritado os seus últimos neurônios... para não mencionar Gally. Sempre soube que ele estava louco.

Thomas não conseguia parar de se preocupar com Minho. - Eu vou atrás dele.

- Tempo de ser um herói maldito de novo?

Thomas olhou para Newt, ferido pela censura. - Você acha que eu faço coisas para impressionar Shank (trolhas)? Por favor. Tudo o que importa é sair daqui.

- Sim, bem, você é um típico cara durão. Mas agora temos problemas mais graves.

- O quê? Thomas sabia que se quisesse pegar Minho não tinha tempo para isso.

- Alguém...- Newt começou.

- Lá está ele! Thomas gritou. Minho virou uma esquina em frente e estava vindo diretamente na direção deles.

Thomas ficou com as mãos em formato concha. O que estava fazendo, idiota?

Minho esperou para voltar pela porta, depois se inclinou para frente, as mãos sobre os joelhos, e respirou fundo antes de responder.

- Eu só queria... queria... ter certeza.

- Certifique-se de quê? Newt perguntou. Um confronto seria bom se tomado com Gally.

Minho se levantou e colocou as mãos nos quadris, ainda respirando com dificuldade. - Calma, rapazes! Só queria ver se eles foram para o precipício.

Para o buraco dos grievers (verdugos).

- E então?, Disse Thomas.

-Bingo-Minho limpou o suor da testa.

- Eu simplesmente não posso acreditar nisso, disse Newt, quase sussurrando.

- Que noite!

Os pensamentos de Thomas trataram ir para o buraco e que isso significava tudo aquilo, mas não conseguia afastar o pensamento de que Newt tinha estado prestes a dizer antes de ver o retorno do Minho. - O que você estava prestes a me dizer? Ele perguntou. Você disse que tinha algo pior...

- Sim, disse Newt seu polegar sobre seu ombro. Você ainda pode ver a fumaça irritante.

Thomas olhou naquela direção. A pesada porta de metal da habitação dos mapas estava entreaberta, uma tinha trilha leve de fumaça negra se afastou e para o céu cinzento.

- Alguém queimou os troncos dos mapas, disse Newt. Até o último deles.

Por alguma razão, para Thomas não se importava muito com mapas inúteis... de qualquer maneira.

Ele estava fora da janela do Slammer (Amansador), tendo deixado Newt e Minho, quando passou a investigar a sabotagem da habitação de mapas. Thomas havia notado que intercambiaram um estranho olhar antes de se separar , quase como se comunicando algum segredo com os olhos .

Mas Thomas só conseguia pensar em uma só coisa por vez.

- Teresa? Ele perguntou. Seu rosto apareceu do nada, esfregando os olhos com as mãos. - Alguém era assassinado? Ele perguntou, um pouco atordoada.

- Você estava dormindo? Perguntou Thomas. Ele se sentiu tão aliviado ao ver que estava bem, sentia-se tão relaxado.

- Estava, respondeu. Até que escutou como tentavam destruir a Homestead e transformá-la em pedaços.

- O que aconteceu?

Thomas balançou a cabeça em descrença.

- Eu não sei como você poderia ter dormido com todo o barulho dos grievers (verdugos) lá fora,.

- Tentar sair de um coma sempre. Veja como fazer isso. - Agora responde minha pergunta, disse dentro de sua cabeça.

Thomas piscou, momentaneamente surpreendido pela voz, algo que ela não tinha feito há muito tempo. - Deixe esse lixo.

- Diga-me o que aconteceu.

Thomas suspirou, era uma história tão longa, e não queria dizer todo o assunto. - Você não conhece Gally, mas ele é um garoto psicopata que escapou. Logo, subiu num griever (verdugo), e ambos saíram do labirinto. Era realmente muito estranho. - Eu não podia acreditar que realmente havia acontecido.

- O que é dizer muito, disse Teresa.

- Sim, Ele olhou detrás dele, esperando ver Alby em algum lugar.

Seguro que havia deixado ir Tereza agora. Os Habitantes da clareira foram espalhados por todo o recinto, mas não havia nenhum sinal de seu líder.

Virou-se para Teresa. Eu só não entendo. Por que os grievers (verdugos) sumiram após conseguir pegar Gally? Ele disse algo sobre eles matarem um por um, a noite até que todos nós estivéssemos mortos... pelo menos duas vezes ele disse isso. Teresa pôs as mãos por entre as grades, descansando seus braços contra no peitoril de concreto. - Apenas um por noite por quê?

- Também não sei. Ele disse que tinha a ver com... ensaios. As variáveis.

- Algo do tipo.

Thomas teve o mesmo impulso estranho que ele havia tido na noite anterior, de sair e pegar um deles. Apesar disso, ele parou.

- Tom, eu estava pensando sobre o que você me disse. Que o labirinto é um código. E estar trancado aqui faz maravilhas que o cérebro era feito para fazer o que era programado.

- O que você quer dizer?

- Profundamente preocupado, tentou bloquear sons de gritos e falar com a clareira a medida que como os outros descobriram que mapas da habitação tinham sido queimados.

- Bem, as paredes se movem a cada dia, certo?

- Sim,- Podia se ver que ele estava realmente em alguma coisa. E

Minho e disse que parece ser um padrão, certo?

- É isso engrenagens começaram a girar no local, dentro da cabeça de Thomas, quase como se uma memória anterior começa-se a se soltar.

- Bem, eu não consigo me lembrar por que te disse sobre o código.

Eu sei que quando saindo do coma era dito todos os tipos de pensamentos e lembranças giravam na minha cabeça como um louco, quase como se eu podia sentir alguém esvaziar minha mente, sugando-a para fora. E senti como se estivesse dizendo que a coisa no código antes que a perdesse.

portanto, deve haver uma razão importante.

Thomas quase não a ouço... eu estava pensando muito sobre o que tinha feito por um tempo. - Sempre comparavam os mapas de cada seção com um ou dos dias anteriores, e no dia anterior que, dia após dia, cada piloto só analisando a sua própria seção. E se é assumido que há comparação de mapas com outras seções...? Ela fez uma pausa, sentindo que estava à beira de descobrir algo.

Teresa parecia o ignorar, fazendo sua própria teoria. - A primeira coisa que me faz pensar que a palavra código é em letras. Letras do alfabeto.

Talvez o labirinto esta tentando escrever alguma coisa.

Tudo se tornou tão entrou rápida mente na mente de Thomas, que

quase ouviu um clique audível, como se todas as peças se colocassem no lugar de uma vez.

- Você tem razão, você está certo! Mas os runners estavam olhando para o lado errado todo esse tempo.

- Eles foram à procura da forma errada!

Teresa tirou as barras de agora, as juntas brancas, seu rosto pressionado contra o barras de ferro.

- O quê? O que você está falando?

Thomas pegou duas barras de onde ela estava, e se movia perto o suficiente para sentir o cheiro, um aroma agradável surpresa de suor e flores.

- Minho disse que se repetiam o mesmo padrão, só que eles não poderiam entender o que significava. Mas eles sempre consideraram seção por seção, em comparação de um dia para outro. E se todo dia é uma parte separada do código, e assumindo que o uso das oito seções juntas de alguma forma?

- Você acha que talvez a cada dia está tentando revelar uma palavra? - Perguntou Teresa. Com o movimento das paredes?

Thomas confirmou. - Ou talvez uma letra por dia, não sei. Mas sempre pensou que... os movimentos que revelariam como escapar, não que isso significaria alguma coisa. Eu venho estudando um mapa, não uma imagem de algo.

Nós temos... - Então ele parou, lembrando que você acabou de Newt. Oh, não.

O olhos Teresa ardiam com preocupação. - O que está errado?

- Oh não, oh não, oh não... Thomas soltou as barras e cambaleou para trás num passo, quando a realidade o golpeou. Ele se virou para olhar para a habitação do mapa. A fumaça tinha diminuído, mas ainda estava fora da porta, uma nuvem névoa escura que cobria toda a área.

- O que acontece? Repetiu Teresa. Não podia ver a habitação do mapas de seu ângulo.

Thomas confrontou-a novamente. - Eu não acho que importava....

- O quê? Exigiu ela.

- Alguém queimou todos os mapas. Se existia um código já era.

41

- Eu estarei de volta, disse Thomas, voltando-se para ir. Seu estômago estava cheio de ácido, eu tenho que encontrar Newt, ver se algum dos mapas sobreviveu.

- Espere! Teresa gritou. Tirem-me daqui!

Não havia tempo, e Thomas sentia horrível por isso. - Eu não posso... voltarei, eu prometo - Ele virou-se antes que ela pudesse protestar e lançou a uma corrida a toda velocidade em direção a habitação do mapa e sua neblina de fumaça negra. Repicagem de dor pulsavam em seu interior.

Se Teresa estava certa e estavam perto de encontrar algum tipo de pista que os ajudaria a sair de lá portanto, só para a ver, literalmente, perdida nas chamas... Estava tão nervoso que doía.

A primeira coisa que Thomas viu quando correu era um grupo de habitantes, da clareira agrupados apenas fora da porta de aço de grande porte ainda entreaberta, a sua borda exterior escurecida com fuligem. Mas quando ele se aproximou, ele percebeu que cercavam algo no chão, todos eles olharam para baixo isso. Vislumbrou Newt, ajoelhado ali no meio, debruçado sobre um garoto.

Minho estava parado atrás dele, vendo-os e ansioso e sujo, e reparou Thomas em primeiro lugar. - Aonde você vai?

Ele perguntou.

Fui conversar com Teresa... O que aconteceu? - Ele esperou ansiosamente para a próximo montão de más notícias.

A testa de Minho se enrugou com raiva.

- A nossa habitação dos mapas começa a queimar e você corre para conversar com sua namorada? O que há de errado com você?

Thomas sabia que a reprimenda tinha razão de ser, mas sua mente estava muito preocupada. - Eu não acho que isso fosse algo que importava e se você...e se Vocês ainda não decifraram os mapas até agora...

Minho olhou desgostoso, a luz pálida e a névoa de fumaça ao redor de seu o rosto era quase sinistra. - Sim, esse deve ser um momento muito bom para se render. O que demônios...

- Desculpe... é só me dizer o que aconteceu, Thomas disse, se inclinou sobre o ombro de um garoto magricela em pé na frente dele para poder ver o corpo no chão.

Era Alby estava deitado de costas, com um corte enorme na testa.

O sangue escorria de ambos os lados de sua cabeça, uns para seus olhos encrustando-se aí. Newt estava limpando com um pano úmido cuidadosamente, fazendo perguntas em um sussurro muito baixo para o ouvir. Thomas preocupado com Alby apesar de seu recente temperamento doente, se virou para Minho e repetiu a pergunta.

Winston o encontrou aqui fora, meio morto, com a habitação de mapas em chamas. Alguns shank (trolhas) entraram aqui e eles o desligaram, mas era tarde demais.

Todos os registros são transformados em cinzas condenados.

Suspeitaram de Alby a princípio, mas quem era que fez isso bateu com a estúpida cabeça contra a mesa... você pode ver onde. É desagradável.

- Quem você esta pensando que fez isso? Thomas estava relutante em falar sobre a possível descoberta que Teresa e ele tinham feito. Sem mapas, o ponto era discutível.

- Talvez Gally antes de aparecer no Homestead e tornar-se psicótico?

Talvez os grievers (verdugos)? Não sabia, não se importava. Não é importante.

Thomas ficou surpreso com a sua repentina transformação de mente.

- Agora quem é que está se rendendo?

A cabeça de Minho levantou-se tão de repente, que Thomas deu um passo para atrás. Houve um clarão de raiva aí, mas rapidamente se tornou um estranha expressão de surpresa e confusão.

- Isso não é o que quero dizer, shank (trolha).

Thomas ergueu as sobrancelhas, curioso. - O que você queria...

- Cala a boca, por agora Minho colocou os dedos nos lábios, seus olhos moveram-se ao redor para ver se alguém estava olhando - Basta fechar os boca. Vamos descobrir em breve.

Thomas tomou uma respiração profunda e pensou. Se ele esperava que

o outro garoto fosse um cara honesto, ele devia ser honesto também.

Ele decidiu que seria melhor compartilhar os possíveis códigos do labirinto, com ou sem mapas. -Minho, preciso dizer algo a você e para Newt.

E precisamos deixar que Teresa saia ...ela esta com fome e que provavelmente podemos usar sua ajuda.

- Essa garota estúpida é a última coisa que eu estou preocupado.

Thomas ignorou o insulto. - Dai-nos apenas alguns minutos...

temos uma ideia.

Talvez até mesmo funcione, se os suficientes runners(corredores) se lembrassem dos seus mapas.

Isso parecia atrair toda a atenção de Minho... mas, novamente, era o mesmo olhar estranho, como se Thomas estivesse evitando o óbvio. -

Alguma ideia?

- O quê?

- Só vem o Slammer (Amansador) comigo.

Você e Newt. Minho pensou por um segundo. - Newt! O chamou aos gritos.

- Sim? Newt, levantou-se, dobrando o pano com sangue para encontrar um lado limpo. Thomas não pôde deixar de notar que cada centímetro do pano estava vermelho.

Minho apontou pra baixo até Alby. E disse - Deixa que os med-macacos se ocupem com ele. Precisamos falar.

Newt deu-lhe um olhar interrogativo, em seguida, entregou o pano para o habitante da clareira mais próximo.

- Vai procurar o Clint... Diga-lhe que temos problemas piores que garotos chatos - Quando o garoto correu para fazer o que era dito Newt se afastou de Alby. Falar sobre o quê?

Minho apontou para Thomas, mas não disse nada.

- Só venha comigo, disse Thomas. Então ele se virou e caminhou em direção ao Slammer (Amansador), sem esperar por uma resposta.

- Deixem ela sair, Thomas estava perto da porta da cela com os braços cruzados. Deixe-a ir, e depois vamos conversar. Confiem em mim...

querem me escutar.

Newt estava coberto de fuligem e terra, seu cabelo encharcado de suor.

Ele certamente não parecia estar de bom humor. - Tommy, este é...

- Por favor. Apenas abra... deixem-na sair. Por favor, não se rendera esta vez.

Minho parou em frente da porta com as mãos nos quadris. - Como podemos confiar nela? Ele perguntou. Assim que acordou, o lugar inteiro começou a desmoronar. Inclusive admitiu ter provocado alguma coisa.

- Ele tem um ponto, disse Newt. Thomas fez um gesto através da porta para Teresa. - Nós podemos confiar nela.

Toda vez que eu conversei com ela, era algo sobre a tentativa de sair daqui.

Ela era enviada aqui como o resto de nós... é absurdo pensar que ela tem responsabilidade por qualquer uma dessas coisas. Newt murmurou. -

Então a que maldita merda estava se referindo dizendo que ela desencadeava algo?

Thomas engasgou, se recusando a admitir que Newt tinha um bom ponto.

Tinha que haver uma explicação. - Quem sabe... sua mente estava fazendo todos os tipos de coisas estranhas quando acordou. Talvez todos nós passamos por isso na caixa, falando besteiras antes que nós estivéssemos completamente despertos. Só a deixem ir.

Newt e Minho trocaram um longo olhar.

- Venha, disse Thomas. O que ela vai fazer, correr e esfaquear cada pessoa da clareira até a morte?

- Por favor.

Minho suspirou. - Tudo bem. Deixe a garota estúpida sair.

- Eu não sou estúpida! Teresa gritou, sua voz sendo abafada pelas paredes. E eu posso ouvir cada palavra que vocês idiotas estão dizendo!

Newt esbugalhou os olhos como pratos.

- Que menina doce que você escolheu, Tommy.

- Só se apresse, disse Thomas. Tenho certeza de que temos um monte de coisas fazer antes que os grievers(verdugos) retornem esta noite ...

isso se eles não vierem durante o dia.

Newt reclamou e deu um passo para o Slammer (Amansador), tirando suas chaves ao fazê-lo. Um par de cliques depois, a porta se abria. -

Vamos.

Teresa deixou a pequena construção, olhando sisudamente, encarando Newt enquanto passava. Ela olhou feio também para Minho.

Então parou e ficou ao lado de Thomas.

Pegou o braço dele, e Thomas sentiu um formigamento, percorrendo sua pele, e ele ficou mortalmente envergonhado.

- Ok, fale, disse Minho. O que é tão importante?

Thomas olhou para Teresa, querendo saber o que dizer.

- Que era ? - Disse ela. Fala você... eles obviamente pensam que sou uma serial kil er.

- Sim, você parece tão perigosa, murmurou Thomas, mas voltou sua atenção para Newt e Minho. Ok, quando Teresa estava deixando o seu sonho no início, tinha memórias aparecendo em sua mente. Ela, hum... -

ele parou apenas antes de dizer que ela tinha dito isso em sua mente, ela me disse mais tarde que se lembrava que, o labirinto teria um código. Talvez em vez de tentar resolver encontrar uma forma de sair, talvez estivesse só tentando passar uma mensagem.

- Um código? Minho perguntou. O que é um código?

Thomas balançou a cabeça, desejando que ele pudesse responder.

Eu não sei bem... você esta muito mais familiarizado com os mapas do que eu.

Mas eu tenho uma teoria. É por isso que eu estava esperando que vocês fossem se lembrar de algumas delas.

Minho olhou para Newt,suas sobrancelhas estavam levantadas

interrogativamente. Newt confirmou.

- Que era ? Perguntou Thomas, ele estava cheio de ter as informações escondidas dele.

- Vocês estão agindo como se tivessem um segredo.

Minho esfregou os olhos com as duas mãos, respirou fundo. -

Nós escondemos os mapas, Thomas.

A princípio, ele não processou a informação. - Hã?

Minho apontou para Homestead. - Nós escondemos os malditos mapas na habitação das armas, e colocamos cópias em seu lugar. Devido ao alerta de Alby. E por causa da suposta finalização que sua namorada desencadeou.

Thomas estava tão animado ao ouvir esta notícia que temporariamente esquecia de como as coisas tinham se tornado horríveis.

Lembrou-se de Minho agindo de forma suspeita no dia anterior, dizendo que tinha uma suposta missão especial. Thomas olhou para Newt, que confirmou.

- Todos eles estão são e salvos, disse Minho. Até o último desses otários.

Então se você tem uma teoria, comece a falar.

- Leve-me para eles, disse Thomas, ansioso para dar uma olhada.

–

Ok, vamos lá.

42

Minho acendeu a luz, fazendo com que os olhos embaçados logo clareassem.

Sombras ameaçadoras vinham das caixas de armas espalhadas ao redor da mesa e no chão, facas e paus e outros recursos de aspecto ruim pareciam estar esperando lá, pronta para matar uma vida por si mesmas e matar a primeira pessoa suficientemente estúpida para se aproximar. O frio era úmido e o odor mofado só contribuía para a sensação horripilante da habitação.

- Ali atrás tem um quarto escondido de armazenamento - Minho explicou, passando por algumas prateleiras e entrando em um canto escuro.

Apenas uns poucos de nós sabemos sobre ele.

Thomas ouviu o crepitar de uma velha porta de madeira e, em seguida Minho estava arrastando uma caixa de papelão, arrastava-a no chão e soava como uma faca raspando um osso.

- Coloquei o que servia em cada um dos baús em uma caixa própria, oito caixas no total. Todas estavam ali dentro.

- Em qual delas? É esta? -Thomas perguntou, ele se ajoelhou ao lado dela, ansioso para começar.

- É só abrir e ver... cada página esta marcada. Se lembra?

Thomas tirou as tampas até que foram todas abertas. Os mapas da seção 2 estavam em cima de uma pilha bagunçada. Thomas se estendeu e puxou um monte.

- Tudo bem, disse ele. Os runners(corredores) vêm sempre comparando elas todos os dias, olhando para ver se havia um padrão que de alguma forma ajudaria a encontrar uma saída. Você disse que realmente não sabia sequer o que estavam procurando, mas seguiam ainda estudando de todas as formas. Certo?

- Sim, Minho balançou a cabeça,com os braços cruzados. Parecia que alguém estava prestes a revelar o segredo da vida eterna.

- Bem, Thomas continuou. E se os movimentos das paredes não tiverem

nada a ver com um mapa ou um labirinto ou algo parecido? E se em vez disso o padrão dizia palavras? Algum tipo de pista que nos ajudaria a escapar.

Minho apontou para os mapas que estavam nas mãos de Thomas, deixando escapar um suspiro de frustração. – Amigo, você tem alguma ideia do quanto tempo, temos estudado essas coisas? Não pense você,que nós não teríamos notado se dissesse alguma droga palavra?

- Talvez fosse difícil ver a olho nu, apenas comparando um dia, com o seguinte. E se talvez não se suspeita-se, que vocês tivessem comparado um dia anterior com seguinte, sem olhar um dia de cada vez?

Newt riu. Tommy, pode não ser o tipo da clareira, mas soava como se estivesse falando merda pura.

Enquanto ele estava falando, a mente de Thomas estado ainda girando mais rápida. A resposta estava na mão ... sabia que tinha quase a alcançado.

Só que era muito difícil colocar em palavras.

- Tudo bem, tudo bem, disse ele, começando novamente. Sempre teve um Corredor atribuído a uma secção, certo?

- Certo, disse Minho. Ele parecia genuinamente interessado e disposto a entender.

- E este Corredor de cada dia fazer um mapa, e depois compara com os mapas de dias anteriores da mesma secção. E se, ao contrário, assumiu-se que você deve comparar os oito seções entre elas, a cada dia? - A cada dia um faixa ou um código separado? Você já compararam as seções entre elas?

Minho coçou o queixo, balançando a cabeça. - Sim, algo assim.

Tentamos ver se elas formavam algo quando a colocávamos juntas... claro que nós fizemos isso. Tentamos de tudo.

Thomas levantou-se, estudar os mapas que estavam em seu colo.

Ele só podia ver as linhas desenhadas do labirinto na segunda página através da página que estava em cima dela.

Naquele momento, sabia o que eles tinham de fazer. Ele olhou para os outros.

- Papel encerado...

- Hã? Minho-perguntou o que...

- Basta confiar em mim. Precisamos de papel de cera e tesoura. E

trouxeram cada marcador preto e lápis que puderam encontrar.

Frypan não estava muito feliz que tiraram uma caixa cheia de rolos de papel encerado, especialmente quando os fornecimentos foram cortados.

Alegou que esta era uma das coisas que sempre tinha pedido, que usava para cozinhar. Finalmente tiveram de lhe dizer que precisavam para convencê-lo a ceder.

Após dez minutos de caça de lápis e marcadores (a maioria tinha era na habitação do mapa e que tinha sido destruídos no incêndio), Thomas sentado ao redor da mesa de trabalho no depósito de armas com Newt, Minho e Teresa. Eles não haviam encontrado nenhuma tesoura, assim que Thomas havia pego a faca mais afiada que podia encontrar.

- É melhor você fazer isso bem, disse Minho. Sua voz tinha um tom de alerta, mas seus olhos mostraram algo de interesse.

Newt, se inclinou para frente, colocando os cotovelos sobre a mesa, como se estivesse à espera de um truque de mágica. - Use-o, Greenie (Fedelho).

- Ok, Thomas estava ansioso para fazer, mas estava com medo Até a morte de que acabou não sendo nada. Ele entregou a faca ao Minho, em seguida, apontou para o papel encerado. Começa a cortar retângulos, mais ou menos o tamanho dos mapas. Newt e Teresa, vocês podem me ajudar a pegar o primeiros dez mapas de cada uma das caixas das seções.

- O que é isso, - Tempo de artesanato para crianças? - Disse o Minho que segurava a faca e observou com desgosto. Por que não nos disse, que merda estamos fazendo aqui?

- Ele terminou com a explicação, Thomas disse, sabendo que precisavam apenas ver o que estava imaginando em sua cabeça. Ele se levantou para ir mergulhar no depósito. Vai ser mais fácil de ensinar-lhes.

Se eu estou errado, estarei errado, e podemos voltar a correr pelo labirinto como ratos.

Minho suspirou, claramente, irritado, então murmurou algo sob sua

respiração. Teresa tinha ficado em silêncio por um tempo, mas falou dentro da cabeça Thomas.

Eu acho que o que você está fazendo. É realmente brilhante.

Thomas ficou surpreso, mas tentou esconder isso da melhor maneira possível. Sabia tinha que fingir que ele não tinha vozes em sua cabeça...senão os outros pensariam ele era um lunático.

- Só... venha... para... me ajudar, tentou responder, pensando em cada palavra separadamente, tentando mostrar a mensagem, enviá-la. Mas ela não respondeu.

- Teresa, disse ele em voz alta. Podem me ajudar-um segundo?

Assentiu com a cabeça em direção ao depósito.

Os dois entraram no pequeno depósito empoeirado e abriu todas as caixas, pegando pequenas pilhas de mapas de cada uma delas. Voltando à mesa Thomas descobriu que Minho já tinha cortado vinte pedaços, criando uma pilha desordenada à direita, com cada novo pedaço que tirava em cima.

Thomas sentou-se e pegou alguns deles.

Ele ergueu um dos papéis contra a luz viu através dele brilho com um brilho leitoso. Isso era exatamente o que que ele precisava.

Ele agarrou um marcador. - Bem, cada um trace os últimos dez ou algo assim em um destes pedaços. Certifique-se de escrever as informações acima para nós podermos identificar a pista do que é. Quando terminarmos,eu acho que poderemos ver alguma coisa.

- O que...? -Minho começou.

- Basta cortar até que você sangre Newt-ordenou. Eu acho que sei onde você quer chegar com isso.

Thomas estava aliviado de que alguém finalmente conseguisse captar a mensagem.

Voltaram para o trabalho, traçando os mapas originais em papel encerado, um por um, tentando mantê-los limpos e corretos enquanto apuravam tanto quanto podiam. Thomas usou o lado de uma tira reta de madeira, como regra, mantendo suas linhas retas. Pronto, havia terminado cinco mapas,logo depois então, mais cinco. Os demais mantiveram o mesmo

ritmo, trabalhando febrilmente.

Enquanto Thomas era o que desenhava, ele começou a sentir cacoetes de pânico, um sentimento doentio que o que eles estavam fazendo era uma perda total tempo. Mas Teresa, sentada ao lado dele, estava estudando concentrada, sua língua presa no canto da boca enquanto ele desenhava linhas para cima e para baixo, de um lado a outro. Ele parecia muito mais confiante de que eles definitivamente estava chegando a algum lugar.

Caixa por caixa, seção por seção, eles continuaram.

- Eu já tive o suficiente, Newt finalmente anunciou, quebrando o silêncio. Meu dedos estão ardendo em sangue. Vamos ver se está funcionando.

Thomas abaixou seu marcador, então flexionou os dedos, à espera de estar correto a este respeito.

- Ok, me dê os últimos dias de cada seção... faziam pilhas em torno de mesa, em ordem da Seção 1 para Seção 8. A uma esta aqui..., disse até o final...- a Oito lá...Apontou para o outro final - passado de oito pontas em direção à outra extremidade.

Silenciosamente, eles fizeram o que pediu, olhando através do que eles tinham elaborado as oito pequenas pilhas de papel enceradas, estavam alinhadas no outro lado da mesa.

Ansioso e nervoso, Thomas levantou uma página de cada pilha, certificando-se eles estavam todos no mesmo dia, mantendo-as em ordem.

Em seguida, coloque uma acima da outra, de modo que cada um dos desenhos do labirinto coincidissem com o mesmo dia acima e abaixo dele, até que ele estava olhando oito seções do labirinto de uma vez. O que ele viu o surpreendeu. Quase magicamente, como focalizando uma fotografia, uma imagem se fez.

Teresa soltou um pequeno suspiro.

As linhas se cruzavam umas sobre as outras, subindo e descendo tantas vezes que Thomas segurou em suas mãos mais parecia uma grade grosseira. Mas determinadas linhas no meio... formava uma imagem um pouco mais escura do que as demais. Era sutil, mas era, sem dúvida, estava lá.

Assentada bem no meio da página, estava a letra F.

43

Thomas sentiu uma onda de emoções diferentes: o alívio que sentiu por ter funcionado,surpresa, emoção, assombro sobre o que poderia acontecer.

- Homem, disse Minho, resumindo o sentimento de Thomas com uma palavra.

- Poderia ser uma coincidência, disse Teresa. Faça mais, mais rápido.

Thomas o fez, juntando-se os oito páginas de cada dia, desde a seção 1 até a seção 8. Cada vez, uma letra evidente se formava no centro na massa de linhas que se cruzavam.

Depois do F era um L, em seguida, um O em seguida, um A e um T. Assim, C... A... T.

- Olha, disse Thomas, apontando para a linha do lote que tinha formado, confuso, mas feliz que as letras eram tão óbvias. Soletre FLOAT

(flotar) e, em seguida soletre CAT (gato).

- Flutuação do gato? Newt perguntou.

Não soa como um código de resgate.

- Eu só tenho que continuar trabalhando, disse Thomas.

Outro par de combinações os fizeram perceber que a segunda palavra era na realmente catch (coletar). Flotar e coletar.

- Definitivamente não é uma coincidência, disse Minho.

- Definitivamente não, concordou Thomas. Mas mal podia esperar para ver mais.

Teresa fez um gesto na direção do depósito.

- Temos de examinar a fundo tudo isso, todas essas caixas aqui.

- Sim, disse Thomas. Vamos começar com isso.

- Nós não podemos ajudar, disse Minho.

Os três olharam para ele, estavam furiosos. E ele olhou de volta os encarando. - Pelo menos eu não..., e Thomas tão pouco. Temos que conseguir runners (corredores) para o labirinto.

- O quê? Thomas perguntou. Esta é o jeito mais importante!

- Talvez, respondeu calmamente Minho.

- Mas não podemos perder um dia lá fora.

- Agora não.

Thomas sentiu uma onda de decepção.

Trabalhar no labirinto parecia um grande desperdício de tempo em relação ao quebrar o código. - Por que, Minho?

Você disse que o padrão tem sido basicamente repetido há meses, um dia a mais não significa nada.

Minho bateu fortemente a mão contra a mesa. - Isso é besteira, Thomas! De todos os dias, este pode ser o caminho mais importante para sair daqui. Algo pode ter mudado, algo que poderia ter sido aberto. Na verdade, as paredes que raramente não se fecham, eu acho que deveríamos tentar a sua ideia, ficar fora aí de noite e fazer algumas explorações adicionais.

Isso despertou o interesse de Thomas ele estava querendo fazer isso.

Entrando em conflito, disse:

- Mas o que acontece com este código? - Que acontece com... -

Tommy, disse Newt com uma voz consoladora. Minho tem razão. Você e os shanks (trolhas) vão e alcancem os runners(corredores). Reúna alguns habitantes da clareira que possamos confiar e vamos continuar trabalhando nisso. - Newt soou como um líder mais do que nunca.

- Eu também, concordou Teresa. Eu vou ficar e ajudar o Newt.

Thomas olhou para ela. - Você tem certeza?

Ele estava ansioso para descobrir o código por si mesmo, mas decidiu que Minho e Newt estavam certos.

Ele sorriu e cruzou os braços. - Se você estiver indo para decifrar um código oculto em um complexo conjunto de diferentes labirintos, eu tenho certeza que eles precisam do cérebro de uma menina para assumir a liderança. Seu sorriso tornou-se um sorriso zombeteiro.

- Se você pensa assim. Ela cruzou os braços, e olhando fixamente para ela com um sorriso, de repente não querendo sair de novo.

- Bom, isso. - Minho assentiu e se virou para sair. Tudo está bem e excelente. Venha. - Ele se encaminhou para a porta, mas parou quando percebeu que Thomas não estava atrás dele.

- Não se preocupe, Tommy, disse Newt.

Sua namorada vai ficar bem.

Thomas sentiu um milhão de pensamentos passaram por sua cabeça naquele momento. Uma coceira para aprender o código, envergonhado porque Newt pensou nele com Teresa, intriga do que poderiam encontrar no labirinto... e medo.

Mas ele deixou tudo isso de lado. Sem sequer dizer adeus, finalmente seguiu Minho e subiram as escadas.

Thomas ajudou Minho a reunir os corredores a dar as notícias e organizá-los para a grande viagem. Ele ficou surpreso com a facilidade com que todos concordaram que era hora de fazer mais alguma exploração mais profunda do labirinto e ficar lá durante a noite. Embora ele estivesse nervoso e assustado, ele disse ao Minho que poderia ter uma seção só pra si, mas o encarregado recusou. Eles tinham oito corredores experientes para fazer isso. Thomas estava indo com ele, o que fez com que Thomas ficasse tão aliviado que ele estava quase envergonhado de si mesmo mesmo.

Ele e Minho pegaram suas malas com mais provisões do que o habitual, não sabiam dizer quanto tempo eles passariam lá fora. Apesar de sentir medo, Thomas não poderia deixar de se sentir muito animado, talvez esse fosse o dia em que iriam encontrar uma saída.

Ele e Minho estavam esticando as pernas no portão Oeste, quando Chuck chegou perto para dizer adeus.

- Eu iria com vocês, disse o garoto com uma voz jovial demais,-

mas eu não gostaria de ter uma morte horrível.

Thomas riu, surpreendendo-se.

- Obrigado pelas palavras encorajadoras.

- Tenha cuidado, disse Chuck, seu tom se tornando rapidamente uma preocupação genuína. Eu gostaria de poder ajudá-los.

Thomas estava animado, realmente apostou que, se surgisse a

oportunidade, Chuck iria sair de lá, se solicitado.

- Obrigado Chuck. Definitivamente teremos cuidado.

Minho reclamou. -Tenha cuidado para não nos entregar. É tudo ou nada agora, garoto.

- Melhor irmos andando, disse Thomas.

As mariposas pululavam no seu estômago, e só queria correr, para deixar de pensar sobre isso. Afinal de contas, sair do labirinto não era pior do que ficar na clareira com as portas abertas. Embora a ideia não o fizesse se sentir melhor.

- Sim, respondeu uniformemente Minho.

- Vamos.

- Bem, disse Chuck, olhando para os pés, antes de voltar seu olhar para Thomas. Boa sorte. Se sua namorada estivesse aqui, te daria um beijo.

Thomas revirou os olhos. - Não é minha namorada, cara de fuinha.

- Uau, disse Chuck. Você já está usando as palavras sujas de Alby. -

Era óbvio que estava tentando fingir que ele não tinha medo de todos acontecimentos recentes, mas seus olhos revelaram a verdade. Sério, boa sorte.

- Obrigado, isso significa muito, disse Minho revirando os olhos.

Nos Vemos por aí, fuinha. - Sim até breve-Chuck- balbuciou um pouco, então se virou para ir embora.

Thomas sentiu uma pontada de tristeza, era possível que ele jamais vesse Chuck ou Teresa ou qualquer um deles novamente.

Um súbito impulso o possuiu. - Não esqueça da minha promessa!

Ele gritou.

- Eu vou te levar pra casa!

Chuck se virou e deu um polegar para cima, seus olhos brilhavam com lágrimas.

Thomas lançou dois polegares para cima, então ele e Minho colocaram as suas mochilas e entraram no labirinto.

44

Minho Thomas e não pararam até que eles estavam na metade do último beco sem saída da seção 8.

Tiveram um bom tempo-Thomas estava satisfeito com o relógio de pulseira, e com o céu cinzento passando, porque rapidamente se tornou claro que as paredes não tinham sido movidas desde o dia anterior. Tudo estava exatamente igual. Não houve necessidade de fazer o mapeamento ou tomar notas, a sua única tarefa era chegar ao fim e começar a fazer o seu caminho de volta, à procura de coisas despercebidas,qualquer coisa. Minho concedeu um intervalo de 20 minutos e depois estava de volta com ele.

Eles ficaram em silêncio enquanto corriam. Minho havia ensinado Thomas que falar,desperdiçava energia era preciso se concentrar em seu ritmo e respiração.

Regulares. Constantes. Dentro, fora.

Dentro, fora. Mais profundo e mais profundo para o labirinto onde eles iam, apenas com seus pensamentos e sons dos pés batendo contra o chão de pedra dura.

Na terceira hora, Teresa o surpreendeu, falando em sua mente de volta para a clareira.

Estamos fazendo progressos, encontramos mais algumas palavras.

Mas nada faz sentido ainda.

O primeiro impulso de Thomas era ignorá-la, negar, uma vez mais que alguém tinha a capacidade de entrar em sua mente de invadir sua privacidade. Mas ele queria falar com ela.

- Você pode me ouvir? Perguntou, imaginando as palavras em sua mente, mentalmente projetando-as em uma maneira que nunca poderia explicar.

Concentrando-se, ele disse novamente.

- Você pode me ouvir?

- Sim! Ela respondeu. Na verdade mais claramente desta segunda vez, ela disse.

Thomas ficou surpreso. Tão surpreso que quase parou de correr. -

- Funcionou!

- Eu me pergunto por que podemos fazer isso, gritou em sua mente. O esforço mental de falar com ela, já estava o esgotando, correndo, ele sentiu uma dor de cabeça se formando como um nódulo em seu cérebro.

Talvez nós fossemos amantes, disse Teresa.

Thomas tropeçou e caiu. Sorrindo timidamente para Minho, que estava olhado,sem parar, Thomas levantou-se e o alcançou.. Que era?

Finalmente perguntou.

Sentiu o riso dela, uma imagem aquosa cheia de cor. Isso é tão estranho, disse ela.

- É como se você fosse um estranho, mas você não é.

Thomas sentiu um arrepio agradável, embora estivesse suando.

Sinto em interromper, mas nós somos estranhos.

- Só pensei que você soubesse, Lembra-se?

- Não seja estúpido, Tom. Acho que alguém alterou o nosso cérebro, colocaram alguma coisa aí para que pudéssemos fazer esta coisa telepática. Antes de virmos para cá. O que faz você pensar que já conhecíamos um ao outro.

- Era algo que se perguntava, pensei que ela provavelmente tinha razão. Eu esperava isso de qualquer maneira,estava realmente começando a gostar.

- Cérebros alterados? ele perguntou...Como?

- Eu não sei... alguma memória que eu não consigo entender. Acho que fizemos algo grande.

Thomas pensou, em como sempre se sentiu ligado a ela, inclusive quando chegou a clareira. E queria entender um pouco mais e ver o que dizia.. Do que você está falando?

- Eu gostaria de saber. Eu só estou tentando trocar ideias com você para ver se sai alguma coisa da sua mente. Thomas pensou no que Gally, Alby e Ben lhe haviam dito, suas suspeitas de que ela estava contra eles, de alguma forma, não era alguém em quem confiar.

Ele pensou sobre o que Teresa disse, também a primeira vez que ele e ela tinham feito tudo isso, de alguma forma.

- Este código tem que significar algo, acrescentou. E o que eu escrevi no meu braço, malvado é bom.

- Talvez isso não importe, disse ele.

- Talvez encontraremos uma saída. Nunca se sabe.

Thomas fechou os olhos por alguns segundos, enquanto corria, tentando se concentrar. Uma bolsa de ar parecia flutuar sobre o peito toda vez que eles falavam, um inchaço que metade o aborrecida,e metade o animava. Seus olhos voltaram a abrir, quando percebeu que talvez ela pudesse ler seus pensamentos, mesmo que ele não estivesse tentando se comunicar.

Ele esperou por uma resposta, mas não veio nenhuma. - Você ainda está aí? Ele perguntou.

- Sim, mas isso sempre me dá uma dor de cabeça.

Thomas ficou aliviado ao saber que ele não era único. Minha cabeça dói também.

- Bem, ela disse. Até logo.

- Não, espere! Não queria sair, estava ajudando o tempo passar. -

Fazendo a corrida mais fácil de alguma forma.

- Adeus, Tom. Eu vou te avisar se decodificarmos algo.

- Teresa. E sobre o que você escreveu no seu braço?

Demorou alguns segundos. Nenhuma resposta.

- Teresa?

Ela tinha ido embora. Thomas sentiu como se a bolha de ar no peito tivesse estourado, liberando as toxinas do seu corpo. Sua dor de estômago, e o pensamento de correr o resto do dia de repente o deprimiu.

De alguma forma, queria dizer a Minho sobre como ele e Teresa podiam falar, compartilhar o que estava acontecendo antes que sua mente explodisse.

Mas ele não ousou. Contar toda a situação da telepatia não parecia ser a

melhor das ideias. Tudo era muito raro agora. Thomas baixou a cabeça e inalou uma respiração longa e profunda.

Apenas mantinha sua boca fechada e continuava correndo.

Duas pausas depois, Minho, finalmente desacelerou para uma caminhada enquanto iam por um longo corredor que terminava em uma parede. Ele parou e sentou-se contra o bloqueio sem saída. A hera era especialmente grossa lá, tornando o mundo mais verde e exuberante, obscurecendo a pedra e impenetrável.

Thomas se juntou a ele no chão e pulou sobre o seu modesto almoço de sanduíches e frutas fatiadas.

- É isto disse Minho após sua segunda mordida. Nós já percorremos a seção inteira. Surpresa, surpresa, não há saídas.

Thomas já sabia, mas ouvir isso fez seu coração se afundar ainda mais. Sem mais uma palavra sua ou do Minho, terminou sua refeição e se preparou para explorar. Para encontrar algo de reconhecesse.

Durante as horas seguintes, ele e Minho inspecionaram o terreno, se atrapalhou ao longo das paredes, subiram na hera em diferentes pontos.

Eles não encontraram nada, e Thomas ficou cada vez mais desanimado.

A única coisa interessante era outros desses sinais estranhos em que se lia o Mundo em Catástrofe, Departamento de Experimentação da Zona Morta. Minho nem sequer lançou um segundo olhar.

Comeram outro almoço, e buscaram um pouco mais. Eles não encontraram nada, e Thomas estava começando a ficar preparado para aceitar isso, o inevitável, que não havia nada para encontrar. Quando estavam perto de fechar o tempo na parede, começou a procurar sinais de grievers (verdugos), sendo golpeados por uma indecisão glacial em cada esquina. Ele e Minho sempre mantinha firmemente facas pequenas em suas mãos.

Mas nada apareceu até quase meia-noite Minho viu um griever (verdugo) desaparecer perto de um canto na frente deles, e nunca mais voltou.

Trinta minutos mais tarde, Thomas viu outro fazer a mesma coisa.

Uma hora depois disso, veio outro griever (verdugo) correndo ao longo do labirinto ao lado deles, e nem sequer parou.

Thomas quase entrou em colapso a partir da súbita onda de terror.

Ele e Minho o seguiram.

- Acho que eles estão brincando com a gente, disse um tempo depois, Minho.

Thomas percebeu que ele tinha desistido da busca pelas paredes e estava com a cabeça voltada de frente para a clareira que fazia um caminho sombrio.

Assim como ele olhou, sentiu que era como o que Minho via também.

- O que você esta pensando? Perguntou Thomas.

O encarregado suspirou. - Eu acho que os criadores querem que a gente saiba que há não há saída. As paredes nem sequer se movem mais, é como se tudo isso tivesse sido apenas um jogo estúpido e que era hora de terminar. E eles querem que voltemos e falemos para os outros habitantes da clareira. Quanto você quer apostar que, quando retornarmos nos encontraremos com um griever (verdugo) que pegou um deles igual á noite anterior? Eu acho que Gally estava certo, eles só vão nos manter para nos matar.

Thomas não respondeu, sentindo a realidade do que Minho disse.

Qualquer esperança que houvera sentido antes, quando eles haviam se posto em caminho havia caído no chão há muito tempo.

- Só vamos voltar para casa! Minho disse, cansado.

Thomas odiava admitir a derrota, mas ela balançou a cabeça concordando. O Código parecia sua única esperança agora, e decidiu se dedicar a isso.

Ele e Minho silenciosamente fizeram seu caminho de volta para a clareira.

Eles não viram outro griever (verdugo) durante todo o caminho.

45

Como Thomas viu, estava no meio da manhã, quando ele e Minho entraram pela porta Ocidental de volta para a clareira. Thomas estava tão cansado que queria dormir lá mesmo e tirar uma soneca. Eles tinham estado no labirinto por 24 horas aproximadamente.

Surpreendentemente, apesar da luz tênue e tudo caindo aos pedaços, o dia na clareira parecia estar passando com os trabalhos de costume: agricultura, jardinagem, limpeza. Não demorou muito até que um dos garotos os viu ali. Newt era notificado e veio correndo.

- Eles são os primeiros a retornar, disse ele enquanto ele se aproximava deles. O que aconteceu? - O olhar infantil cheio de esperança no rosto partiu o coração de Thomas, como obviamente, pensavam que tinha encontrado algo importante. Diga-me que você traz boas notícias.

Os olhos de Minho estavam mortos, olhando para algum ponto da distância cinzenta. - Nada, disse ele.

O labirinto é uma grande maldita piada.

Newt olhou para Thomas, confuso. - O que você está dizendo?

- Só está desanimado, disse Thomas, com um encolher de ombros cansado. Nós não encontramos nada de diferente. As paredes não se moveram, não saiu nada. Os grievers chegaram à noite?

Newt fez uma pausa, a escuridão passou por em seu rosto.

Finalmente, ele acenou com a cabeça cabeça. - Sim. Levaram Adam.

Thomas não sabia o nome, e se sentiu culpado por não sentir nada.

Só uma pessoa outra vez, pensou. Gally Talvez ele estava certo.

Newt estava prestes a dizer algo quando Minho enlouqueceu, surpreendendo a Thomas.

- Estou farto disto! - Minho cuspiu na hera, as veias do seu pescoço incharam. Estou farto disto! Acabou !

+ É isso aí! - Ele tirou a mochila e jogou no chão. Não tem saída, nunca teve e nem nunca terá. Estamos todos ferrados.

Thomas observou, com a garganta seca como Minho caminhava para

Homestead.

Isto o preocupava, se Minho desistir, todos estariam em sérios problemas.

Newt não disse uma só palavra. Deixou Thomas ali de pé, agora em seu próprio deslumbramento. O desespero pairava no ar como fumaça da habitação de mapas, espessa e acre.

Os outros corredores converteram as horas, e assim que Thomas ouviu, nenhum havia encontrado nada e tinham perdido a esperança também. Os rostos tristes estavam por toda a clareira, e a maioria dos trabalhadores tinham deixado os seus postos de trabalho do dia.

Thomas sabia que o código do labirinto era sua única esperança agora. Ele tinha que revelar algo. Eu tinha que fazer. E depois de vagar sem rumo ao longo da clareira escutando as histórias dos outros corredores, saiu desanimado.

- Teresa? disse em sua mente, fechando os olhos, como se fosse esse o truque.

- Onde você está?. Você decifrou algo?

Após uma longa pausa, quase desistindo, achando que não ia funcionar.

- Ei? Tom. Você disse alguma coisa?

- Sim disse, emocionado que ele tinha conseguido contatar ela de volta.

- Você pode me ouvir?. Estou fazendo certo?

- Às vezes falha, mas funciona. Um pouco estranho. Hãh? Thomas pensou que, realmente, de alguma forma havia se acostumado a ela.

- Não era tão ruim.. Eles ainda estão no subsolo? Eu vi Newt, mas depois voltou ao desaparecer.

- Ainda está aqui. Newt pegou três ou quatro habitantes, da clareira para nos ajudar a desenhar o mapa. Acho que temos todo o código.

Thomas ficou com seu coração na garganta.. Sério?

- Vem cá.

- Já vou. Já estava em movimento quando ele disse que, de alguma forma ele não se sentia tão exausto.

Newt o deixou entrar -Minho ainda não apareceu, disse ele enquanto caminhava pelas escadas até o sótão. Às vezes torna-se irritantemente impulsivo.

Thomas ficou surpreso que o Minho estivesse de mau humor, especialmente com as possibilidades do código. Ele empurrou pro lado o pensamento, e entrou na habitação. Muitos habitantes, da clareira que ele não conhecia estavam reunidos ao redor da mesa, de pé, todos pareciam exaustos, com os olhos fundos.

Montes de mapas foram espalhados por todo o lugar, inclusive no chão.

Era como se um furacão tivesse desembarcado no meio da habitação.

Teresa estava encostada numa torre de prateleiras, lendo uma única folha de papel. Ela olhou para cima quando ele entrou, mas depois olhei para trás,para o que ela estava segurando. Isso o entristeceu um pouco: ele estava esperançoso de que ela estivesse feliz ao vê-lo, mas depois ele se sentiu estúpido para ainda ter esse sentimento. Ela estava obviamente ocupada tentando entender o código.

- Você tem que ver isso, disse Teresa enquanto Newt, despedia seus assessores que subiam a escada de madeira, dois deles reclamando de ter todo esse trabalho pra nada.

Thomas começou por um breve momento, a preocupar de que Newt sabia o que o que estava acontecendo. Não fale na minha cabeça enquanto Newt está ao redor. Não,eu quero saber sobre o nosso... dom.

- Vamos olhar isto, disse ele em voz alta, apenas escondendo o sorriso que atravessou seu rosto.

- Eu fico de joelhos e beijar seus malditos pés se você pode resolver isso, disse Newt.

Thomas se aproximou de Teresa, ansioso para ver o que ela segurava. Ela entregou-lhe o papel, com as orelhas levantadas.

- Sem dúvida isso é correto, disse ela. Nós simplesmente não temos ideia do que significa.

Thomas pegou o papel e o escaneou rapidamente. Havia círculos numerados correndo pelo lado esquerdo, de um a seis. Ao lado de cada um havia uma palavra escrita em letras garrafais.

FLOTAR

AGARRAR

SANGRAR

MORRER

CADÁVER

EMPURRAR

Isso era tudo. Seis palavras.

A decepção se apoderou de Thomas, que tinha pensado que o objectivo do código seria óbvio uma vez que o havia descoberto. Teresa olhou com o coração atordoado. - Só isso? Você tem certeza que eles estão na ordem correta?

Ela pegou o papel novamente. - O labirinto vem repetindo essas palavras por meses, finalmente saiu quando se tornou aparente. Cada vez, após a palavra EMPURRAR, passa uma semana sem apresentar qualquer palavra em absoluto, e então logo começa de novo com FLOTAR. Então percebemos que é a primeira palavra, e essa é a ordem.

Thomas cruzou os braços e inclinou-se nas prateleiras ao lado de Teresa. Sem pensar, tinha memorizado as seis palavras, gravando-as em sua mente. Float. Catch. Sangrar. Cadáver. Push. Isso não soava bem.

- Alegre, não é? Disse Newt, refletindo exatamente seus pensamentos.

- Sim, disse Thomas com um gemido frustrado. Temos de trazer Minho aqui, talvez ele saiba algo que nós não sabemos. Se tivéssemos mais pistas ... - Ele congelou, atingido por uma vertigem, ele teria caído se não tivesse prateleiras para o apoiá-lo Ele tinha acabado de ter uma ideia. Uma horrível, horripilante, e ideia. A pior ideia da história do horrível, terrível, e das horripilantes ideias.

Mas o instinto lhe disse que ele estava certo. Isso era algo que tinha que fazer.

- Tommy, disse Newt, fechando com um olhar de preocupação que franzia a sua testa. O que há de errado? Seu rosto ficou branco como um fantasma.

Thomas balançou a cabeça, recompondo-se. -Oh... nada, desculpe.

Meus olhos estão fracos... Eu acho que preciso dormir um pouco.

Ele esfregou as têmporas para alcançar o efeito.

- Você está bem? Perguntou Teresa em sua mente. Ele percebeu que ela estava tão preocupada quanto Newt, isso o fez se sentir bem.

- Sim. Sério, eu estou cansado. Eu só preciso de algum descanso.

- Bem, disse Newt, apertando-o no ombro. Você passou toda a maldita noite no labirinto para ir tirar um cochilo.

Thomas olhou para Teresa e Newt. Ele queria compartilhar a sua ideia, mas decidiu não fazê-lo. Em vez disso, ele apenas acenou com a cabeça e se dirigiu para as escadas.

De qualquer forma, Thomas já tinha um plano. Tão mal como era, mas tinha um plano.

Necessitavam de mais pistas sobre o código. Eles precisavam de memórias. Assim, que fosse picado por um griever (verdugo). Atravessar a transformação.

E alcançar o propósito ou a(finalidade).

46

Thomas não falou com ninguém pelo resto do dia.

Teresa tentou várias vezes. Mas ele continuou dizendo que ele não estava se sentindo bem, que só queria ficar sozinho e dormir em seu lugar atrás do bosque, talvez passar algum tempo pensando. Tentando descobrir um segredo escondido em sua mente que os ajudaria a saber o que fazer.

Mas, na realidade, ele estava se preparando psicologicamente para o que havia planejado para aquela noite, convencido de que era a coisa certa a fazer. A única coisa que poderia fazer. Além disso, estava absolutamente aterrorizado e não queria que os outros percebessem.

Eventualmente, quando o relógio lhe mostrou que aquela noite tinha chegado, era para Homestead com todos os outros. Apenas notou que ele havia estado faminto e começou a comer bolachas e sopa de tomate rápida mente preparadas por Frypan.

E então chegou a hora de mais uma noite sem dormir.

Os construtores tinham visto as lacunas deixadas pelos monstros que haviam levado a Gally e a Adam. O resultado parecia um exército de tipos bêbados tivessem feito o trabalho, mas era sólido o suficiente. Newt e Alby, que finalmente se sentiam bem o suficiente para andar nos arredores de novo,com a cabeça enfaixada, insistiu em um plano para todos mudassem onde dormiam cada noite.

Thomas terminou no longo corredor no andar térreo da Homestead com as mesmas pessoas que tinham dormido duas noites atrás.

O silêncio se estabeleceu na habitação rapidamente, embora ele não soubesse se era porque os habitantes estavam dormindo ou apenas muito estavam assustados, calmamente esperando contra toda a esperança de que os grievers (verdugos) não voltassem.

Não como das noites atrás, Teresa era autorizada a permanecer no prédio com o resto dos habitantes da clareira.

Ela estava perto dele, enrolada em dois cobertores. De alguma forma, ele podia sentir que ela estava dormindo.

Realmente dormindo. Thomas certamente não conseguia dormir, embora soubesse que para seu corpo que isso fosse desesperadamente

necessário. Ele tentou, tentou arduamente manter os seus olhos fechados, obrigando-se a relaxar. Mas sem sorte. A noite arrastou-se, e o pesado sentimento de antecipação era como um peso no peito.

Então, como todos esperavam, vieram os encantados sons mecânicos dos grievers na parte de fora. O momento tinha chegado.

Todos se reuniram contra a parede mais distante da janela, tratando ao máximo de permanecer quietos. Thomas se amontoava em um canto ao lado de Teresa, abraçando os joelhos, de frente para a janela. A realidade da terrível decisão que havia tomado anteriormente apertando seu coração como um punho de esmagamento.

Mas sabia que tudo poderia depender dele.

A tensão na habitação subia a um ritmo constante. Os habitantes de clareira ficaram quietos, nem uma alma se mexia. Um raspado de metal distante contra madeira ecoou pela casa para Thomas soava como se um griever estivesse subindo na parte de trás de Homestead, em frente ao local onde eles estavam.

Mais sons se uniram por alguns segundos mais tarde, vindo de todas as direções cercando-o,ficando mais próximo, vinha de fora da sua própria janela. O ar habitação pareceu congelar no gelo sólido, e Thomas pressionou os punhos contra seu olhos, antecipando o ataque matando-o.

Uma enorme explosão de pedaços de madeira e vidro quebrado em algum lugar no alto, agitando a casa toda. Thomas estremeceu quando vários gritos começaram, seguido pelos sons de vários passos fortes grunhidos e gemidos anunciaram uma horda inteira de habitantes da clareira que corriam em direção ao primeiro piso.

- Pegaram o Dave! - Alguém gritou, com a voz aguda de terror.

Ninguém na habitação de Thomas moveu um músculo, e ele sabia que cada um deles, provavelmente, se sentindo culpado por seu alívio de que ao menos não era um deles. Que talvez eles estivessem seguros por mais uma noite.

Duas noites seguidas só um garoto havia sido pego, e os habitantes havia começado a acreditar que, o que Gally tinha dito era verdade.

Thomas saltou quando uma terrível explosão tocou mesmo à sua porta acompanhado de gritos e fragmentação de madeira, como se um monstro

com mandíbula de ferro estivesse comendo a escada inteira. Um segundo mais depois veio uma outra explosão de madeira: a porta da frente.

O griever (verdugo) havia passado pela casa inteira e agora estava indo.

Uma explosão de medo atingiu Thomas.

Era agora ou nunca.

Ele saltou e correu para a porta da habitação, abrindo-a. Ouviu Newt gritando, mas o ignorou e saiu correndo pelo corredor, deixando um lado e saltando sobre as centenas de lascas de madeira. Poderia ver onde havia estado a porta da frente agora tinha um buraco que levava para a noite cinzenta. Ele correu para ela e saiu para o claro.

- Tom! Teresa gritou dentro de sua cabeça..! O que você está fazendo?

A ignorou. Apenas continuou correndo.

O griever (verdugo) que pegou Dave uma criança a quem Thomas nunca tinha ouvido falar estava atirando em suas pontas até a porta oeste, batendo e cantarolando.

Os outros grievers (verdugos) já haviam se reunido no pátio para o labirinto. Sem hesitação, sabendo que outros pensariam que ele estava cometendo suicídio, Thomas correu para sua direção até que ele se encontrou no meio do pelotão de criaturas.

Havendo os grievers sido tomados de surpresa eles duvidaram.

Thomas saltou para o que havia aprisionando Dave, tentou libertar o garoto, esperando o griever (verdugo) retaliar. O grito de Teresa na sua mente era tão forte que ele sentiu como se um punhal tivesse sido enterrado em seu crânio.

Três dos grievers (verdugos) foram até ele, ao mesmo tempo, com longas pinças, tenazes e agulhas vinham de todas as direções. Thomas mexeu os seus braços e pernas, desviando-se dos horríveis braços mecânicos quando chutou a a repugnante de gordura corporal do griever, só queria ser picado para não ser levado como Dave. Seu ataque implacável se intensificou, e Thomas sentiu a dor explodindo em cada centímetro de seu corpo, como agulhas que lhe diziam que o tinha conseguido. Gritando, empurrado, pisado e esmurrado, rolando tentando fugir deles. Lutar, cheio de adrenalina, encontrou finalmente um local

aberto colocou os pés debaixo dele e correu com toda sua força.

Tão logo escapou do alcance imediato dos instrumentos dos grievers, desistiram e se retiraram, desaparecendo no labirinto. Thomas caiu no chão, gemendo de dor.

Newt estava sobre ele em um segundo, seguido imediatamente por Chuck, Teresa, e vários outros. Newt tomou-o pelos ombros e levantou-o, segurando-o debaixo de ambos os braços. - Agarre suas pernas! Gritou.

Thomas sentiu seu mundo nadando ao seu redor, ele estava delirando, sentia náuseas.

Alguém sem puder dizer quem era, obedeceu à ordem de Newt, estava carregado-o pelo pátio, pela porta da frente de Homestead, no final do corredor, um quarto, colocaram-no em um sofá. O mundo continuava se contorcendo e girando.

- O que você estava fazendo? Newt gritou-lhe na cara. Como você pode ser tão estúpido?

Thomas tinha de falar antes de desaparecer na escuridão. -Não...

Newt... você não entende...

- Cale a boca! Gritou Newt. Não desperdice sua energia! Thomas sentiu algo andando em seus braços e pernas, rasgando suas roupas , à procura de danos. Escutou a voz de Chuck, não poderia deixar de se sentir aliviado que seu amigo estava bem. Med-jack disse algo sobre ele ter sido esfaqueado dezenas de vezes.

Teresa estava perto de seus pés, segurando seu tornozelo direito com a mão.. Por que Tom?. Por que você fez isso?

- Porque... eu não tenho a força para se concentrar.

Newt gritou por ele Grief Serum, um minuto depois, Thomas sentiu uma picada no seu braço. O calor se espalhou a partir desse ponto a seu corpo, chorando, diminuindo a dor. Mas o mundo ainda parecia estar desmoronando sobre si mesmo, e sabia que tudo teria ido em apenas alguns segundos.

A habitação rolou, as cores se transformando-se umas em outras, se batendo cada vez sempre mais rápido. Levou todo o seu esforço, mas disse que uma última coisa antes que a escuridão o levasse pelo seu bem.

- Não se preocupem,- sussurrou, esperando que eles pudessem ouvi-lo. Alcancei o propósito ou a(finalidade) naquilo que fiz...

47

Thomas não tinha noção de tempo,que passou na transformação.

Ela tinha começado como a sua primeira memória da caixa, escura e fria. Mas desta vez não tinha sensação de algo tocando seus pés e seu corpo. Flutuava no nada, olhou fixamente para o vazio negro. Ele não viu nada, não ouviu nada, não cheirava nada. Era como se alguém tivesse roubado seus cinco sentidos, deixando-o em um vácuo.

E o tempo avançou,avançou. O medo se transformou em curiosidade, que se tornou em tédio. Finalmente, as coisas depois de uma interminável espera, começaram a mudar.

Um vento distante se levantou, não sentia mas escutava. Em seguida, um turbilhão de névoa branca apareceu na distância, um tornado de fumaça rolou começando se transformando num funil longo, estendendo-se até que eu não podia sequer ver a parte superior ou o fim do turbilhão branco. Ele sentiu os ventos, então sugando-o para dentro do ciclone que soprava para frente e depois pra atrás dele, arrancando suas roupas e seu cabelo como se fossem bandeiras rasgadas pegas por uma tempestade.

A torre de nevoeiro começou a se mover em direção a ele, ou ele estava se movendo para isso, ele não poderia dizer, aumentando a uma velocidade alarmante.

Onde segundos antes tinha sido capaz de ver a forma distinta do funil, agora só podia ver a extensão plana do branco. E depois isso o consumiu, sentiu a sua mente tomada pela neblina, sentiu as lembranças inundarem seus pensamentos.

Tudo o mais se tornou, dor.

48

-Thomas.

A voz era gorjeio distante, ecoando em um longo túnel.

- Thomas, você pode me ouvir?

Ele não quis responder. Sua mente estava fechada quando não podia suportar a dor, temia que tudo voltasse novamente sem permissão à consciência. Ele sentiu uma luz através de suas pálpebras, mas sabia que seria insuportável abri-los. Ele não fez nada.

- Thomas, é o Chuck, você está bem?

- Por favor, não morra amigo...

Tudo voltou à mente, novamente. A clareira, os grievers, a picada da agulha,a transformação. Lembrou-se. O labirinto não poderia ser resolvido. O único caminho pra fora era algo que eles nunca esperariam.

Algo terrível. Ele foi esmagado pelo desespero.

Gemendo, forçou seu olhos a abrirem-se, olhando a início, a gorda cara de Chuck estava lá, olhando para ele com olhos assustados. Mas então seus olhos se iluminaram e um sorriso se abriu no seu rosto. No entanto, apesar da terrível confusão que era isso tudo, Chuck sorriu.

- Ele está acordado! - O garoto gritou com ninguém em particular.

Thomas está acordado!

O barulho de sua voz assustou Thomas.

Ele fechou os olhos novamente. -

- Chuck, você tem que gritar? Eu não me sinto tão bem.

- Desculpe, eu só estou feliz por você estar vivo. Você tem sorte de eu não te dar um grande beijo.

- Por favor, não faça isso, Chuck-Thomas abriu os olhos novamente e tentou se sentar na cama em que estava, empurrando suas costas contra a parede, e esticando suas pernas, a dor correu em suas articulações e músculos. - Quanto tempo levou? Ele perguntou.

- Três dias, disse Chuck. Te colocamos no Slammer (Amansador) á noite

para te manter seguro, nós o trouxemos para cá durante o dia. Pensei que você estivesse provavelmente morto, por pelo menos,umas trinta vezes desde que começou. Mas olhe para você,você está ótimo!

Thomas só podia imaginar o que não parecia bom. - Os grievers vieram?

A alegria de Chuck visivelmente caiu no chão enquanto seus olhos olharam para baixo.

- Sim, eles pegaram Zart, e alguns casais. Um por noite. Minho e os runners percorreram o labirinto, tentando encontrar a saída ou usar estes estúpidos códigos que você trouxe. Mas nada.

Porque você acha que os grievers (levam só um Shank (trolha) por vez?

Thomas sentiu mal do estômago, ele sabia exatamente a resposta a esta questão, e outras mais agora. O suficiente para saber que às vezes saber fedia.

- Traga Newt e Alby,-disse finalmente, em resposta. Diga-lhes que precisamos ter uma reunião. Tão logo quanto possível.

- Sério?

Thomas soltou um suspiro, - Chuck,acabo de passar pela transformação.

Acredita que estou falando sério?

Sem uma palavra, Chuck deu um pulo e correu para fora da habitação, seus apelos para que Newt sumiram na distância quando ele saiu.

Thomas fechou os olhos e descansou a cabeça contra a parede.

Então ele a chamou com a sua mente:

- Teresa.

Ela não respondeu no início, mas depois a voz dela surgiu em seus pensamentos tão claramente como se ela estivesse sentada ao lado dele.

Isso era realmente estúpido, Tom, muito, muito estúpido.

Deveria ser, ele respondeu.

Te odiei muito esses dias. Você deveria ter visto. Sua pele, suas veias... -

Me odiou? Ele ficou emocionado por ela se importar tanto com ele.

Ela fez uma pausa. É apenas a minha maneira de dizer que eu teria te matado se você, estivesse morto.

Thomas sentiu uma onda de calor em seu peito, estendeu a mão e batendo no próprio peito, surpreendeu– se consigo mesmo. Bem...

obrigado. Eu acho...

- Hum... do que você se lembra?

Ele fez uma pausa. - O suficiente. - O que você disse sobre nós dois e o que fizemos pra eles...

- Foi verdade?

- Fizemos algumas coisas realmente ruins Teresa. A frustração sentida como se ela tivesse um milhão de perguntas e nenhuma ideia de por onde começar.

- Aprendeu algo que pudesse nos ajudar a sair daqui? ela perguntou, como se não gostasse de saber em que parte ele tinha em tudo isso.. Um propósito para o código?

Thomas fez uma pausa, não querendo falar sobre isso ainda, e não antes reunir os seus pensamentos. Sua única chance de fuga poderia ser um desejo de morte.

Talvez, disse finalmente, mas não será fácil. Precisamos de uma reunião. Me pergunte se você puder estar lá, eu não tenho a energia para falar duas vezes.

Não disse nada por um tempo, um sentimento de desespero flutuante entre suas mentes.

- Teresa?

- Sim?

- O labirinto não pode ser resolvido.

Ela fez uma longa pausa antes de responder. Acho que todos nós sabemos agora.

Thomas odiava o medo em sua voz, ele podia sentir isso em sua mente. Não se preocupe; criadores vão nos ajudar a escapar, no entanto. Eu tenho um plano. Ele queria lhe dar um pouco de esperança, não importa quão

pequena fosse.

- Oh, é sério?

- Sim. É terrível, e alguns de nós poderemos morrer.. Soa promissor? O Grande momento é... O que foi?

- Nós precisamos... Antes que ele pudesse terminar, Newt caminhou para dentro da habitação interrompendo-o.

- Te digo mais tarde, Thomas terminou rapidamente.

- Seja rápido! disse ela, então saiu.

Newt tinha andado à volta da cama e se sentou ao lado dele.

Tommy-você parece doente.

Thomas assentiu. - Eu me sinto um pouco tonto, mas tirando isso, eu estou bem.

- Pensei que estaria muito pior.

Newt negou com a cabeça. - O que você fez foi metade corajoso,e metade estúpido. Parece que você é muito bom nisso. Ele fez uma pausa, e virou a cabeça. Eu sei do porque você fez isso. Que memórias voltaram?

Algo que ajude?

- Precisamos ter uma reunião, disse Thomas, esticando as pernas para ficar mais confortável. Surpreendentemente, ele não sentiu muita dor, apenas tontura. - Antes que você comece a se esquecer de algumas destas coisas.

- Sim, chuck me disse, nós o faremos.

Mas por quê? O que decifrou?

- É um teste Newt, isso tudo é um teste.

Newt assentiu. - Como um experimento ?

Thomas balançou a cabeça. - Não, você não entendeu. Estão nos jogando para baixo, pra ver se nos levantamos, encontrando o melhor de nós. Colocando as variáveis, tentando nos fazer desistir. Testando a nossa capacidade de ter esperança e lutar. Enviar a Teresa e atirar tudo para baixo é apenas a última parte, e ainda tem mais uma... a análise final. É hora da última prova.

- Escapar.

Newt franziu a testa, confuso. - O que você quer dizer? Você encontrou uma forma de sair?

- Sim. Convoque uma reunião. Agora.

49

Uma hora depois, Thomas estava sentado na frente dos encarregados para a reunião tal como aconteceu uma ou duas semanas antes. Eles não deixaram que Teresa, entrasse e criar contrariedade. Newt e Minho confiavam nela agora, mas os outros ainda tinham suas dúvidas.

- Tudo bem, Greenie (Fedelho) - disse Alby olhando muito melhor quando ele se sentou na metade do semicírculo de cadeiras, junto com Newt. As outras cadeiras foram ocupadas com exceção de duas, um lembrete de que Zart e Gally foram pegos pelos grievers. Esqueça toda aquela porcaria da volta em torno do arbusto. Começou falando.

Thomas, ainda um pouco tonto para a transformação, era forçado a tomar um segundo para recuperar a compostura. Ele tinha muito a dizer, mas queria garantir e parecer o menos estúpido, possível.

- É uma longa história, começou ele.

Não temos tempo para falar tudo, mas vou dizer-lhe o espírito da coisa.

Quando eu passei pela transformação, eu vi flashes de imagens, centenas delas, como uma apresentação de slides muito rápidos. Muito voltou pra mim, mas apenas algo que não está muito claro,como para falar sobre isso.

Outras coisas desapareceram ou estão desaparecendo. Ele fez uma pausa para recolher os seus pensamentos mais uma vez. - Mas lembro-me bastante. -Os criadores estão nos testando. - O labirinto não se destinava a ser resolvido. Tudo era como uma provação. Eles querem que os vencedores, ou os sobreviventes, façam algo importante. - O silêncio, era confuso e em que ordem deveria dizer as coisas.

- O quê? Perguntado Newt.

- Deixe-me começar de novo, disse Thomas, esfregando os olhos.

Cada um de nós éramos muito jovens quando fomos trazidos pra cá. Eu não me lembro, como nem o porquê por que, tinham apenas flashes e senti que as coisas haviam mudado no mundo, algo muito ruim havia acontecido.

Eu não tenho nenhuma ideia de quem. Os criadores nos roubaram , e eu acho que se sentiam justificados ao fazê-lo. De alguma forma eles descobriram que éramos muito inteligentes,por isso nos escolheram.

Eu não sei a maioria disso é superficial e não importa muito de qualquer maneira.

- Não me lembro de ninguém da minha família ou o que aconteceu. Mas depois Fomos sequestrados, passamos os anos seguintes de aprendizagem em escolas especiais vivendo algum tipo de vida normal até que eles foram capazes de financiar e construir o labirinto. Todos os nossos nomes são estúpidos pseudônimos que eles simplesmente inventaram pra nós, como Alby por Albert Einstein, Newt por Isaac Newton, e eu Thomas. Como Edison.

Alby olhou como se ele tivesse batido na cara dele. - Nossos nomes... nunca foram os nossos verdadeiros nomes?

Thomas balançou a cabeça - Pelo que eu posso dizer, provavelmente nunca saberemos quais eram nossos nomes reais.

- O que você está dizendo? - Frypan perguntou. Que somos malditos órfãos sequestrados por cientistas?

- Sim, disse Thomas, esperando que sua expressão não demonstra-e que estava deprimido. Suponha que nós realmente somos isso e eles estudam cada movimento que fazemos, analisando-nos. Vendo quem se rende e quem não. Vendo quem sobrevive a tudo. Não admira que tantos escaravelhos robôs espiões ficam percorrendo todo o lugar. Além disso, alguns de nós tivemos coisas... alteradas em nossos cérebros.

- Acredito tanto em toda essa merda tanto quanto acredito que a comida de Frypan é boa para você - Winston resmungou, parecendo cansado e indiferente.

- Por que eu inventaria tudo isso?

Disse Thomas, elevando sua voz. Ele se tinha deixado picar de propósito para lembrar dessas coisas! . Melhor ainda, o que você pensa que é essa, a explicação? E que nós vivemos em um planeta alienígena?

- Só continue a falar, disse Alby. Mas eu não entendo porque nenhum de nós se lembra destas coisas. Eu atravessei a transformação, mas tudo que eu vi era... - Ele olhou ao redor rapidamente, como se dissesse algo que não deveria ter dito.

- Eu não aprendi nada.

- Eu vou dizer em um minuto, porque eu acho que aprendi mais do que

outros, disse Thomas, temendo essa parte da história. Devo falar ou não?

- Fala, disse Newt.

Thomas respirou fundo, como se de forma fosse iniciar uma carreira. - Ok, de alguma forma apagaram as nossas memórias, não só a nossa infância, mas a todos os que aqueles conduzidos à entrada do labirinto. Fomos colocados na caixa e nos mandaram pra cá , um grande grupo para iniciar e, em seguida, um por mês nos últimos dois anos.

- Mas por quê? Newt -perguntou. Qual é o maldito ponto?

Thomas ergueu a mão pedindo silêncio.

- Eu estou chegando lá. Como eu disse, eles querem nos testar, ver como reagimos ao que eles chamam de variáveis, e um problema que não tem solução. Eles veem se podemos trabalhar juntos, construir uma comunidade, também. Tudo estava previsto para nós, e que o problema que se trouxe era um dos enigmas mais comuns conhecidos da civilização, um labirinto. Tudo para nos fazer pensar que deve haver uma solução, apenas incentivando-nos a trabalhar mais e, ao mesmo tempo aumentar a nossa desapontamento por não encontrar uma solução Ele parou para olhar ao redor certificando-se que toda a gente estava ouvindo. O que estou dizendo é que não há uma solução.

A conversa era interrompida,houve perguntas a sobrepondo-se umas as outras.

Thomas levantou as mãos, querendo colocar seus pensamentos no cérebros de todos os outros. - Viu? sua reação prova meu ponto. A maioria dos habitantes se renderiam agora. Mas eu acho que nós somos diferentes.

Nós não podemos aceitar que um problema não pode ser resolvido, especialmente quando é algo tão simples como um labirinto. E nós continuamos lutando, não importa o quão desesperado ficamos.

Thomas percebeu que sua voz aumentava enquanto falava, e sentiu seu rosto aquecido.

- Seja qual for o motivo, me deixa doente! Tudo isso, os grievers, as paredes movendo-se, o precipício, são apenas itens deste teste estúpido.

Temos sidos usados e manipulados. Os criadores queriam manter as nossas mentes trabalhando em uma solução que nunca esteve lá. O

mesmo se passa com Teresa sendo enviada para cá, sendo usada para

disparar The End (o Fim), seja lá o que isso significa, o lugar a ser fechado, o céu cinzento, e assim por diante. Nos consideram loucos só pra ver as nossa respostas testando a nossa vontade. Ver nos colocamos uns contra os outros. No final,querem os sobreviventes para algo ainda mais importante.

Frypan ficou de pé. - E matar gente?

- Essa é a linda e pequena parte do seu plano?

Thomas sentiu um medo momentâneo, temendo que os encarregados pudessem ficar com raiva dele, por saber demais. E só estava prestes a piorar.

- Sim, Frypan, matar gente. A única razão porque os grievers estão fazendo isso com um por um é que assim não morreremos todos antes do tempo e assim terminar da maneira que tem de ser. A sobrevivência do mais apto,do mais forte. Para que somente o melhor de nós possa escapar.

Frypan chutou sua cadeira. - Bem... É melhor que você comece a falar sobre essa fuga mágica , então!

- Eu vou, disse Newt, calmamente.

Cale-se e ouça.

Minho, que tinha sido quase sempre em silêncio o tempo todo, limpou a garganta.

- Algo me diz que eu não vou gostar, do que vou ouvir...

- Provavelmente não, disse Thomas. Ele fechou os olhos por um instante e cruzou os braços.

- Os próximos minutos seriam cruciais.

- Os criadores querem o melhor de nós para o que eles têm planejado. Mas temos que ganhar. - O quarto estava completo em silencio, todos os olhos estavam voltados pra ele. O Código.

- Que código? -Repetiu Frypan, a voz dele iluminava com um traço de esperança.

- Que tem ele?

Thomas olhou para ele, fazendo uma pausa para o efeito. - Eu estava escondido nas paredes móveis do labirinto por uma razão. Eu devia saber,

estava lá quando os criadores o fizeram.

50

Durante muito tempo, ninguém disse nada, e tudo o que Thomas viu foram faces em branco. Sentiu o suor na testa, as mãos oleosas, estava aterrorizado para seguir em frente.

Newt parecia completamente desnorteado e finalmente quebrou o silêncio. - O que você está falando?

- Bem, primeiro há algo que eu tenho que compartilhar. Sobre mim e Teresa.

Há uma razão pela qual Gally me acusou de muitas coisas, e porque qualquer um que tenha passado pela a transformação me reconhece.

Esperava perguntas, uma explosão de vozes, mas a habitação estava em completo silêncio.

- Teresa e eu somos... diferentes, continuou ele. Fazíamos parte dos Julgamentos do labirinto desde o início, mas contra a nossa vontade, eu juro. Minho estava falando agora. - Thomas, do que você está falando?

- Teresa e eu fomos usados pelos criadores. Se você teve suas memórias, de volta provavelmente iria querer nos matar. Mas eu tinha que contar isso por mim mesmo para provar que você pode confiar agora. Então acredite em mim quando eu te disser que é a única maneira de sair daqui.

Thomas rapidamente escaneou os rostos dos encarregados, perguntando-se pela última vez,se ele devesse dizer, se eles o entenderiam.

Mas ele sabia o que tinha de fazer.

Teria de fazer.

Thomas respirou fundo, então logo disse. - Teresa e eu ajudamos a desenhar o labirinto. Ajudamos a criar tudo.

Todo mundo parecia atordoado demais para reagir. Rostos pasmos devolveram o olhar uma vez mais.

Thomas imaginou que eles não entenderiam ou não acreditariam.

- O que é que isso quer dizer? - Newt perguntou finalmente. São uns

malditos garotos de 16 anos. Como eles poderiam ter criado o labirinto?

Thomas não conseguia parar de duvidar um pouco de si mesmo, mas ele sabia o que tinha se lembrado. Tão louco como ele era, ele sabia a verdade. - Somos... inteligentes.

Eu pensei que isso poderia fazer parte das variáveis. Mas o mais importante.

Teresa e eu temos um... dom que nos fez muito valiosos, quando eles conceberam e construíram este lugar. - Ele parou, sabendo que tinha tudo para soar ridículo.

- Fala! Idiota! Gritou Newt.

- Somos telepatas! Podemos falar com os outros em nossa maldita cabeça.

Dizer isso em voz alta, quase o fez se sentir envergonhado, como se ele tivesse de admitir que fosse um ladrão.

Newt piscou, surpresa, alguém tossiu.

- Mas me ouçam, continuou Thomas, em uma tentativa de se defender. Nos forçaram a ajudar. Eu não sei como ,nem porquê, mas eles fizeram. Ele fez uma pausa. Talvez para ver se conseguimos ganhar a sua confiança, apesar de ser parte deles.

Talvez estivéssemos para ser os que revelassem no final como escapar.

Seja qual for a razão, com seus mapas percebemos o código e temos que usar agora.

Thomas olhou ao redor, e surpreendentemente, assombradamente, não parecia irritado. A maioria dos habitantes da clareira olhando-o ou balançando a cabeça em espanto ou incredulidade. E por alguma estranha razão, Minho estava sorrindo.

- É verdade, e eu sinto muito, continuou Thomas. Mas eu posso dizer isso, e estou no mesmo barco que você agora. Teresa e eu fomos enviados aqui como qualquer outra pessoa, e nós poderemos morrer igual a vocês. Mas os criadores têm visto o suficiente, é hora para os testes finais.

Acho que precisava da transformação para adicionar as peças finais do quebra cabeça.

Enfim, eu queria que soubessem a verdade, saber que há uma chance

de que nós possamos fazer isso.

Newt sacudiu a cabeça para trás e para frente, olhando para baixo.

Então ele ergue a vista, até os outros encarregados. - Os criadores, esses fizeram isso para nós e não para Tommy e Teresa. Os criadores. E

você vai se arrepender.

- Seja o que for, disse Minho, que merda que dê tudo isso, basta continuar com a fuga agora.

Um nó se formou na garganta de Thomas.

Ele estava tão aliviado que quase não poderia falar. Ele tinha certeza que eles teriam colocado mais calor em sua confissão, se não tirassem-no do precipício. O resto do que ele tinha a dizer parecia quase mais fácil agora. - Há uma estação de computador em um lugar que nós nunca temos visto antes. O código abre uma porta para sair do labirinto.

Também desliga os grievers para que eles não possam nos seguir, se é que podemos sobreviver tempo suficiente para chegar a esse ponto.

- Um lugar que nunca tínhamos visto antes? Alby perguntou. O

que você acha que estávamos fazendo por dois anos?

- Confie em mim, você nunca foi a este lugar.

Minho se levantou. - Bem, onde ele está?

- É quase suicida, disse Thomas, sabendo que estava postergando a resposta. O grievers virão atrás de nós, quando tentarmos fazê-lo.

Todos eles. O teste final. - Queria ter certeza de que eles entendessem que estariam se arriscando. As chances de sobrevivência eram pequenas para todos.

- Então onde fica o lugar? - Newt perguntou, inclinando-se em sua cadeira.

- No precipício, disse Thomas. Nós teremos que passar pelo buraco dos grievers.

51

Alby subiu tão rápido que sua cadeira caiu para trás. Seus olhos injetados em sangue no curativo preso em sua testa.

Ele deu dois passos em frente antes de parar, como se tivesse sido preparado para carregar e atacar Thomas.

- Agora você está sendo um idiota, disse ele, olhando para Thomas.

Ou um traidor. Como podemos crer numa só palavra que você diz,se era você que ajudou a projetar este lugar, e nos colocou aqui! Nós não podemos lidar com um griever (verdugo) em nosso próprio campo, muito menos poderemos lutar contra uma horda deles em seu pequeno buraco. O que você esta tramando realmente?

Thomas estava furioso. - O que estou tramando? Nada! Por que eu iria armar tudo isso?

Os braços de Alby estavam rígidos, os punhos fechados. - Porque todos sabemos que você foi enviado para cá para matar a todos nós. Por que nós deveríamos confiar em você?

Thomas olhou para ele, incrédulo.

- Alby, você tem um problema de memória a curto prazo?

- Arrisquei minha vida para salvá-lo lá fora, no labirinto, você estaria morto se não fosse por mim!

- Talvez tenha sido um truque para ganhar a nossa confiança. Se você está ligado aos shanks que nos enviaram aqui, você não deve se preocupar, porque não era você que estava com o griever ferido, talvez tenha sido só uma atuação.

A raiva de Thomas diminuiu ligeiramente, tornando-se em compaixão. Algo estava estranho aqui, suspeito.

- Alby, interveio finalmente Minho, aliviando a Thomas. Essa é a teoria mais estúpida que já ouvi. Ele estava prestes a ter um maldito membro arrancado três noites atrás. Você acha que isso é parte da atuação?

Alby assentiu uma vez, secamente.

- Talvez.

- Eu fiz, disse Thomas, imprimindo a sua voz de todos os problemas que ele podia, antes a oportunidade de recuperar minhas memórias, para ajudar a todos,para sairmos daqui.

Preciso mostrar a contusões e cortes por todo o meu corpo?

Alby não disse nada, o rosto ainda tremendo de raiva. Seus olhos lacrimejaram e veias ficaram marcadas no seu pescoço.

- Nós não podemos voltar ! Ele finalmente gritou: voltando-se para olhar para todos na habitação. Eu vi foram as nossas vidas ... Nós não podemos voltar!

- É o que se trata tudo isto? Newt perguntou. Você está brincando?

Alby se virou para ele, ferozmente, inclusive ergueu um punho fechado.

Mas ele parou, baixando o braço, então se afastou e se sentou em sua cadeira, colocou o rosto nas mãos, se quebrantou. Thomas não poderia ter ficado mais surpreso. O temerário líder dos habitantes da clareira estava chorando. -Alby, fale conosco, Newt pressionado, não o querendo largar. O que está acontecendo?

- Eu o fiz, disse Alby entre um soluço profundo. Eu o fiz.

- Você fez o quê? Perguntado Newt. Ele parecia tão confuso,quanto Thomas se sentia.

Alby olhou para cima com lágrimas nos olhos úmidos. - Queimei os mapas, eu fiz. Chicotei minha cabeça contra a mesa para você pensar que era alguém mais. Eu menti, eu queimei todos eles.

- Fui eu que fiz!

Os encarregados trocaram olhares, a surpresa era refletida em seus olhos e as sobrancelhas ficaram levantadas e abertas. Para Thomas, no entanto, tudo fez sentido agora.

Alby se lembrava de como era horrível que foi a vida antes de virem pra cá e não queria voltar.

- Bem, era a melhor coisa que fizemos pra ter salvo estes mapas, disse Minho, com o rosto completamente sereno, quase zombeteiramente.

- Obrigado pelo conselho que você nos deu após a transformação, para protegê-los. Que ótima proteção, ajudou muito !!!

Thomas olhou para ver como Alby iria responder à observação sarcástica, quase cruel, de Minho, mas ele agiu como se não tivesse ouvido.

Newt, em vez de ficar com raiva, Pediu a Alby para se explicar.

Thomas sabia porque Newt não estava zangado, os mapas estavam salvos, o código fora descriptografado.

Não importava.

- Eu estou dizendo, Alby parecia que estava à beira da histeria. Não podemos voltar ao lugar de onde viemos. Eu vi, lembrei-me das horríveis e horripilantes coisas. Terras queimadas, uma doença, algo chamado O fulgor (Flare). Era horrível, muito pior do que qualquer uma das coisas que temos aqui.

- Se ficarmos aqui, vamos todos morrer! Gritou Minho. É pior do que isso?

Alby olhou Minho por um longo tempo antes de responder.

Thomas só poderia pensar nas palavras que ele acabara de dizer. O fulgor.

Algo sobre isso lhe era familiar, mesmo à beira de sua mente.

Mas ele tinha certeza que não lembrava de nada sobre isso quando ele passou pela transformação.

- Sim, disse Alby finalmente. É pior.

- Melhor morrer do que ir para casa.

Minho riu e se recostou na cadeira.

- Cara, você é portador de uma série de alegria, deixe-me dizer-lhe.

- Eu estou com Thomas. Eu estou com Thomas cem por cento. Se vamos morrer, porra, vamos lutar.

- Dentro ou fora do labirinto, acrescentou Thomas, aliviado de que Minho estivera firmemente ao seu lado, e voltou-se para Alby, e o olhou com seriedade.

Lembre-se de que vivemos no mundo.

Alby levantou-se novamente, seu rosto mostrava sua derrota. - Faça o que quiser

- Ele sussurrou. Não importa.

Morreremos não importa o quê. - E com isso ele passou pela porta e saiu da habitação.

Newt soltou um suspiro profundo e balançou a cabeça. - Ele nunca foi o mesmo desde que foi ferroado, deve ter sido uma merda de memória.

- O que no mundo é fulgor?

- Não me importa, disse Minho. - Qualquer coisa é melhor do que morrer aqui. Nós podemos enfrentar os criadores uma vez que estamos fora.

Mas por agora devemos fazer o que tínhamos planejado. Atravessar o buraco dos grievers e escapar. Se alguns de nós morrer, que assim seja.

Frypan bufou: - Você está me deixando louco. Não podemos sair do labirinto , e esta ideia de andar com os grievers por aí em suas despedidas de solteiros soam mais estúpidas do que qualquer uma das coisas que eu já ouvi na minha vida.

Poderíamos também algemar os pulsos.

Os outros encarregados se envolveram em um debate, todos falando ao mesmo tempo. Newt finalmente gritou para que se calassem.

Thomas falou novamente quando a poeira baixou. - Eu atravesso o buraco ou vou morrer, tentando chegar lá. Parece que Minho vai também.

E eu estou confiante que Teresa também esta dentro. Se conseguirmos conter os grievers o suficiente para que alguém digite o código e os desligue, então poderemos ir através da porta que eles atravessaram. Haveremos de ter passado no teste. Em seguida, poderemos enfrentar os criadores sozinhos.

O sorriso de Newt não tinha humor. - E você acha que pode vencer os grievers ? Mesmo se não morrermos, provavelmente, terminaríamos todos fatiados.

Até o último deles estará esperando por nós quando chegarmos ao precipício, os escaravelhos robôs estão aí fora constantemente. Os criadores saberão que estamos correndo para escapar.

Ele havia estado temendo isso, mas Thomas sabia que era hora de dizer a última parte de seu plano. Eu não acho que eles irão nos fatiar, a

transformação é uma variável importante para nós enquanto vivermos aqui.

Mas essa parte estará superada. Além disso, podemos ter uma coisa a favor.

- Sim? Perguntou Newt, revirando os olhos. Mal posso esperar para ouvi-lo.

Os criadores não lhes fará nenhum bem se todos nós morrermos, isto foi pensado para ser difícil, não impossível. Eu acho que finalmente sabemos de forma certeira como os grievers estão programados para matar apenas um por dia. Assim qualquer um pode ser sacrificado para salvar os outros, enquanto correm em direção ao buraco.

Eu acho que talvez é isso que se supõe que aconteça.

A habitação ficou em silêncio até a Blood House explodir em gargalhadas.

- Desculpe-me? Perguntou Winston.

- Assim, sua sugestão é que nós joguemos algum pobre coitado para os lobos para que o resto de nós possa escapar? - Essa é a sua sugestão brilhante?

Thomas se recusou a admitir a ruindade que ideia parecia, mas então uma ideia lhe ocorreu.

- Sim, Winston, eu estou feliz que você tenha prestado atenção. -

Ele ignorou o olhar que ele deu. E parece bastante óbvio, sobre quem será a pobre criança.

- Ah, é? Perguntou Winston. Quem?

Thomas cruzou seus braços. - Eu.

52

A reunião começou em um coro de discussões. Newt calmamente,se levantou e caminhou até Thomas e levou-o pelo braço, empurrou-o para a porta. - Vai embora. - Agora.

Thomas ficou surpreso. – Ir embora?

- Por quê?

- Eu acho que já falei demais por uma reunião. Precisamos conversar e decidir o que fazer, sem você aqui.

- Eles chegaram até a porta e Newt deu-lhe um gentil empurrão para fora. Espere ao lado da caixa. Quando nós terminarmos, você e eu vamos conversar.

Ele começou a virar, mas Thomas ergueu a mão e agarrou-o. -

Você tem acreditar em mim, Newt. É a única maneira de sair daqui, nós podemos fazer, eu juro.

Nós fomos feitos para isso. Newt se concentrou em seu rosto e falou em um sussurro rouco e com raiva. - Sim, eu amei especialmente a parte onde você se ofereceu como voluntário para se matar.

- Eu estou absolutamente disposto a fazê-lo. - Thomas falava sério, mas apenas pela culpa que o atormentava. Culpa de que ele, de alguma forma, ajudou a desenhar o projeto labirinto. Mas, no fundo, ele se apegava à esperança de que poderia lutar tempo suficiente para que alguém,introduzisse o código e desligar os grievers,antes de ser morto. Ele abriu a porta.

- Oh, realmente? - Newt perguntou, parecendo irritado- É o Sr.

Nobreza em pessoa, certo?

- Eu tenho muitas razões. De certa forma a culpa é minha, estamos aqui em primeiro lugar. - Ele parou, fez uma pausa para se recompor.

Enfim, eu não vou, aconteça o que acontecer, por isso é melhor não desperdiçar a chance. Newt franziu a testa, os olhos de repente ficaram cheios de compaixão.

- Se você realmente ajudou na concepção do labirinto, Tommy, não é

culpa sua.

Você é uma criança, não pode evitar que eles o obrigaram a fazer.

Mas não importa o que Newt dissera. O que ninguém lhe disse.

Thomas levou a responsabilidade de qualquer maneira, e quanto mais foi crescendo, mais pensava sobre isso.

- Eu só... Eu sinto que preciso salvar alguém. Para me redimir.

Newt deu um passo para trás, lentamente negando com a cabeça.-

Você sabe o que é engraçado, Tommy?

- O quê? - respondeu Thomas, cauteloso.

- Que realmente acredito em você. Você não tem nenhum pingo de mentira nos seus olhos. E caramba eu não posso acreditar que vou dizer isto. Ele fez uma pausa. Mas eu, vou voltar lá para convencer aqueles shanks (trolhas), que eles devem passar pelo buraco dos grievers (verdugos), assim como você disse. Lutaria de preferência com os grievers que estivessem sentados,pegando um por um. - Ele ergueu um dedo. Mas ouça, eu não vou te incomodar com qualquer palavra sobre você morrer e toda essa merda heroica Se fizermos isso todos nós vamos jogar a nossa chance fora.

- Você está me ouvindo?

Thomas ergueu as mãos, dominado pelo alívio. - Alto e claro. Eu só estava tentando provar meu ponto que vale a pena o risco. Se alguém vai morrer a cada noite de qualquer maneira, poderíamos usá-lo da mesma forma em nossa vantagem.

Newt franziu a testa. - Bem, talvez não fosse tão feliz?

Thomas estava virando para ir, mas Newt o chamou. - Tommy?

- Sim? - Ele fez uma pausa, mas não olhava para trás.

- Se eu conseguir convencer a esses shanks (trolhas), e isso é um grande se, o melhor momento para ir seria à noite. Esperaremos que os grievers estejam fora perto do labirinto, e não no buraco deles.

- Boa ideia. - Thomas concordou com ele, apenas esperando,para Newt convencer os encarregados. Ele se virou para olhar para Newt e assentiu. Newt sorriu, uma coisa quase inexistente gritava em seu rosto de

preocupado. - Nós devemos fazer hoje à noite, antes que alguém seja morto. E antes de Thomas pudesse dizer algo, Newt desapareceu,voltando para a reunião.

Thomas, um pouco chocado com a última frase saiu de Homestead e caminhou para um velho banco perto da caixa e tomou o assento, sua mente estava um turbilhão.

Ainda pensava sobre o que Alby tinha dito sobre o fulgor, e o que isso poderia significar. O garoto mais velho também havia mencionado uma terra arrasada e doente. Thomas não se lembrava de nada disso, mas se isso fosse verdade, o mundo que eles estavam tentando voltar, não era muito bom. Ainda assim .... não teriam escolha? Além do fato de que os grievers estavam atacando a cada noite, a clareira era essencialmente fechada.

Frustrado, preocupado, e cansado destes pensamentos, ele chamou Teresa.

- Você pode me ouvir?

- Sim, ela disse.. Onde você está?

- Perto da caixa.

- Eu estarei aí em um minuto.

Thomas percebeu o quanto ele precisava de sua companhia. - Bem.

- Eu vou te dizer o plano, acho que ele está sendo executado.

- O que é isso?

Thomas inclinou-se no banco e colocou o seu pé direito sobre o seu joelho, imaginando como Teresa iria reagir , e com o que ia dizer a ela.

Vamos passar pelo buraco dos grievers.

Use este código para desativar os grievers e Abra a porta para podermos sair.

Fez uma pausa. Pensando que algo assim.

Thomas pensou por um segundo, e então acrescentou, a menos que.... Você tem uma ideia melhor?

- Não. Vai ser desagradável.

Ele bateu com o punho direito contra a sua outra mão, mesmo sabendo que ela não podia ver ele. Nós podemos fazer isso.

- Duvido muito.

- Bem, temos de tentar.

Outra pausa, desta vez maior. Ele podia sentir a sua determinação.

- Você está certo.

- Eu acho que nós vamos esta noite.

- Basta entrar aqui e nós podemos falar mais sobre isso.

- Eu estarei aí em alguns minutos.

O estômago de Thomas embrulhou. A realidade do que ele havia sugerido, o plano que Newt estava tentando convencer os encarregados a aceitar, estava começando a abatê-lo Ele sabia que era perigoso, mas a ideia de realmente lutar contra os grievers e não somente correr deles, era aterradora.

No melhor cenário apenas se um deles morresse, mas mesmo assim não se poderia confiar. Talvez os criadores só reprogramassem as criaturas.

E então todas as apostas estavam perdidas.

Ele tentou não pensar nisso.

Mais cedo do que Thomas esperado, Teresa tinha o encontrado e estava sentada ao lado dele, seu corpo pressionado contra o dela, embora houvesse muito espaço no banco. Ela estendeu e pegou a mão dele. Ele a apertou de volta, tão forte que sabia que deveria ter doído.

- Diga-me,- ela disse.

Thomas o fez, recitando cada palavra que ele disse para os encarregados, ignorando como os olhos de Teresa estavam cheios de preocupação, e terror. - O plano era fácil dizer,ele lhe havia dito tudo.

Mas Newt pensou que temos de ir hoje à noite. Não soa tão bem agora. - Especialmente o aterrorizava a ideia de que Chuck e Teresa lá fora, ele já havia enfrentado os grievers e sabia muito bem como era. Ele queria ser capaz de proteger seus amigos dessa horrível experiência, mas sabia que não podia.

- Nós podemos fazer isso, disse ela em voz baixa.

Ouvi dizer que só fez se preocupar mais. - Merda Maldita, eu estou assustado.

- Merda Maldita, você é humano.

Thomas não respondeu, e por um longo tempo apenas sentado ali, segurando as mãos, sem palavras, em suas mentes ou em voz alta. Ele sentia o mais leve indício de paz, e tão rápida como era, tratou de desfrutar dela sem se importar quanto tempo iria durar.

53

Thomas estava triste, quando a Assembleia finalmente terminou.

Quando Newt deixou Homestead supondo que o tempo para descansar havia acabado.

O encarregado os viu e veio correndo devagar. Thomas percebeu que tinha soltado a mão de Teresa, sem pensar nisso. Newt finalmente parou e cruzou os braços sobre o peito enquanto olhava para baixo, onde estavam sentados no banco. - Esta é uma maldita loucura, vocês sabem disso, não? - Seu rosto era ilegível, mas parecia ser um indício da vitória em seus olhos.

Thomas levantou-se, sentindo uma onda de emoção inundando seu corpo. - Então você concordou em ir?

Newt confirmou. - Todos eles. Não era tão difícil quanto eu pensei que seria.

Eles viram o que acontece à noite com essas malditas portas abertas Não podemos sair desse labirinto estúpido. Temos que tentar alguma coisa. Ele se virou e olhou para os encarregados, que haviam começado a reunir os seus respectivos grupos de trabalho. Agora só temos de convencer os habitantes da clareira.

Thomas sabia que seria ainda mais difícil do que convencer os encarregados haviam sido.

- Você acha que eles decidem sobre isso? - Teresa perguntou, finalmente, pondo-se em pé para acompanhá-los.

- Nem todos eles. - Disse Newt, e Thomas podia ver a frustração em seus olhos.

Alguns vão ficar e correr os riscos, eu garanto.

Thomas não tinha dúvidas de que as habitantes empalidecem diante da ideia de fazer uma carreira por isso.

- Pedir para lutar eles lutarem contra os grievers era pedir demais. -

Qual é Alby?

- Quem sabe? - Newt respondeu, olhando em torno da clareira, observando os guardiães e seus grupos. Estou convencido de que o

homossexual é na verdade, está com mais medo de ir para casa do que lutar contra os grievers. Mas conseguirei que venha conosco, não se preocupe.

Thomas desejava que ele poderia trazer de volta as lembranças das coisas que estavam atormentando Alby, mas não havia nada. - Como você pode convencê-lo?

Newt riu. - Vou fazer um golpe. Diga a todos que encontraremos uma nova vida em outra parte do mundo, e viveremos felizes para sempre.

Thomas encolheu os ombros. - Bem, talvez nós podemos. Prometi a Chuck que o levaria para casa, você sabe. Ou pelo menos encontrar um lar.

- Sim, bem, murmurou Teresa, qualquer coisa é melhor do que este lugar.

Thomas olhou ao redor para as discussões que se seguiram através da clareira, os encarregados fazendo seu melhor para convencer os habitantes de quem deve assumir o risco e lutar em seu caminho através do buraco dos grievers. Alguns habitantes, da clareira se afastavam, mas a maioria parecia ouvir e pelo menos considerá-lo.

- Então, qual é o próximo? - Perguntado Teresa.

Newt respirou fundo. -Para saber quem sai, quem fica. Prepare-se.

Alimentos armas, tudo isso. Aqui vamos nós. Thomas, eu iria cobrar como era sua ideia, mas vai ser difícil o suficiente para colocar os habitantes do nosso lado sem fazer Greenie (Fedelho) nosso líder, se ofender. Assim só ficar á margem, certo? Deixamos a questão do código para você e Teresa, você lidar com isso mais profundamente.

Thomas estava mais do que bem com isso de ficar de fora, (que conclui que a estação de computador e obtendo o código era mais do que suficiente responsabilidade para ele). Mesmo com essa grande coisa em seus ombros teve que lutar contra a crescente onda de pânico que sentia.

- Claro que faz parecer fácil, disse finalmente, tentava o seu melhor para tentar alegrar a situação. Ou pelo menos fazer parecer como tal.

Newt cruzou os braços novamente, olhou de perto. - Como você disse, ficando aqui

Um Shank (trolha) morrerá hoje à noite. Uau, uma Shank (trolha) de morrerá hoje a noite. Qual é a diferença? - Senão a Thomas. Se é que você

está certo.

- Eu estou, disse Thomas sabia que ele estava certo sobre o buraco, o código a porta, necessidade de lutar. Mas se uma pessoa ou muitas iria morrer, não tinha ideia.

Mas se há uma coisa que seu intimo lhe dizia,não tinha que aceitar qualquer dúvida.

Newt lhe deu uns tapinhas nas costas.

- Bom, isso. Vamos trabalhar.

As horas seguintes foram frenéticas. A maioria dos habitantes da clareira finalmente aceitaram sair, ainda mais do que Thomas teria adivinhado.

Mesmo Alby decidiu fazer a corrida.

Apesar de ninguém admitir, Thomas apostou que a maioria deles estava levando em conta a teoria de que apenas uma pessoa seria morta pelos grievers e calculou que suas chances de ser não ser o estúpido infeliz eram aceitáveis.

Aqueles que decidiram ficar na clareira foram muito poucos mas resistentes e fortes. Principalmente andavam de malvado humor, tentando dizer aos outros como eles eram estúpidos.

Finalmente, desistiram e mantiveram distância.

Quanto ao Thomas e o resto dos envolvidos na fuga, havia um monte trabalho a ser feito. As mochilas foram distribuídas e recheada de suprimentos. Frypan (Newt disse a Thomas que o cozinheiro tinha sido um dos últimos encarregados a aceitar sair), estava encarregado de recolher todos os alimentos e encontrar uma forma de distribuir igualmente entre os pacotes. A seringas com soro de dor foram incluídas, embora Thomas não acreditava que os grievers iriam mordê-los. Chuck estava encarregado de encher garrafas de água e trazer todos para fora. Teresa o ajudou, e Thomas lhe pediu para adoçar a viagem tanto quanto pudesse, se tivesse que ficar mentindo, este seria o caso.

Chuck tentou ser corajoso desde a primeira vez que soube que estavam indo, mas a sua pele suada e os seus olhos atordoados revelavam a verdade.

Minho era ao precipício com um grupo de corredores, carregando

cordas de hera e rochas para testar a invisibilidade do buraco dos grievers pela última vez.

Esperamos que as criaturas seguissem sua programação normal e não saíssem de dia. Thomas tinha visto o assalto no buraco apenas no momento e tentar obter o código de forma rápida, mas não tinha ideia do que esperar ou o que poderia estar esperando por ele. Newt estava certo, seria melhor esperar até a noite e esperar que a maioria dos grievers estivessem no labirinto, e não dentro do buraco.

Quando Minho,voltou são e salvo, Thomas achava que parecia muito otimista de que realmente fosse uma saída. Ou entrada.

Dependendo de como você olhava. Newt ajudou Thomas a distribuir armas e ainda as mais inovadoras foram utilizados em seu desespero para estar preparado contra os grievers. Os polos foram esculpidos em lanças de madeira ou envolto em arame farpado, a facas eram afiadas, e protegida por fios para as pontas de galhos robustos cortado, das árvores de floresta os pedaços de cristal quebrados foram colados a um duto feita por pás. No final do dia, o povo da clareira teve de tornar-se em um pequeno exército. Um patético exército, mal equipados, Thomas pensou, mas um exército de qualquer maneira. Uma vez que ele e Teresa terminaram de ajudar, foram no lugar secreto dos Dead Heads (cabeças mortas) para desenvolver uma estratégia na estação de dentro do buraco dos grievers e como planejavam descobrir o código.

- Nós devemos ser aqueles que foram, disse Thomas, apoiando as costas contra as árvores inclinadas, as folhas que antes eram verdes já estavam começando a virar cinza com a falta de luz solar artificial. Dessa forma, se nós nos separamos, nós podemos permanecer em contato e continuar ajudando o outro.

Teresa tinha tomado um galho e era tirando a casca. - Mas precisamos de um backup caso algo aconteça a nós.

- Definitivamente. Newt e Minho conhecem as palavras do código, vamos dizer que eles tem que conseguir descobrir sozinhos o ordenador...

bem, você sabe... -

Thomas não queria pensar sobre todas as coisas ruins que poderiam acontecer.

- Não gosto do plano, então, bocejou Teresa, como se a vida fosse

completamente normal.

- Não muito em absoluto. Lutar contra os griever (verdugos) (verdugos), descobrir o código, fugir através da porta. Então, lidar com os criadores, não importa a que custo.

- Seis palavras de código, quem sabe quantos grievers -Teresa quebrou o galho na metade. O que você acha que o malvado representa, afinal?

Thomas sentiu com se estivesse sido golpeado no estômago. Por alguma razão, ao ouvir a palavra naquele momento, alguém bateu algo solto em sua mente e click. Ficou surpreendido que não tinha feito a ligação antes.

- Este sinal eu vi fora do labirinto, lembra? É o metal com as palavras gravadas nele? - O coração de Thomas começou a correr com entusiasmo.

Teresa franziu a testa em confusão por um segundo, mas então uma luz parecia acender-se atrás de seus olhos. - Whoa. Catástrofe Mundial: Departamento de Experimentos na Zona Morta. Malvado. O mal é bom, O escrevi em meu braço. O que quer dizer com isso?

- Não faço ideia. Então, eu estou morrendo de medo é que aquilo que estamos prestes a fazermos um mar de estupideces Poderia ser um banho de sangue.

- Todo mundo sabe no que você está se metendo, Teresa se aproximou e pegou sua mão. Nada a perder, lembra?

Thomas lembrado, mas por alguma razão as palavras de Teresa falharam por completo, não tem muita esperança neles. - Nada a perder, repetiu ele.

54

Pouco antes do fechamento do tempo normal das portas, Frypan preparou uma última comida pra levar à noite. O clima que pairava sobre o povo da clareira enquanto eles comiam não poderia ser mais sombrio e mergulhado no medo.

Thomas estava sentado ao lado de Chuck, distraidamente palitando sua comida.

- Então... Thomas, o garoto disse através de um grande bocado de puré batatas, - Quem me pôs esse apelido?

Thomas não pôde deixar de balançar a cabeça, lá estavam eles, prestes a embarcar provavelmente, na mais perigosa tarefa de suas vidas, e Chuck estava curioso de onde tinha vindo seu apelido. Eu não sei, Darwin, talvez? O cara que explicou a evolução.

- Aposto que ninguém tinha chamado antes de-cara - Chuck deu uma outra grande mordida, e parecia estar pensando que este era o melhor momento para conversar com a boca cheia e tudo mais. Você sabe, eu realmente não estou tão assustado.

Quero dizer, o mesmo acontece só em algumas noites, sentado em Homestead, apenas esperando que entrasse e um griever e que roubasse um de nós, era a pior coisa que eu nunca havia feito. Bom pelo menos agora nós estamos levando a eles, tentando alguma coisa pra eles.

E pelo menos...

- Pelo menos o quê? Perguntou Thomas.

Não acredito nem por um segundo que Chuck não é estivesse com medo, quase doía vê-lo a agir de forma tão corajosa.

- Bem, todo mundo está especulando que eles só podem matar um de nós. Soa como uma casca, mas dá-me alguma esperança. Pelo menos A maioria de nós pensa assim, basta deixar morrer um pobre louco. Melhor do que todos nós.

Thomas ficava doente só de pensar que as habitantes se apegavam à esperança de que apenas uma pessoa morrendo, quanto mais eu pensava nisso, menos pensava que era verdade.

Os criadores conheciam o plano, poderiam reprogramar OS

grievers. Mas mesmo falsas esperanças era melhor do que nada. - Talvez todos nós possamos conseguir isso. Isso se todos lutarem. Chuck parou de olhar seu rosto nas águas por um segundo e olhou para Thomas com cuidado. - Você realmente acha isso, ou apenas está tentando me animar?

- Nós podemos fazer isso, disse Thomas que comeu sua última comida, e tomou um gole grande de água. Ele nunca se sentira tão mentiroso em sua vida. As habitantes iriam morrer. Mas ele faria todo o possível para garantir que Chuck não fosse um deles. Ou Teresa. Não esqueça a minha promessa.

- Você ainda pode planejá-la. Chuck fez uma careta. - Por mais, que eu continue a ouvir que o mundo está em um estado lastimável.

- Ei, talvez, mas encontraremos os habitantes que se preocupam com a gente você vai ver.

Chuck se levantou. - Bem, eu não penso sobre isso, anunciou. Só me tira desse labirinto, e eu serei feliz.

- Está Bem, concordou Thomas.

Um choque de outra das mesas chamou sua atenção. Newt e Alby estavam agrupando os habitantes da clareira, dizendo a todos que era hora de ir.

Alby parecia o mesmo, mas Thomas ainda estava preocupado com estado mental do garoto. Na mente de Thomas, Newt estava no comando, mas também poderia ser uma bala perdida, às vezes.

O medo de gelado e pânico que Thomas tinha experimentado tantas vezes nos últimos dias se apoderou dele novamente com força total.

Era isso.

Então foram.

Tentando não pensar nisso, e apenas agir, levou sua mochila.

Chuck fez o mesmo, e era em direção na porta Oeste, a mesma que se dirigia para o precipício.

Thomas encontrou Tereza e Minho falando entre eles perto do lado esquerdo da porta , revendo os apressadamente os planos para introduzir

o código de fuga ao entrar no buraco.

- Vocês estão prontos? Minho perguntou enquanto se aproximavam. Thomas, tudo isso era ideia sua, por isso é melhor que isso funcione. Se não, eu vou te matar antes que os grievers o façam.

- Obrigado, disse Thomas. Mas ele não conseguia afastar a sensação de embrulho no estômago. O que aconteceria se de alguma forma ele estivesse errado? O que aconteceria se suas memórias fossem falsas ? -

Que tivessem sido plantados de alguma forma? O pensamento o apavorou, e se afastou. Não havia como voltar atrás.

Teresa olhou, ele mudou o peso de um pé para outro, torcendo as mãos. - Você está bem? Ela perguntou.

- Estou bem, com um pequeno sorriso, nada bem em absoluto...-

somente ansioso para acabar com isso.

- Amém, irmã,- disse o Minho. Para Thomas era ele que parecia mais calmo, o mais seguro, o menos assustado. Thomas o invejava.

Quando Newt finalmente tinha reunido todos eles, pediu silêncio, e Thomas voltou ouvir o que ele tinha a dizer.

- Estamos em quarenta e um de nós, colocou a sua mochila nas costas, e levantou um poste de madeira pesada com ferrões grossos ao redor de sua ponta. Aquela coisa parecia mortal.

Certifiquem-se de que tenham as suas armas. Além disso, não há nada mais a dizer e todos foram informados do plano. Nós vamos abrir caminho através do buraco dos grievers lutando, e Tommy teclará o código mágico e vamos tomar vingança sobre os criadores. Simples assim.

Thomas só ouvia Newt, tendo visto Alby, do outro lado do grupo principal dos Habitantes de clareira, sozinho. Alby encontrou sua corda de arco, enquanto olhava para o chão. Uma aljava de flechas pendurada em seu ombro. Thomas sentiu uma onda crescente de preocupação porque Alby era um pouco instável que de alguma forma ele iria estragar tudo. Decidiu vigiar ele cuidadosamente.

- Não deveria alguém dizer algumas palavras de encorajamento ou algo assim? - Minho perguntou, desviando a atenção de Thomas em Alby.

- Venha, disse Newt.

Minho assentiu a cabeça e encarou a multidão. - Tenha cuidado, disse ele secamente. Não vamos morrer.

Thomas teria se rido se pudesse, mas estava com tanto medo de passaria por uma transformação.

- Ótimo. Agora estamos fodidamente inspirados, disse Newt, em seguida, então apontou por cima do seu ombro para o labirinto. Todo mundo sabe do plano.

- Após dois anos sendo tratados como ratos, esta noite vamos nos levantar. Hoje à noite nós vamos lutar contra os criadores, não importa o que tenhamos que percorrer para chegar lá.

Esta noite vai ser melhor que os grievers estejam com medo.

Alguém começou a bater palmas, e depois outra pessoa. Logo gritos e gritos de batalha começou, alargada, enchendo o ar como um trovão. Thomas sentiu uma pequena quantidade de coragem dentro do seu interior, agarrou-a ,e instando-a a crescer. Newt estava certo. Hoje à noite, eles lutariam.

Hoje à noite iam expor a sua posição uma vez por todas.

Thomas estava preparado. Gritaram os outros habitantes da clareira.

Sabiam que deveriam ficar quietos, sem atrair mais atenção para eles, mas não se importaram. O jogo tinha começado.

Newt sacudiu a arma no ar e gritou. - Ouça esta criadores! Aqui vamos nós!

E com isso ele se virou e correu para dentro do labirinto, sua coragem era pouco perceptível. O ar cinzento parecia mais escuro do que a clareira, cheia de sombras e escuridão. Os habitantes da clareira, ao redor de Thomas, incentivando-o, pegavam suas armas e correram atrás dele, incluindo Alby.

Thomas seguia-os, caindo em uma fila entre Teresa e Chuck, equilibrando uma enorme lança de madeira e uma faca amarrada na parte superior. A súbita,sensação de responsabilidade por seus amigos era quase esmagadora dificultando sua corrida. Mas ele continuou, determinado a vencer.

Você pode fazer isso, ele pensou. É só chegar até este tal de “buraco”.

55

Thomas manteve um ritmo constante enquanto corria com os outros habitantes da clareira pelos corredores de pedra em direção ao precipício. Havia chegado a se acostumar a correr pelo labirinto mas isso era completamente diferente.

Os sons de muitos pés correndo ecoou nas paredes, e as luzes vermelhas dos olhos dos escaravelhos robôs pareciam mais ameaçadores na hera. Os criadores certamente estavam observando, ouvindo. Uma forma ou de outra, os esperava uma luta.

- Assustado? Teresa perguntou enquanto corriam.

- Não, eu adoro coisas feitas de graxa e aço. Mal posso esperar para vê-las.

- Ele não sentia alegria nem humor, e se perguntou se alguma vez voltaria sentir isso novamente.

- Muito engraçado, - ela respondeu. Ela estava bem do seu lado pelo que seus olhos permaneciam no caminho em frente.

- Nós vamos ficar bem. Só se mantenha perto de mim e de Minho.

- Oh, meu príncipe encantado.. Que era ? Não acredita que posso me defender?

- Na verdade, ele pensava o contrário ... Teresa parecia tão forte como ninguém.

- Não, estou apenas tentando ser gentil.

O grupo se espalhou em toda a largura do corredor, correndo um ritmo constante, mas rápido. Thomas se perguntou por quanto tempo o corredores poderiam continuar? Como respondendo a seu pensamento, Newt retrocedeu, tocando no ombro de Minho.-Você nos guiará agora.

Thomas o olhou. Minho assentiu e correu para frente,levando os habitantes da clareira por cada volta e giros necessários.

- Cada passo era uma agonia para Thomas. Qualquer coragem que encontraram, agora tornou-se medo e se perguntou quando os grievers iriam começar a caçar? Quando iniciaria o combate?

Ele continuou pensando enquanto corriam, com todos aqueles caras não acostumados a correr tais distâncias tão ofegantes de grandes correntes de ar. Mas ninguém desistiu. Correram mais e mais,sem nenhum sinal dos grievers. E como o tempo passava, Thomas se permitia alcançar o menor fio de esperança: talvez eles poderiam fazê-lo antes de ser atacados.

Talvez.

Finalmente, após as horas mais longas da vida de Thomas, atingiriam a passagem que levava para a última volta antes do precipício, um pequeno corredor para a direita que se separava em dois, como a letra T.

Thomas, com seu coração batendo forte, com o suor escorrendo pelo rosto .Estava bem detrás de Minho com Teresa ao seu lado. Minho diminuiu o ritmo antes de ao chegar à esquina, parou, erguendo a mão para Thomas e contar aos outros que fizeram o mesmo. Em seguida, virou-se com uma cara de espanto em seu rosto.

- Ouviu isso? -Sussurrou.

Thomas balançou a cabeça, tentando bloquear o terror que a expressão na face de Minho lhe havia dado.

Minho adiantou-se e olhou ao redor da pedra angulada, olhando para o precipício.

Thomas o tinha visto isso antes, quando seguiu um griever por este lugar. Como desta vez, Minho deu um passo rápido para trás e se virou para enfrentá-lo.

- Oh, não! - Disse o encarregado com um gemido. Oh, não!

Thomas ouviu então. Um barulho de grives Era como se tivessem se escondendo, esperando, e agora voltavam à vida. Ele não sabia nem por onde deviam olhar...

Sabia o que Minho o que ia dizer antes de dizê-lo.

- Há pelo menos uma dúzia deles. Talvez quinze. Ele levantou as mãos e esfregou os olhos com as palmas das mãos. Eles estão só esperando a gente!

O frio congelante do medo de Thomas era mais difícil do que ele já teve.

Olhou para Teresa parecia prestes a dizer algo, mas parou quando viu a expressão do seu rosto pálido... ele nunca tinha visto o terror se

apresentar de uma forma tão clara. Newt e Alby haviam avançado através da linha dos garotos da clareira para unir-se a Thomas e os outros.

Aparentemente, as declarações de Minho foram sussurradas pelos demais Além disso, porque a primeira coisa que Newt disse era, 'Bem, nós sabíamos que teríamos que lutar - Mas o tremor em sua voz não conseguia esconder... ele só tentou dizer o que parecia ser certo.

Thomas sentiu o mesmo. Tinha sido fácil falar sobre isso, sobre o nada por perder a esperança de que apenas se somente um deles,tivesse tido a oportunidade de finalmente escapar. Mas agora estava ali, literalmente ao virar a esquina.

As dúvidas sobre se ele poderia fazê-lo penetraram em sua mente e coração.

Ele se perguntaram por que os grievers só esperavam? Os escaravelhos robôs haviam obviamente, que eles permitiriam saber que as habitantes da clareira viriam. Será que os criadores brincavam com isto?

Ele teve uma ideia. - Talvez eles já tivessem conquistado um dos garotos da clareira. Talvez possamos passar à frente deles... Por que outra razão seria...?

Um forte barulho os interrompeu por detrás. Ele se virou para ver e viu mais grievers no final do corredor , aproximando-se deles com agulhas movendo-se e os braços de metal tateando as paredes, vindos da clareira.

Thomas estava prestes a dizer alguma coisa quando ele ouviu os sons do outro extremo do lago estreito, e se virou para ver ainda mais grievers se aproximando.

O inimigo estava em toda parte, bloqueando-os completamente.

Os habitantes da clareira, se aproximaram de Thomas, formando um grupo forte, forçando-o a mover-se para o espaço aberto, onde o corredor de passagem do precipício se encontrava com o beco estreito. Veio o grupo de grievers entre eles para o precipício, com as pontas estendidas, com sua pele úmida pulsando por dentro e por fora.

Esperando,observando. Os outros dois grupos de grievers tinham parado, e a apenas algumas dezenas de metros dos habitantes, da clareira, que estavam também esperando, e observando.

Thomas rolou-se lentamente em um círculo, e lutando contra o medo,

enquanto assimilava tudo. Estavam cercados.

Eles não tiveram escolha agora, não havia nenhum lugar para ir.

Uma acentuada, e pulsante dor, latejava detrás de seus olhos.

Os garotos da clareira ficaram compactados em um grupo apertado em torno dele, todos olhando para fora, amontoados no meio do cruzamento em formato de T.

Thomas ficou espremido entre Newt e Teresa, sentindo Newt tremer. Ninguém disse uma palavra. Os únicos sons eram os gemidos misteriosos, zumbidos das maquinarias dos grievers, imóveis ali, e aproveitando a pequena armadilha que colocaram para os seres humanos.

Seus corpos repugnantes se moviam para dentro e para fora com cada respiração mecânica.

- O que eles estão fazendo? Thomas perguntou para Tereza.. O

que esperam? Ela não respondeu, o que o perturbava. Ele estendeu a mão e segurou fortemente a dela. Os garotos em volta dele permaneciam em silêncio, segurando suas armas.

Thomas olhou para Newt. - Alguma ideia?

- Não, respondeu, com sua voz um pouco instável. Eu não entendo o que diabos estão esperando.

- Nós não devíamos ter vindo, disse Alby. Ele havia estado tão calado que a sua voz soava estranha, principalmente com o eco que as paredes do labirinto criaram.

Thomas não estava de humor para se lamentar, eles tinham que fazer alguma coisa. - Bem, não estaríamos melhor em Homestead. Eu odeio dizer, mas se qualquer um de nós morrer isso talvez fosse melhor para o resto de nós. - Esperava realmente que isso viria de uma pessoa por noite, era verdade agora. Vendo todos os grievers em torno deles lhe dera um sopro de realidade. Poderiam realmente lutar contra todos eles?

Um longo tempo passou antes de Alby responder. - Talvez eu devesse...- Ele se separou e começou a andar para a frente em direção ao precipício, lentamente, como se estivesse em algum tipo de transe.

Thomas olhou incrédulo, mas não não podia acreditar.

- Alby? Gritou Newt: - Volte aqui!

Em vez de responder, Alby correu diretamente para o grupo de grievers de pé entre eles e o precipício.

- Alby, gritava Newt.

Thomas começou a falar, mas Alby tinha chegado até os monstros e pulou em cima de um deles. Newt andou do lado de Thomas e caminhou para Alby, mas cinco ou seis dos habitantes da clareira reagiram e seguraram-no.

Thomas o alcançou e pegou Newt pelos braços,antes que ele pudesse ir mais longe, então o jogou para trás.

- Me solte ! Newt gritou, lutando para se soltar.

- Você está louco! Thomas gritou. Não há nada que você pode fazer!

Dois grievers quebraram sua formação e correram sobre Alby, se empilhavam um acima do outro,sobre o garoto e enquanto o cortavam queriam demonstrar sua crueldade viciosa.

De algum modo, impossivelmente, Alby não gritou. Thomas perdeu de vista o corpo dele enquanto lutava com Newt, grato pela distração. Newt finalmente se deu por vencido.

Alby tinha enlouquecido, pensou Thomas, lutando contra o desejo do seu estômago de esvaziar o seu conteúdo. O seu líder tinha ficado tão assustado de voltar ao que tinha visto,que ele havia escolhido sacrificar-se em seu lugar. Ele tinha ido embora. Para sempre.

Thomas ajudou Newt a se levantar, ele não conseguia parar de olhar para o lugar onde seu amigo tinha desaparecido.

- Eu não posso acreditar!!! Sussurrou Newt. Eu não posso acreditar que ele fez isso.

Thomas balançou a cabeça, incapaz de responder. Todos ao verem Alby morrer assim...era um tipo de dor que nunca havia sentido ,por dentro uma dor cruel e perturbadora, muito pior do que a dor física. E nem sequer sabia se ele tinha algo a ver com Alby, ele nunca tinha gostado muito do cara. Mas o pensamento de que isso poderia acontecer com Chuck... ou Teresa...

Minho aproximou-se de Thomas e Newt e apertou o ombro de Newt- Não podemos desperdiçar o que ele fez, ele virou-se para Thomas.

- Lutaremos contra eles, e se tivermos de fazer, e vamos abrir um caminho para o precipício para você e Teresa. Entrem no buraco e façam suas coisas, vamos continuar do lado de fora até que gritem para que nós o sigamos.

Thomas olhou para cada um dos três grupos de grievers. Nenhum deles tinha feito um movimento em direção a eles, em seguida, concordou.

- Com sorte, estarão inativos por um tempo. Nós só precisamos de um minuto para digitar o código.

- Como podem ser tão cruéis? Murmurou Newt com uma repugnância em sua voz que surpreendeu Thomas.

- O que é que você quer, Newt? Minho disse: - Que vamos corrigir tudo e fazer um funeral?

Newt não respondeu, ainda olhando para o lugar onde os grievers pareciam estar se alimentando do corpo de Alby abaixo deles.

- Thomas não pôde deixar de olhar, ver uma mancha vermelha forte em um dos corpos das criaturas. Seu estômago embrulhou e rapidamente desviou o olhar. Minho prosseguiu. - Alby não queria voltar para sua antiga vida. Ele se condenou sacrificando-se por nós, e eles não nos atacaram, era assim que tinha de ser. Seríamos cruéis se desperdiçássemos isso. Newt apenas deu de ombros, fechando os olhos.

Minho se virou e encarou o aglomerado dos moradores da clareira.

- Ouçam! Nossa prioridade é proteger a Teresa e Thomas. Levá-los até ao precipício e ao buraco dos...

Os barulho dos grievers voltaram a vida,interrompendo-o. Thomas assistia horrorizado. As criaturas dos dois lados do seu grupo pareciam ter notado eles novamente. As agulhas espetavam por dentro e por fora, seus corpos tremiam e pulsavam.

Em seguida,juntos, os monstros se aproximaram, lentamente, com os braços mecânicos se desdobrando, apontando para Thomas e os outros, pronto para matá-los.

Apertar o nó na corda da armadilha que se formou ao seu redor, os grievers uniformemente vieram em sua direção,contra eles. O sacrifício de Alby havia falhado miseravelmente.

56

Thomas pegou o braço do Minho. - De alguma forma eu tenho que passar por isso! - Ele assentiu com a cabeça e apontou para o pacotes girantes dos grievers entre eles e o precipício, eram vistos como uma enorme massa de graxa, com ferrões, brilhando com as luzes piscando.

Eram ainda mais ameaçadores à luz tênue.

Thomas esperou por uma resposta de Minho e Newt e intercambiaram um longo olhar. A antecipação da luta era quase pior do que o medo dela mesma.

- Eles estão chegando! -gritou Tereza.

- Temos de fazer alguma coisa!

-Você dirige - Disse Newt finalmente a Minho, com sua voz quase sussurrando.

- Faça um maldito caminho para Thomas e para a menina. Faça-o Minho assentiu com a cabeça uma vez, e um olhar de ferro endurecia seus rostos.

Então ele se virou para os habitantes da clareira. – Vamos direto para O precipício! Lutem por isso, pressionem as coisas contra a parede.

O mais importante é levar Thomas e Teresa para o buraco dos grievers!

Thomas olhou para o outro lado, de volta à proximidade dos monstros que estavam a alguns metros de distância. Ele o monstro agarrou a pobre moça com uma lança.

Temos que permanecer juntos. Disse pra Tereza. Deixe-os lutar, temos que conseguir passar pelo buraco. ele se sentia como um covarde, mas sabia que qualquer luta ou qualquer morte seria em vão, a não conseguiriam acionar o código, e abrir o portal dos criadores.

- Eu sei. Ela disse. Nós vamos ficar juntos.

- Vamos! Gritou Minho junto a Thomas, erguendo o bastão no ar envolto em arame farpado com uma mão, e uma faca de prata comprida na outra.

Apontou a faca para a horda de grievers, e uma luz se refletia na

lamina. Agora!

O encarregado estava na frente, sem esperar, por uma resposta.

Newt ficou atrás dele, justo sobre os seus calcanhares, e, em seguida, o resto dos habitantes da clareira os seguiram um bando de garotos, gritaram e faziam uma sangrenta batalha, com as armas levantadas. Thomas pegou a mão de Teresa, deixou de ir ao passado, ele sentiu que isso o golpeava, sentiu seu medo, percebia seu terror, aguardando a oportunidade perfeita para fazer o seu próprio conselho. Quando os primeiros sons dos garotos batendo nos grievers encheram o ar, atravessada por gritos e urros das máquinas e madeira ressoando contra o aço, Chuck passou correndo junto com Thomas e agarrou seu braço. Chuck cambaleou para trás, depois olhou para Thomas, com os olhos tão cheios de medo,que Thomas sentiu algo que se partira em seu coração.

Nessa fração de segundo, tinha tomado uma decisão. Chuck você está comigo e Teresa, disse com força, com autoridade, não deixando espaço para dúvidas.

Chuck olhou para a frente de batalha.

- Mas... Ele fez uma pausa, e Thomas sabia que o garoto gostou da ideia, mas tinha vergonha de admitir isso.

Thomas rapidamente tratou de salvar a sua dignidade. - Nós precisamos da sua ajuda no buraco dos grievers, caso tenha uma dessas coisas esperando por nós.

Chuck assentiu com a cabeça rapidamente, muito rapidamente.

Mais uma vez, Thomas sentiu uma pontada de tristeza em seu coração, sentiu a necessidade de ir para casa com Chuck em segurança,sentimento esse mais forte do que jamais havia sentido.

- Muito bem, disse Thomas. Pegue a outra mão de Teresa. -

Vamos.

Chuck fez o que ele disse, tentando ser valente, Thomas observou que ele não disse nada, talvez pela primeira vez em sua vida.

- Eles fizeram uma abertura! Teresa gritou para Thomas em sua mente enviando uma facada rápida de dor através de seu crânio, o povo da clareira está lutando descontroladamente contra os grievers os empurrando contra as paredes.

- Agora! Gritou Thomas.

Ele correu na frente, tirando Tereza deles. Teresa colocou Chuck detrás dela, correndo, a toda velocidade lanças e facas brandindo em batalha entrando no corredor de sangue, entre gritos e pedras. Em direção ao precipício.

A guerra desenrolou-se ao redor deles. Os habitantes da clareira, lutando, o pânico induzido pela adrenalina. O som que ecoava pelas paredes eram uma cacofonia de terror, gritos humanos, metal chocando contra metal, motores rugindo, os gritos dos Grivers, serras girando, garras brandindo, os garotos gritando por ajuda. Tudo era sangue, confusão e brilhos de aço cinza,e mortos no chão. Thomas tentou não olhar para a esquerda ou direita, apenas para frente, através de espaço estreito formado pelos habitantes da clareira.

Mesmo quando eles correram, na mente de Thomas passaram as palavras do código.

Flutuante, Catch, Bleed, Desth, Stiff, push. (Flotar, capturar, sangrar, morrer, cadáver, empurrar.) apenas tinham que percorrer uma dúzia de metros.

- Algo acabara de cortar meu braço!

Teresa gritava em sua mente. Mesmo quando dizia, Thomas sentiu uma pontada na perna. Não olhe para trás, não se incomodou em responder. A impossibilidade da situação estava fervendo como um dilúvio de águas negras e pesadas inundavam-no em torno dele, arrastando-os para desistirem.

Ele lutou, jogando-se para a frente.

O precipício estava lá, abrindo para um céu cinza escuro,a cerca de seis metros distância. Ele se aproximou, livrando seus amigos. Diante de batalhas em ambos os lados, Thomas se recusou a olhar, se recusou a ajudar. Um griever (verdugo) foi colocado diretamente no seu caminho, um garoto, com o rosto oculto,se agarrou em suas garras, esfaqueando com força a pele grossa, tratando de escapar.

Thomas desviou para a esquerda, ele seguiu correndo. Passado um grito, um lamento ardente só pode significar que o habitante de clareira tinha perdido a luta, encontrando um terrível rival.

O grito, corria, rasgando o ar, sobrepondo-se aos outros sons de guerra, até que pararam. Thomas sentiu o tremor de seu coração, esperava que não fosse alguém que conhecesse.

- Vá em frente! Disse Teresa.

- Eu sei! Thomas gritou.

Alguém passou correndo e esbarrou em Thomas. Um griever o atacou pela direita,com a lâmina girando. Logo um habitante da clareira apareceu com duas espadas longas,de metal que brandiam e ressonavam enquanto lutava com o griever. Thomas ouviu uma voz distante, gritando as mesmas palavras repetidas várias vezes, diziam algo sobre ele. Diziam “protejam-no” enquanto corria. Era Minho o desespero e fadiga irradiavam seus gritos.

Thomas seguiu em frente.

- Um quase a ponto de tocar Chuck!

Teresa gritou. Houve um eco violento em sua cabeça.

Mais grievers vinham sobre eles, enquanto mais habitantes da clareira vinham ajudar. Winston tinha entesado o arco e flecha de Alby, lançando flechas de aço em qualquer coisa que se mexesse, que não fosse humano falando mais do que acertava, Thomas não conhecia os que estavam a seu lado, enquanto lutava contra os grievers com as suas armas improvisadas, saltando sobre eles, atacando-os. Os sons, a luta , gritos, choro, gemidos, rugidos de motores, serras, lâminas quebrando, o barulho de pregos contra o chão, os pedidos de assistência desde o início, tudo estava crescendo, tornando-se insuportável. Thomas gritava, mas ele continuou correndo até que chegou ao precipício. Ele parou justamente na ponta. Teresa e por último Chuck tropeçou neles quase enviando os três a uma queda interminável. Em uma fração de segundo Thomas examinou a sua visão do buraco dos grievers. Saindo no meio do nada as heras se espalhavam em qualquer lugar.

Anteriormente, Minho e um par de runners (corredores) haviam retirado as cordas da hera e as heras continuavam agarradas às paredes.

Tinham jogado em seguida, os cabos soltos sobre o precipício até que chegassem ao buraco dos grievers, onde agora seis ou sete heras corriam pela borda de pedra em um quadrado invisível, flutuando no céu vazio, onde desapareciam no nada.

Era hora de saltar. Thomas hesitou, sentindo um último momento de terror, marcado pelos sons horríveis detrás dele, vendo a ilusão que teria adiante em seguida,e saindo dela. Você primeiro Teresa. Ele queria ir atrás para se certificar que nenhum griever alcançasse ela ou Chuck. Para sua surpresa, ela não hesitou.

Depois de apertar a mão de Thomas, Então o ombro de Chuck, ele saltou para fora da borda,de imediato apertando suas pernas,e no lado dos braços. Thomas segurou a respiração até que ela entrou no terreno entre as cordas de hera e desapareceu. Parecia que tinham sumido da existência com um golpe rápido.

- Uau! Gritou Chuck,com uma pitada de seu antigo eu.

- Uau! Você está certo, disse Thomas. Você é o próximo.

Antes que o garoto pudesse argumentar, Thomas pegou seus braços e apertou o tronco de Chuck.

-Empurra com as pernas e eu vou te dar um impulso. Pronto? Um, dois, três! -

Ele resmungou, com o esforço, jogando-o para o buraco.

Chuck gritou enquanto voava através do ar, e quase perdeu o alvo, mas seus pés pesaram e depois a barriga e os braços que bateram contra as paredes invisíveis do precipício antes de desaparecer no interior dele. A coragem do garoto havia solidificado algo no coração de Thomas. Apertou as correias de sua mochila, pegou sua lança improvisada de luta,firmemente em seu punho direito. Os sons detrás dele eram horríveis, se sentia culpado por não ajudar. Simplesmente faça a sua parte.

Disse pra si mesmo.

Abrangendo os seus nervos golpeou sua lança no chão de pedra em seguida plantado o pé esquerdo na borda do precipício e saltou, catapultou para cima e no ar do crepúsculo. Ele colocou a lança perto do peito, colocando os pés para baixo, Com seu corpo rígido.

Logo alcançou O buraco.

57

Uma linha de frio varreu a pele de Thomas quando ele entrou no buraco dos grievers, com base em seus dedos e continuando através de todo o seu corpo, como se ele tivesse pulado dentro de um piso de água congelada. O mundo tornou-se ainda mais escuro ao seu redor quando seus pés bateram em uma superfície escorregadia, e depois logo saiu, disparado de debaixo dele, caiu de costas nos braços de Teresa. Ela e Chuck o ajudaram a ficar de pé. Era um milagre que Thomas não havia esfaqueado alguém no olho com sua lança.

O buraco dos grievers tinha sido tão negro, se não fosse a lanterna de Teresa cortando a escuridão. Quando Thomas se orientou, ele percebeu que estavam sobre uma pedra de dez pés de altura do cilindro. Estava úmido e coberta de petróleo brilhante, e se estendia por milhares de metros antes de desaparecer na escuridão. Thomas olhou para o buraco que ele havia chegado, como uma janela quadrada em um espaço profundo, sem estrelas.

O computador está lá. Teresa disse, chamando a sua atenção.

Vários metros dentro do túnel, virou a luz da lanterna sobre um pequeno placa de vidro suja que brilhava uma cor esverdeada. Embaixo dela tinha um teclado na superfície, perto o suficiente para alguém escrever sobre ele facilmente sem precisar estar de pé. Ali estava uma lista de código.

Thomas não pôde deixar de pensar que parecia fácil demais, bom demais para ser verdade.

- Coloque as palavras! - Chuck gritou, batendo no ombro de Thomas.

- Rápido!

Thomas disse para Tereza. Chuck e eu vamos dar uma olhada, vou me certificar de que os Grivers não entrem através do buraco. - Apenas esperava que as habitantes, da clareira, haviam voltado sua atenção para o corredor do labirinto e que as criaturas e ficassem longe do precipício.

- Tudo bem, disse Teresa sabia que Thomas era inteligente demais para perder tempo discutindo sobre isso. Ela foi para o teclado e a tela, e em seguida começou a escrever.

- Espere! Thomas falou em sua mente.. Tem certeza de que conhece as palavras?

Ela se virou para ele e franziu o testa. - Eu não sou uma idiota, Tom.

- Sim, eu lembro perfeitamente.

Um grande estrondo por cima e por detrás deles lá fora, a interrompeu e caiu por cima de Thomas.

Ele se virou para ver e viu um griever , aparecendo do buraco como que por magica na caixa escura. A coisa tinha recolhido suas orelhas e os braços para entrar, quando ela caiu, como um golpe brando,e uma dúzia de objetos afiados e desagradáveis que trazia consigo ficaram para trás, e quando percebeu se viu mais mortal do que nunca.

Thomas empurrou Chuck para trás de si e encarou a criatura, estendendo a sua lança como se isso fosse torná-los livres,dela.

- Só continue escrevendo, Teresa! Ele gritou.

Um som metálico saiu da haste da pele úmida do griever,implantado em um longo apêndice com três lâminas giratórias, movendo-se diretamente para o rosto de Thomas.

Pegou o cabo de sua lança com ambas as mãos, apertando forte para diminuir o ponta da faca para o chão antes dele.

O braço da lamina se moveu dentro dos seus pés, pronto para cortar a pele do monstro em pedaços. Quando estava a apenas a uns 30

centímetros de distância, Thomas pressionou os músculos e brandindo a lança para cima, ao redor e em direção ao teto tão forte quanto pôde. Ele golpeou o braço de metal da criatura e virou a coisa para o céu, transformando-a em um arco até que ela caiu de volta no corpo do griever.

O monstro soltou um grito furioso que ecoou de volta vários metros,com as farpas retráteis de seu corpo. Thomas inspirou e respirou. E

disse -Talvez eu não possa suportar. Ele se apressou a dizer Teresa vai logo,seja rápida!

- Estou quase terminando,ela respondeu.

As farpas do griever apareceram de novo, emergindo de sua cabeça e um braço saiu para fora de sua pele na sua frente, desta vez com grandes garras, buscando alcançar a lança. Thomas novamente, desta vez jogou a

lança sobre a cabeça do mostro, usou cada pouco de força que ainda tinha no ataque. A lança caiu na base da garra.

Com um barulho alto e, em seguida um som de esmagamento, o braço inteiro foi arrancado de seu alvéolo, caindo no chão. Então, com a boca de uma espécie que Thomas não conseguia ver,o griever soltou um grito longo, e as farpas se abriram novamente.

- Essas coisas são invencíveis!

- Thomas gritou.

- Não, me deixa colocar a última palavra! Teresa disse em sua mente.

Mal podia ouvi-lo, não percebeu muito bem, ele gritou com um estrondo e se aproveitou do momento de fraqueza do griever. Jogando a sua lança violentamente, saltou sobre o corpo do bulbo da criatura, acertando os dois braços de metal longe dele com um forte estalo. Ele levantou a sua lança sobre a cabeça, apoiou os pés, sentiu que se afundava na asquerosa graxa então empurrou para baixo e cravou a lança no monstro. Uma substancia pegajosa produto da explosão de carne respingou nas pernas de Thomas enquanto conduzia a lança a medida que a afundava no corpo da coisa.

Então soltou a empunhadura da pistola e saltou no ar, correndo de volta para Chuck e Teresa.

Thomas observava com um fascínio doente que o griever tremia incontrolavelmente jogando o óleo amarelo em todas as direções. Seus bicos se meteram dentro e fora da pele, com os braços esticados demais davam voltas na confusão de massas, por vezes empalando seu próprio corpo. Logo começou a declinar, perdendo energia com cada gota de sangue e combustível perdido.

Poucos segundos depois, ele parou de se mover completamente.

Thomas não poderia acreditar. Absolutamente, não podia acreditar.

Havia derrotado apenas um griever um dos monstros que aterrorizavam os habitantes da clareira há mais de dois anos.

Ele olhou para trás para Chuck, que estava lá com os olhos abertos.

- Você o matou, disse o garoto. Ele riu, como se aquele ato tinha sido resolvido todos os seus problemas.

- Não foi tão difícil-Murmurou Thomas, então se virou para ver Teresa

digitando freneticamente no teclado.

Ele soube de imediato que algo estava errado.

- Qual é o problema? - Ele perguntou, quase gritando. Ele subiu correndo para procurar por cima do ombro e viu que ela estava escrevendo a palavra push (empurre) uma e outra vez, mas nada apareceu na tela.

Ela apontou para a caixa de vidro suja,e vazia, com sua cor verde viva.

Colocou todas as palavras uma por uma,algo apareceu na tela, então houve um som e desapareceu. Mas não vai me deixar escrever a última palavra. Nada do que está acontecendo!

O frio entrou nas veias de Thomas enquanto as palavras de Teresa o afundavam. - Bem... Por quê?

- Eu não sei! - Ela tentou novo e de novo. Nada apareceu.

- Thomas! Chuck gritou por trás deles. Thomas se virou para ver o buraco dos Grivers,e uma outra criatura estava fazendo seu caminho detrás dele. Enquanto olhava, caiu em cima de seu irmão morto e outro griever começou a entrar no buraco.

- O que está demorando tanto? - Chuck gritava freneticamente.

Você disse que eles iriam embora quando colocasse o código!

Quando os grievers tinham corrigido e ampliado seu auge, começaram a se mover contra eles.

- Não vamos colocar a palavra push, disse Thomas ausente, na verdade não falava com o Chuck, tratava de pensar em uma solução...

Eu não entendo. Disse Teresa.

Os grievers se aproximavam, a poucos metros de distância. Sentia que sua vontade desaparecia na escuridão, Thomas apoiou os os punhos levantados com pouco entusiasmo. No código era suposto que...

- Talvez você só devesse pressionar esse botão,- disse Chuck.

Thomas ficou tão surpreso com a declaração aleatória longe dos grievers,que olhavam para o garoto.

Chuck estava apontando para um local perto do chão, justo de baixo da tela e do teclado.

Antes que ele pudesse se mover, Teresa já estava lá, agaixada sobre os joelhos. E consumido pela curiosidade,por uma esperança fugaz, Thomas juntou a ela, o revirando o solo, para obter uma melhor visão. Ele ouviu o barulho do griever gemendo e atrás dele, ele sentiu uma garra afiada agarrando sua camisa, ele sentiu uma pontada de dor. Pelo que ele só podia ver.

Havia um pequeno botão vermelho na parede a poucos centímetros do chão.

Três palavras foram impressas em preto lá, era tão óbvio que mal podia acreditar que não tinha visto antes.

Matar o labirinto Thomas sentia seu estupor. O griever pegou dois instrumentos, e começou a arrastá-lo para trás. e outro griever ia atrás de Chuck e estava prestes a bater na menina com uma lança longa.

- Um botão.

- Push(empurra)! Thomas gritou mais alto do que ele poderia ser possível ,para um humano gritar.

E Teresa apertou.

Ela apertou o botão e tudo foi um perfeito silêncio. Então, de algum lugar túnel escuro, veio o som de uma porta deslizando se abrindo.

58

Os grievers quase que imediatamente haviam saído completamente, seus instrumentos tinham sido sugados pela pele azul-violeta, a sua luz apagada, a suas máquinas de dentro estavam tranquilamente mortas. Mas e essa porta...

Thomas caiu no chão após ser libertado das garras do seu captor, e apesar da dor de vários cortes nas costas e nos ombros, a euforia passou, era tanta a força que eu não sabia como reagir. Engasgou, riu, e, em seguida, ele sufocou num soluço antes de rir de novo.

Chuck havia escapado dos grievers, tropeçando em Teresa, ela o abraçou apertando-o com um abraço forte.

- Chuck,você conseguiu,, disse Teresa. Ficamos tão preocupados com as estúpidas palavras do código,que não pensamos em arranjar alguma coisa para teclar, a última palavra a última peça do quebra-cabeça!

Thomas riu novamente, sem acreditar que tal coisa poderia ser possível tão cedo depois do que tinha acontecido. - Tem razão Chuck, cara você nos salvou !disse Thomas

-Eu te disse que eu te ajudaria, né?

- Então Thomas se levantou e se juntou aos outros dois em um abraço em grupo, quase delirante. Chuck você é um herói do caralho!

- E os outros? Teresa disse com um aceno de cabeça em direção ao buraco dos grievers. Thomas sentiu sua alegria se secar, e ele se afastou e voltou em direção ao buraco.

Como se em resposta à sua pergunta, alguém caiu na quadro preto, era Minho, parecia que ele tinha sido esfaqueado em noventa em porcento de seu corpo.

- Minho, exclamou Thomas, cheio de alívio. Você está bem? Que aconteceu com todos outros?

Minho cambaleou em direção à parede curva do túnel, depois se inclinou em direção a ela, engolindo grandes inspirações. - Nós perdemos um monte de gente... É um rio de sangue lá em cima então...tudo se apagou, ele fez uma pausa, respirou muito profundamente e deixá-la ir em um sopro de ar. Você fez. Eu não posso acreditar efetivamente funcionou...

Newt então entrou, seguido por Frypan.

Então, Winston e os outros. Se haviam somado dezoito que tinham se juntado a Thomas e seus amigos no túnel, fazendo um total de 21

habitantes, da clareira. Todos os últimos dos quais tinham sido deixado para trás e lutaram estavam cobertos de lama e sangue humano e de grievers, suas roupas estavam em farrapos.

- Vocês são o resto? Thomas perguntou, aterrorizado pela resposta.

- Metade de nós, disse Newt,com sua voz fraca. Morreram.

Ninguém disse uma palavra em seguida.

Ninguém disse uma palavra por um longo tempo.

- Você sabe o que? Minho disse, levantando um pouco mais alto.

Metade de nós poderia ser morta, mas outra a metade de nós ainda estaria viva. E nada aconteceu como pensou Thomas. Temos que sair daqui!

Thomas pensou,pensou rápido. Sua alegria driblou a distância, em um luto profundo pelos vinte garotos que tinham perdido suas vidas.

Apesar das alternativas, apesar de saber que se não tivessem tentado escapar, eles poderiam ser mortos, ou ainda lesionados, mas ele ainda não tinha os conhecido muito bem. Talvez a implantação de morte, pode ter ser sido considerado uma vitória?

- Vamos sair daqui, disse Newt. Agora mesmo.

- Para onde vamos? perguntou-Minho.

Thomas apontou para o longo túnel. - Eu ouvi que a porta do andar de baixo se abriu pelo caminho. Ele tentou afastar a dor de todos esses horrores da batalha que haviam acabado de ganhar. Perdas. Ele os rechaçou, sabendo que eles não estavam seguros.

- Bem, vamos lá, disse Minho. E o garoto virou-se e começou a andar pelo túnel, sem esperar por uma resposta.

Newt assentiu com a cabeça, levando os outros habitantes da clareira que o seguiram.

Um a um eles se foram até que só ficou Thomas e Teresa.

- Eu vou, disse Thomas.

Ninguém argumentou. Newt seguiu, depois de Chuck e Teresa entrou no final do túnel preto. Mesmo as lanternas pareciam afogadas no escuro. Thomas continuou, sem nem se preocupar em olhar para trás, e ver os grievers mortos.

Após um minuto, ele ouviu um grito na frente, depois outro, então o outro. Seus gritos se desvaneceram, como se estivessem caindo...

As ondulações fizeram o seu caminho para baixo da linha e, finalmente, Teresa se dirigiu para Thomas. - Parece que termina em um desfiladeiro ali,disparou uma bala.

O estomago de Thomas revirava só de pensar nisso. Parecia um jogo, que tinham construído no local pra eles, pelo menos.

Um por um, os gritos que ouvia diminuíram e havia zombaria dos habitantes da clareira adiante. Em seguida era a vez de Newt, após Chuck.

Teresa iluminado com sua luz estabelecendo um íngreme, canal descendente de metal negro.

Eu acho que não temos outra opção, ela disse em sua mente.

Acho que não. Thomas tinha um forte sentimento de que havia uma maneira fora de seu pesadelo, mas só esperava que não fosse transformado em outro pacote de grievers.

Teresa descia o tobogã com um grito quase alegre, e Thomas a seguiu antes que pudesse mudar de opinião, qualquer coisa era melhor do que o labirinto.

Seu corpo era trazido para baixo em uma queda acentuada, com uma mancha oleosa substância pegajosa que cheirava a plástico queimado e máquinas utilizadas em excesso.

Ele virou seu corpo até que ele tem os pés na frente dele, e depois tentou conter as mãos e deslizar lentamente.

Era inútil, a questão da gordura cobria cada polegada da pedra, não poderia ter onde se agarrar.

Os gritos dos outros habitantes da clareira, ricochetearam nas paredes do túnel, enquanto ele deslizava pela passagem de óleo. Pânico apreendia o coração de Thomas. Ele não podia lutar contra a imagem que tinha sido

engolido por uma besta gigantesca e ia deslizando-se no seu longo esôfago, a ponto de desembarcar em seu estômago a qualquer segundo. Como se seus pensamentos se materializassem, os cheiros alterados para algo mais parecido com o molho e putrefação. Náusea começou, apesar de todos os seus esforços para não vomitar sobre si mesmo.

O túnel começou a girar em espiral em bruto suficiente para reduzir a sua velocidade, e os pés de Thomas bateu à direita de Teresa, batendo-a na cabeça nas costas,e uma sensação de completa miséria caiu sobre ele.

Eles continuaram a descer. O tempo parecia se esticar sem fim.

Eles estavam dando voltas e voltas no tubo. Náuseas, queimação no estômago, baba esmagado contra seu odor de corpo, e desciam em movimentos circulares. Ele estava prestes virar a cabeça para o lado pra vomitar quando Teresa soltou um grito afiado, desta vez houve um eco. Um segundo depois, Thomas voou para fora do túnel caindo sobre ela.

Corpos revoltos em todos os lugares, as partes superiores dos habitantes,estavam gemendo e se contorcendo em confusão ao tentar afastar-se uns aos outros.

Thomas moveu seus braços e pernas para sair de perto de Teresa, e em seguida andou uns poucos metros para vomitar, e esvaziar o estômago.

Ainda tremendo da experiência, ele limpou a boca com a mão, só para descobrir que ele estava coberto de sujeira pegajosa. Sentou-se, esfregando as mãos no chão e, finalmente, dando uma boa olhada onde eles haviam chegado. A medida que o horizonte,se abria viu, também, que todos os demais juntos,formaram um grupo, tendo em vista um novo ambiente.

Thomas tinha visto flashes mudarem, mas realmente não se lembrou até aquele momento.

Eles estavam em uma imensa habitação subterrânea suficiente para conter 9 ou 10 fazendas.

- De cima para baixo,de lado a lado, o local estava coberto de todos os tipos de máquinas e tubos e cabos e computadores. De um lado da habitação, a sua direita havia uma fila de quarenta janelas escuras tão grandes que parecia caixões grandes. Por outro lado, se encontravam umas grandes portas de vidro, mas a iluminação torna impossível ver o que estava do outro lado.

- Olha! Alguém gritou, pelo que tinha visto, sentiu sua respiração ficar presa na garganta. Uma pele de galinha estourou em cima dele, um medo frio percorreu sua espinha como uma aranha úmida.

Em frente deles, uma linha de uma dúzia de janelas escurecidas Compostos que se estendia horizontalmente, uma após o outra.

Atrás de cada uma, uma pessoa, alguns homens, algumas mulheres, todos pálidos e magros, sentados olhando os habitantes, da clareira, olhando através do vidro os olhares se estreitaram. Thomas estremeceu de terror, todos os pareciam fantasmas. Irritados, famintos, aparições sinistras de habitantes que nunca tinham sido felizes na vida, muito menos mortos.

Mas Thomas sabia que não eram, da clareira,ou fantasmas. Foram eles que os enviaram para a clareira, todos eles. As pessoas responsáveis que haviam roubado a vida deles.

Os criadores.

59

Thomas deu um passo para trás, vendo os outros fazerem o mesmo. Um silêncio de morte sugava a vida no ar em cada pessoa na clareira olhou a fileira de janelas, a linha dos observadores. Thomas olhou para um deles olhando na direção de escreverem alguma coisa, chegando um ao outro e colocavam um par de óculos.

Todos vestiam casacos pretos sobre camisas brancas, uma palavra costurada na direita, não conseguia distinguir o que ela dizia. Nenhum deles tinha qualquer tipo de expressão facial visível, todos eram pálidos e magros, e miseravelmente tristes de se ver.

Eles continuaram a olhar para os habitantes da clareira, um homem negou com a cabeça,e outra mulher assentiu com a cabeça. Outro homem se aproximou e coçou o nariz, era a coisa mais humana que Thomas tinha visto eles fazer.

- Quem são essas pessoas? - Chuck sussurrou, mas sua voz ecoou por toda a câmara como uma borda áspera.

- Os criadores, disse Minho, e depois cuspiu no chão. Eu vou quebrar a Cara deles! Gritou, quase tão forte que Thomas colocou as mãos sobre os ouvidos.

- O que fazemos? Thomas perguntou. O que você estão esperando?

- Eles provavelmente têm revolucionado os grievers para trazê-los de volta - Newt disse. 'provavelmente estarão daqui a pouco vindo pela direita... Uma voz alta, com um sinal sonoro lento interrompeu-o, bem como alarme de aviso de um enorme caminhão de condução no sentido inverso, mas muito mais poderoso. Ela veio de toda parte, crescendo e ecoando através da câmara.

- E agora? - Chuck perguntou, sem esconder a preocupação em sua voz.

Por alguma razão, todo mundo olhou para Thomas, ele encolheu os ombros como resposta: não lembro de muita coisa, e agora ele era tão ignorante como qualquer o outro. E com medo. Ele esticou o pescoço, olhando para o lugar de cima para baixo, tentando encontrar a fonte dos sinais sonoros. Mas nada havia mudado. Em seguida, no canto do olho, ele percebeu os outros habitantes do clareira olhando na direção das portas.

Ele assim o fez, seu coração disparou quando ele viu que uma das portas se abriram para eles.

O zumbido parou e houve um silêncio tão profundo como o espaço sideral liquidados na câmara. Thomas esperou, sem respirar, quando se preparou para uma coisa horrível, voando para fora da porta.

Em vez disso, duas pessoas entraram na habitação. Um deles era uma mulher. Um adulto de verdade. Ela parecia tão normal, vestida de calça preta e uma camisa branca com um logotipo no peito escrito com letras azuis. Seu cabelo castanho era cortado no ombro, e tinha uma rosto magro, com olhos escuros.

Enquanto andava na direção do grupo, ela não estava sorrindo ou franzia a testa, era quase como se ela não tivesse percebido que eles estivessem lá.

Ela lhe pareceu familiar, pensou Thomas. Mas era uma espécie de lembrança e de nevoeiro, não conseguia lembrar seu nome ou o que tinha a ver com o labirinto, mas ela era familiar. E não apenas a sua aparência, mas seu andar, seus gestos, rígidos, sem uma pitada de alegria.

Eles pararam a alguns metros à frente dos garotos da clareira e olhou lentamente da esquerda para a direita.

A outra pessoa, de pé ao lado dela era um garoto vestindo uma blusa muito grande, com um capuz sobre sua cabeça, escondendo seu o rosto.

- Bem vindos de novo-a mulher disse finalmente. Por dois anos, as vítimas foram tão poucas. Impressionante.

Thomas ficou de boca aberta sentindo o rosto corar de raiva.

- Desculpe-me? Perguntou Newt.

Os olhos dos dois percorreram a multidão novamente antes de se concentrar em Newt. - Tudo passou como previsto, Sr. Newton. Embora esperássemos que um pouco mais de vocês desistissem no caminho.

Ela olhou para seu companheiro, em seguida, estendeu a mão e puxou o capuz do garoto. Ele olhou para acima, com os olhos cheios de lágrimas. Cada habitante da clareira na habitação foi tomado de surpresa.

Thomas sentiu os joelhos se dobrarem.

Thomas piscou e esfregou os olhos, como algo saído de um desenho

animado.

Ficaram consumidos com choque e raiva.

Era Gally.

- O que está a fazendo aqui? Minho gritou.

- Você está seguro agora, respondeu a mulher como se ela não tivesse ouvido o que ele tinha dito.

- Por favor, ligue para a casa.

- Liguar para casa? Minho ladrou. Quem é você, que diz - por favor ligue para casa?

- Cadê a polícia, o prefeito, o presidente,alguém! Thomas ficou preocupado com o que poderia acontecer a Minho, outra vez, Thomas queria lhe dar um soco no rosto.

Ela estreitou os olhos enquanto olhava Minho. - Você não tem ideia do que está falando, rapaz. Eu esperaria mais maturidade de alguém que passou nos testes do labirinto. - Seu tom condescendente surpreendeu,Thomas.

Minho começou a responder, mas Newt lhe deu uma cotovelada no estômago.

- Gally, perguntou Newt. O que está acontecendo?

O garoto de cabelos escuros olhou para ele, os olhos piscaram por um momento, mexendo a cabeça ligeiramente. Mas ele não respondeu.

Algo se passa com ele pensou Thomas. Esta pior do que antes.

A mulher assentiu com a cabeça como se ela estivesse orgulhosa dele. - Um dia todos seremos gratos pelo que ele fez por vocês. Eu só posso prometer isso, e confiar em suas mentes ao aceitar isso. Se não o fizerem, então tudo terá sido um erro. Tempos de escuridão, Sr. Newton. tempos de escuridão.

Ele fez uma pausa. - Existe, entretanto na clareira, uma variável final,e deu um passo para trás.

Thomas fixava os olhos em Gally. Todo o corpo do rapaz tremia, sua cara branca pastosa, sua roupa molhada, seus olhos vermelhos se destacavam como manchas de sangue num papel. Seus lábios apertados, a

pele ao redor deles a tremer, como se estivesse tentando falar, mas não conseguia.

- Gally? Thomas perguntou, tratando de eliminar o ódio mortal que sentia por ele.

A expressão surgiu da boca de Gally.

- Eles... podem me controlar... Eu não posso...-Seus olhos se abriram e pôs a mão em sua garganta como se ele estivesse se afogando. Eu tenho... a... -Cada palavra que tentasse falar era com uma tosse. Depois ele logo se acalmou,e o rosto e o seu corpo ficou relaxado.

Era como Alby na cama, de volta da clareira, após passar pela transformação. Ao mesmo tempo que as coisas tinham acontecido. O que fez ...

Mas Thomas não teve tempo para concluir seu pensamento. Gally o alcançou por detrás, puxou algo longo e brilhante do bolso de trás. As luzes da câmara brilharam na superfície de prata, uma adaga de aparência maligna, pega com força pelos dedos. Com uma velocidade inesperada, ele se inclinou para trás e puxou a faca contra Thomas.

Enquanto o fazia, Thomas ouviu um som pela direita, sentiu um movimento. Vindo na direção dele.

Uma lamina girava no ar, ficando visível para Thomas, como se o mundo ficasse em câmera lenta. Como faria com o único propósito de sentir o terror de ver uma coisa dessas. A faca entrou, virando e virando novamente, diretamente nele. Um grito abafado se formou em sua garganta, e era instado a se mover, mas não conseguiu.

Então, inexplicavelmente, Chuck estava lá, bem na frente dele.

Thomas sentiu como se seus pés tivessem sido congelados em blocos de gelo, que foram observando a cena de horror que se desenrolava à sua frente, completamente indefeso.

Como um processador, repugnante molhado, enfiou o punhal no peito Chuck, enterrando até o cabo. O garoto gritou, caiu no chão, seu corpo teve convulsões. O sangue jorrou da ferida, um vermelho escuro. Sua pernas bateram no chão, chutando a esmo com uma avalanche de morte.

Escorria sangue de sua boca.

Thomas sentiu como se o mundo entrasse em colapso em volta dele,

esmagando seu coração. Caiu no chão, pegou o corpo tremendo de Chuck em seus braços.

- Chuck! Ele gritou e sua voz era como o ácido estragando a garganta. Chuck!

O garoto estava tremendo incontrolavelmente, com sangue por toda parte, encharcando as mãos de Thomas. olhos de Chuck tinham se fechados em suas órbitas, surdos orbes brancos. O sangue escorria pelo seu nariz e boca.

Chuck... Thomas disse que, desta vez em um sussurro. Deve haver algo que poderiam fazer. Eles poderiam salvá-lo. Eles ...

O garoto deixou de convulsionar e ficou calado. Os olhos dele deslizaram de volta a posição normal, voltado para Thomas, ainda apegando-se à vida. -Thom... mais era uma palavra, apenas existente.

- Espere, Thomas disse a Chuck. Não morra, lute contra isso.

- Alguém consiga ajuda!

Ninguém se moveu, e no fundo, Thomas sabia o porquê. Nada poderia ajudar agora.

Ele tinha acabado. Negros pontos nadavam diante dos olhos de Thomas, a habitação se inclinava e curvava balançava o quarto. Não, pensou ele. Não Chuck. Não Chuck.

Qualquer pessoa, mas não Chuck...

-Thomas - Chuck sussurrou. Encontre... minha mãe,e uma tosse com sangue saía de seus pulmões, jorrando um jato de sangue. Diga a ela...

ele não terminou a frase. Ele fechou os olhos, seu corpo ficou mole. Um último suspiro chiado através de sua boca.

Thomas olhou para cima, olhando para o corpo sem vida de seu amigo.

Algo aconteceu dentro de Thomas. Iniciado no fundo do peito, uma semente de raiva.

Por vingança. Ódio. Algo escuro e terrível. E então ele explodiu, rompeu seus pulmões através de seu pescoço, através de seus braços e pernas.

Através de sua mente.

Soltou Chuck, se pós em pé, trêmulo, virou-se para enfrentar seus

novos visitantes.

Então Thomas se quebrantou. Ele estava completamente e totalmente quebrado.

Ele correu, caiu em cima de Gally, segurando-o com as mãos. Ele pulou na garganta do garoto, apertando-a, prostrou-se sobre ele. Ele ficou montado torso do rapaz, o prendeu com as pernas para que ele não pudesse escapar. Thomas começou a bater em Gally pressionando com a mão esquerda, empurrando para baixo no pescoço do garoto, e com seu punho direito desferia socos no rosto de Gally, um após o outro. Baixo e para baixo e para baixo, golpeando com o punho no rosto do garoto e no nariz. Não houve estalo, havia sangue, havia gritos horríveis. Thomas não sabia quais eram mais fortes, se os de Gally, ou o seu. Ele bateu, bateu, até a última gota de raiva que tinha.

E então estava sendo separado de lado por Minho e Newt, os braços continuavam agitados se debatendo no ar. Arrastavam no chão, ele lutou contra eles, contorcendo, gritando para ser deixado sozinho. Seus olhos permaneceram em Gally, deitado, Ainda, Thomas podia sentir o ódio que saía, como se existisse uma linha visível de chamas dentro dele. E então, assim mesmo, tudo desapareceu. Havia somente pensamentos sobre Chuck.

Ele se livrou dos braços de Minho e Newt e correu para o seu amigo inerte, sem vida. Ele agarrou-o, lançaram-no de volta em seus braços, ignorando o sangue, ignorando o olhar no seu rosto congelado e morto do rapaz.

- Não! Thomas gritou com a tristeza consumindo-o. Não! Teresa estava lá, colocou a mão em seu ombro. Ele tomou distancia dela.

- Eu prometi! Ele gritou, percebendo como ele fez isso para que a sua voz fosse misturada com algo ruim. Quase louco.

- Eu prometi que iria salvá-lo e levá-lo pra casa! Eu prometi!

Teresa não respondeu, apenas assentiu com a cabeça, e os olhos no chão.

Thomas abraçou Chuck contra o peito, apertou-o mais forte possível, como se isso pudesse trazê-lo de volta, ou mostrar apreciação por ter salvo sua vida, ser seu amigo quando ninguém mais o era.

Thomas gritou, gritou como nunca tinha chorado antes. Seus grandes soluços ecoaram na câmara e os sons dos torturados na dor.

60

Por último, colocou tudo de volta em seu coração, absorvendo a viagem dolorosa de sua miséria. Na clareira, Chuck tornou-se um símbolo para ele, um farol que de alguma forma eles poderiam trazer o bem de novo no mundo. Dormir em camas. Obter beijos de boa noite. Ter bacon e ovos no café da manhã, ir a uma escola real. Ser felizes.

Mas agora, Chuck tinha ido embora. E seu corpo sem vida, que Thomas ainda se apegava, parecia um frio talismã, e não apenas sonhos de um futuro promissor que nunca irá acontecer, mas a vida nunca era para ser assim, em primeiro lugar.

Mesmo escapando, tristes dias pela frente.

Uma vida de tristeza.

Suas lembranças eram vagas. Exceto não muito boas flutuando na lama.

Thomas cambaleou na dor, trancado em um lugar profundo dentro de si Ele fez isso por Teresa.

Para Newt e Minho. Qualquer que fosse a escuridão que os esperava, eles estariam juntos, e isso era tudo que importava naquele tempo.

Soltou Chuck e o deixou cair,atrás de si, tentando não olhar para camisa do garoto, negra de sangue.

Enxugou as lágrimas de seu rosto, esfregou os olhos, pensando estar constrangido, e não se sentia bem.

Finalmente, ele olhou para cima. Ele olhou para Teresa e seus grandes olhos azuis cheios de tristeza, tanto para ele como Chuck. ela se abaixou, pegou sua mão, o ajudou a se levantar. Uma vez que ele se pós em pé, ela não o soltou, e nem ele tão pouco a mão dela. Pressionado, tentou dizer o que sentia a fazê-lo.

Ninguém disse uma palavra, a maioria deles olhando para o cadáver de Chuck inexpressivo, como se estivessem ido muito além do sentimento.

A mulher do malvado quebrou o silêncio.

- Todas as coisas acontecem com um propósito, disse ela, qualquer sinal de malícia havia agora sumido de sua voz. Você tem que entender isso.

Thomas olhou para ela, jogando todo o seu ódio em seus olhos.

Mas ele não fez nada.

Teresa pôs a outra mão em seu braço e em seu bíceps.. E agora? ele perguntou.

Não respondeu. Eu não posso...

Sua frase era interrompida por uma série repentina de gritos e tumulto na entrada através dos quais a mulher tinha chegado. Ela estava visivelmente chocada, o sangue escorrendo pelo rosto quando ele se virou em direção à porta.

Thomas seguiu seu olhar.

Muitos homens e mulheres vestidos com jeans sujos e casacos entraram encharcados entraram levantando armas de fogo, e gritando palavras. Era impossível entender o que eles diziam. Suas armas, algumas eram rifles e outras pistolas, eram arcaicas, rústicas. Quase como se fossem brinquedos abandonados na floresta, durante anos, recentemente descoberto por próxima geração de crianças prontas para brincar de guerra.

Thomas estava em choque quando dois dos recém-chegados abordaram a mulher na terra.

Em seguida, deu um passo para trás e ergueu a arma, apontando.

De jeito nenhum, pensou Thomas. Não ...

Chamas iluminaram o ar quando vários tiros vieram da pistola, atingindo o corpo da mulher.

Ela estava morta, uma confusão sangrenta.

Um homem se aproximou os habitantes da clareira, enquanto outros no seu grupo se espalharam ao redor deles, quando disparou contra as janelas de observação, destruindo-as Thomas ouviu gritos e viu sangue, desviou o olhar, focalizando o homem que se aproximou deles. Ele tinha cabelos escuros, mas seu rosto jovem e cheio de rugas ao redor dos olhos, como se dedicasse todos os dias da sua vida se preocupando coma maneira de se fazer o dia seguinte.

- Não há tempo para explicar-o homem disse, sua voz tão tensa como o seu rosto. Apenas siga-me e corra como se sua vida dependesse disso.

Porque assim é.

Com isso, o homem fez um gesto para seus companheiros, em seguida, virou-se e saiu correndo pela porta de cristal grande, segurando a arma firmemente antes. Tiros e gritos de agonia dentro da câmara, mas Thomas fez a seu melhor esforço para ignorá-los e seguir as instruções.

- Vamos! -Um dos socorristas, que era do jeito que Thomas poderia pensar sobre eles, gritou de trás.

Depois de uma breve hesitação, os habitantes da clareira se seguiram, quase atropelando uns aos outros em sua pressa de sair da câmara, tão longe dos grievers e do labirinto quanto possível. A mão de Thomas ainda segurava a de Teresa, correndo com eles, agrupados na parte de trás do grupo. Não tinham mais remédio foram forçados a deixar o corpo de Chuck para trás.

Thomas não sentia emoção, ele estava completamente paralisado.

Ele correu por um túnel comprido, fracamente iluminado. Acima subindo uma sinuosa escada. Tudo estava escuro, cheirava a eletrônica. Desceram outro corredor. Subiu mais escadas. Mais corredores.

Thomas queria sofrer por Chuck, ficar feliz pela sua fuga, feliz que Teresa estava lá com ele.

Havia apenas um vazio agora. Um vácuo.

Mas seguiu avançando.

Corram, um dos homens e mulheres que se manifestaram, gritando e incentivando quem ficava atrás.

Eles chegaram a um outro conjunto de portas de cristal e encontrou um enorme aguaceiro, caindo de um buraco negro. Ele podia ver nada além de um flash intermitente abafado martelando a extensão de água.

O líder não parava de se mover até que alcançaram um enorme ônibus, suas laterais amassadas e cheia de marcas, a maioria dos pop-alado com rachaduras.

A chuva caía, Thomas imaginou uma besta enorme sobre o oceano.

Subam, o homem gritou. Rápido!

Eles fizeram, formando um bloco forte por trás da porta, enquanto entraram um por um. Pareceu durar uma eternidade, as habitantes da

clareira em seu caminho resistindo e lutando pelas três escadas e assentos.

Thomas foi atrás, Teresa a direita na frente dele. Thomas olhou para o céu senti a água atingir seu rosto, era quente, quase quente, com espessura estranha. De alguma forma estranha o ajudaram a sair de seu desânimo, focando a atenção. Talvez fosse apenas a ferocidade do dilúvio.

Ele se concentrou no ônibus, em Teresa, e em escapar.

Eles estavam quase na porta quando de repente uma mão fechada sobre o seu ombro agarrando-o pela camisa. Ele gritou quando alguém o puxou de volta soltando a mão de Teresa, a viu voltar justo quando caiu e bateu no chão, levantando um jato de água. Um raio de dor abateu sua coluna quando a viu a cabeça de uma mulher se levantar dois centímetros acima de sua visão, bloqueando Teresa.

O cabelo oleoso enforcando-o, jogando com Thomas. Formando uma face oculta nas sombras. conchas horríveis enchia as suas narinas, como ovos e leite podre. A mulher jogou para trás seu rosto a tempo suficiente para que uma das tochas de alguém revelassem seu rosto, pálido, a pele enrugada coberta com feridas horríveis, inchada com pus.

Cheio de puro terror Thomas tinha congelado.

- Salvará a todos nós! - Disse a mulher terrível, e a saliva que saía da boca pingava em Thomas.

- Você nos salvará do fulgor! - Ela riu, não era muito mais do que uma tosse com catarro.

A mulher gritou quando um dos socorristas agarrou-a com ambas as mãos e a tirou de Thomas, que recuperou o julgamento e se levantou.

Olhou fixamente para o homem que levou a mulher arrastando-a para longe enquanto esperneava, tinha os olhos em Thomas. Ela apontou pra ele falando-lhe.

- Não acredite em uma palavra do que lhe disserem !Nos salvará do fulgor agora.

Quando o homem estava a poucos metros do ônibus jogou a mulher no chão.

- Fica quieta ou você vai morrer! - Ele grita com ela, então virou-se para Thomas. Suba no ônibus.

Thomas, tão aterrorizado pelo calvário que seu corpo tremia e Teresa se virou e seguiu as escadas e no corredor de ônibus. Grandes olhos o observavam quando percorreu todo o caminho para o banco de trás e se sentaram. Eles se cobriram. A água negra tinha lavado as janelas do lado de fora.

A chuva batia no teto, alto, trovão abalou os céus e si mesmos.

- O que foi aquilo?, Disse Teresa em sua mente.

Thomas não conseguia responder, apenas balançou a cabeça.

pensamentos sobre Chuck o inundava novamente, substituindo a mulher louca, insensibilizando o seu coração.

Simplesmente não se importava. Não sentia nenhum alívio de escapar do labirinto.

Chuck....

Um dos socorristas, uma mulher sentou-se na frente de Thomas e Teresa, o líder que havia falado anteriormente com Thomas embarcou no ônibus e sentou-se ao volante,e ligou o motor. O ônibus começou a ir para a frente.

Quando o fez, Thomas viu um lampejo de movimento fora da janela. A mulher atormentada com as chagas, foi correndo para a frente ônibus, agitando os braços freneticamente. Gritando algo afogado pelos sons da tempestade. Seus olhos estavam abertos se com a loucura ou com terror, Thomas não poderia dizer o que era.

Inclinou-se para o vidro da janela quando ela desapareceu de vista, mas a frente.

- Espere! Thomas gritou, mas ninguém ouviu. Ou se o fizeram, não se importavam.

Quando o condutor, ligou o motor do ônibus ele sacolejou quando bateu no corpo da mulher. O golpe sacudiu Thomas para fora de seu assento, quando as rodas da frente passaram por cima da mulher, seguido rapidamente por um segundo golpe, nas rodas traseiras. Thomas olhou para Teresa, viu que o olhar doente dela refletia o seu. Sem dizer uma palavra, o motorista manteve o pé no acelerador do automóvel e seguia na direção conduzido na noite, molhada de chuva.

61

A próxima hora mais ou menos assim passou em um borrão de vistas e sons para Thomas.

O motorista dirigia á velocidades negligenciadas, através de vilas e cidades a chuva negra ocultando a maior parte da audiência. As luzes e os prédios ficaram borrados e lacrimejantes, como algo que parecia uma alucinação induzida por drogas. Em algum um ponto, as pessoas estão correndo atrás do ônibus, e com as suas roupas esfarrapadas, o cabelo emaranhado de suas cabeças, como as feridas estranhas que Thomas tinha observado na mulher cobriam os seus rostos aterrorizados.

Atingiam a lateral do veículo, como se quisessem subir, querendo escapar da vida horrível que viviam.

O ônibus nunca mudava a sua marcha. Teresa ficou em silêncio ao lado de Thomas.

Ele finalmente reuniu coragem suficiente para falar com a mulher sentada do outro lado do corredor a sua frente.

- O que está acontecendo? Perguntou, não tendo certeza de que outra forma ele poderia perguntar.

A mulher olhou para ele. E ela estava com o cabelo preto molhado caído em torno de seu rosto.

- Essa é uma história muito longa. A voz da mulher soava muito mais amável do que Thomas tinha esperado, dando esperança de que realmente ela fosse uma amiga, de que todos os seus resgatadores fossem amigos.

Embora eles tivessem acabado de atropelar uma mulher a sangue frio.

- Por favor, disse Teresa. Conte-nos algo.

A mulher olhou para ela e para Thomas de novo,e de novo em seguida, soltou um suspiro. - Levará um tempo antes que recuperem as suas memórias, se alguma vez recuperar... nós não somos cientistas, não temos ideia do que eles fizeram, ou como eles fizeram isso.

O coração de Thomas caiu ante o pensamento de que talvez ele tivesse perdido a sua memória para sempre, mas seguiu em frente.

- Quem são - eles- ? Ele perguntou.

Ele começou com explosões do sol, a mulher, mantendo sua vista bem distante.

- Quem é...? Teresa começou, mas Thomas a fez ficar quieta.

- Só deixe ela nos dizer, ele disse em sua mente.

- Okay.

A mulher parecia quase em transe, enquanto falava, nunca tirava os olhos de um lugar muito indistinto no horizonte. - As explosões no sol não poderiam ter sido previstas.

Elas geralmente são normais, mas estas foram sem precedentes, em massa, movendo-se mais e mais... e uma vez que era dito, era apenas uma questão de minutos antes de seu calor colidisse contra a Terra. Em primeiro lugar, os nossos satélites foram ficaram queimados, e milhares foram mortos instantaneamente, milhões dentro de poucos dias, muitos quilômetros de terra foram transformados em desertos áridos.

-Depois veio a doença. - Ela se deteve, e respirou fundo. Embora o ecossistema se desfazia aos pedaços, tornou-se impossível controlar a doença, mesmo mantê-la na América do Sul. As florestas foram embora, mas os insetos não. As pessoas o chamam de fulgor agora. É uma coisa horrível terrível. Só os ricos podem ser tratados, ninguém pode ser curado.

A menos que os os rumores sobre a Cordilheira dos Andes sejam verdadeiros.

Thomas quase quebrou seu próprio conselho, enquanto mais e mais perguntas enchiam a sua mente. O horror cresceu em seu coração. Ele se sentou e ouviu quando a mulher continuou.

- Quanto a vocês, todos vocês são apenas alguns dos milhões de órfãos. Testados aos milhares, escolheram os melhores. Para o último teste.

Tudo aquilo pelo qual vocês passaram, foram calculados e planejados meticulosamente. Os catalisadores para estudar suas reações, suas ondas cerebrais, seus pensamentos. Tudo foi feito na tentativa de encontrar aqueles que são capazes para nos ajudar a vencer o fulgor.

Ela parou de novo, acomodando uma mecha de cabelo atrás da orelha. - A maioria dos efeitos físicos são causados por outra coisa.

Primeiro, as alucinações começam, então, os instintos animais começam a tomar controle sobre os instintos humanos.

Por último, os consomem, destrói a sua humanidade. Está tudo no cérebro. Fulgor vive nos cérebros. É uma coisa atroz. É melhor morrer do que ser preso por ela.

A mulher parou de olhar o nada e se concentrou em Thomas, em seguida, olhou para Teresa, então para Thomas novamente.

- Nós não vamos deixar que eles façam isso com as crianças. Nós temos dedicado nossas vidas a lutar contra o malvado.

Não podemos perder a nossa humanidade, independentemente do resultado. - Ela cruzou as mãos no colo, olhando para eles. Aprenderão mais ao longo do tempo. Nós vivemos muito longe no norte. Estamos separados desde os Andes a milhares de quilômetros. Eles chamam isso de -A queimadura - está entre aqui e ali.

Centra-se principalmente em torno do que costumava ser chamado de Equador, mas é só calor e poeira agora, cheia de animais selvagens consumidos pelo fulgor além de qualquer tipo de ajuda. Tentamos cruzar a terra, encontrar uma cura. Mas devemos,lutar contra o malvado e parar os experimentos e os testes. Ela olhou atentamente para Thomas, em seguida, Teresa. É a nossa maior esperança que vocês se juntem a nós.

- Ela olhou para longe, em seguida, para fora da janela.

Thomas olhou para Teresa, as que estava com as sobrancelhas erguidas em sinal de interrogação. Ela concordou com a cabeça e então se inclinou sobre seu ombro e fechou os olhos.

-Estou muito cansada para pensar nisso, disse. Só vamos ficar tranquilos por agora, pensando que estamos salvos.

- Talvez nós estamos, disse ele.

- Talvez.

Thomas ouviu o som suave do seu sono, mas sabia que o sonho seria impossível para ele. Sentia tão furiosa a tempestade de emoções que não conseguiu identificar nenhuma delas. Ainda assim... era mais preferível do que o vácuo lânguido que ele havia experimentado antes. Ele só poderia se sentar e olhar fixamente fora da janela na chuva e na escuridão, pensar em palavras como - fulgor-e - doença, - experiência-e - A queimadura-e - malvado. Ele só poderia sentar e esperar que as coisas talvez poderiam ser melhores,agora que haviam saído do labirinto.

Mas como eles se moviam e balançavam com os movimentos do ônibus, sentiu a cabeça de Tereza bater contra seu ombro de vez em quando, ouvido o seu choque e a via cair no sono novamente, ouvindo o murmúrio das conversas outros habitantes, da clareira, seus pensamentos continuavam voltando para um única coisa.

Chuck.

Duas horas depois, o ônibus parou.

Atingiu um estacionamento enlameado em torno de um edifício indescritível com várias linhas de janelas. Mulheres e outros socorristas brincavam com a dezenove garotos e uma menina na porta da frente, guiou-os através de um escadas, então em um dormitório enorme com um conjunto de beliches formado em linhas de encontro a uma parede. No lado oposto havia alguns banheiros e algumas mesas. Janelas cobertas por cortinas ao redor de cada parede da habitação.

Thomas sentia tudo isso com um sentimento de admiração distante e fraco... estava muito longe de ser capaz de se surpreender ou ficar maravilhado por algo outra vez.

O lugar estava cheio de cores.

Pinturas amarelas brilhantes, cobertores vermelhos, cortinas verdes.

Depois do monótono cinza claro, era como se tivessem sido transportadas para um arco-íris vivo.

Veja tudo, vendo as camas e armários, todos novos e frescos, deu um grande sentimento de normalidade. Muito boa para ser verdade. Minho disse que melhor do que entrar em seu novo mundo: - É ter sido assassinado e ido para o céu.

Thomas achou difícil sentir alegria, como se estivesse traindo Chuck ao fazê-lo. Mas havia algo ali. Alguma coisa.

O motorista do ônibus os deixou nas mãos de um pequeno grupo de habitantes: nove ou dez homens e de mulheres vestidas com calças pretas e apertadas camisetas brancas, cabelos imaculados, rostos e mãos limpas. E

sorriam.

Cores. Camas. Funcionários. Thomas sentia uma felicidade impossível tentando abrir o caminho para si Apesar de ter um grande buraco se

abrindo no centro de tudo. Uma depressão escura que nunca poderia sair: memórias de Chuck e seu brutal assassinato. Seu sacrifício. Mas, apesar disso, apesar de tudo, No entanto, o que a mulher havia dito no ônibus sobre o mundo que haviam voltado, Thomas se sentia seguro, pela primeira vez desde o momento que ele saiu do caixa.

As camas eram atribuídas,as roupas e artigos de higiene foram distribuídos, e o jantar foi servido. Pizza. Verdadeira e autêntica pizza, que deixou os seus dedos felizes e gordurosos. Thomas devorou cada pedaço, a fome triunfou sobre todos os outros, o clima de alegria e alívio em torno dele era palpável. A maioria dos garotos da clareira que tinham estado em silêncio a maior parte do tempo, talvez preferissem falar,pensassem que fariam tudo desaparecer. Mas havia muitos sorrisos. Thomas tinha-se tornado tão acostumado com os olhares de desespero, quase com medo de ver os rostos felizes. Especialmente quando pra ele, estava custando tanto sentir-se assim.

Pouco tempo depois de comer, ninguém argumentou, quando foi dito que era hora deitar.

Certamente,não Thomas. Ele sentia como se quisesse dormir por um mês.

62

Thomas compartilhou o beliche com Minho, que insistiu em dormir em cima; Newt e Frypan estavam justo do lado deles. O pessoal colocou Teresa em um quarto separado, afastando-se,antes que pudesse dizer adeus.

Thomas estranhou a sua falta, três segundos após ela ter ido.

Enquanto Thomas estava se acomodando de noite no colchão macio, foi interrompido.

- Ei, Thomas? disse Minho que estava acima dele.

- Sim?_ Respondeu Thomas que estava tão cansado que a palavra apenas saiu.

- O que você acha que aconteceu com os habitantes de clareira, que ficaram para trás?

Thomas não tinha pensado nisso. Sua mente tinha sido ocupada com Chuck e agora com Teresa.

-Eu não sei. Mas com base em como a maioria de nós morreu vindo aqui, eu não gostaria de ser um deles agora. Os grievers provavelmente estão se aglomerando em cima deles.

- Ele mal podia acreditar quando sua voz parecia sonolenta e descuidada quando ele disse isso.

- Você acha que estamos seguros com essas pessoas? Perguntou Minho.

Thomas ponderou a questão por um momento. Havia apenas uma resposta esperada.

- Sim, acho que estamos seguros.

Minho disse algo mais, mas Thomas não a ouviu. A exaustão o consumiu, a mente vagueou por um curto período de tempo no labirinto, o seu tempo como um runner e, como ele queria... mesmo a partir dessa primeira noite na clareira. Se sentia com centenas de anos. Como um sonho.

Murmúrios da conversa flutuavam pela habitação, mas para Thomas parecia vir de outro mundo. Olhou para a cruz de madeira na cama acima dele, sentindo o - puxão de sono. Mas como ele queria falar com Teresa,

lutou contra o sono.

-Tereza como é seu quarto? Questionou em sua mente.

-Eu queria que você estivesse aqui.

-Oh. Sim? Ela respondeu.. Com todos esses caras fedidos?

-Acho que não.

-Eu acho que você está certa.

-Eu acho que o Minho deu uns 3 peidos nos últimos três minutos.

Thomas sabia que era uma tentativa idiota de brincar, mas era o melhor que podia fazer.

Sentiu-a rir, ele queria fazer o mesmo. Houve uma longa pausa.

-Estou muito triste sobre o Chuck, ela disse, finalmente.

Thomas sentiu uma pontada aguda e fechou os olhos enquanto ele afundava mais profundamente na miséria da noite.

Poderia ser tão perturbador, disse ele. Ele fez uma pausa, pensando que numa noite dessas, Chuck assustou o tolo do Gally no banheiro.

Mas doía Pareceu que ele tivesse perdido um irmão.

-Eu sei.

-Eu prometi...

-Pare com isso, Tom.

-O quê? Queria que Teresa o fizesse se sentir melhor, digerir um pouco de magia ia fazer a dor ir embora.

Parar com aquela coisa de promessa.

Metade de nós fez. Todos nós poderíamos ter morrido se ficássemos no labirinto.

-Mas Chuck não, disse Thomas. A culpa o atormentava, porque ele sabia com segurança que trocaria qualquer um dos habitantes da clareira que estão nesta habitação por Chuck.

-Ele morreu te salvando, disse Teresa. Tomou a decisão por si mesmo.

Simplesmente não despreze isso.

Thomas sentiu as lágrimas subindo em suas pálpebras, uma escapou e caiu sob sua têmpora direita em seu cabelo.

Passou um minuto sem palavras entre eles.

-Então, ele disse.

-Teresa?

-Sim?

Thomas estava com medo de partilhar os seus pensamentos, mas ele o fez. - Quero me lembrar. Me lembrar de nós.

-Você sabe, de antes.

-Eu também.

-Parece que nós... não sei como dizer isso, afinal.

-Eu sei.

-Eu me pergunto como será amanhã.

-Nós vamos descobrir em poucas horas.

-Sim. Bem, boa noite. Queria dizer mais, muito mais. Mas nada veio.

-Boa noite, disse ela, assim quando as luzes se apagaram.

Thomas se virou, agradecido que estivesse escuro para que ninguém pudesse ver o olhar que tinha colocado em seu rosto.

Não era exatamente um sorriso. Não era exatamente uma expressão feliz. Mas quase.

E por agora, era quase o suficiente.

Epílogo

Memorando malvado, 232.1.27 data, hora 22:45

R: Meu Partner

De: Paige Ava, o Chanceler

RE: Considerações sobre o teste de labirinto, o Grupo A claramente, -Eu acho que todo mundo vai concordar que estes testes foram bem sucedidos.

Vinte sobreviventes, todos bem qualificados para a nossa tentativa.

Respostas as variáveis foram satisfatórias e animadoras. O

assassinato do garoto e o

- Resgate-provou ser um final importante. Precisávamos de um choque nos seus sistemas, e verificar as respostas.

Honestamente, eu estou impressionada que, no final, apesar de todos, fomos capazes de coletar uma grande quantidade de garotos que nunca se deram por vencidos.

Curiosamente, vê-los desta maneira, pensando que tudo está bem, foi a coisa mais difícil para eu assistir. Mas não há tempo para se arrepender.

Para o bem de nosso povo precisamos avançar.

Eu sei que tenho meus próprios sentimentos sobre quem deve ser eleito como o líder, mas agora vou parar de dizer para não influenciar qualquer decisão.

Mas para mim, é uma escolha óbvia.

Está completamente claro para todos sobre o que está em jogo. Eu, por exemplo, estou esperançoso. Você se lembra o que a menina escreveu em seu braço antes de perder sua memória? - A única coisa que eles decidiram realizar? O mal é bom.

Os sujeitos finalmente se lembraram e compreendem a finalidade das coisas terríveis que nós temos feito ou que pretendemos fazer. A Missão de malvado é servir e preservar a humanidade, não importa o custo. Somos, de fato, - bons.

Por favor, responda com suas próprias reações. Se lhes será permitido que os sujeitos durmam uma noite de sono completa antes da implementação da Fase 2. Neste momento, vamos ser otimistas.

Os resultados dos ensaios do Grupo B são ainda mais notáveis.

Preciso de tempo para processar os dados, mas poderemos analisá-

los de manhã.

Até amanhã, então.

Fim do Livro Um